



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P1/550

32

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PROC.-	398
LIV.-	01
PAG.-	08
REG.-	256

TÍTULO : "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIM"

		DISTRIBUIÇÃO
AUTOR: ANÔNIMO		
TRADUTOR: LUIZ HASSELMANN		
PROCESSO:		
30937/68-DFSP	33958/77-SRA	
48817/68-DFSP	35264/77-SRA	
1820/69-SCDP	07747/78-SRA	
60663/68-DFSP	11076/78-SRA	
2464/69-SCDP	17487/78-SRA	
24094/71-SRA	17226/78-SRA	
44338/72-SRA	17333/78-SRA	
60380/72-SRA	03099/80-DCDP	
18403/74-SR/GB	03264/80-CDP	
49398/74-SRA	4276/0CDP	
29520/74-SR/GB		
52641/74-SRA		
31047/74-SR/GB		
65426/74-SRA		
8608/75-SRA		
20785/75-SRA		
52766/75-SRA		



D. F. S. P.	
030937	-8 MAI 68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL NO PARANÁ E SANTA CATARINA

2/4

Curitiba,
Of. nº3148/TCDP/PS/DR/PR/68. Em 03 de maio de 1968.

Do Delegado Regional do DPF/DR/PR-SC.

Ao Senhor Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do DPF.

Assunto

Pelo presente encaminho a V.Sa., para competente Censura, (3) três Scripts da Peça Teatral " A FARSA DO ADVOGADO PATHE - LIN " de autor desconhecido, em tradução de Luiz Hasselman, censura essa, requerida pelo Teatro de Comédia do Paraná.

Anexo, segue também, Autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT).

Na oportunidade renovo a V.Sa., meus protestos de / consideração e apreço.

W. Bianco

Waldemar Oswaldo Bianco
Cél. Delegado Regional.

D. P.

BRA. - DA. - D. F. S. P.

RECEBI *Em 08/5/68* AS 16 HRS

ASS. *[Assinatura]*

CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA M. J. N. L. SERVIÇO DE CENSURA DIVERSÕES PÚBLICAS <i>feve</i> <i>9 de Maio de 1968</i> <i>[Assinatura]</i>
--



3/17

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacjonal das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

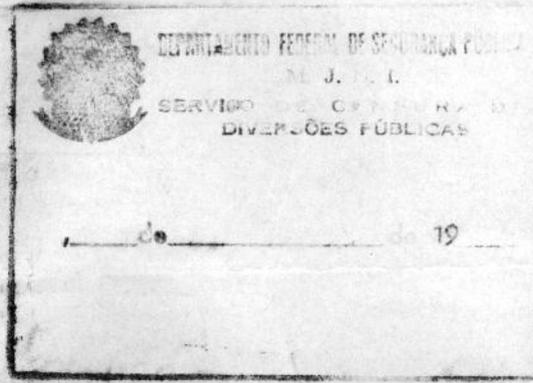
Rio de Janeiro — Brasil.

Curitiba, 29 de Abril de 1968

Nº. 018/68-Agc.

A U T O R I Z A Ç Ã O

O abaixo assinado, na qualidade de Reperesentante da SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT), no Estado do Paraná, - pelo presente, autoriza a Censura da peça " A FARSA DO ADVOGADO + PATHELIN " de Autor Anônimo, na tradução de Luiz Hasselmann.



S. B. A.
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATR
Sucursal do Paraná
Alberto G. Cunha
ALBERTO G. CUNHA - REPRESENTANTE



GOVÊRO DO ESTADO DO PARANÁ
SUPERINTENDÊNCIA DO TEATRO GUAÍRA
TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

Autor anônimo

Tradução de LUIZ HASSELMANN

PERSONAGENS:

- PATHELIN - Advogado, esperto e artiloso.
GUILHERMINA - Sua mulher, astuciosa.
GUILHERME - Comerciante. Simplório.
TEOBALDO - Pastor. Ingênuo e confiante.
UM JUIZ - Autoritário, solene.

CENÁRIO - No teatro medieval os cenários são simultâneos, isto é: todos os locais necessários ao desenvolvimento da ação eram justapostos. Aconselhamos a estilização. Pode ser feito com rotunda escura e elementos mutáveis de acordo com o estilo da peça.

S. B. A. T.
SOC. BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
SUCURSAL DO PARANÁ
AUTORIZAMOS A REPRESENTAÇÃO DESTA PROGRAMA
Curitiba, 29 de 04 de 1968
Pela S. B. A. T.

3

1.

C E N A I

- PATHELIN - Por Deus, Guilhermina. Por mais que dê tratos à bola, não consigo descobrir um meio de ganhar um vin^{te}m. Houve tempo, no entanto, em que não me faltavam clientes nem belos escudos.
- GUILHERMINA - Pois é, êsse tempo já vai longe. Para mim, a advocacia é a pior profissão do mundo. Um dia bem, um dia mal, ora enganando, ora enganado. Nunca ví coisa assim.
- PATHELIN - E posso jurar que não há nesta cidade melhor advogado do que eu. Ninguém conhece como eu as correntes, as molas, as engrenagens dos processos. Não há quem seja mais experto do que o doutor Pathelin para torcer as leis. Sou um verdadeiro mestre.
- GUILHERMINA - (CORTANDO)... de trapaça! Neste domínio você não cede a ninguém o primeiro lugar.
- PATHELIN - Não confunda os nomes nem as coisas. Sou simplesmente hábil.
- GUILHERMINA - Bela habilidade... enfim, tudo neste mundo pode ter dois nomes.
- PATHELIN - Isso não vem ao caso. O que precisamos é achar algum modo de ganhar dinheiro. Veja em que estado estão o seu vestido e a minha roupa. Até parece que estamos vestidos de gase, como anjos de procissão.
- GUILHERMINA - É verdade. Cada vez que sento ou encosto em algum lugar, tenho medo de deixar colado um pedaço da minha saia. O dia em que isto acontecer, só me resta o recurso de fingir de paralítica e esperar passar o resto da vida sentada... porque ganhar outro vestido, não tenho a menor esperança.

6

2.

- PATHELIN - Pois você ganhará, um, e hoje mesmo.
- GUILHERMINA - O quê?! Você enlouqueceu?
- PATHELIN - Longe disso. Nunca tive tanto juízo.
- GUILHERMINA - Está-se vendo.
- PATHELIN - É isso mesmo. Acabo de ter uma idéia magnífica.
- GUILHERMINA - Minha Nossa Senhora! Suas idéias magníficas já o levaram ao pelourinho. Será que o lugar é tão bom que deseje voltar para lá?
- PATHELIN - Deixe-se de tolices. O que pretendo fazer não terá a menor consequência.
- GUILHERMINA - Hum!
- PATHELIN - Vamos, de que côr e de que fazenda você quer seu vestido?
- GUILHERMINA - Da côr e da fazenda que você conseguir extorquir do comerciante, que fôr bastante tolo para lhe vender fiado.
- PATHELIN - Está bem. Você verá que o espírito é mais forte que a matéria e que o homem de espírito não precisa de dinheiro para vestir sua cara-metade e a si próprio. Até já.
- GUILHERMINA - Vá com Deus. Se encontrar algum otário, não se esqueça de beber com êle.

C E N A II

- PATHELIN - Deus o guarde, senhor Guilherme.
- GUILHERME - E ao senhor também, doutor Pedro.
- PATHELIN - Ainda bem que o senhor me reconhece. Não houve maior amigo do falecido senhor seu pai do que eu. Deus dê glória à sua alma. Que santo homem era êle! Mas o senhor é retrato vivo dêle...
- GUILHERME - Todos dizem isto...

- PATHELIN - E é coisa evidente. Mas, como vão os negócios?
- GUILHERME - Hum... assim, assim. O senhor sabe, comércio é profissão ingrata.
- PATHELIN - Sem dúvida, mas para um homem honesto, inteligente e ativo como o senhor, as coisas não podem deixar de ir bem.
- GUILHERME - Bom, sempre dá para viver, mas os negócios podiam ir melhor...
- PATHELIN - Certamente. Enfim, quando se tem suas qualidades físicas e morais, quando se é assás bem feito de corpo para atrair os olhares femininos e bastante inteligente para tirar proveito duma impressão causada a uma rica senhora... vendendo-lhe a bom preço uma fazenda que ela não examina porque tem o olhar embevecido no vendedor...
- GUILHERME - Qual nada, doutor Pedro...
- PATHELIN - Ora vamos, eu o conheço... seria preciso que neste ponto o senhor não parecesse nada com o falecido = senhor seu pai - que Deus tenha sua alma! Aliás é muito justo. As belas coisas devem ser pagas. Se = Deus lhe deu belos dotes, foi para que o senhor tirasse proveito deles.
- GUILHERME - O senhor está me confundindo...
- PATHELIN - Dizer a verdade confunde-o?! Mas meu Deus, quanto mais eu o olho o acho parecido com o senhor seu pai. Os mesmos olhos, a mesma boca o mesmo nariz... Ah, duas gotas d'água não seriam mais parecidas.
- GUILHERME - O senhor conheceu muito o meu pobre pai?
- PATHELIN - Se o conheci! Não havia dois amigos mais inseparáveis nesta cidade. Eu gostava de sair com êle porque tôdas as môças o olhavam, e eu ia recebendo as

sobras. Que homem era êle! Bom comerciante e finório como êle só. Ninguém o enganava. Exatamente como o filho!

GUILHERME - O senhor sabe, no comércio, se não se abre os olhos, todos nos roubam.

PATHELIN - Naturalmente... Mas que linda fazenda é esta...

GUILHERME - É fazenda de Ruão, muito bem tecida, veja.

PATHELIN - É muito cara?

GUILHERME - Não tanto... doze soldos a vara...

PATHELIN - E o senhor diz que não é cara?

GUILHERME - A tosquia está tão difícil. O senhor não sabe como a fazenda tem subido de preço... tenho tido tanto prejuízo... Os tecelões aumentaram o preço do trabalho, os carneiros têm morrido de peste ou então pela falta de cuidados dos pastôres. Eu mesmo estou agora com um caso dêsses.

PATHELIN - Qual?

GUILHERME - Um patife de um pastor que eu próprio criei, matava-me os carneiros para comê-los ou vendê-los. Depois vinha dizer que tinham morrido de peste. Acabei descobrindo e a brincadeira vai lhe sair cara. Fiz queixa ao meirinho e êle mandou buscar o pastor para apresentá-lo hoje diante do juiz. O canalha = pegará pelo menos umas boas horas no pelourinho.

PATHELIN - Se o senhor precisa de um advogado, estou às suas ordens. Não é para me gabar, mas não sou dos piores. Liquido em um instantinho o seu caso. Se o senhor quiser posso mandar enforcá-lo.

GUILHERME - Não quero tanto, o pelourinho basta... Mas, voltando à fazenda, tudo isso faz com que o preço dos tecidos tenha subido prodigiosamente.

9/

5.

- PATHELIN - Estou tentado com esta fazenda. Que maravilha de tecido! Só numa casa de primeira ordem se poderia encontrar tal coisa.
- GUILHERME - Leve-a, o senhor não se arrependerá. É um tecido forte e de côr firme.
- PATHELIN - Estou vendo, estou vendo. Só acho um pouco caro. Se o senhor deixasse a vara a dez soldos...
- GUILHERME - Por Deus, que não posso. Doze soldos foi quanto ela me custou. Estou lhe vendendo pelo preço do custo.
- PATHELIN - Bem, vá lá. Não vou brigar com o filho do meu maior amigo por tão pouco. O senhor pode cortar.
- GUILHERME - Quantas varas?
- PATHELIN - Para mim, uma... duas... três e meia. Para minha mulher, duas e meia. Ela é alta... e, é isso mesmo. Cinco varas e meia. Não, seis.
- GUILHERME - Por que não leva tôda a peça? São sete varas.
- PATHELIN - É, está bem. Sobra um pouco, mas não faz mal.
- GUILHERME - Fazenda nunca é demais. Está aí a peça. São nove escudos.
- PATHELIN - O senhor virá recebê-los em minha casa, onde jantará comigo um admirável pato que minha mulher está cozinhando.
- GUILHERME - Mas eu não posso, estou muito ocupado.
- PATHELIN - Ora, deixe de bobagem. Às seis horas o senhor é obrigado a deixar a loja. ~~O senhor não é judeu para trabalhar de noite.~~ *Quem mais? B*
- GUILHERME - Está bem. Quando eu fôr levarei a fazenda.
- PATHELIN - De modo algum. Então vou deixar um comerciante conceituado como o senhor, filho de um grande amigo meu, carregar uma peça de fazenda? Absolutamente!- Isso é bom prá gente sem importância.

- GUILHERME - Mas... não senhor... eu posso levar. Está bem assim.
- PATHELIN - (APANHANDO A FAZENDA) Não consinto de modo algum. Só assim o senhor virá à minha casa.
- GUILHERME - Mas eu posso ir levando a fazenda.
- PATHELIN - Será que o senhor desconfia de mim?
- GUILHERME - Não, mas acho inconveniente que o senhor ande com fazendas debaixo do braço pela cidade.
- PATHELIN - E o senhor ficaria bem carregando fazendas? Não con sentirei nunca em tal coisa.
- GUILHERME - Nada de cerimônias, doutor Pedro, eu posso levar = muito bem.
- PATHELIN - Se o senhor não tem confiança em mim, se acha que sou desonesto, é outra coisa. Mas neste caso não = lhe faço a injúria de pensar que o senhor me julga de tal maneira.
- GUILHERME - Não julgo, não. Enfim, se não há outro meio...
- PATHELIN - Está claro que não há outro meio. Venha sem falta às seis horas. Posso garantir que o senhor não terá comido em sua vida muitos patos como o que o se-
nhor vai comer em minha casa. Quanto ao vinho, pre-
firo nem falar. O senhor mesmo o julgará. A propó-
sito, como quer que lhe pague? Em ouro, ou em pra-
ta?
- GUILHERME - Prefiro em ouro, se for de bom pêsó.
- PATHELIN - Meu ouro é antigo. É do tempo do falecido rei.
- GUILHERME - Então não se esqueça de tê-lo à mão quando eu lá = chegar.
- PATHELIN - Sim, mas o senhor só receberá depois do jantar. Por Deus, mestre Guilherme, só assim o senhor conhecerá o caminho de minha casa. Seu falecido pai o conhe-

cia muito bem. Nunca deixava de me cumprimentar = quando passava. Mas o senhor não se dá com gente = pobre... (SAI)

GUILHERME - (SÓ) Pobre sou eu... eu... O dinheiro que êle vai me pagar ficará bem guardado. Bem diz o ditado que não há um esperto que não encontre outro mais esperto. Êsse advogado, mestre da trapaça, levou por doze soldos um tecido que não vale nem nove...

C E N A III

(CASA DE PATHELIN. SALA)

PATHELIN - (ENTRANDO) Então?

GUILHERMINA - Então o quê?

PATHELIN - Eu não lhe dizia? Pode jogar fora seu vestido velho.

GUILHERMINA - Que diabo é isto?

PATHELIN - (DESDOBRANDO A FAZENDA) Veja e creia.

GUILHERMINA - Virgem Nossa Senhora! Algum cliente deixou isto como penhor? Você comprou fiado? Meu Deus, quem pagará?

PATHELIN - Quem pagará? Mas já está paga e bem paga. Posso afirmar a você que o comerciante que ma vendeu não é nenhum tolo.

GUILHERMINA - Já sei. Você prometeu, mediante uma assinatura ou um juramento, pagar a fazenda dentro de algum tempo. Belo trabalho! Quando chegar o têrmo, como não haverá dinheiro, êles virão e levarão tudo.

PATHELIN - Deixe estar que não levariam grande coisa... mas = não se preocupe, torno a repetir que a fazenda já está paga e que eu nem assinei contrato nem fiz juramento algum.

GUILHERMINA - Vá enganar a outra. Não se esqueça de que estamos

- casados já há alguns anos. Conheço você como a palma da minha mão.

PATHELIN - Não temos tempo a perder, por isso vou lhe contar o caso em duas palavras. Você conhece o mestre Guilherme Cövado? Pois bem, é o comerciante mais avarento e ladrão que já vi, tal qual seu falecido pai. Pois muito bem, eu, com a minha lábia, abordei-o fazendo mil elogios a um e ao outro, assinalando a semelhança entre ambos, fazendo-lhe tantas cortesias,= que quando chegou a hora de me fiar a fazenda, apesar de gemer, não teve coragem de negar.

GUILHERMINA - A eterna história da raposa e do corvo...

PATHELIN - Sem tirar nem pôr. Enfim, prometi-lhe pagar aqui = na hora do jantar, copiosamente regado com um vinho que ainda está nas uvas. E prometi também, um pato que ainda está no ôvo. Agora chegou a sua vez de trabalhar.

GUILHERMINA - Que devo fazer?

PATHELIN - Coisa muito simples. Jurar por todos os santos do céu que há onze meses estou de cama, doente, louco, furioso, fazendo o desespero de todos os médicos. O resto é por minha conta. Você saberá fazer isso?

GUILHERMINA - E muito mais. Não é em vão que sou sua espôsa. Chorrarei lágrimas de sangue, hei de convencer o comerciante de que êle está louco ou que viu o diabo.

PATHELIN - Ótimo! Vamos preparar a farsa. Vou deitar-me, porque Guilherme não deve tardar. (SAI)

GUILHERMINA - (SÓ) Valha-me Deus! E Santo Onofre Milagroso, ajudai-me nessa emprêsa, que eu vos prometo dar uma = vela de cêra... se acaso tiver o dinheiro que ela custa antes de minha morte. (SAI)

C E N A IV

(PRIMEIRO NA RUA, DIANTE DA CASA DE PATELIN. DEPOIS, NO INTERIOR. SALA. ENTARDECER)

GUILHERME - (NA RUA) Creio que já está na hora de beber o vinho e comer o pato lá do tal doutor Pathelin! Ah! meu querido dinheiro, até que enfim vou te ver. Meu coração quase pára quando me lembro que vendi fiado uma peça de fazenda. Ho! Ho! Dr. Pedro Pathelin.

GUILHERMINA - Que barulho é êsse? Se o senhor tem alguma coisa a dizer, fale baixo.

GUILHERME - Deus vos guarde, minha senhora.

GUILHERMINA - Fale baixo.

GUILHERME - Mas o que há?

GUILHERMINA - Eu lhe peço, pelo amor de Deus, não grite!

GUILHERME - Onde está seu marido?

GUILHERMINA - Meu Deus, onde é que o senhor queria que êle estivesse?

GUILHERME - O doutor Pedro não está aí?

GUILHERMINA - Quisera Deus que êle estivesse com bastante saúde para não estar aqui.

GUILHERME - Mas o que quer dizer isto?

GUILHERMINA - Coitado do homem... êle está na cama... onze meses de martírio!

GUILHERME - Quem?

GUILHERMINA - Desculpe, mas não posso ficar muito tempo. Tenho que voltar para perto do meu doente.

GUILHERME - Mas quem é o seu doente?

GUILHERMINA - Quem há de ser senão meu marido?

GUILHERME - O doutor Pedro Pathelin?

GUILHERMINA - Não me consta que eu tenha outro marido.

GUILHERME - Mas não há quinze minutos que êle esteve comigo, e

por sinal me comprou fiado uma peça de fazenda. Vim aqui para receber o dinheiro.

GUILHERMINA - Que brincadeira mais sem graça! Não se está em hora de diversões.

GUILHERME - São nove escudos. Quero já o meu dinheiro!

GUILHERMINA - O senhor está doido? Vá contar suas lorotas a outra, ou se é uma brincadeira, ela está muito fora de hora.

GUILHERME - Faça o favor de acabar com as suas loucuras e vá = chamar o doutor Pedro.

GUILHERMINA - Diabos levem o senhor! Então é o momento de fazer um homem agonizante sair da cama?

GUILHERME - Mas não é aqui a casa do doutor Pedro Pathelin?

GUILHERMINA - Quantas vezes o senhor quer que lhe diga que sim? Está louco, vá para o hospício.

GUILHERME - A senhora me diz para falar baixo e grita mais que um general em manobras...

GUILHERMINA - É que o senhor me faz perder a paciência.

GUILHERME - Basta de histórias. Já lhe disse que o doutor Pedro me comprou sete varas de fazenda hoje, agora mesmo.

GUILHERMINA - Quê? O senhor continua na sua loucura? Meu pobre marido há onze meses que está doente, pregado na cama, gemendo de cortar o coração, havia de ter hoje que comprar fazenda na sua loja? Meu Deus! Como o mundo está cheio de gente perversa!

GUILHERME - Vamos! Meu dinheiro!

GUILHERMINA - O senhor está bêbado? Só pode ser isso.

GUILHERME - Bêbado eu? Que desafôro!

GUILHERMINA - Só um bêbado pode dizer que um homem doente, paralisado pelo sofrimento, saiu para comprar fazenda. Só se fôsse uma mortalha!

- GUILHERME - Essa história vai continuar?
- GUILHERMINA - Vamos, fale baixo ou vá embora.
- PATHELIN - (DE DENTRO) Guilhermina, um pouco de água de rosa. Meu Deus, você me deixa sozinho aqui! Água, venha depressa!
- GUILHERMINA - Aí está o que o senhor fez. O pobre homem acordou.
- GUILHERME - Ainda bem.
- PATHELIN - Guilhermina, vem depressa expulsar toda esta gente preta que está aqui fazendo caretas para mim. Socorro!
- GUILHERMINA - Que é isso, meu bem? Você não tem juízo de levantar assim?
- PATHELIN - Olha esse frade preto que está voltando. Peguem, peguem! Ponham-lhe uma estola. Pára, gato. Meu Deus, como ele voa...
- GUILHERMINA - Veja como ele sofre, coitado!
- GUILHERME - Mas ele caiu doente ao voltar da feira?
- GUILHERMINA - Que feira?!
- GUILHERME - Onde tenho minha loja de fazenda.
- PATHELIN - Ah! é o senhor, doutor João? Chegou a tempo. Seus remédios me deram tanta cólica que estou que não posso.
- GUILHERME - Que é isso? O senhor não se lembra de mim? Meu dinheiro?
- PATHELIN - Eu não tomo mais nenhum remédio que o senhor me receitar. Além de serem amargos como fel, fazem uma tal revolta no meu ventre que parece que tenho um exército na barriga.
- GUILHERME - Que é isso? Sou eu quem está louco ou é o senhor? Mas, o meu dinheiro, onde está?
- PATHELIN - Corram, corram! Aí vêm eles, socorro! Eles estão me matando...

- GUILHERMINA - Coitadinho, em que estado está.
- GUILHERME - Não sei o que diga, nem o que pense. Foi êle que = veio à minha loja? Foi outro? Só se fôsse o diabo. Vamos, minha senhora, diga-me, a senhora não tem = um pato cozinhando?
- GUILHERMINA - Ora veja, que pergunta! Havia eu de ter um pato co zinhando, quando meu marido está neste estado? Mes tre Guilherme, procure um médico, o senhor não es tá bom da cabeça.
- GUILHERME - É possível, é possível, a senhora me estonteou tan to que já nem sei onde estou! Foi êle? Não sei, meu Deus! Ah! meu rico dinheiro! Que pesadelo! Enfim, = creio que não há mais nada a fazer... Adeus... Se rá possível? (SAI)
- PATHELIN - Êle já foi?
- GUILHERMINA - Psiu! Êle está perto. Rosna mais que um velho cão de caça. Parece que está sonhando acordado.
- PATHELIN - Quero me levantar.
- GUILHERMINA - Espere um pouco, êle pode ouvir.
- PATHELIN - Êle, tão desconfiado, acabou caindo como um patinho.
- GUILHERMINA - É para descontar o que êle rouba dos outros. O ho mem só falava de pato, som perceber que êle era um, e de que tamanho!
- PATHELIN - Não ria assim, êle pode escutar.
- GUILHERMINA - Não posso me conter quando me lembro da cara dêle. Enfim, consegui pô-lo para fora daqui.
- PATHELIN - Silêncio, que êle pode voltar...
- GUILHERME - (NA RUA) Será possível que eu tenha sido enganado por um advogado de água doce? Um João-ninguém? Não! Volto lá e hei de arrancar o meu dinheiro custe o = que custar. Vejam só, a tal mulher dêle está rindo... Esperem aí. Estou muito grosso para pávio.

- GUILHERMINA - Meu Deus, êle me ouviu. Está voltando. Depressa, =
vá se deitar.
- GUILHERME - Ho, ho, abram a porta.
- GUILHERMINA - Que gritaria!
- GUILHERME - A senhora está rindo, ou pensa que não ouvi?
- GUILHERMINA - Tenho muito motivo para rir, na verdade.
- GUILHERME - Meu dinheiro. Exijo o meu dinheiro.
- GUILHERMINA - Lá vem o senhor com sua história. É para me diver-
tir? Escolheu muito mal o momento. Meu marido já me
dá bastante diversão de um outro gênero. Êle canta,
chora, ri, dança, fala em línguas diferentes, de ma
neira que choro e, rio ao mesmo tempo.
- GUILHERME - Não tenho nada que a faça rir ou chorar, o que eu
quero é ser pago, ouviu?
- GUILHERMINA - O senhor continua com sua extravagância?
- GUILHERME - Não estou habituado a ser pago com palavras. A se-
nhora pensa que tomo gato por lebre?
- PATHELIN - Vamos, rápido! De pé. A rainha das guitarras deu a
luz vinte e quatro guitarrinhas. Ela está aí, façam
na entrar. Ela vem me convidar para o batismo. Que
ro ser seu compadre.
- GUILHERMINA - Ah, pense em sua alma, meu bem. Deixe em paz as gui
tarras.
- GUILHERME - Que contadores de sandices são êsses dois. Vamos,
meu dinheiro em ouro ou prata.
- GUILHERMINA - Será possível que o senhor ainda não se convenceu do
seu engano?
- GUILHERME - A senhora já pensou, bela dama, o que significa tu
do isso? Nunca fui enganado. Mas, palavra de honra,
ou a fazenda será paga ou restituída ou então a se
nhora e seu marido serão enforcados. Juro por Deus!

- GUILHERMINA - Que coragem, atormentar assim um doente! Estou vendo, vendo bem pelos seus modos que o senhor está = fora do seu juízo. Valha-me Deus! Não bastava meu marido.
- GUILHERME - Que raiva que tenho de perder assim o meu dinheiro...
- GUILHERMINA - Que loucura! Faça o sinal da cruz. O senhor deve = estar com uma legião de demônios avarentos no corpo. Abrenúncio!
- GUILHERME - Quero ser esquarterado se tornar a vender fazenda fiado em minha vida.
- PATHELIN - Madre de Dios, por mi fé, quiero irme. Que me quieres niña? Venga. Vote monstro. Que-dinero? No lo tengo, no lo tengo...
- GUILHERMINA - Ele tem um tio espanhol, que era irmão do filho da tia-avó dele, por isso ele fala espanhol...
- GUILHERME - Ele veio de mansinho e carregou a peça debaixo do braço. Será possível?
- PATHELIN - Kome hier, komme hier. Ach! Was ist das? Mein Gott! Wie ist hart dieser Kaufmann!
- GUILHERME - Mas como ele fala tantas línguas, meu Deus...
- GUILHERMINA - Sua mãe era sobrinha de um neto de alemão. É por esta razão que ele fala essa língua...
- PATHELIN - Ho, Signore mio, que me vol cose mercatore? Argento? Non abiamo noi, e si volio uno piccolo asso, = lo daré, stupido huomo!
- GUILHERME - Que é isso? Deu-lhe na teima de falar tôdas as línguas do mundo? Se ao menos ele me desse meu dinheiro eu ia embora.
- GUILHERMINA - Que homem o senhor é! Já se viu maior maldade? Quando há de se convencer da verdade?
- PATHELIN - If you please, sir, what will you? Money? I don't... Get out... get out... Oh God... oh God!

- GUILHERME - Que língua renegada. Será possível que êle não se cale?
- GUILHERMINA - O avô do irmão do cunhado dêle era inglês e lhe ensinou a falar a língua.
- GUILHERME - Minha Nossa Senhora, estarei sonhando? Foi êle ou foi outro que foi a minha loja, ou foi o demo por êle? Juraria que foi êle quem estêve comigo há meia hora... estou tonto... não sei o que pense...
- PATHELIN - Et bona dies sit vobis - Mgister amantissime, Pa-ter reverendissime. Quomode bralis, quae nova? Parisius non sunt ova.
- GUILHERMINA - Meu Deus, êle está falando latim, é sinal próximo da morte. Que os anjos e serafins da côrte celeste o assistam...
- GUILHERME - Mas que será isso, meu Deus?! Êle vai morrer falando, não há sombra de dúvida, êle está muito mal. Po-bre homem. É melhor que eu me vá, êle pode dizer = segredos que eu não deva ouvir. Certamente não foi êle quem me tirou a fazenda. Deus vos guarde, bela dama. Desculpe-me pelo incômodo. Mas jurava que era êle quem tinha me comprado a fazenda fiado...
- GUILHERMINA - Adeus, que os anjos o acompanhem. Reze por mim. O senhor bem vê em que sofrimento estou. (GUILHERME SAI) Então, sou ou não sou uma digna espôsa? Meu = Deus, como conseguimos enganá-lo...
- PATHELIN - Êle saiu resmungando, estonteado, jurando ter visto o diabo em meu lugar. Bom proveito lhe faça.
- GUILHERMINA - Há-há-há! (ENTRA E VIRA-SE MEIO CONFUSA PARA PATHELIN) Você não acha que o que nós fizemos foi muito feio?
- PATHELIN - (EMBARAÇADO) Bem... eu... Ora, ladrão que rouba la-drão...

C E N A V

(RUA, ANOITECE)

- GUILHERME - (SÓ) Foi sem dúvida o diabo que veio me tentar na forma daquele advogado. Antes tenha a minha fazenda que a minha alma. Afinal é bem verdade que quem faz a Deus, paga ao diabo. Meus pobres lucros, já se foram em boa parte. Enfim, seja tudo pelo amor de Deus.
- TEOBALDO - (ENTRANDO) Deus vos guarde, mestre Guilherme.
- GUILHERME - Como, seu canalha, você tem coragem de aparecer na minha frente?
- TEOBALDO - Mas o que há, meu bondoso patrão?
- GUILHERME - Como? Você me mata os carneiros, come a carne, vende a lã e ainda tem a petulância de aparecer na minha frente?
- TEOBALDO - Por que não, patrão? Eu sei que o senhor é o melhor dos homens.
- GUILHERME - Chega! Só falarei contigo diante do juiz. (SAI)
- TEOBALDO - (SÓ) Estou bem arranjado. Desta vez o negócio é sério. Tenho que arranjar um advogado. Me disseram = que por aqui há um. Se não me engano é essa a casa... Ó de dentro...
- PATHELIN - (DE DENTRO) Quem é?
- TEOBALDO - Deus o guarde, meu senhor. O senhor não é advogado?
- PATHELIN - Sim, e você com isso?
- TEOBALDO - (HUMILDE) É que queria consultá-lo sobre um caso = muito grave...
- PATHELIN - Bem... vejamos...
- TEOBALDO - Eu recebi hoje, por um homem de roupa riscada, a ordem de comparecer diante do juiz.

21

17.

- PATHELIN - Iiii... O negócio é mau. Que foi que você fêz?
- TEOBALDO - Nada de mais... Meu patrão é um miserável sovina...
- PATHELIN - Bem, bem, bem... isto não vem ao caso. Diga sem mentir o que fêz.
- TEOBALDO - Eu andei matando uns carneirinhos... coisa sem importância...
- PATHELIN - O negócio é grave. Roubo, extorsão, dolo. Estás mal parado.
- TEOBALDO - Meu Deus, e eu que não pensei fazer mal algum...
- PATHELIN - Me responde. Você tem dinheiro para pagar o advogado que o defender?
- TEOBALDO - Tenho sim, uns escudos de ouro, daqueles que têm uma coroa marcada.
- PATHELIN - Ah, então sua causa é boa. É ótima mesmo... Vou lhe ensinar um excelente meio para sua defesa. Venha cá. Você (COCHICHANDO) Dzz... entendeu?
- TEOBALDO - Não é difícil. Farei exatamente o que o senhor está mandando.
- PATHELIN - Então fique tranquilo. Garanto o bom resultado do seu processo. (OLHANDO EM TÔRNO) Agora vá-se embora. Não convém que vejam você comigo. (TEOBALDO SAI) = Alguma coisa há de vir. Esse pastor não me parece tão inocente como se faz, mas enfim... se ele não tem escudos de ouro, alguma coisa há de ter. E na situação em que estou, tudo que cai na rêde é peixe.

C E N A VI

O TRIBUNAL

ENTRAM PRIMEIRO O JUIZ E ESCRIVÃO, QUE TOMAM SEUS LUGARES. A SEGUIR GUILHERME E, POR FIM, PATHELIN, SEGUIDO DO PASTOR.

PATHELIN - Deus vos dê toda a felicidade que o vosso coração deseja, senhor juiz.

JUIZ - Seja bem vindo, doutor. Tome seu lugar.

PATHELIN - Salvo vosso respeito, estou bem aqui.

JUIZ - Se há alguma causa a debater, vamos depressa com ela para que possa levantar a sessão.

GUILHERME - Meu advogado vem já. Ele está acabando um negócio rápido. Peço o favor de esperar um pouquinho.

JUIZ - Não pode ser. Tenho outras causas para ouvir. Se a parte contrária está presente, exponha o caso rapidamente. O senhor não é o queixoso?

GUILHERME - Sim senhor.

JUIZ - Quem é o defensor do réu? Está presente?

GUILHERME - Sim, ei-lo que não diz uma palavra, só Deus sabe o que pensa.

JUIZ - Já que todos estão presentes, comecemos logo.

GUILHERME - Eis minha queixa: eduquei por caridade este pastor aqui presente e quando o julguei bastante forte, = mandei-o para o campo para pascentar meus rebanhos. Juro por Deus, senhor Juiz, que é tão verdade como estar o senhor sentado nessa cadeira e esse miserável, abusando da minha confiança, fez tal morticínio entre os meus carneiros que...

JUIZ - Vejamos, ele era seu empregado? O senhor lhe pagava ordenado?

PATHELIN - Qual nada, senhor juiz, o pobre pastor não recebia vintém.

- GUILHERME - (RECONHECENDO PATHELIN) Seja eu hereje se não fôr êle. Não há êrro possível! (PATHELIN TAPA O ROSTO COM A MÃO).
- JUIZ - Por que o senhor levanta assim a mão, doutor Pathe-
lin? Está com dor de dentes?
- PATHELIN - Sim, nunca tive uma dor igual. Mas... continuemos
o debate.
- JUIZ - (A GUILHERME) Vamos, continue, acabe depressa.
- GUILHERME - É êle, não há dúvida, foi a êle que vendi sete va-
ras de fazenda.
- JUIZ - Por que o senhor fala de fazenda?
- PATHELIN - Êle delira, senhor juiz, porque não sabe concluir.
Naturalmente ensinaram-lhe a lição para recitar di-
ante do tribunal e êle se esqueceu; por isso vai =
dando por paus e por pedras.
- GUILHERME - Seja eu enforcado, se foi a outro que vendi minha
fazenda de Ruão.
- PATHELIN - Onde êsse malvado vai buscar estas invenções para
aumentar a culpa do pastor que é sua vítima? Êle =
quer dizer, eu compreendo muito bem, que o pastor
vendeu a lâ de que foi feita minha roupa. Vejam que
maldade! Não basta a acusação mentirosa de que o =
pastor lhe roubou só os carneiros, é preciso acusá-
lo de ter roubado uma fazenda que comprei há mais
de três anos!
- GUILHERME - Deus me dê febres quartãs se o senhor não tem o meu
tecido.
- JUIZ - Calma! Onde estamos nós? O senhor não sabe o que =
diz. Volte à sua causa sem fazer o tribunal perder
tempo com suas asneiras.
- PATHELIN - (RINDO) Estou louco de dor de dentes e não posso =

deixar de rir. Êle está tão embaraçado que não sabe mais o que dizer. Senhor juiz, é preciso lembrar-lhe onde êle estava.

- JUIZ - Vamos, volte aos seus carneiros. O que aconteceu?
- GUILHERME - Êle comprou sete varas a nove escudos.
- JUIZ - Estamos todos loucos? Onde o senhor pensa que está?
- PATHELIN - Senhor juiz, êsse homem toma V. Exa., com perdão, da palavra, por um tolo. A julgar pelo seu exterior, no entanto, parece um homem de bem. Proponho = que se interrogue o acusado.
- JUIZ - O senhor tem razão. Êle deve conhecê-lo, pois o = queixoso é seu patrão. Adiante-se. Fale.
- TEOBALDO - Beé!
- JUIZ - Está aí um outro caso. O que quer dizer bé? Eu sou por acaso cabra ou bode? Vamos, fale direito.
- TEOBALDO - Bé!
- JUIZ - Você está caçoando de mim?
- PATHELIN - Pobrezinho! Não, senhor juiz, jamais êle faria isso. E porque êle é um atoleimado pelos maus tratos do patrão.
- GUILHERME - Quero ser apedrejado se não foi ao senhor que vendi minha fazenda! (AO JUIZ) V. Exa. não sabe com = que malícia...
- JUIZ - Cale-se! O senhor está louco? Deixe de parte o fato acessório e venha ao fato principal.
- GUILHERME - Está bem, juro não tocar mais no caso da fazenda. Mas o caso me faz enraivecer... porém meus lábios não se abrirão mais sôbre esta questão. Por hoje = ao menos, porque isso não ficará assim. Eis, portanto, o caso do pastor: eu dizia que êle guardava se = te varas de fazenda, quer dizer, meus rebanhos, per

dão, foi um engano. Êsse senhor pastor, quando devia estar nos campos, disse-me que eu teria em pagamento escudos de ouro... não, quero dizer que = quando êle começou a guardar os meus rebanhos, prometeu-me um excelente jantar com pato... mas o que estou dizendo? Desculpe-me, senhor juiz, queria dizer que êsse patife do pastor jurou-me guardar sem traição nem dolo os meus carneiros. Pois bem, êle os matava sem piedade e agora nega tudo: dinheiro e fazenda. Ah! doutor Pedro, isso não se faz! Sim, senhor juiz, êste canalha de pastor matava-me sem temor de Deus todos os carneiros; quando êle se pilhou com a peça de fazenda debaixo do braço, disse-me que fôsse à sua casa.

- JUIZ - Cale-se! Cale-se! Basta de asneiras, sua queixa não tem rima nem razão. O senhor é um louco. Ora vejam: só fala de carneiros, depois emenda com fazenda, = com pato, com jantar, com escudos de ouro... Qual! Só mesmo um louco. Isto aqui não é manicômio.
- PATHELIN - Naturalmente é porque êle tem a consciência pesada de não pagar ao pobre pastor e ainda por cima inventar um processo ao coitado.
- GUILHERME - O senhor faria bem em calar-se, ouviu? Minha fazenda, onde está ela? Não é o senhor que a tem?
- JUIZ - O que é que o doutor Pedro tem?
- GUILHERME - Nada, senhor juiz. Isso não vem ao caso. O que eu posso afirmar é que o doutor Pedro é o maior trapaceiro, mas isso fica para outra vez; trata-se agora dos meus carneiros.
- JUIZ - Vamos, trate de lembrar-se bem dos fatos e conclua logo.

- GUILHERME - Estou confuso, senhor juiz, peço-vos que interroguéis novamente êsse patife. Vejamos o que êle tem para dizer. Êle bem que sabe falar...
- JUIZ - (IRRITADO) Mas...
- PATHELIN - O pobre pastor não pode falar por si mesmo, nem saberá responder às acusações que lhe foram feitas. Se V. Excelência permitir, eu falarei por êle.
- JUIZ - O senhor quer assisti-lo? Creio que só terá aborrecimentos sem proveito nenhum.
- PATHELIN - Nem quero ter lucro. Tenho pena de ver um pobrezinho sem defesa, exposto às malévolas acusações de um perverso. Quando se é honesto, o lucro não interessa. Com permissão de V. Excelência, vou interrogar o acusado. Aproxima-se, meu amigo. Você me entende? Vamos, fale!
- TEOBALDO - Bée.
- PATHELIN - O que é? Explique-se melhor.
- TEOBALDO - Bée!
- PATHELIN - Sempre a mesma coisa. Você não está vendo que os seus interesses estão em jôgo? Responda direito.
- TEOBALDO - Bée.
- PATHELIN - Diga ao menos sim ou não. Não me entende? (BAIXO) Muito bem, continue a dizer isto...
- TEOBALDO - Bée!
- PATHELIN - Não há nada a fazer. O pobrezinho é idiota mesmo. Veja V. Excelência, senhor juiz, até que ponto pode ir a maldade humana. Êsse homem tem coragem de trazer perante êste tribunal respeitável um pobre idiota, vítima de seus maus tratos, para acusá-lo de um crime que o coitado nunca poderia ter cometido, e isto porque não quer lhe pagar o salário de

anos de trabalho. Ele, que devia ser o réu, trás ao banco dos culpados um inocente, como ave de rapina que não quer soltar a prêsã por nada. (A GUILHERME) Mas tu te enganas, homem perverso! O juiz, diante de quem estás, jamais se deixará enganar pelos malvados. Sua alta inteligência, seu profundo saber, já descobriram na incoerênciã de tua queixa, como na idiotice do pastor, onde está a verdade...

- JUIZ - O senhor tem razão. Êste pastor é um débil mental. Não pode, portanto, responder a processo. Aumentis non suht subjectis juris.
- GUILHERME - Juro que V. Excelência se engana. Juro que êsse pa tife tem mais bom-senso do que eu.
- PATHELIN - Só esta reflexão mostra bem o que é o queixoso. Di ante de um tribunal que reconhece a debilidade mental do pobre pastor, êle ousa proclamar o perfeito juízo do acusado. Senhor juiz, para evitar delongas inéptas, mande embora o pastor.
- JUIZ - Sim, é o que resta a fazer.
- GUILHERME - Êle será absolvido sem que eu tenha pleiteado?
- JUIZ - Por que não? Se o senhor, além de louco, não diz = coisa com coisa, e êle é um enfêrmo mental?
- GUILHERME - Suplico a V. Excelência que me deixe ao menos expor minhas conclusões. Juro-lhe que em tudo que disse não houve mentira nem desejo de caçoada.
- JUIZ - O que prova que o senhor é realmente louco, e eu = não estou aqui para perder tempo com loucos.
- GUILHERME - E êles vão se embora sem que eu seja ouvido?
- JUIZ - O senhor não acha que já fêz o tribunal perder muito tempo?
- GUILHERME - Que a causa seja ao menos adiada...

- JUIZ - Adiada? Para quê? O senhor é um louco e êsse rapaz um sandeu. Com tal gente é impossível um processo.
- PATHELIN - V. Excelência diz bem. Não é possível lidar-se com tais pessoas, por isso peço a quitação do meu cliente.
- JUIZ - Com tôda razão. (A TEOBALDO) Vá, você está livre o tribunal reconhece sua inocência. Não se preocupe mais com as calúnias levantadas contra sua pessoa não volte nem que um oficial de justiça vá intimá-lo.
- GUILHERME - Mas isto não pode ser, senhor juiz! Êsse pastor é um tratante um ladrão... Eu posso...
- PATHELIN - O senhor persiste na sua loucura?
- GUILHERME - O senhor devia ter vergonha e não falar mais comigo, ouviu? Minha fazenda, onde está ela?
- JUIZ - Vamos, eu tenho mais que fazer do que estar ouvindo loucuras... Doutor Pedro, o senhor quer jantar comigo?
- GUILHERME - Jantar?
- PATHELIN - Agradeço-lhe muito, mas os meus dentes...
- JUIZ - É verdade, eu já havia me esquecido. Deus vos guarde. (SAI)
- GUILHERME - Ah, doutor Pedro, que o diabo me leve se o senhor não é o maior trapaceiro do mundo! Então... minha fazenda, meu dinheiro, sua doença?
- PATHELIN - Sempre a mesma coisa. O senhor devia mudar de nota, porque esta já está monótona. Eu doente. Está é grande!
- GUILHERME - Não está doente? Espere aí, vou já à tua casa... (SAI)
- PATHELIN - É isso, vá ver se eu estou doente. (A TEOBALDO) En-

tão, Teobaldo, teve ou não teve sucesso a minha idéia?

TEOBALDO - Bée!

PATHELIN - Vamos, fale direito. Já acabou a farsa.

TEOBALDO - Bée!

PATHELIN - Já lhe disse que fale direito. Vamos, meu pagamento.

TEOBALDO - Bée!

PATHELIN - Que é isso? Você quer me burlar, a mim, o homem mais esperto desta cidade? Vamos, meu dinheiro, já, senão vou buscar um soldado.

TEOBALDO - Béc!

PATHELIN - Não tirarei nada. Será possível que eu tenha caído no meu próprio ardil? E que um camponês, uma criança, uma raposinha engana uma velha raposa matreira? Espere um pouco, miserável, eu vou buscar quem faça você falar. Olá, soldado! Olá, soldado! (SAI)

TEOBALDO - Se êle me agarrar, consinto em ser prêso.

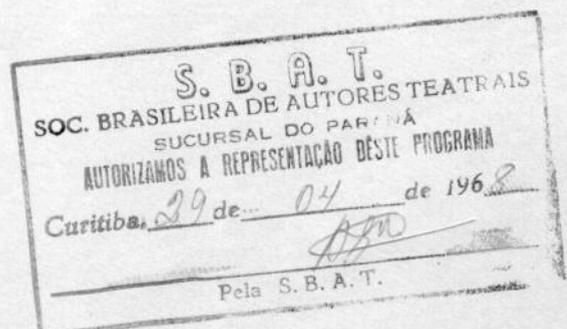
PATHELIN - (VOLTANDO) O quê?

TEOBALDO - Bée!

- P A N O -

JFM/ Curitiba, 3 de abril de 1968.

SEÇÃO DE MIMEO DATILOGRAFIA DO T.G.





Sr. Chefe da Seção de Censura.

O Teatro de Arte do Pará, enviou para exame //
dêste SCDP, a peça teatral " A FARSA DO ADVOGADO DE PATHER-
LIN" de autor anônimo, em tradução de Luiz Hasselmann.

A referida obra já foi liberada por este Órgão,
pelo Certificado nº 256/68 válido até 13 de maio de 1969, com
a classificação etária L I V R E, depois de ratificado, pela
Chefia, o parecer do Censor Carlos Lucio Menezes.

Assim sendo, à vista do exposto, sugiro que se
ja mantido o mesmo critério classificador, emitindo-se os //
Certificados solicitados. L I V R E - s.m.j..

À Consideração superior.

Em, 12 de setembro de 1968

Américo
JOSE SAMPAIO BRAGA

TCTC- SCDP/DF



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.31

Handwritten signature and initials

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 503/68

PEÇA - / ::: A FARSA DO ADVOGADO PHATELIN ::: / -

ORIGINAL DE AUTOR DESCONHECIDO

APROVADO PELO S. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 12 de SETEMBRO de 19 69

Brasília, 12 de SETEMBRO de 19 68

LIVRE

Handwritten signature: Aloysio Muhlethaler de Souza

Chefe do S. C. D. P.
ALOYSIO MUHLEHALER DE SOUZA

AP/

M. J. - D. P. F.

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P. 32

Certifico constar do livro nº 01 folha nº -15-, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -A FARSA DO ADVOGADO PHATELIN-

Original de AUTOR DESCONHECIDO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de TEATRO DE ARTE DO PARÁ

Tendo sido censurada em 12 de SETEMBRO de 19 68 e recebido

a seguinte classificação: ::: L I V R E ::: NENHUMA RESTRIÇÃO LETÁRIA

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 12 de SETEMBRO de 19 68



JOSE SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores de Teatro e Congêneres



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

Belém, 2. Agosto. 1966

GRUPO DE TEATRO DE ARTE DO PARÁ
Rua 13 de Maio, 22 - Conj. 802
Belém

Senhor DIRETOR,

Tudo torço com contentamento, pela imprensa, que esse Grupo pretende pagar a edição de um livro, isto é, Senhoras da Alta e Senhor do Almoço do Patolino, para o qual somente a primeira foi devida — e a segunda, já, o senhor-me lhe que a SBAT está comunicando o seu as- sentimento, sobretudo modificando as bases de cobrança dos direitos au- torais, porquanto se trata de obras diferentes.

Dessa maneira, para a impressão de algumas peças num mesmo espe- ctáculo, os direitos autorais serão cobrados a razão de 12% (doze porcen- tuais) sobre o valor do espetáculo, com o mínimo garantido de NCr\$ 40.000 (quarenta mil cruzeiros novos), por espetáculo.

Atenciosamente,

Edyr Paiva Proença
EDYR PAIVA PROENÇA
Representante em Belém



Certifico e dou fé que a presente
cópia fotostática confere com o ori-
ginal, que me foi exibido nesta data,
pele que autentico esta via.

Em sinal *Car* de verdade
Belém, 22 de Agosto de 1988
Carlos N. A. Ribeiro

CARLOS N. A. RIBEIRO
TARÁ SUBSTITUTO

BRASIL - REPUBLICA FEDERAL
D.S.G. - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0352, P.35

CÓPIA PARA CONTROLE DE SERVIÇO

33
17

CEL. RAUL DA SILVA MOREIRA
EMBAIXADO REGIONAL DO DPP/PARÁ
TRANSPORTE CAIXA BRANCA 2103 - BELÉM

334 - 5 - 8 - 68

ENCAMINHAR AUTORIZAÇÃO SEAT REFERENTE PEÇA
"PEÇA DO AUTOMÓVEL FIAT" VC COMO AUTOR O INTERESSADO DIZ
SER RECONHECIDO PELOS ALOYSIO MULLERHAUER DE SOUZA CHEFE DO SGDP



D.F.S.P.
048817 10SET68

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DO PARÁ

374

Belém-Pará
30 AGO 68

OFÍCIO Nº 1263/68-DR/PA
DO: DELEGADO REGIONAL DO DPF/PARÁ
AO: ILMO.SR.CHEFE DO S.C.D,P. DO DPF
ASSUNTO: ENCAMINHAMENTO DE AUTORIZAÇÃO DO SBAT (Faz)
ANEXO: 1 (HUMA) AUTORIZAÇÃO DA SBAT

Senhor Chefe:

Atendendo a solicitação constante do radiograma nº 334/68 de 5/8/68, desse serviço, remeto em anexo a Vossa Senhoria, uma autorização (foto-cópia autenticada) expedida pelo representante da Sociedade Brasileira de Autores Tea - trais, em Belém, referente a peça teatral, A Farsa do Advogado Pathelin.

Ao ensejo, renovo a Vossa Senhoria, meus protestos de elevada estima e consideração.

Raul da Silva Moreira
RAUL DA SILVA MOREIRA - CORONEL
DELEGADO REGIONAL DO DPF/PARÁ

SRA. - DA. - D. F. S. P.

RECEBI em 12/9 1968 AS 14 HRS
ASS. *[Assinatura]*
CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

ILUSTRÍSSIMO SENHOR
CORONEL ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUSA
DD.CHEFE DE SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPF

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352/P 37

072020

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DELEGACIA REGIONAL DO PARÁ

Handwritten signature/initials

10/15/48

DELEGADO REGIONAL DO DPF/PARÁ
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO
ASSONTO: Encaminhamento de textos teatrais (Te2)

1º - requerimento, 2º scripto e 1 cópia fotostática

Sector: Chefe

Em anexo, estou encaminhando a Vossa Senhoria
um requerimento da direção do Teatro de Arte do Pará, solicitando
a permissão para encenação das peças teatrais "Scherzas da Alta"
e "A casa do Advogado Patolino", amando as partes das referidas
peças e uma autorização da Sociedade Brasileira de Scouts do
Pará.

Atenciosamente, recebo a Vossa Senhoria, os meus
respeitos e considerações e agracidos.

RAUL DA SILVA MOREIRA - OCELONE
DELEGADO REGIONAL DO DPF/PARÁ

M. J. - D. P. F.
SERVIÇO CENSURA DE
DIVERSÕES PÚBLICAS
RECEBIDO NA T.G.T.G.
EM 11-2-68
Handwritten signature

BR.A. - DA. - D. P. F.
RECEBI _____ 1968 AS _____
ASS. _____
CHEFE DELEGACIA REGIONAL DO DPF/PARÁ

ILUSTRÍSSIMO SENHOR TEN. CEL. ALOYSIO MULLERHAUER DE SOUSA
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DPF

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas - D.P.P.

310
/

Vimos solicitar as dignas providências de Vossas Senhorias, no sentido de serem autorizadas as apresentações // das peças abaixo discriminadas, na forma da lei:

TÍTULOS: "Senhoras da Alta" e "A Farsa do Advogado Patherlin"
AUTORES: George Feydeau autor desconhecido.

PRODUTOR: "Teatro de Arte do Pará".

DIRETORES: Cláudio Barradas e José Nazareno Santana Dias.

Número de Ficha de registro na TCDP/DR/Pará: 377 e 383

EMPRESAS: Teatro de Arte do Pará (T.A.Pa).

PERSONAGENS com seus intérpretes e número respectivo de registro na TCDP/DR/Pará:

"SENHORAS DA ALTA" - George Feydeau.

ALFREDO - Alberto Bastos - nº 429

Filomena - Maria de Lourdes Martins - nº 037

Paturo - José Nazareno Santana Dias - nº 383

Gigolot - Fernando Neves - Nº 005

PERVINCHE - Nilza Maria -

GIGOLETTE - Maria de Lourdes Negrão Guimarães - nº 381

Obs. A atriz Nilza Maria tem registro na TCDP/DR/Pará.

"A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN"

Pathelin - Cláudio Barradas - nº 377

Qualbernia - Maria de Lourdes Martins - nº 037

Guilherme - Fernando Neves - nº 005

Theobaldo - Alberto Bastos - nº 429

Juli - José Nazareno Dias - nº 383

Escrivão - Maria de Lourdes Negrão Guimarães - nº 381

Nestes termos

P. Deferimento.

Belém, 18 de julho de 1968.

José Nazareno Santana Dias - p/Assinatura



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Belo Horizonte, 13 de maio de 1 969

37
17

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de Diversões
Públicas do Departamento de Polícia Federal
BRASÍLIA - DF

Senhor Chefe:

Temos a grata satisfação de passar às mãos de V.Sa., com esta, três (3) exemplares mimeografados, da peça intitulada "A FARSA DO ADVOGADO PATELIM", tradução de Luiz Hasselamnn, que não é associado da SBAT, a fim de ser censurada de acôrdo com o Regulamento dêsse conceituado Serviço.

Sem outro particular, no momento, subcrevemo-nos

Cordialmente,

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
Sucursal de Minas Gerais

GROVER FERREIRA
Diretor

M. J. D. P. F.

SERVICÓ DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS.

Protocolo N.º 1820

Em 19/05/1969

Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO

Em _____ de _____ de 19____

38
17

Sr. Chefe do SCDP:

Parecer:

Peça: A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

Autor: Anônimo

Tradutor: Luiz Hasselmann

Advogado astuto burla comerciante ávaro e é preterido por camponês esperto.

Comédia sem pretensões desairosas, escrita com ritmo e linguagem que permitem a sua representação para qualquer público:

I V R E .
S.M.J.

DF. 11.maio.1968

Carlos Lúcio Menezes - Censor Federal - 1.282.938

++++++

DESPACHO:

Emitir Certificado de Censura, conforme voto do Censor.

DF. 13.maio.1968

Chefe do SCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P. 41

CENSURA FEDERAL

TEATRO

39
17

Certificado Nº 256/68



PEÇA -/ A PARSA DO ADVOGADO PHATELIN /-

ORIGINAL DE ANÔNIMO

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 13 de MAIO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 13 de MAIO de 19 68

LIVRE

MANCEL FELIPE DE SOUZA LIMA NETO

Chefe do S. C. D. P.

apca/

24

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P. 42

Certifico constar do livro nº 01 - folha nº 09 - , de registro de peças

teatrais, o assentamento da peça intitulada -/ A FARSA DO ADVOGADO PHATELIN /-

Original de AUTOR ANÔNIMO

Tradução de LUIZ HASSELMANN

Adaptação de _____

Produção de TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ

Tendo sido censurada em 11 de M A I O de 19 68 e recebido

a seguinte classificação: - | LIVRE | - =NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE=



OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 13 de M A I O de 19 68

Carlos Lucio Menezes
- CARLOS LÚCIO MENEZES -

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres



40

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: -A FARSA DO ADVOGADO PHATELIN -

Nome do Autor: Anônimo

Nome do Tradutor: Luiz Hasselmann

Gênero: Farsa.

Entrecho: _____

Advogado astuto e sagaz engana a um comerciante avarento e é "passado para trás" por um pastor de ovelhas, que fêz um dos feitiços voltar-se contra o feiticeiro.

Apreciação: ~~XXXXXXXXXX~~

Com o único intuito de proporcionar um entretenimento alegre e sadio, a peça foi escrita sem desaíres, nada contendo que possa ferir preceitos, raças ou religiões. O desenrolar de acontecimentos é de fácil compreensão, o que nos faz concordar com a classificação dada anteriormente ao espetáculo.

Observações: Condicionada ao exame do ensaio geral.

Classificação final: SEM RESTRIÇÕES -:L I V R E:-

Brasília-DF, em 20 de maio de 1969

Antonio de Pádua C. Alves
Censor Federal - matrícula n.
Antonio de Pádua C. Alves - Credenciado-Cart.058-DF

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor Antonio de Padua, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

AUTOR: Anônimo

RESTRIÇÃO SUGERIDA: L I V R E

OBS. Condicionada a exame do ensaio geral.

Em 20 de maio de 1969

[Handwritten Signature]
Chefe da TCTC JOSE SAMPAIO BRAGA

VISTO: _____

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em _____
Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acordo com voto do Censor

Em 21 mai 69
[Handwritten Signature]
CHEFE DO SCDF



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P 457

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1181/69

PEÇA -/!!! A FARSA DO ADVOGADO PHATELIN !!!/-

ORIGINAL DE ANÔNIMO

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 21 de MAIO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO Brasília, 21 de MAIO de 19 69

LIVRE

Aloysio Muhlethaler de Souza
Chefe do S. C. D. P. **ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA**

M. J. - D. P. F.

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 46

Certifico constar do livro nº 01 folha nº 40, de registro de peças

teatrais, o assentamento da peça intitulada A FARSA DO ADVOGADO PATELIN-



Original de ANÔNIMO

Tradução de LUIZ HASSELMANN

Adaptação de _____

Produção de CENSURA REQUERIDA PELA S.B.A.T. (BELO-HORIZONTE - MG)

Tendo sido censurada em 20 de M A I O de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: L I V R E : : : : NENHUMA RESTRIÇÃO DE IDADE : : : : : :

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME §
2º DO ART. 1º, DA LEI 5536/68.

) OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SC
DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PLEO SCDP.

Brasília, 21 de M A I O de 19 69

JOSE SAMPALDO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

49

22/maio/1969

Chefe do SCDP
Sr. Delegado Regional do DPF/BH.
Providências (solicita)

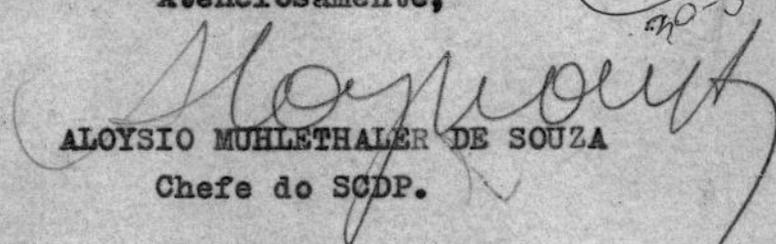
Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pelo Chefe da TCDP dessa DR as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. Assistir ensaio geral ou VT, se fôr o caso, da peça " A FARSA DO ADVOGADO PHATELIN ";
2. Enviar a este SCDP, relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar a documentação (script e certificados) anexa ao interessado - com nome constante do verso dos certificados - somente após autorização desta Chefia, via rádio.

Recibido
MFM
20-5-69

Atenciosamente,


ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA
Chefe do SCDP.

Correio

UB



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

DELEGACIA REGIONAL DA BAHIA

D. F. S. P.
060663 - 30EZ68

Ofício N.º 149-TCDP/PS

Salvador, Em 28/11/68

Do: Delegado Regional do DPF/DR/BA/SE
Ao: Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/Brasília
Assunto: REMÊSSA - FAZ

- ANEXOS:
- a) Um Requerimento
 - b) Três Scripts
 - c) Comprovante da SBAT de nº 159284

Senhor Chefe.

Conforme instruções de V. Sa., remeto-vos com êste, os anexos acima mencionados, alusivos a peça teatral "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", tradução portuguesa de Luiz Hasselmann.

Atenciosas Saudações.

Luiz Arthur de Carvalho
LUIZ ARTHUR DE CARVALHO - CEL
Delegado Regional

SRA. - DA. - D. F. S. P.
RECEBI *0003/2198* AS *16/22*
ASS. *[Assinatura]*
CHEFE SUBSEÇÃO RECRUTAMENTO (6822)

44
M

Ilm^o Sr. Cel. Delegado Regional do Departamento de Polícia Federal da Bahia

T. C. D. P.
 DFSP — DR — BA
 Protocolo n.º 42
 DATA 28 / 11 / 19 68
 ASSINATURA *Gauca*

Sóstrates Gentil Alves de Souza, brasileiro, solteiro, com 32 anos de idade, Carteira Profissional nº-54.077-124, na qualidade de Diretor Técnico do Teatro de Máscara, solicita a V. Sa. a Censura da Peça/Teatral "A Farsa do Advogado Pathelin", de autor medieval anônimo, em sua tradução portuguesa de Luiz Hasselmann.

Têrmos em que

Pede deferimento

Salvador, 28 de novembro de 1968

Sóstrates Gentil Alves de Souza
Sóstrates Gentil Alves de Souza

Diretor-técnico do

TEATRO DE MÁSCARA

Reconhecida como de Utilidade Pública pelo Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920.



Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, de Paris.

Handwritten notes: 81, 25, M7

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Direitos de Representação

Autorização Nº 159284

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

Original de -x-

Música de

Tradução de Luís Hessman

No Teatro VILA VELHA Cidade SALVADOR

Empresa TEATRO DE MÁSCARA Pela Cia.

nos dias 2ª quinzena de novembro/68

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de 10% (DEZ POR CENTO) da renda bruta de cada espetáculo, mediante a garantia mínima de Cr\$ 50,00 por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Salvador, 4 de novembro de 1958

Handwritten signature of a representative of SBAT.

(pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo - Art. 7.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A autorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

46
9

Sr. Chefe da Seção de Censura

Sóstrates Gentil Alves de Souza, Diretor técnico do grupo Teatro de Máscara-BA, por intermédio da TCDP- DR do DPF naquêl estado, enviou para exame dêste SCDP a peça teatral " A FARSÁ DO ADVOGADO PATHELIN" de autor anônimo, em // tradução de Luiz Hasselmann.

A referida obra, já foi examinada e liberada por êste Órgão, conforme parecer do Censor CARLOS LUCIO MENEZES e cópia de certificados, constantes em nossos arquivos- Processo 398-TCTC, classificando-a para qualquer público- " IVRE.

Assim sendo, à vista do exposto e após concluirmos pela comparação dos escritos, o liberado e êste, de que se trata de mesma obra, sugerimos que seja mantido o mesmo / critério classificador, emitindo-se os certificados requeridos. s.m.j.

À consideração superior.

Em, 05/ dezembro /1968

Jose Sampaio Braga
JOSE SAMPAIO BRAGA
TCTC- SCDP/DF

Ao Sr. Chefe do S.C.D.P.
para decisão final

Em 5.12.68

Amicanda
Resp. pelo Sec. Censura

EXIGA-SE
CERTIFICADO.

5.12.68



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0357, P.53

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 876/68

PEÇA -/::: * A FARSA DO ADVOGADO PATELIN * :::/-

ORIGINAL DE ANÔNIMO

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 06 de DEZEMBRO de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 06 de DEZEMBRO de 19 68

LIVRE

Aloysio Muhlethaler de Souza
Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

AP/

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 54

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 27, de registro de peça
teatrais, o assentamento da peça intitulada * A FARSA DO AVOGADO PATBELIN *

Original de AUTOR ANÔNIMO

Tradução de LUIZ HASSELMANN

Adaptação de _____

Produção de TEATRO DA MÁSCARA - (SALVADOR-BA)

Tendo sido censurada em 05 de DEZEMBRO de 19 68 e recebida

a seguinte classificação: L I V R E :: NENHUMA RESTRIÇÃO ETÁRIA ::

OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S.C.D.P.

Brasília, 06 de DEZEMBRO de 19 68



JOSÉ SAUMPATÓ BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

Universidade de Brasília

Ilmo^o Sr. Diretor da Censura Federal

O abaixo assinado, Luiz Antônio Alves, Diretor do Grupo de Teatro do Centro Integrado de Ensino Médio, vem requerer de V.S. a liberação da peça medieval " A Farsa do Advogado Pathelin ", para que seja encenada dia 4 de julho de 1969, no auditório da TV Brasília, às 21h.

Nêstes têrmos, pede deferimento

Luiz Antônio Alves

Luiz Antônio Alves

M. J. D. P. F.	
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS	
Protocolo N.º	2464
Em	22.7.1969
<i>[Assinatura]</i>	
Protocolista	

RECEBI O PROGRAMA ANEXO		
Em	de	de 19

Universidade de Brasília

CENTRO INTEGRADO DE ENSINO MÉDIO (CIEM)

EQUIPE DOCENTE DE P E V

29
/

RELAÇÃO DOS ATÔRES, CONSULTORES E COLABORADORES DA PEÇA " A FARSA DO ADVOGADO PATEHELIN " :

ATÔRES

Luiz Antônio Alves
Maria Cristina Elia
Waldez Ludwig
Emanuel Batista Silva
Lauro Vasconcelos Nascimento

CONSULTORES

Laís Fontoura Aderne Faria Neves
Eunice Moreira Wellausen
João Batista Chaves Morais

COLABORADORES

Antônio Carlos M. Vieira
Eliane Maravalhas
Henrique Drach
Regina Maria Ferreira da Silva
Angela Christina R. Carneiro
Helio Carlos A. Borges
Henrique Cesar O. Vinhas
Maria Auxiliadora da C. e S. de Castro
Marina Tamm Rabêlo
Marília Leão P. Marques
Roberto de Camargo Penteado Filho
Tânia Pinto
Vera Silva
Wilson Almeida de Aguiar Filho

50

" A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

" Data de 1470 a " Farsa do Advogado Pathelin ", a obra-prima da farsa medieval. Essas farsas eram representadas conjuntamente com os Mistérios, o sagrado e o profano no mesmo/ tablado, tudo ao gosto do espírito medieval!"

" Com relação à farsa, que se desenvolveu na França, a mais famosa é a do " Maitre Pierre Pathelin", em 1470, de um autor desconhecido, que, ainda hoje faz sucesso quando representada. As experiências notadas na França e na Inglaterra / foram as mesmas na Itália, Alemanha e Espanha."

CADERNOS DE TEATRO Nº 37
REDAÇÃO " O TABLADO", SOB A DIREÇÃO DE MARIA CLARA MACHADO
PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DO INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E CULTURA (IBECC)



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 58
Autorização Nº 139712

Direitos de Representação

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

Original de
Música de
Tradução de LUIZ HASSLMANN.....
No Teatro Cidade
Empresa Pela Cia.
nos dias PARA SER CENSURADA.....
sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de
.....%..... da renda bruta de cada espetáculo, mediante a
garantia mínima de Cr\$ 40.00..... por espetáculo, obrigando-se a Em-
presa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente au-
tenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral paga-
mento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

BRASILIA....., 02 de de 1959.....

Esta via de Autorização deve ser anexada ao progra-
ma respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá
ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a tôdas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor fôr filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.



Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

50
[assinatura]

Sr. Chefe do SCDP,

Examinamos o presente texto da peça "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", verificando a sua completa identidade com o script já liberado por este órgão, também por nós examinado, classificado LIVRE, e para o qual foi expedido certificado nº 1181/69, com validade até 21 de maio de 1974.

Assim, com base no artigo 10 da Lei 5536/68, sugerimos seja mantida esta classificação para o presente pedido, uma vez que nenhum elemento novo foi introduzido.

Brasília, 03 de julho de 1969

[assinatura]

Antonio de Pádua Carvalho Alves
CREDENCIADO - CARTEIRA 058-DF

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peça "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", cuja comparação de scripts foi feita pelo Téc. de Censura Credenciado Antonio de Pádua, o qual sugeriu manutenção de classificação (LIVRE), uma vez que verificou identidade entre o script já liberado e o constante do presente pedido.

Brasília, 03 de julho de 1969

[assinatura]
JOSE SAMPAIO BRAGA - Chefe da TCTC

De acordo
Ao Sr. Chefe do
SCDP para deli-
sar
Em 4/7/69
[assinatura]

EXPEDIR O CERTIFICADO.

Em: 04/17/69.

Wilsou José
Público



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0352, p. 62

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1470/69

PEÇA -IIII/ A FARSA DO ADVOGADO PATELIN /IIII-

ORIGINAL DE AUTOR DESCONHECIDO

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 21 de MAIO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 04 de JULHO de 19 69

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

Wilson de Queiroz Garcia
WILSON DE QUEIROZ GARCIA SUBSTITUTO

M. J. - D. P. F.

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P. 63

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 46, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada -!!!/ A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN /!!!

Original de DESCONHECIDO

Tradução de LUIZ HASSIMANN

Adaptação de _____

Produção de GRUPO DE TEATRO DO CENTRO INTEGRADO DE ENSINO MÉDIO

Tendo sido censurada em 03 de JULHO de 1969 e recebida

a seguinte classificação: L I V R E.

CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL E A AFIXAÇÃO DE CARTAZ CONFORME
§ 2º ART. 1º DA LEI 5536/68.-

OBS. ESTE CERTIFICADO SOMENTE É VALIDO QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA
PEÇA DEVIDAMENTE AUTENTICADO PELO SCDP.

Brasília, 04 de JUNHO de 1969

JOSÉ SAMPATO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

« FESTA »

6/8/69
34
17

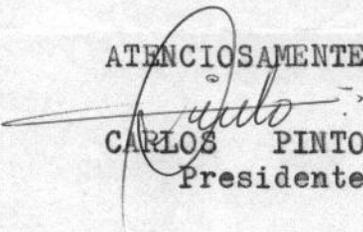
Santos, 23 de julho de 1969

Senhor Diretor do Serviço de Censura e Diversões Públicas

Carlos Pinto, brasileiro, casado, Presidente da Federação Santista de Teatro Amador, residente em Santos à avenida Siqueira Campos, nº 278, apto.4, vem respeitosamente solicitar a expedição de certificado de censura de texto "A farsa do Mestre Pathelin", de autor desconhecido, recolhido por Léon Chancerel, e traduzido por Marlene Crespe.

Este espetáculo será montado - pelo Grupo Teatral Julia Dantas, filiado a esta Federação. Nesta oportunidade, reiteramos os nossos votos de estima e apreço.

ATENCIOSAMENTE


CARLOS PINTO
Presidente

Ilmo. Sr.
Aluisio Muhlethaler de Souza
DD. Chefe da Censura Federal
BRASILIA



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.
End. Teleg.: SBAT - RIO
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352,165 *55*

Direitos de Representação

Autorização Nº 189276

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral:

..... *A farsa do mestre Pathelin*

Original de

Música de

Tradução de *Marlene Crespo*

No Teatro *Grupo Teatral J. Santos* Cidade *Santos*

Empresa Pela Cia.

nos dias *1 e 2*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

.....%..... da renda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

..... *Santos, 22* de *Julho* de 195*9*

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.
— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

..... *João Pinheiro*
(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-1945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exhibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para aqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da propriedade autoral para a realização de representações públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do art. 1.º, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P67

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEM.º N.º s/n

Data 29-7-6

Do Téc. Censura Cred. Antônio de Pádua

Para Sr. Chefe da TCTC-SC-SCDP

Assunto: Informação (presta)

Sr. Chefe,

Os scripts da peça teatral "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", a nós submetido para feitura de comparação, diferem entre si apenas na forma, estando, o conteúdo da obra, idêntico em ambos.

O tradutor do script que instrue o presente pedido substituiu a personagem Guilhermina-mulher do advogado- pelo personagem Silvestre-criado do mesmo. O papel, o desempenho de um deles num escrito corresponde ao do outro personagem no outro escrito. Algumas falas e expressões foram também modificadas, isto é, estão diferentes da tradução de Luiz Hasselmann já liberada, entretanto estão dentro da mesma linha de conduta e as situações apresentadas estão em perfeito acôrdo com as do escrito já examinada por este SCDP, nada existindo que nos leve a sugerir uma alteração na classificação anterior

Atenciosamente,

Antonio de Pádua Carvalho Alves
Téc. Censura Cred.- Cart. 058-DF



Ministério da Justiça
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.68

Handwritten initials/signature

6
1

Sr. Chefe da Seção de Censura,

A Federação Santista de Teatro Amador enviou para exame deste órgão, a peça teatral "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", autor anônimo, tradução de Marlene Crespo.

A referida obra já foi liberada por este órgão, na tradução de Luiz Hasselman, tendo sido expedidos certificados nºs **256/68**, 503/68, 1181/69 e 1470/69, os dois últimos com validade até 21 de maio de 1974.

A comparação costumeira de scripts, foi feita pelo Téc. de Censura Credenciado Antonio de Pádua, que em memorando anexo, informa que não foi incluído nenhum elemento novo que justifique alteração de classificação.

Assim, à vista do exposto, sugerimos seja expedido certificado de censura para o presente pedido, com a mesma classificação anterior L I V R E e com validade até 21/maio/74, de acordo com a Lei 5536/68.

À consideração superior.

29 de julho de 1969

Handwritten signature
JOSE CAMPALLO BRAGA

A CHEFE DA SEÇÃO
Handwritten signature
29.7.69

Em 29/7/69.
Expedis certifi-
caos.
Handwritten signature



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0352,p.69

CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 1548/69

PEÇA -/::: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN :::/-

ORIGINAL DE ANÔNIMO

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 21 de MAIO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 29 de JULHO de 19 69

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

Aloysio Muhlethaler de Souza
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

AP/

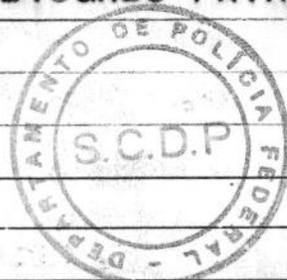
M. J. - D. P. F.

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 70

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 49, de registro de peças

teatrais, o assentamento da peça intitulada A FARSA DO ADVOGADO PATELIN



Original de ANÔNIMO

Tradução de MARLENE CRESPO

Adaptação de _____

Produção de FEDERAÇÃO SANTISTA DE TEATRO AMADOR - SANTOS-SP

Tendo sido censurada em 29 de JULHO de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: L I V R E ::::: NENHUMA RESTRIÇÃO ETÁRIA

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CANTAZ, CONFORME § 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO S.C.D.P.

Brasília, 29 de JULHO de 19 69

JOSÉ SAMPATO BRAGA

Chefe da Turma de Censores
de Teatro e Congêneres

042-TCT

29-7-69

Chefe do SCDP

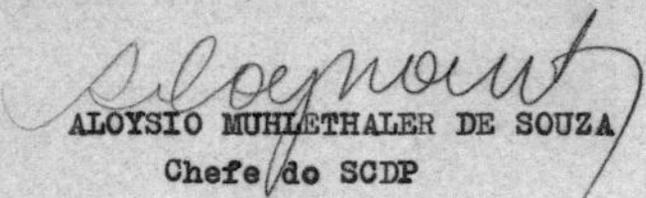
Sr. Delegado Regional do DPF/Santos
Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pela TCDP dessa SDR, as seguintes determinações de caráter técnico deste Serviço:

1. assistir ensaio geral da peça "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN";
2. enviar a este SCDP relatório minucioso a respeito do espetáculo e,
3. entregar a documentação anexa (script e certificado) ao interessado - Federação Santista de Teatro Amador - somente após autorização desta Chefia, via rádio, à vista do constante do item 2.

Atenciosamente,


ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

Chefe do SCDP

30 JUN 1957 24094

Feira de Santana, 22 de junho de 1971.

RECEBIDO POR:

Ilmo Sr.

Chefe de Censura Federal de Brasília
Brasília - D.F.60
17

Prezado Senhor

Na qualidade de Diretor de Produção da peça "As Farsas do Advogado Pathelin", venho, mui respeitosa-mente, por meio dêste, pedir a V.Sa. se digne deliberar o texto anexo que segue em três vias. A peça será apresentada nos dias 20, 21, 22, e 23 de julho do ano em curso, no Teatro Margarida Ribeiro nesta cidade de Feira de Santana.

Sendo o que se me oferece para o momento, /
subscreve-me atenciosamente.

Antonio Carlos Vilas Bôas

Antonio Carlos Vilas Bôas

- Diretor de Produção -

PARÇA DO ADVOGADO PATELIN

PERSONAGENS:

Pathelin - Advogado, esperto e ardiloso.
 Guilhermina - Sua esposa, astuciosa.
 Guilherme - Comerciante, simplório.
 Teobaldo - Pastor, ígneo e confiante.
 Um Juiz - Autoritário, solene.
 Direção - Antonio Carlos Vilas Bôas.
 Autor - Anônimo.

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
 (S. B. A. T.)
 Agência de Feira de Santana
 Rua Mal. Deodoro, 164 - Edif. Marista, Sala 102

AGENTE

Cena-I

Pathelin - Por Deus, Guilhermina. por mais que dê tratos à bola, não consigo descobrir um meio de ganhar um vintém. Houve tempo, no entanto, em que me faltavam clientes nem belos escudos.

GUILHERMINA - Pois é, esse tempo já vai longe. Para mim, a advocacia é a pior profissão do mundo. Um dia bem, um dia mal, ora enganado, ora enganando. Nunca vi coisa assim:

PATELIN - E posso jurar que não há nesta cidade melhor advogado do que eu. Ninguém conhece como eu as correntes, as molas, as engrenagens dos processos. Não há quem seja mais exposto do que o doutor Pathelin para torcer as leis. Sou um verdadeira mestre...

GUILHERMINA - (cortando)... de trapagens! Neste domínio voce não cede a ninguém o primeiro lugar.

PATELIN - Não confunda os nomes nem as coisas. Sou simplesmente hábil.

GUILHERMINA - Bela habilidade... enfim, tudo neste mundo pode ter dois nomes.

PATELIN - Isso não vem ao caso. O que precisamos é achar algum modo de ganhar dinheiro. Veja em que estado está o seu vestido e a minha roupa. Até parece que estamos vestidos de gase, como anjos de procissão.

GUILHERMINA - É verdade. cada vez que sento ou encosto em algum lugar, tenho medo de deixar colado um pedaço da minha saia. O dia em que isto acontecer, só meresta o recurso de fingir de paralitica e esperar passar o resto da vida sentada... porque ganhar outro vestido, não tenho a menor esperança.

PATELIN - Pois voce ganhará, um, e hoje mesmo.

GUILHERMINA - O que?! Voce enloqueceu?

PATELIN - Longe disso,. Nunca tive tanto juizo.

GUILHERMINA - Está-se vendo.

PATELIN - É isso mesmo. Acabo de ter uma idéia magnifica.

GUILHERMINA - Minha Nossa Senhora! Suas idéias magnificas já o levaram ao pelourinho. Será que o lugar é tão bom que deseje voltar para lá?

PATELIN - Deixe-se de tolices. O que pretendo fazer não terá a menor Consequência.

GUILHERMINA - Hum!

PATELIN - Vamos, de que côr e de que fazenda voce quer seu vestido?

GUILHERMINA - Da côr e da fazenda que voce conseguir extorquir do comerciante, que for bastante tolo para lhe vender...



M.J.-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

~~73~~
02
17

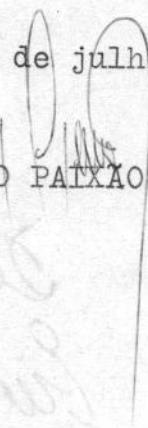
TÍTULO AS FARSAS DO ADVOGADO PATHELIN.

PARECER

Argumento: A famosa farsa medieval, na qual o advogado Pathelin defende em juízo o pastor de um comerciante de tecidos, seu patrão, acusado que fôra de desonestidade. Utilizando uma velha tática, na qual o pastor nada respondia se não as expressões "Bé, bé, bé", o advogado, depois de ganhar a questão na justiça, nada recebe em pagamento a não ser aquelas expressões que inocentaram o pastor.

Apreciação: Peça teatral francesa dos tempos medievais; deve ser liberada sem restrições etárias, por nada conter de impróprio.

Brasília, 15 de julho de 1971.


DALMO PATXÃO

Av. Sr. Uzeu da Secão de Censura:

O texto já foi 'repleto' de
exame anterior por parte
do SESP, liberando igual-
mente em consonância livre

Em 20/7/71
Paulo
TAC

De acordo.

Em: 22/7/71.
Wissau

libere-se sem
restrições etária.

José
73.07.71



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.76

Handwritten marks and signatures in the top right corner, including a large signature and the number '03'.

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 3996/71

PEÇA * A FARSA DO ADVOGADO PATELIN *

ORIGINAL DE AUTOR ANÔNIMO

APROVADO PELO S. C. D. P.

CLASSIFICAÇÃO

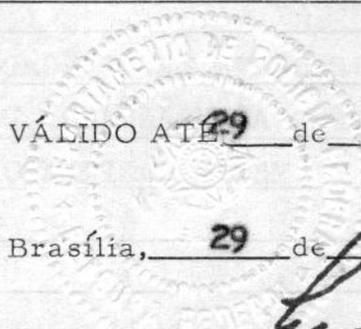
VÁLIDO ATÉ 29 de JULHO de 19 76

Brasília, 29 de JULHO de 19 71

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

Handwritten signature of Geová Lemos Cavalcante
GEOVÁ LEMOS CAVALCANTE



M. J. - D. P. F.

CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 77

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 26, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada _____

*** A FARSA DO ADVOGADO PATELIN ***

Original de AUTOR ANÔNIMO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de Antonio Carlos Vilas Bôas - Feira de Santana-BAHIA

Tendo sido censurada em 15 de JULHO de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE :::: CONDICIONADA A EXAME DO ENSAIO GERAL :::

**O PRESENTE CERTIFICADO SÔMENTE TERÁ VALIDADE,
QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDA-
MENTE CARIMBADO PELO S. C. D. P.**

Brasília, 29 de JULHO de 19 71

Wilson de Queiroz Garcia
WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

~~Chefe de Serviço de Censura
de Teatro e Censuras~~

M. B. N.: 55775
✓

Do: Chefe da Seção de Censura do SCDP

Ao: ~~Sr. Chefe da Seção de Censura do SCDP~~ BA

As: Providências (solicita)

Del: Reg 1 DR/BA

Senhor Chefe:

04
17

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatido minucioso relatório a respeito.

Peça: AS FARSAS DO ADVOGADO PATHELIN

Autor: AUTOR ANONIMO

Intrs: ANTONIO CARLOS VILAS BOAS

Endrç: FEIRA DE SANTANA - BA.

Atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA

Chefe da Seção de Censura



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.79

78
65
27

TITULO: A FARSA DO ADVOGADO PATHELLIN - Peça Teatral

O advogado PATHELLIN promove a defesa de um pastor ligado a um comerciante de tecidos com alguma influência na sociedade.

Consegue ganhar a questão, porém nada recebe de honorários, eis que o negociante tinha tradição de avarento.

Trata-se de uma peça de "domínio público", escrita em épocas medievais e que sempre volta para exame neste S.C.D.P. - encaminhada por diferentes emprêsas teatrais.

Nada impede a sua liberação plena, pois não contém cenas ou diálogos prejudiciais à formação da infância ou juventude.

CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

Brasilia, 6 de agosto de 1971.

Manoel Felipe de Souza Leão Neto
MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO

Censor Federal

A Secção de Censura:

Falta-se de texto liberado
anteriormente. A classificação
foi mantida.

Em 09.8.71

Callado

TC TC

de acordo.

Em: 10/8/71.

Wisseu

Fizere-se sem
restrições.

Amaluis
10.8.71



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.81

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

79
66
47

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 4 098/71

PEÇA * A FARSA DO ADVOGADO PATELIN *

ORIGINAL DE ANÔNIMO

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 12 de 12 de 19 76

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 12 de 12 de 19 71

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

Genivaldo
GEOVÁ LEMOS CAVACANTE

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 035219.82

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 29, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada _____

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

Original de AUTOR ANÔNIMO

Tradução de _____

Adaptação de _____

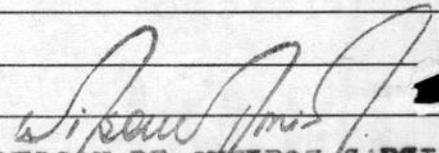
Produção de ALFREDO C. FILGUEIRAS - Rua Afonso Campos, 236 - Campina Grande - PB

Tendo sido censurada em 06 de AGOSTO de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: L I V R E **E** CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO
SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 12 de agosto de 19 71


WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

~~xxxxxx~~
Chefe da Turma de Censuras
de Teatro e Congêneres
~~xxxxxx~~

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

MEMORANDO Nº 628 /71

Em, 13 /agosto / 71

Do: Chefe da Seção de Censura do SCDP
Ao: Sr. Chefe da TCDP_DR-DPF/ PB
As: Providências (solicita)

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação ao interessado, caso a classificação estabelecida por êste SCDP esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN
Autor: ANONIMO
Intrs: ALFREDO C. FILGUEIRAS
Endrç: RUA AFRONSO CAMPOS 236-
CAMPINA GRANDE-PB

Atenciosamente,

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA.



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
DEPARTAMENTO REGIONAL DA BAHIA

Salvador, 23 de Novembro de 1971.

Nº

==

02048

Prezado Senhor:

Enviamos em anexo, 1 (hum) original e 2 (duas) cópias das seguintes peças que pretendemos encenar pelo nosso Grupo Experimental de Teatro, (As Confrarias, Senhora D.Carijó e A Farsa do Mestre Pathelin), a fim de receber a vossa aprovação.

Nêste ensejo, reiteramos a V.S., nossos protestos de alta estima e elevada consideração,

atenciosamente,

Cesar de Moraes Rêgo
DR.CESAR DE MORAES RÊGO
Diretor da D.O.S.

Otávio Mendes Batista
DR.OTÁVIO MENDES BATISTA
Diretor Regional em
exercício

Ilm^o.Sr.

MD.Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
do Ministério da Justiça/Brasília
Brasília - Distrito Federal

.emc/



M. J. - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 POLÍCIA FEDERAL DE SEGURANÇA
 SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

84
 /

TÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATHELLIN - peça teatral

PARECER

69
 /

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE, cond. ao ensaio geral

Argumento: O advogado Pathellin é convocado para defender pastor de ovelhas acusado por seu patrão de comerciante desonesto.

Pathellin, arranjando estratagem para seu cliente se livrar das acusações, consegue a absolvição, no entanto, este mesmo estratagem lhe é aplicado pelo pastor a fim de se furtar ao pagamento dos honorários devidos.

Conclusão: Trata-se de peça sem impropriedades, a bordando temática ingênua e despretenciosa, nada impedindo a liberação sem restrições, vez que já inúmeras vezes recebeu esta mesma impropriedade.

Brasília, 20 de dezembro de 71

Lenir de Azevedo Sousa
 Lenir de Azevedo Sousa

Téc. Cens. Contr.

A apreciação do Sr. Chefe do SCDP, havendo o seu parecer opinado pela liberação sem restrições.

B. 22/12/71

Tatiana de
(PCh. da SL, de ordem)

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 22 XII 1971

Rogério Nunes

SECRETARIA DE DEFESA SOCIAL
DEPARTAMENTO DE DEFESA SOCIAL



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.87

CENSURA FEDERAL

TEATRO

80
70
17

Certificado Nº 4.539-71

PEÇA - A FARSA DO ADVOGADO PATELIN -

ORIGINAL DE ANÔNIMO

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 27 de DEZEMBRO de 1976

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 27 de DEZEMBRO de 1971

LIVRE

Chefe do S. C. D. P.

Rogério Nunes
- ROGERIO NUNES -

M. J. - D. P. F.
CERTIFICADO DO S. C. D. P.
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p 88

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 43, de registro de peças

centrais, o assentamento da peça intitulada _____

- A FARSA DO ADVOGADO PATELIN -

Original de _____

- ANÔNIMO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de _____

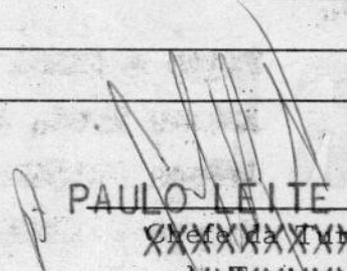
- SESC - - BA

Tendo sido censurada em 20 de DEZEMBRO de 19 71 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE, CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

ESTE CERTIFICADO SÓ É VÁLIDO, QUANDO ACOMPANHADO DO SEU SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

Brasília, 27 de DEZEMBRO de 19 71


PAULO LEITE DE LACERDA.

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
~~de Teatro e Congêneres~~
~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

[Handwritten signature]
MEM.º N.º 1039
Data 27.12.71

Do **Chefe da Seção de Censura do SCDP**
Para **Sr. Delegado Regional do DPF/BA**
Assunto: **Providências - Solicita**

71
[Handwritten mark]

Senhor Delegado:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o ensaio geral da peça abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação - ao interessado, caso a classificação estabelecida por este SCDP, esteja de acôrdo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN
Autor: Trad. de MARLENE CRESPO
Intrs: SALVADOR / BA
Endr: SALVADOR / BA

Atenciosamente,

[Handwritten signature]
PAULO LEITE DE LACERDA
Ch. Subst. da S/Censura.

398



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.90

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

87

SVOP-MEM.º N.º 213

Data 30.9.71

03387

Do: Chefe do Serviço de Operações

72

Para: Senhor Diretor da Divisão de Operações

7

Assunto: Encaminhamento - faz -

Ref. Proc. 1391/71-DO/SVOP

A S.C.D.P
06/10/71
M. de L. F. ...

Senhor Diretor:

Encaminho a V.S., em anexo, cópia de relatório da SDR/PB, versando sobre fiscalização censória, sugerindo remessa à P.F.S.

Atenciosamente,

Deusdeth de Souza Burlamaqui
DEUSDETH DE SOUZA BURLAMAQUI
Chefe do Serviço de Operações

De acordo. Encaminhe-se

Em: 30.9.71

DR DANTE NARDELLI
DIRETOR

*Ai se pra anexo
ao processo respectivo
1391/71
Wilson Mi
Chefe do SVOP
Subst.*

[Handwritten signature]
73

fazendo parte do C6ro dos Seculares: Fernanda Barreto Leite, Teresa An6lia de Farias Aires, Maria Salate Leite, Maria Geretti Soares Amerim, Humberto N6brega e Norma Barros.

Pertadora de certificado de censura federal, n6 4.130/71, com validade at6 23-08-1976, autoria de Jo6o Mehna.

36 - A FARÇA DO ADVOGADO PATHELIN

Estiveram em cena os seguintes atores (te / des amadores e estudantes de Col6gio Tiradentes): Stanie Mozart Bezerra / de Lima (PATHELIN), Maria das Graças Batista (GUILHERMINA), Jos6 Ant6nio Ribeiro (GUILHEIRME), Ubiratan Azev6de de Assis (TEOBALDO), Urandi Azevedo de Assis (JUIZ), Ant6nio Alexandre Oliveira (ESCRIV6O).

Pertadora de certificado de censura federal n6 4.098/71, com validade at6 12-08-1976, Original An6nimo.

46 - TORTURAS DE MEU CORAÇÃO OU IM B6CA FICHADA

(N6O ENTRA MOSQUITOS)

Encenaram esta peça os seguintes at6res (te / des amadores e estudantes de Col6gio Estadual Prata): Ant6nio Pereira Nunes (BENEDITO), Laerson Duarte da Silva (CABO SETENTA), Nilten Barros de Oliveira (VICENT6O), Daniel de Nascimento (AFONSO GOSFOSO), Alzira Marques / (MARIETA), Rubens Dutra (MANOEL FLORES), autoria de Ariane Suassuna, que foi liberada, nos t6rmos 36, da Leim 5.536, de 21-11-1968, com em proprie- da6e para menores at6 16 (DEZESSEIS ANOS), de conformidade com 6 citada-lei.

Como foram cumpridas 6s prescriç6es regulamentar- res, nas peças teatrais acima mencionadas, solicite seja o relat6rio em / causa, encaminhado ao SCDP, em Bras6lia, segundo 6 solicitude em Mem6. de encaminhamento, a 6sta Subdelegacia, salvo melhor Juizo.

Com nada mais 6gua de registre regressar 6 esta SDR/EB.

Atenciosamente

[Handwritten signature]

M6rio Pereira Dantas

Agt. Aux. Pol. Fed. Fivel-16.

MJ-DPP-SRA/BSB

Ilmo. SR, CHEFE DE CENSURA DE POLÍCIA FEDERAL

2530 232 044338

BRASILIA

RECEBIDO POR

EU A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS

Residente a Rua (XXX) DON LARA

N.º 504 Apto. AA Estado Civil XXXX

venho mui respeitosamente requerer á Vv. Ss. que se digne mandar censurar

a Peça: A FARSA DO MESTRE PATHRLIN"

Aforia de: TEXTO MEDIEVAL ANÔNIMO, TRAD: MARLENE CRESPO

Trad. (Adap.) LEON CHANCEREL

Que será representada a partir do dia 10 / NOVENBRO / 1.972

na Cidade SÃO VICENTE Estado SÃO PAULO

pelo Grupo ou Empresa TEATRO MORONI

com Cobrança de Ingressos.

Junto segue 3 (Três) cópias do Texto.

& Autorização da SBAT N.º

Nos referidos termos

D. deferimento

SÃO PAULO, 15 DE SETEMBRO DE 1972



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

75
17

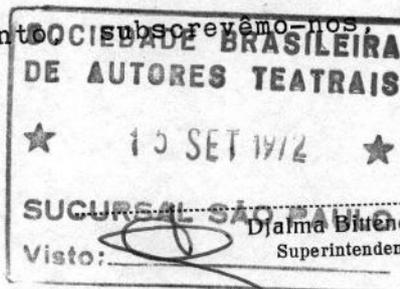
Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1972.

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:
A FARSA DO MESTRE PATELIN = Texto Mediaval - Sec.XV
DE: Trad. Marlene Crespo = Adap. León Chancerel
próxima apresentação da _____
_____ no Teatro _____
com estréia marcada para o dia Sine die (Cidade S. Vicente)

Sem outro assunto subscrevemo-nos com a maior
consideração.



[Handwritten initials and marks]

TÍTULO: A FARSA DO MESTRE PATHELIN

GÊNERO: PEÇA TEATRAL

1) S. ARQUIVO

[Handwritten signature]

Documentação: EM ORDEM

Já liberada?: SIM

Cls. Etária anterior: LIVRE

Praça: SÃO PAULO - SP

DF: 27/09/72
[Handwritten signature]
Chefe do Arquivo

4) CHEFE S.C.

[Handwritten notes and signature]
S. J. D. D. P.
Livre (fls. 5)
10/10/72

2) PROGRAMACÃO

Técnico de Censura: Paternoster

Técnico de Censura: —

Técnico de Censura: —

Data para Exame: de 04/10/72 a 06/10/72

OBS: confronto

DF: 04/10/72
[Handwritten signature]
Resp. pela Programação

3) S.C.T.C.

Emitir certificados obrigatórios ao abaixo disposto:
1 - Quantidade cert. 2 (dois)
2 - Natureza: Mais Vias
3 - Local de encaminhamento: SP
4 - Impropriedade: Livre sem cois
5 - Prazo validade: 27/12/76
6 - Grupo teatral: Teatro Moroni
Emit. 9/10/72
[Handwritten signature]
P/TCTC

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em. 10/10/72
[Handwritten signature]
Rogério Nunes



[Handwritten signatures and initials]

TÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

77
[Handwritten mark]

PARECER

AUTOR- LUIZ HASSELMANN

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

[Large handwritten signature]

ESPÉCIE... Peça teatral...

COM CORTES? não.....

BOA QUALIDADE. -x-x-...

LIV P/ EXPORTAR? -x-x-...

DUBLADO? -x-x-.....

LEGENDADO? -x-x-.....

VED EXPL COMERCIAL? -x-x-

CENAS subordinadas ao ensaio geral

ENREDO Defesa de um pastor pelo advogado Patelin

ÉPOCA medieval

GÊNERO farsa

LINGUAGEM normal

MENSAGEM positiva

PERSONAGEM em destaque, o advogado Patelin

TEMA farsa

- OBS: 1. CORTES. -não
2. CONCLUSÃO.

Trata-se de peça já censurada por diversas vezes. Sugiro seja mantido o mesmo critério liberatório.

Brasília, 6 de outubro de 1972

[Handwritten signature]
Teresa Paternostro

Cart. 256

Handwritten marks and signatures

78
27

Of. 062/SC-DCDP/72

06 10 2

SUPERINTENDENTE REGIONAL/SP

" A FARSA DO MESTRE PATELIN "

ANÔNIMO- TRAD: MARLENE CRESPO

SUPERINTENDENTE

SÃO PAULO-SP

Handwritten signature

79

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

4.539/71

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

ANONIMO

27 DEZEMBRO

76

LIVRE

10 OUTUBRO

72

96

02

43

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 98

" A FARSA DI AVVOCADO PATELIN "

ANONIMO

MARLENE CRESPO

LEON CHANCEREL

EMP. TEATRO MARONI - SP

06

OUTUBRO

72

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ESNAIO GERAL/// O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERA VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO DCDP.

57

CONTASSO

73

57

10

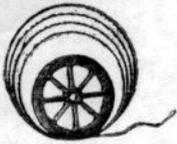
OUTUBRO

72

Hugo Fovoa da Silva
LIVRE

HUGO FOVOA DA SILVA

MG/



CINEMA DE ARTE UNIVERSITÁRIO

CONVÊNIO UFC/CPOR

AVENIDA DA UNIVERSIDADE N.º 2700 — FORTALEZA — CEARÁ

MJ-DPF-SRA/BSB

29 DEZ 10 02 ≈ 060380

Em 14/12/72

RECEBIDO POR _____

Of. N.º 38

Del 880
[Signature]

De Coordenador de Convênio U.F.C./ C.P.O.R.
Ao Chefe de Serviço de Censura e Diversões Públicas
Assunte: Apreciação de Peça (solicita)

A Sec. Censura,
mandar a anexo.
Em 28.11.72

ROGÉRIO NUNES
Diretor da DCDP

Senhor Chefe:

O Coordenador de Convênio U.F.C./ C.P.O.R. ,
vem mui respeitosamente, através deste, solicitar a V. Sa. , que
seja feita a censura de texto anexo (em tres vias), "A FARSA DO
ADVOGADO PATHELIN" de autor medieval, desconhecido, com tradução
de Luiz Hasselmann. A peça acima referida será apresentada na 1.^a
quinzena de 1973.

Apreveite e enseje para apresentar es pretes
tes de estima e elevada consideração.

[Handwritten Signature]
EUSELIO OLIVEIRA

COORDENADOR DO CONVÊNIO U. F. C./ C. P. O. R.

A Sec. Censura
as devidas providen-
cias - Em 28/12/72
[Signature]

Ilme. Sr.

Chefe de Serviço de Censura e Diversões Públicas
Brasília - D. F.



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917

Séde: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.

End. Teleg.: SBAT - RIO

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Handwritten signatures and initials

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 100

Direitos de Representação Autorização Nº 96255 *81*

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n. 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu § único, e 27, do decreto n. 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n. 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n. 21.111, de 1-3-1932, a representação da peça teatral:

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

Original de

Música de *Luiz Hassmann*

Tradução de

No Teatro *UNIVERSITARIO* Cidade *FORTALEZA*

nos dias *1ª quinzena de Janeiro*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de $\frac{\quad}{\quad}$ % da renda bruta de cada espetáculo, medi-

ante a garantia mínima de Cr\$ por espetáculo, obrigando-se a Emprêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados.

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada nas primeiras vias dos recibos oficiais da SBAT.

Handwritten signature
(pela SBAT)

Isenta de selo - Art. 1º do Dec. 7.957, de 17-9-945.

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n. 4.092, de 4 de Agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais com sede no Rio de Janeiro.

Paragr. 1.º — E' facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Policia ou em Juizo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artistica nos quais êsses associados sejam parte.

b) — Perante as Emprêsas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

Paragr. 2.º — Para o disposto no paragr. 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

Paragr. 4.º — A prova de filiação à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n. 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual fór a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto N. 5.492, de 16 de Julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela rádio telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

Paragr. Unico — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artisticas ou difusões, rádio telefônicas em que os músicos, executantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto N. 18.527, de 10 de Dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematografos, dancings, cabarés, sociedades rádio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto N. 21111, de 1 de Março de 1932:

Art. 35, paragr. 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autotrais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

100 / 104
82
my

S. C. T. C.

TÍTULO: A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

GÊNERO: PEÇA

<p>1) <u>S. ARQUIVO</u> <i>Arquivo</i></p> <p>Documentação: <u>EM ORDEM</u></p> <p>Já liberada?: <u>SIM</u></p> <p>Cls. Estária anterior: <u>LIVRE</u></p> <p>Praça: <u>FORTALEZA - CE</u></p> <p>DF: <u>02.10.1973</u></p> <p><i>[Signature]</i> Chefe do Arquivo</p>	<p>4) <u>CHEFE S. C.</u></p> <p><i>sa. via U.C.P.F. livre - Em 12.1.73</i></p> <p><i>[Signature]</i></p>
<p>2) <u>PROGRAMAÇÃO</u></p> <p>Técnico de Censura: <u>REGINALDO</u></p> <p>Técnico de Censura: <u>R</u></p> <p>Técnico de Censura: <u>-</u></p> <p>Data para Exame: de <u>08/10/1973</u> a <u>10/10/1973</u></p> <p>OBS: <u>CONFRONTO</u></p> <p>DF: <u>05.10.1973</u> <i>Bzilda</i></p> <p><i>[Signature]</i> Resp. pela Programação</p>	<p>5) <u>DIRETOR DA D. C. D. P.</u></p> <p>LIBERE-SE na forma do parecer</p> <p>Em <u>7/1/1973</u></p> <p><i>[Signature]</i> Rogério Nunes</p>
<p>3) <u>S. C. T. C.</u></p> <p><i>Exm. certificado de conformidade com o abaixo disposto:</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Quantidade: 2 (dois) 2. Natureza: <i>Mais rai</i> 3. Corp: <i>Euzebio Oliveira</i> 4. local p/encam: <i>SR/CE</i> 5. Classificação: <i>livre, s/cont</i> 6. Prazo validade: <i>27/12/76</i> <p><i>Exm: 12/01/73</i> <i>[Signature]</i> P/SCTC</p>	



M.J. DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Handwritten notes and signatures in the top right corner.

TÍTULO " A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN "

PARECER Nº 201/73

C O N F R O N T O

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E .

ESPÉCIE Peça teatral.
COM CORTES? Não
BOA QUALIDADE -
LIV P/ EXPORTAR? -
DUBLADO? -
LEGENDADO? -
VED EXPL COMERCIAL? -

CENAS -
ENREDO -
ÉPOCA -
GÊNERO -
LINGUAGEM -
MENSAGEM -
PERSONAGEM -
TEMA -

OBS: 1. CORTES. -
2. CONCLUSÃO. Comparados os textos, verifiquei não haver modificações que autorizem a alteração da classificação etária contida nos certificados ns. 1470/69, 1548/69 e outros, sendo o último válido até julho de 1976.

Dessa forma, recomendo a liberação sem restrições para todas as idades.

Brasília, 10 de Janeiro de 1973.

Reginaldo Oscar de Castro
Reginaldo Oscar de Castro

Del 1982
84
3

013/73-SC/DCDP

12 JANEIRO

SUPERINTENDENTE REGIONAL/CE

"A FARSA DO ADVOGADO PATELIN"

ANÔNIMO

: SUPERINTENDENTE,

EM PORTALEZA-CE

Leopoldo

0398

~~105~~
85
14

R E L A T Ó R I O

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

Autor: Anônimo

Certificado nº256/73

Impropriedade: LIVRE

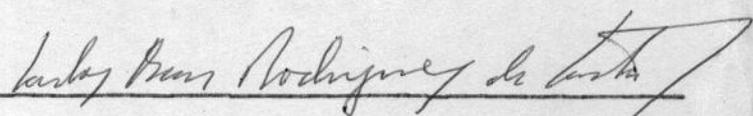
Aos 3 dias do mes de agosto do corrente ano de 1973 comparecemos ao auditório da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, a fim de assistir ao ensaio geral da peça intitulada A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN.

No transcorrer do referido ensaio geral pudemos comprovar a inteira observância às normas estabelecidas pela Censura Federal para espetáculos dessa natureza.

Face ao que foi constatado, somos de acordo pela liberação da mencionada peça teatral, na impropriedade constante do Certificado expedido por essa Divisão de Censura.

É o relatório.

Fortaleza, 06 de agosto de 1973.



Dr. Carlos Oscar Rodrigues de Castro
Técnico de Censura - SR/CE

A PARSA DO ADVOGADO PATHELIN
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p 106

256/73

: A PARSA DO ADVOGADO PATHELIN

: ANONIMO

ORIGINA
MILITARIA
MILITARIA

[Handwritten marks]
86
[Handwritten signature]

27 DEZEMBRO

76

11 JANEIRO

73

LIVRE

[Handwritten signature]
- ROGÉRIO NUNES -

[Handwritten signature]

01

08

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0352, p.107

ANÔNIMO

LUIZ HASSELMANN

EUSÉLIO OLIVEIRA

10

JANEIRO

73

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DE VIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: EUSÉLIO OLIVEIRA

11

JANEIRO

73

DEUDETEN BURLAMAQUI -

MH



MI - TFF - SRA / PSI

1 MAI 0938 ≈ 030117

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR

M. T. M. S.

R. S. *[assinatura]*87
47
[assinatura]

323

Em, 20 de maio de 1.974

Do Chefe do SCDP/SR/GB

Ao Sr. Diretor da DCDF

Assunto: ~ enc. peças teatrais.

Ref. Prots.- 18.317, 18.377- 18.378 e 18.403/74-SR/GB

Senhor Diretor,

Encaminho a V.Sa., petições da Empresa Di Melo Empreendimentos Culturais, R.B. Produções Ltda e de Maria Lina Rabelo Rocha- pela Coordenação e Direção do G.T.L., de Liceu / Nilo Peçanha na E. do Rio, protocolizadas neste SCDP sob os números acima referenciados, através das quais solicitam exame censório para as peças - AS LUXURIASSES (ERCHICHITA) DE AXARASTÁKORA", de Paulo Silvino; INCRÍVEL VIAGEM DE IDA SEM VOLTA AO PLANETA DOS ROBOTS", de Fernando Pinto; "CAAITATÉ: A RUINA DOS POVOS", de Benjamim Santos e "A FÁRSA DO ADVOGADO IATHELIN", de autor anônimo/ de 1.470, com tradução de Luiz Hasselmann.

Em anexo, seguem doze cópias dos scripts/ e quatro guias da SEAT, correspondentes as peças mencionadas.

Ac enseja reiterar a V.Sa. os protestos de consideração e apreço.

JOAQUINA VIANA E SILVA
INSPECTORA-CHEFE DO SCDP/SR/GB



ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
 Departamento de Educação Média e Superior
 LICEU "NILO PEÇANHA"

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.109
 MJ-DPF SR/GB

17 MAI 16 09 74 18403

RECEBIDO POR: *Ron*

Rio de Janeiro, 14 de maio de 1974

SRA. FIGADO

188
27

Sr.

Chefe de Censura de Diversões Públicas do D.P.F.

Brasília, D.F.

Examinado e à 30/5/74
Rio, 17/5/74
Beira
Ela. JOSELITA V. E SILVA
Chefe - SCDP-SR-GB

Saudações

Com as 3 cópias anexas da peça "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", de autor anônimo, de 1470, com tradução de Luiz Hasselmann, peço o favor de estabelecer a censura para o mesmo, uma vez que estamos inscritos para o "VII Festival de Teatro Jovem do Estado do Rio", a realizar-se em julho no Teatro de Bolso, em Campos, pelo Grupo de Teatro Liceu.

Assim sendo, subscrevo-me atenciosamente

Maria Lina Rabello Rocha

Maria Lina Rabello Rocha - pela Coordenação e Direção do G.T.L.



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 09 de maio de 1974

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

"A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN"

DE: Autor Anônimo, tradução de Luiz Hasselmann

próxima apresentação da GRUPO DE TEATRO LICEU NILO PEÇANHA

no Teatro de Bolso (CAMPOS)

com estréia marcada para o dia 2a. quinzena de Junho/74

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,

Djalma Bittencourt
Djalma Bittencourt
Superintendente



TEATRO

Handwritten initials and marks in the top right corner.

TÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

1) S. ARQUIVO

Documentação E - Ordem

Clas. Anterior LIVRE

Praça RIO DE JANEIRO - 68

Obs.: _____

DF. 23 / 5 / 94

Handwritten signature of the Chief of the Archive Section.

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

Handwritten notes and numbers: "110", "90", and other marks.

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Handwritten note: "Evita-se certificar casos na forma do parecer 15960/74, que acolho, condicionados, todavia, ao exame do ensaio geral."

Handwritten signature and stamp of P. V. DE AZEVEDO NETTO.

P. V. DE AZEVEDO NETTO
Chefe da SCTC-SC/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em, 06 de / 1974

Handwritten signature of Wilson de Queiroz Garcia.

Wilson de Queiroz Garcia

Handwritten signature: "Chefe do S.C."



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P A R E C E R N.º

15960/74

Título : " A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN"

Espécie: PEÇA TEATRAL = Confronto

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

CENAS CONDICIONADAS AO ENSAIO GERAL

A matéria examinada, constitui-se de uma famosa comédia medieval, enfocando o logro em que caiu o advogado PATHEEIN ao defender um pastor, acusado por seu patrão de desonestidade.

No confronto, observei identidade de textos pelo que confirmo a classificação etária anterior ou seja, L I V R E, de acordo com a Lei 5536.

Brasília, 3 de junho de 1974

Helena Medeiros
M^{te} HELENA MEDEIROS

372/74 - SCTC/SC/DODF

5. junho

4

92
NY

Superintendente Regional do DPF - GUANABARA

" A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN "

" ANÔNIMO "

Superintendente:

Niteroi/RJ.

FVAN/fnn.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

Handwritten mark

: ANÔNIMO

| LUIZ HASSELMANN |

: GRUPO DE TEATRO LICEU NILO PEÇANHA

MARIA LINA RABELO ROCHA

03 JUNHO

74.

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE VIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Handwritten signature

Handwritten signature
WILSON DE OLIVEIRA GARCIA

06 JUNHO 1974

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.115

256/74

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

ANÔNIMO

06 JUNHO 79

06 JUNHO 74

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

Rogério Nunes



MJ-DPF-SRA/SSB

6 AGO 15 07 74 52641

RECEBIDO POR *Automa*

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-DPF

Of. nº 566 /74-SCDP-SR/GB

Em /21/8 /1974

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto censura de peça

Ref. prot 31.047/74-SR/GB

FICHA DO S. A. DCDP

De ordem ao Arquivo em 27.08.74
Ruth Negules
Chefe de SA/DCDP

Peça "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN ou DE COMO AGARRAR UMA VELHA RAPOSA PELO RABO"
Autor-Trad. e Adaptação de...
R. Sandy.....
Guia da SBAT. de 20.8.74.....

Senhor Diretor,

Para fins de exame censório, encaminho a essa DCDP, em 3 (tres) vias, o texto da peça teatral acima referenciada e, na oportunidade, renovo a V.Sa. os protestos de estima e distinta consideração.

[Assinatura]
Chefe do SCDP-SR/GB-

100
7

CIARTE

CENTRO INTEGRADO DE ARTE LTDA.

Av. Marechal Camara, 271/804 — Rio — GB.

CGC 42.287.508/0001

[Handwritten signature]

Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1974

101
[Handwritten mark]

MJ-DPF SR/GB

20160 1534 74 31047

[Redacted box with handwritten signature]

SRA/FICHADO

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura
De Diversões Públicas do DPF
Brasília, D.F.

*Encaminhar a Brasília em 20/08/74
Ruy P. Sandy*

Saudações

Vimos com a presente encaminhar a V.S.
para fins de censura três (3) cópias de peça:

"A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

ou

DE COMO AGARRAR UMA VELHA RAPOSA PELO RABO"

De autor medieval desconhecido do séc. XV

Trad. e adaptação de R.Sandy

nossa próxima apresentação.

Informamos, outrossim, que já nos encontramos registrados na TCDP -DR/GB sob o nº 181.

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos,

atenciosamente

[Handwritten signature]
Ruy Pinto Sandy
sócio/gerente



[Handwritten signature]

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil.

112
27

Rio de Janeiro, 20 de Agosto de 1974

Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
para fins de CENSURA (TRES) cópias da peça:
A FARSA DO ADVOGADO PEDRO PATHELIN ou DE COMO AGARRAR UMA VELHA
RAPOSA PELO RABO - De Autor Desconhecido-Trad. Ruy Sandy
DE:
próxima apresentação da DE CIARTE -
..... no Teatro DA NABE -
com estréia marcada para o dia 20 de Setembro de 1974

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
consideração,

[Handwritten signature]
por Djalma Bilhecour
Superintendente



TEATRO

125/17

TÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN
OU DE COMO AGARRAR UMA VELHA RAPOSA
PELO RABO.

1) S. ARQUIVO

Documentação Em ordem

Clas. Anterior LIVRE

Praça RIO DE JANEIRO - GB

Obs.: _____

DF. 28/8/74

Jose
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

113
17

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o Parecer no 19385/74.

Emito-se os certificados, livre, em conformidade, condicionado, to-davia, ao exame do ensaio geral.

A consideração do senhor chefe do SC.

Em, 09.09.74

Maurício
Mancel Francisco Clavery Guido
Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres SC

5) Diretor da D. C. D. P.

Libere-se
Em 10074
Maurício
Mancel Francisco Clavery Guido
Chefe de Serviço de Censura
Subst.

PARECER Nº 19385 / 74TÍTULO: " A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN "CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Trata-se de peça de autor anônimo, de cunho satírico em forma de farsa, em clima de comédia passada na Idade Média. O trabalho já foi liberado inúmeras vezes por este Serviço, podendo sua liberação ser renovada com a mesma classificação etária anterior, ou seja, sem restrições etárias, desde que condicionada ao ensaio geral.

Brasília, 06 de setembro de 1974

Mery M. Cavalcanti de Albuquerque
Mery M. Cavalcanti de Albuquerque

719/74-SCTG/SC/DCDF

Superintendente Regional do DPF na Guanabara

"A FARSA DO ADVOGADO PATELIN"

Ruy Sandy

Superintendente:

Rio de Janeiro -GB

MEJG/rs

100974
~~ATA~~
115
M

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 122
A FARSA DO ADVOGADO PEDRO PATHELIN OU COMO AGARRAR UMA VELHA

116
[Handwritten signature]

RAPOSA PELO RABO.
R. SANDY (TRAD. E ADAPTAÇÃO)

IDEN
IDEN

256/74

- 80 -

A FARSA DO ADVOGADO PEDRO PATHELIN OU COMO AGARRAR UMA VELHA
RAPOSA PELO RABO.

LIVRE (TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO) RUY SANDY
SEITE CERTIFICADO DE REGISTRO DE PROTEÇÃO DE DROGAS

10 SETEMBRO

79

10 SETEMBRO

74

[Handwritten signature]

[Handwritten signature]

LIVRE

ROGÉRIO NUNES

[Handwritten signature]

: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN OU COMO AGARRAR UMA VELHA

RAPOSA PELO DIABO

: R. SANDY (TRAD. E ADAPTAÇÃO)

IDEM

IDEM

:CIARTE - GB -

RUY PINTO SANDY DO DELICIAS DO ADVOGADO DO ARATÁ :

06 SETEMBRO

74

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCCR.....

10

SETEMBRO

74

MANOEL FRANCISCO D. GUIDO - SUBST.

MHF

LIVRE



J - DPF - SRA/BSB

AGD 114675 49398

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Handwritten notes and signatures in the top right corner, including a large signature and some illegible scribbles.

529

Em ,08 de julho de 1.974

Do Chefe do SCDP/SR/GB

Ao Sr. Diretor da DCDP

Assunto :- enc. texto de peça teatral.

Ref. prot. 29.520/74-SR/GB

*Ao Arquivo:
1- Formar processo;
2- Enc. ao SC para providências requeridas.
Luiz: 14/8/74.
Wilsou (mi)
Sr. Subst. DCDP.*

**FICHA DO
DA DCDP**

Senhor Diretor,

Em anexo, encaminho a V.Sª., petição de Barbara Gomes Arruda, através da qual solicita exame censório para a peça - " A FARSA DO ADVOGADO PATELIN", de autor anônimo, tradução de Luiz Hasselmann, juntando para o fim proposto 3 (tres) e - xemplares do script da aludida obra.

Outrossim, deixa de seguir a guia da SBAT , visto o tradutor da peça não ser filiado àquela entidade.

Ao ensejo renovo a V.Sª os protestos de consideração e apreço.

Joselida V. Silva

Belª. Joselita Viana e Silva
Inspetora-Chefe do SCDP/SR/GB

MJ-DPF

SR/G8

EXMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA

29520

BR 100 093 9 74
[Stamp with signature]

SRA/FICHADO

95
14

BÁRBARA GOMES ARRUDA, residente à Rua Silveira Martins, 128/212 - Flamengo, responsável pelo grupo teatral "Centelha", respeitosamente solicita a liberação da peça "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN" de autor anônimo, tradução de Luiz Hasselmann, com textos adicionais para apresentação do espetáculo de Bárbara Gomes Arruda, composta de seis cenas.

Na ocasião, pede liberação do texto acima referido o mais breve possível, visto que o Grupo Centelha pretende apresentá-lo no FESTIVAL NACIONAL DE PETRÓPOLIS, a se iniciar em 28/08/74.

N. Termos

P. Deferimento

Rio de Janeiro (GB), 07 de agosto de 1974

Barbara Gomes Arruda
BÁRBARA GOMES ARRUDA

TEATRO

TÍTULO A FARSÁ DO ADVOGADO PATHELIN

1) S. ARQUIVO

Documentação Em OrdemClas. Anterior LIVREPraça RIO DE JANEIRO - GB

Obs.: _____

DF. 14/8/74

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. De acordo com o
Processo no 18593/74.A S. E. para emitir
os certificados com impropriedade, livre, em con-
dições condicionadas, todas as
ao exame do ensino grad.A consideração do
senhor Chefe do S.C.Em, 270874Manoel Francisco Claret Gillo
Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

libere-seEm 270874Manoel Francisco Claret GilloManoel Francisco Claret Gillo
Chefe do Serviço de Censura
Subst.



PARECER Nº 18593 174

TÍTULO: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN (teatro)

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Trata-se de uma peça teatral de autor anônimo, obra clássica da Idade Média. É uma farsa, em que o advogado Pathelin engana um comerciante e depois vai defender em juízo um pastor, empregado daquele, combinando uma farsa com o indiciado, a fim de podê-lo inocentar. Quando o advogado vai cobrar do pastor as custas combinadas, ele usa contra ele a mesma farsa, sem que o advogado pudesse fazer alguma coisa.

A peça já foi liberada várias vezes por esta DCDP, com a classificação etária "LIVRE". Efetuado o confronto, constatei a identidade dos textos, com apenas algumas inclusões breves que em nada alteram o conteúdo, e ainda uma breve apresentação introdutória. Sugiro sua liberação, com a mesma classificação etária até agora mantida, condicionando-a ao ensaio geral.

Brasília, 21 de agosto de 1974.

Avellino Gambim
AVELINO GAMBIM

~~270875~~

98
/

668/74-SCTC/SG/DCIP

Superintendente Regional do DPF na Guanabara

"A FARSA DO ADVOGADO PATELIN"

Anônimo

c Superintendente:

Rio de Janeiro -GB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p 129

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

ANÔNIMO

LUIZ HASSELMANN

256/74

GRUPO TEATRAL CENTELHA

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

BARBARA GOMES ARRUDA

74

AGOSTO

21

OCIDAMENTE CARIMBADO PELA DEGR.
PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT
L I V R E . CONDICIONADO AD EXAME DO TITULO GERAL. B
ANÔNIMO

26

AGOSTO

79

LIVRE

26

AGOSTO

74

ROGÉRIO NUNES

[Handwritten signatures and scribbles]

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P 130

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

ANÔNIMO
LUIZ HASSELMANN

GRUPO TEATRAL CENTELHA
BARBARA GOMES ARRUDA

21 AGOSTO

74

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O
PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

26 AGOSTO 74

Manoel Francisco Guido
MANOEL FRANCISCO G. GUIDO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA ____/____/____ M. J. - DPF - SRA/BSB
AS ____ HRS.
Assinatura Legível

31001 Nº 085074 066666

RECEBIDO POR

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
RADIOGRAMA RECEBIDO

39917

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES
SEOP - CMG

INDICAÇÕES
DE SERVIÇO

PREÂMBULO: BHORIZONTE 1935 16 31/10 10:30
RECEPÇÃO: C560 MC MC 31/1028

RECEBIDO EM 31 OUT 1974 AS 10:30

ENCAMINHADO A: DCDP

EM ____/____/____ AS

RUBRICA:

DCDP - BSB.

NR 1935/74 SCDP/SR/MG DE 311074 PT SOL URG SOLUÇÃO RELATORIO APENSO
OFICIO 2938/74/SCDP/SR/MG VG DATADO 23/10/74 PT

SR/MG

FICHADO
S. A. DCDP

A S.C.T.e.
para informar
Em 31/10/74
Manoel Francisco

As V.C. verificadas e movidas.
Em 31. 10. 74

Manoel Francisco
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

ROGERIO NUNES
Chefe de DCDP

END

TEXT O E ASSINATURA

~~132~~
125
17

OFÍCIO Nº 1198/74-SC/DCDP

1º de novembro de 1.974

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Senhor Superintendente Regional do DPF na Guanabara

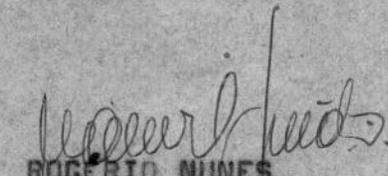
: Encaminhamento (Paz)

Anexo: 2ª via do certificado.

Senhor Superintendente:

Encaminho a Vossa Senhoria a anexa 2ª via de certificado de censura da peça teatral intitulada "A FARSA DO ADVOGA DO PATHERLIN" de autor ignorado produzida por Luis Halsemann solicitação tendo mandado proceder a entrega ao interessado.

Na oportunidade, renovo a Vossa Senhoria protestos de estima e consideração.


ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 03521 P.133

133
130
[Signature]

A FARSAS DO ADVOCADO PATHECIN :

ANONIMO :

256/74

LUIZ HASSELMANN

126
[Signature]

A FARSAS DO ADVOCADO PATHECIN

2ª VIA

74

AGOSTO

15

ANONIMO

DEVIDAMENTE CARINHADO PELA COP. PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"

26 AGOSTO

79

[Signature]

31 OUTUBRO

74

[Signature]
LIVRE

ROGERIO NUNES

1111

: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

: ANÔNIMO

LUIZ HASSELMANN

: GRUPO TEATRAL CENTELHA - GB -

12

AGOSTO

74

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O

PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

31

OUTUBRO

74

Manoel Francisco C. Guido
MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

-7 MB 1140 E 48510

Rauy

117
129

398

OFÍCIO Nº 047/74- SCDP/DPF/RJ Em 06 de agosto de 1974
Do Diretor da Divisão de Polícia Federal no Estado do Rio de Janeiro
Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas- DPF/BSB
Assunto : Encaminhamento (Faz)

FICHA DO
S. A. DCDP

*Quem se ao processo
e observar as alterações.*

07.8.74

Senhor Diretor:

Com o presente, encaminho, em anexo, a V.S., relação, informação e relatórios das peças teatrais encenadas no Teatro de Bolso, no município de Campos, por ocasião do VIII FESTIVAL DO TEATRO JOVEM DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, realizado no período de 19.07 a 04.08.74.

Na oportunidade, comunico, ainda a V.S., que o Certificado da peça teatral intitulada " A FARSA DO ADVOGADO PATHE LIN ", de autor anônimo, encenada pelo G.T.L. (GRUPO TEATRAL DE LICEU) - Niterói, não foi entregue ao respectivo grupo, tendo em vista o parecer do Técnico de Censura, que opina pela mudança de classificação, de livre para 14 anos.

Ao ensejo, reitero a V.S., protestos de estima e distinta consideração.

Nilton dos Santos Brito
NILTON DOS SANTOS BRITTO - Bel

Diretor da DPF/RJ

Anexos: informação, relação e treze relatórios das peças teatrais



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Departamento de Polícia Federal

Serviço de Censura de Diversões Públicas

Peça.....: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

Autor.....: ANÔNIMO

Grupo.....: G.T.L. (Grupo Teatral do Liceu) - NITERÓI

Direção...: MARIA LINA

Local.....: TEATRO DE BOLSO - Campos

Uma farsa do século XV, na França, onde Pathelin, um inteligente mas pobretão advogado, imagina burlar o negociante Guilherme que vendia fazendas, conseguindo retirar de sua loja uma peça de tecido para sua mulher que lhe atazanava o juízo, tecido este que seria pago em sua casa após um lauto jantar imaginário que estaria sendo preparado em homenagem ao negociante.

Quando este chega na casa de Pathelin, é recebido pela mulher que diz não saber de nada sobre jantar ou tecidos e que seu marido estava de cama já há bastantes dias e portanto não teria sido ele o comprador da fazenda, tudo preparado entre ela e Pathelin. Confusão total indo parar e, juízo, quando lá também Pathelin consegue embrulhar o juiz que lhe dá ganho de causa, para desespero do infeliz negociante.

Comédia ingênua, mas que com este grupo não poderá ser LIVRE, pois existem marcações de agarramentos entre Pathelin e a empregada. Não poderão ser apresentados os cacos pornográficos: porra, etc..., assim também como sem causa justificada o negociante ficar pegando e balançando um saco de moedas que ele carrega na frente do corpo, como se fosse o seu membro.

Obedecido o determinado, a Impropriedade da peça é para menores de 14 anos.

É o nosso parecer.

Augusto da Costa
 AUGUSTO DA COSTA
 Téc. de Censura
 Mat. 1.113.220

0398



100140 060315

[Handwritten signature]

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Antônio

[Handwritten marks]
119

FICHADO
S. A. DCDP

662

Em, 30 de setembro de 1974

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas da SR/GB
Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-BSB
Assunto :- encaminha pareceres

*De ordem
ao arquivo
em 01/10/74*

FICHADO
S. A. DCDP

Senhor Diretor:

[Handwritten signature]
Pasta de Arquivo
Chefe de SR/GB

Encaminho a V.Sª. pareceres referentes aos ensaios gerais das peças:- " ELAS SÃO DO BARALHO" e " A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", bem assim, dos programas de televisão abaixo discriminados, acompanhados dos respectivos certificados (cópias).

A GRANDE FAMÍLIA Nº 100	Certificado nº 442/74.
A GRANDE CHANCE Nº 28	" " 443/74.
FANTÁSTICO O SHOW DA VIDA Nº 58	" " 444/74.

Apresento a V.S. os protestos de consideração e apreço.

[Handwritten signature]
WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/GB



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Departamento de Polícia Federal
Serviço de Censura de Diversões Públicas

Handwritten notes:
420
120
K
338/24

ENSAIO GERAL

Parecer.....

Peça.....: "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN"
Autor.....: Anônimo
Produção.....: Grupo Centelha
Direção.....: Barbara Arruda
Local.....: Escola de Teatro do Est. da Guanabara
Data.....: 26.9.74

Comédia para o tipo farsa pas-
sada na França durante o século XV.

Conta a história de um advoga-
do falido nas finanças mas muito matreiro que, para agra-
dar a sua mulher que lhe atazanava o juízo pela falta de
roupas novas, vai a uma loja de fazendas e depois de mui-
ta lábria com falsos elogios ao negociante, consegue levar
uma peça de fazenda para sua casa, prometendo pagar mais/
tarde.

O negociante apesar de muito /
insistir é ludibriado pelo advogado, não conseguindo rece-
ber a quantia devida. Paralelamente, o advogado defende /
um empregado do negociante que é acusado de roubo, quando
a causa vai à julgamento. Neste, o juiz é enrolado também
pelo advogado que consegue inocentar o empregado, mas pa-
ra seu desespero, o empregado não lhe paga o devido.

Peça ingênua, saudável, sendo
um ótimo entretenimento para o público. Cenário e marca-
ções sem quaisquer restrições. L I V R E.

Guanabara, 27 set 74

ENCAMINHE-SE A
D.C.D.P.-DPF-BSSB/DF.
Em 27 09 /74
p. [Handwritten signature]
Chefe do SCDP-SR-GB

[Handwritten signature]
AUGUSTO DA COSTA
Téc de Censura
Mat. 1.113.220



MJ - DPE - SRA / BSB

23 OUT 10 42 7 065426

[Handwritten signatures and initials]

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS-SR/GB

Of. nº 736/74-SCDP-SR/GB

Em 21.10.74

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : encaminha pedido de 2ª via de certificado

Ref. prot. nº 39.460/74-SR/GB

FICHADO
S. A. DCDP

*Hoje Adilson
recificou e provido
em 24/10/74*

[Handwritten signature]
Mendes
DCDP

Senhor Diretor:

Em anexo, encaminho a essa DCDP, para os devidos fins, ^{cópia} petição firmada pelo Sr. ADILSON PEREIRA DOS SANTOS, responsável pelo Grupo Teatral Centelha, em que solicita 2ª via do Certificado nº 256/74, referente a peça "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN", em virtude de haver sido extravia do o original do citado documento.

Renovo a V.Sa. os protestos de minha consideração e apreço.

[Handwritten signature of Wilson de Queiroz Garcia]

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP-SR/GB-

134
122

Ilmo Sr. Diretor da Divisao de Censura e Diversoes Públicas de Brasilia Distrito Federal

A.P.R. - SUPERINTENDENCIA REGIONAL - 62	
SECRETARIA DE CULTURA FEDERAL	
NUMERO	39460
DATA	18 10 1974
ASSINATURA	

Solicitamos que V.S. se digne nos conceder o certificado (2ª - via) da peça "A farsa do advogado Pathelin"; peça de autor ignorado traduzida por Luis Halssemann. Cientifico-vos que tal pedido se prende ao fato do extravio do original

Nestes termos p. deferimento

Adilson Pereira dos Santos
Adilson Pereira dos Santos, resp pelo grupo teatral Centelha

em 18-10-74

TEATRO

TÍTULO A Farsa do Advogado Pathelin

135
123

1) S. ARQUIVO

Documentação sem ordem

Clas. Anterior livre

Praça Rio de Janeiro - GB

Obs.: Emissas de 2ª via de Certificado atendendo despacho do Sr. Diretor

DF. 24/10/74

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

A seq. Exp. para emitir a 2ª via solicitada conforme despacho do Sr. Diretor.

Em 25/10/74

Manoel Francisco Clavey Guida
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em 30/10/74

Manoel Francisco Clavey Guida
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

13/59

: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

: AUTOR ANÔNIMO
LUIZ HASSELMANN

25/325

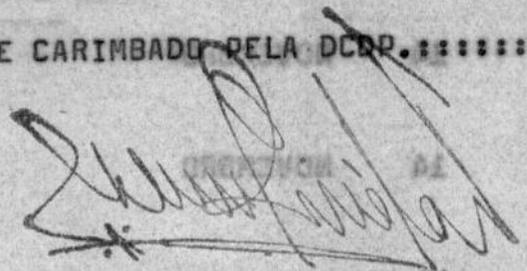
FUNDAÇÃO TEATRO GUAÍRA - PR -
SALE WOLOKITA

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

08 NOVEMBRO

74

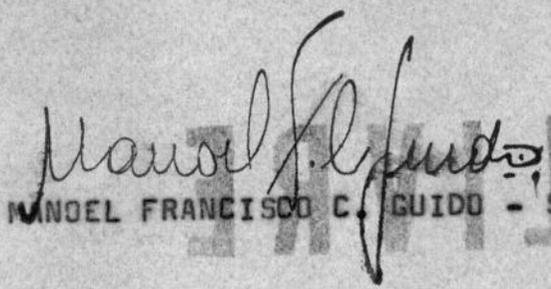
L I V R E. CONDICIONADO AD EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRE-
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE
VIDAMENTE CARIMBADO PELA DCCP.



14

NOVEMBRO

74



MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

133
27

A FARSAS DO ADVOCADO PATHELIN

AUTOR ANÔNIMO

LUIZ HASSELMANN

256/74

A FARSAS DO ADVOCADO PATHELIN

FUNDAÇÃO TEATRO GUAIRA - PR -

SALE WOLKITA

AUTOR ANÔNIMO

NOVEMBRO 08

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DE QUALIDADE GERAL. O PRE-
SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE

14 NOVEMBRO 79

14 NOVEMBRO 74

LIVRE

ROGÉRIO NUNES



MJ - DPF - SRA / BSB



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ

31000 1002 74 067007

RECEBIDO POR

Autuini

OF. Nº 2582/74-SCDP/SR/PR

Em 21 de outubro de 1974.

Do Superintendente Regional do DPF no Estado do Paraná.

Ao Ilmº. Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.

Assunto Peças teatrais para censura (remete).

FICHADO
S. A. DGDPDe ordem
ao arquivo
em 01/11/74

Ruth Rogales
Chefe do SA/DCDP

Senhor Diretor,

Pelo presente, temos a honra de encaminhar a V. Sª. 03 (três) exemplares da peça teatral "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", de autor anônimo, e 03 (três) exemplares da peça intitulada "VEREDA DA SALVAÇÃO", de Jorge de Andrade, para fins de censura.

Valemo-nos da oportunidade para reiterar a V. Sª. nossos protestos de consideração e estima.

Alcindo Pereira Gonçalves
Superintendente Regional do DPF.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ



FUNDAÇÃO TEATRO GUAÍRA

Of. 8/74-GS-FTG.

Curitiba, 21 de outubro de 1.974

128
 [Handwritten signature]

SENHOR DIRETOR:

Anexo ao presente, estamos encaminhando a Vossa Senhoria, para liberação desse Serviço de Censura - Diversões Públicas, três (3) exemplares da peça A Farsa do Advogado Pathelin, de autor anônimo e três (3) exemplares da peça Vereda da Salvação de Jorge Andrade, a serem apresentadas pelo Curso Permanente de Teatro da Fundação Teatro Guaíra, para a 1ª quinzena de novembro.

Outrossim, solicitamos à Vossa Senhoria, se digne mandar devolver este material à Delegacia de Polícia Federal, desta Capital.

Na oportunidade, renovamos a Vossa Senhoria protestos de estima e consideração.

[Handwritten signature]

SALE WOŁOKITA
 Diretor Superintendente

AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR
 Doutor ROGÉRIO NUNES
 MD. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA FEDERAL
 Edifício B.N.D.E. - 3ª andar
BRASILIA - DISTRITO FEDERAL



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
 Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
 Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
 Rio de Janeiro — Brasil.

CURITIBA
 Rio de Janeiro, 21 de OUTUBRO de 19 74

OF. Nº 035/74-Pr.

Sr.

CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO D. P. F.
 Brasília, D. F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V. S.,
 para fins de CENSURA (3) cópias da peça:

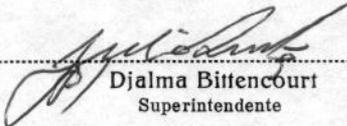
"A FARSA DO ADVOGADO PATELIN"

DE: AUTOR ANÔNIMO - TRADUÇÃO DE LUIZ HASSELMANN

próxima apresentação da CURSO PERMANENTE DE TEATRO DA
 FUNDAÇÃO T. GUAIRA. EM CURITIBA-PR.
 no Teatro

com estréia marcada para o dia 1ª QUINZENA DE NOVEMBRO/74

Sem outro assunto, subscrevêmo-nos, com a maior
 consideração,


 Djalma Bittencourt
 Superintendente

TEATRO

TÍTULO Farsa do Advogado Pathelin

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordemClas. Anterior LivrePraça Curitiba - ParanáObs.: Retida, pois, estava aguardando
Processo que se encontra em S.C.T.C.DF. 05/11/74

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer N°
91737/74.Emita-se os certificados, LIVRE
condicionado, todavia, ao exame
do curso Pedag.Em consideração do Sen/PA
Chefe do S. C. Ex 13/10/74Manoel Francisco Claverly Guido
Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecerEm, 14/11/74Manoel Francisco Claverly Guido
Chefe do Serviço de Censura
Subst.



3/
M
P
S

PARECER Nº 21.737 174

TÍTULO: A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

ESPÉCIE: Peça teatral de autor anônimo - tradução de

Luiz Asselmann

Peça já censurada por diversas vezes e liberada sem restrições etárias. Ao confrontar o presente texto constatei tratar-se de cópia idêntica a existente no processo, portanto, sugiro se ja mantido o mesmo critério liberatório.

Brasília, 8 de novembro de 1974

Teresa Guimarães Paternostro

Handwritten signature or initials.

132
Handwritten mark.

944/74-SCTC/SC/DCDP

Superintendente Regional do DPF no Paraná

"A FARSA DO ADVOGADO PATHERLIN"

Anônimo

Superintendente:

Curitiba-PR

MFOG/re

MJ-DPF-SRA/BSB

14 FEV 11 13 008608

ILMO. SR.
DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

RECEBIDO POR: *Ray*

134
ay

Clarisse Chiappini Castilhos, brasileira, residente à rua da República, 496, apto. 302, filha de Ario Castilhos e Zeida Chiappini Castilhos, responsável pelo GRUPO GRAL - PORTOALEGRE, com sede à rua Pôrto Calvo, 168 - casa 4, vem mui respeitosa^{mente} solicitar a V. S^a se digne aprovar e liberar as peças " A Farsa do Advogado Pethelin", farsa medieval em um ato, de autor desconhecido, tradução de Luiz Hasselmann e "O Pastelão e a Torta", farsa medieval de autor desconhecido, em um ato, tradução de Cláudio Fornari, que vão compor um mesmo espetáculo.

Nestes Termos
Pede Deferimento

Clarisse Castilhos

Porto Alegre, 20 de janeiro de 1975



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

14/07
Vale
135
44

Porto Alegre, 5 de fevereiro de 1975

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura de
Diversões Públicas
BRASILIA - DF

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S. para fins de CENSURA, 3 cópias da peça "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", autor anônimo, Trad. de Luiz Hasselmann, e "O PASTELÃO E A TORTA", de autor desconhecido, tradução de Claudio Fornari, e que serão apresentadas pelo grupo GRAAL de Porto Alegre.

Cordialmente

SBAT

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais
Sucursal Rio Grande do Sul

[Handwritten Signature]
DR. ARON MENDA
REPRESENTANTE GERAL

TEATRO

134
17

TÍTULO A Farsa do advogado Pathelin

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordem
Clas. Anterior lura
Praça Porto Alegre - RS
Obs.: _____

DF. 19/12/75

Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA



2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___
DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C. Concordo com o parecer nº 1235/75

A. A. S. C. para emitir certificado com a chancela de livre, sem corte, todavia, condicionada ao exame do anexo geral.

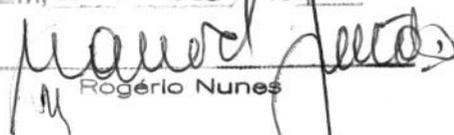
Em 25/02/75


Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de Teatro e Congêneres / SC

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer
Em, 26 02 1975


Rogério Nunes



157 Val 137

PARECER Nº 1235 175

TÍTULO: "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN" autor: Anônimo.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE (CONFRONTO).

Nesta data procedi ao confronto da peça teatral "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN" e, constatei, completa identidade em ambos os textos, podendo o último ser liberado com a mesma chancela do primeiro, ou seja: LIVRE.

Brasília, 24 de fevereiro de 1975

Gláucia B. Soares
Gláucia Baena Soares.

152
f

138

270275

140/75-SGTC/SC/DCDP

Superintendente Regional de DPF no Rio Grande do Sul-SR/RS

" A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN "

Anônimo

Superintendente:

Porto Alegre -RS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 155

153
#

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

MILITANT DO MOVIMENTO PATHELIN

139
07

256/75

LUIZ BRASILEIRO

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

GRUPO EDITORIAL - PATHELIN

CLASSIFICACAO PATHELIN

26 FEVEREIRO

80

26 FEVEREIRO

75

LIVRE

Handwritten signature

Handwritten signature

ROGÉRIO NUNES

: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

: LUIZ HASSELMANN

: GRUPO GRAL - PORTOALEGRE - RS -
CLARISSE C. CASTILHOS

24 FEVEREIRO

75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRE-

SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DSDP.....

[Handwritten signature]
[Handwritten signature]

26

FEVEREIRO

75

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

MHF

MJ - DPF - SRA / BSB

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P-157

14 ABR 14 11 N 20785

Brasília, 14 de Abril de 1975

RECEBIDO POR *[assinatura]*

Ilmo. Sr.

DIRETOR DO

SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PÚBLICAS DO

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

NESTA,

Prezado senhor,

Vimos pela presente solicitar a censura do texto "FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", uma farsa medieval de autor desconhecido (anônimo).

Sem mais, agradecemos,

Atenciosamente

[assinatura]

José de Souza Neto pelo

GRUPO DE TEATRO AMADOR

"PEDRA"

156
A

130
M

BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P. 159

BR DEANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

FARSA DO ADVOGADO PÁTHELIN

256

FARSA DO ADVOGADO PÁTHELIN

... JURETI OIAPO DO WAKI CA...
... PRENTE CERTIFICADO...
... OITAVETTE COARINHO...

Handwritten notes:
160
142
17
2/10/19

LIVRE

Handwritten signature:
Rogério Nunes

ROGÉRIO NUNES

00
75

Recebi as duas
vias do certificado da
censura Federal

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.160

FARSA DO ADVOGADO PATELIN

[Handwritten signature]
2/105/75

GRUPO DE TEATRO ANADOR "PEDRA" - DF -

22 ABRIL

75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O
PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT"
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.....

REQUERENTE: JOSÉ DE SOUZA NETO

[Handwritten signature]
24 ABRIL 75

mhf

[Handwritten signature]

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO - SUBST.

130 70

Brasília, 30 de Abril de 1975.

143
M

Ilmo. Sr.
DIRETOR DO
SERVIÇO DE CENSURA E DIVERSÕES PUBLICAS DO
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
NESTA

Prezado Senhor,

Vimos pela presente solicitar a censura do ENSAIO GERAL DA peça teatral "FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", uma farsa medieval de autor desconhecido, no dia 2 de Maio de 1975, às 15 horas na sala de Conferência do Setor de Difusão Cultural.

Sem mais, agradecemos.

A S.E.T.C. para providências.

Em 300475
Manoel Francisco Clavery
Chefe do Serviço de Censura
Subst.

Atenciosamente



Jose de Souza Neto

p/ GRUPO PEDRA

M^{ca} Arlete e

Sr. Chefe.

De acordo com o. des
pachos de V. S.^a foi feito
o ensaio geral e entre
que as duas vias do es
tificadas as interessadas.

Em 5/05/75-

Florivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de
Teatro e Congêneres / SO

Resposta, para
proceder ao ensaio
geral. Em 2/6/75

124
7FARSA DO ADVOGADO PATHELINCENA I

Autor anônimo

Farsa Medieval

Tradução de Luiz Hasslmann

PATHELIN: Por Deus, Guilhermina. Por mais que dê tratos à bola, não consigo descobrir um meio de ganhar um vintém. Houve tempo, no entanto, em que não me faltavam clientes nem belos escudos.

GUILHERMINA: Pois é, esse tempo já vai bem longe. Para mim, a advocacia é a pior profissão do mundo. Um dia, um dia mal, ora enganando, ora enganado. Nunca vi coisa assim.

PATHELIN: E posso jurar que não há nesta cidade melhor advogado do que eu. Ninguém conhece como eu as correntes, as molas, as engrenagens dos processos. Não há quem seja mais esperto do que o doutor Pathe-
lin para torcer as leis. Sou um verdadeiro mestre...

GUILHERMINA: (cortando) ... de trapaça! Neste domínio você não cede a ninguém o primeiro lugar.

PATHELIN: Não confunda os nomes nem as coisas. Sou simplesmente hábil.

GUILHERMINA: Bela habilidade... enfim, tudo neste mundo pode ter dois nomes.

PATHELIN: Isso não vem ao caso. O que precisamos é achar algum modo de ganhar dinheiro. Veja em que estado estão o seu vestido e a minha / roupa. Até parece que estamos vestidos de gase, como anjos de procis-
são.

GUILHERMINA: É verdade. Cada vez que sento ou encosto em algum lugar, tenho medo de deixar colado um pedaço da minha saia. O dia em que isto acontecer, só me resta o recurso de fingir de paralítica e esperar passar o resto da vida sentada... porque ganhar outro vestido, não te-
nho a menor esperança.

PATHELIN: Pois você ganhara um, e hoje mesmo.

GUILHERMINA: O que?! Você enlouqueceu?

PATHELIN: Longe disso. Nunca tive tanto juízo.

GUILHERMINA: Está-se vendo.

PATHELIN: É isso mesmo. Acabo de ter uma idéia magnífica.

GUILHERMINA: Minha Nossa Senhora! Suas idéias magníficas já o levaram ao pelourinho. Será que o lugar é tão bom que deseje voltar para lá?

PATHELIN: Deixe-se de tolices. O que pretendo fazer não terá a menor /
consequência.

GUILHERMINA: Hum!

PATHELIN: Vamos, de que cor e de que fazenda você quer seu vestido?

GUILHERMINA: Da cor e da fazenda que você conseguir extorquir do comerciante, que fôr bastante tolo para lhe vender fiado.

PATHELIN: Está bem. Você verá que o espírito é mais forte que a matéria e que o homem de espírito não precisa de dinheiro para vestir sua cara-metade e a si próprio. Até já.

GUILHERMINA: Vá com Deus. Se encontrar algum otário, não se esqueça de beber com ele.

CENA II

PATHELIN: Deus o guarde, senhor Guilherme.

GUILHERME: E ao senhor também, doutor Pedro.

PATHELIN: Ainda bem que o senhor me reconhece. Não houve maior amigo do falecido senhor seu pai do que eu. Deus dê glória à sua alma. Que santo homem era ele! Mas o senhor é retrato vivo d'êle...

GUILHERME: Todos dizem isto...

PATHELIN: E é coisa evidente. Mas, como vão os negócios?

GUILHERME: Hum... assim, assim. O senhor sabe, comércio é profissão ingrata.

PATHELIN: Sem dúvida, mas para um homem honesto, inteligente e ativo como o senhor, as coisas não podem deixar de ir bem.

GUILHERME: Bom, sempre dá para viver, mas os negócios podiam ir melhor...

PATHELIN: Certamente. Enfim, quando se tem suas qualidades físicas e morais, quando se é assás bem feito de corpo para atrair os olhares femininos e bastante inteligente para tirar proveito duma impressão causada a uma rica senhora..., vendendo-lhe a bom preço uma fazenda que ela não examina porque tem o olhar embevecido no vendedor...

GUILHERME: Qual nada, doutor Pedro...

PATHELIN: Ora vamos, eu o conheço... seria preciso que neste ponto o senhor não parecesse nada com o falecido senhor seu pai - que Deus tenha sua alma! Aliás muito justo. As belas coisas devem ser pagas. Se Deus lhe deu belos dotes, foi para que o senhor tirasse proveito d'êles.

GUILHERME: O senhor está me confundindo...

PATHELIN: Dizer a verdade confunde-o! Mas meu Deus, quanto mais eu olho o acho parecido com o senhor seu pai. Os mesmos olhos, a mesma boca, o mesmo nariz... Ah, duas gotas d'água não seriam mais parecidas.

GUILHERME: O senhor conheceu muito o meu pobre pai?

PATHELIN: Se o conheci! Não havia dois amigos mais inseparáveis nesta cidade. Eu gostava de sair com ele porque todas as mãos o olhavam, e eu ia recebendo as sobras. Que homem era ele! Bom comerciante e finório como ele só. Ninguém o enganava. Exatamente como o filho!

GUILHERME: O senhor sabe, no comércio, se não se abre os olhos, todos nos roubam.

PATHELIN: Naturalmente... Mas que linda fazenda é esta...

GUILHERME: É fazenda de Ruão, muito bem tecida, veja.

PATHELIN: É muito cara?

GUILHERME: Não tanto... doze soldos a vara...

PATHELIN: E o senhor diz que não é cara?

GUILHERME: A tosquia está tão difícil. O senhor não sabe como a fazenda tem subido de preço... tenho tido tanto prejuízo... Os tecelões aumentaram o preço do trabalho, os carneiros tem morrido de peste ou en tão pela falta de cuidados dos pastores. Eu mesmo estou agora com um caso desses.

PATHELIN: Qual?

GUILHERME: Um patife de um pastor que eu próprio criei, matava-me os carneiros para comê-los ou vendê-los. Depois vinha dizer que tinham morrido de peste. Acabei descobrindo e a brincadeira vai lhe sair cara. Fiz queixa ao meirinho e ele mandou buscar o pastor para apresentá-lo hoje diante do juiz. O canalha pegará pelo menos umas boas horas no pelourinho.

PATHELIN: Se o senhor precisa de um advogado estou às suas ordens. Não é para me gabar, mas não sou dos piores. Liquidado em um instantinho o seu caso. Se o senhor quiser posso mandar enforcá-lo.

GUILHERME: Não quero tanto, o pelourinho basta... Mas, voltando à fazenda, tudo isso faz com que o preço dos tecidos tenha subido prodigiosamente.

PATHELIN: Estou tentado com esta fazenda. Que maravilha de tecido! Só numa casa de primeira ordem se poderia encontrar tal coisa.

GUILHERME: Leve-a, o senhor não se arrependerá. É um tecido forte e de cor firme.

PATHELIN: Estou vendo, estou vendo. Só acho um pouco caro. Se o senhor deixasse a vara a dez soldos...

GUILHERME: Por Deus, que não posso. Doze soldos foi quanto ela me custou. Estou lhe vendendo pelo preço do custo.

PATHELIN: Bem vá lá. Não vou brigar com o filho do meu maior amigo por tão pouco. O senhor pode cortar

GUILHERME: Quantas varas?

PATHELIN: Para mim, uma... duas... três e meia. Para minha mulher, duas e meia. Ela é alta... e, é isso mesmo. Cinco varas e meia. Não, seis.

GUILHERME: Por que não leva toda a peça? São sete varas.

PATHELIN: É, está bem. Sobra um pouco, mas não faz mal.

GUILHERME: Fazenda nunca é demais. Está aí a peça. São nove escudos.

PATHELIN: O senhor virá recebê-los em minha casa, onde jantará comigo um admirável pato que minha mulher está cozinhando.

GUILHERME: Mas eu não posso, estou muito ocupado.

PATHELIN: Ora, deixe de bobagem. Às seis horas o senhor é obrigado a deixar a loja. O senhor não é judeu para trabalhar de noite.

GUILHERME: Está bem. Quando eu for levarei a fazenda.

PATHELIN: De modo algum. Então vou deixar um comerciante conceituado como o senhor, filho de um grande amigo meu carregar uma peça de fazenda? Absolutamente! Isso é bom pra gente sem importância.

GUILHERME: Mas... não senhor... eu posso levar. Está bem assim.

PATHELIN: (apanhando a fazenda) Não consinto de modo algum. São assim o senhor virá à minha casa.

GUILHERME: Mas eu posso ir levando a fazenda.

PATHELIN: Será que o senhor desconfia de mim?

GUILHERME: Não, mas acho inconveniente que o senhor ande com fazendas debaixo do braço pela cidade.

PATHELIN: E o senhor ficará bem carregando fazendas? Não consentirei nunca em tal coisa.

GUILHERME: Nada de cerimônias, doutor Pedro, eu posso levar muito bem.

PATHELIN: Se o senhor não tem confiança em mim, se acha que sou desonesto, é outra coisa. Mas neste caso não lhe faço a injúria de pensar que o senhor me julga de tal maneira.

GUILHERME: Não julgo não. Enfim, se não há outro meio...

PATHELIN: Está claro que não há outro meio. Venha sem falta às seis horas. Posso garantir que o Senhor não terá comido em sua vida muitos patos como o que o senhor vai comer em minha casa. Quanto ao vinho, prefiro nem falar. O Senhor mesmo o julgará. A propósito, como quer que lhe pague? Em ouro, ou em prata?

GUILHERME: Prefiro em ouro, se for de bom peso.

PATHELIN: Meu ouro é antigo. É do tempo do falecido rei.

GUILHERME: Então não se esqueça de tê-lo à mão quando eu lá chegar.

PATHELIN: Sim, mas o senhor só receberá depois do jantar. Por Deus, mestre Guilherme, são assim o senhor conhecerá o caminho de minha casa. Seu falecido pai o conhecia muito bem. Nunca deixava de me cumprimentar quando passava. Mas o senhor se dá com gente pobre...

S/I

GUILHERME - (Sô) Pobre sou eu... eu... O dinheiro que ele vai me pagar ficará bem guardado. Bem diz o ditado que não há um esperto que não encontre outro mais esperto. Esse advogado, mestre da trapaça, levou por doze soldos um tecido que não vale nem nove...

100
8
126
127

CENA III

(Casa de Pathelin. Sala)

PATHELIN - (Entrando) Então?

GUILHERMINA - Então o quê?

PATHELIN - Lu não dizia? Pode jogar fora seu vestido velho.

GUILHERMINA - Que diabo é isto?

PATHELIN - (Descobrimdo a fazenda) Veja e creia.

GUILHERMINA - Virgem Nossa Senhora! Algum cliente deixou isto como pe
nhor? Você comprou fiado? Meu Deus, quem pagará?

PATHELIN - Quem pagará? Mas já está paga e bem paga. Posso afirmar a
você que o comerciante que me vendeu não é nenhum tolo.

GUILHERMINA - Já sei. Você prometeu, mediante uma assinatura ou um ju
ramento, pagar a fazenda dentro de algum tempo. Pelo trabalho!
Quando chegar o termo, como não haverá dinheiro, eles virão e
levarão tudo.

PATHELIN - Deixe estar que não levariam grande coisa... mas não se
preocupe, torno a repetir que a fazenda já está paga e que eu
nem assinei contrato nem fiz juramento algum.

GUILHERMINA - Vá enganar a outra. Não se esqueça de que estamos casa
dos já há alguns anos. Conheço você como a palma da minha mão.

PATHELIN - Não temos tempo a perder, por isso vou lhe contar o caso
em duas palavras. Você conhece o mestre Guilherme Cövado? pois
bem, é o comerciante mais avarento e ladrão que já vi, tal qual
seu falecido pai. Pois muito bem, eu, com a minha lâbia, abor
dei-o fazendo mil elogios a um e ao outro, assinalando a semelhan
ça entre ambos, fazendo-lhe tantas cortesias, que quando chegou
a hora de me fiar a fazenda, apesar de gemer, não teve coragem de
negar.

GUILHERMINA - A eterna história da raposa é do corvo...

PATHELIN - Sem tirar nem por. Enfim, prometi-lhe pagar aqui na hora
do jantar, copiosamente regado com um vinho que ainda está nas
uvas. E prometi também, um pato que ainda está no ovo. Agora che
gou a sua vez de trabalhar.

GUILHERMINA - Que devo fazer?

PATHELIN - Coisa muito simples. Jurar por todos os santos do céu que
há onze meses estou de cama, doente, louco, furioso, fazendo o
desespero de todos os médicos. O resto é por minha conta. Você sa
berá fazer isso?

GUILHERMINA - E muito mais. Não é em vão que sou sua esposa. Chorarei
lágrimas de sangue, hei de convencer o comerciante de que ele
está louco ou que viu o diabo.

PATHELIN - Ótimo! Vamos preparar a farsa. Vou deitar-me, porque Guilherme não deve tardar. (SAI)

GUILHERMINA - (Só) Valha-me Deus! E Santo Onofre Milagroso, ajudai-me nesta empresa, que eu vos prometo dar uma vela de cera... se acaso tiver o dinheiro que ela custa antes de minha morte. (SAI)

CENA IV

(Primeiro na rua, diante da casa de Pathelin. Depois, no interior.Sala.Entardecer)

GUILHERME - (Na rua) Creio que já está na hora de beber o vinho e comer o pato lá do tal doutor Pathelin! Ah! meu querido dinheiro, até que enfim vou te ver. Meu coração quase pára quando me lembro que vendi fiado uma peça de fazenda. Ho! Ho! Dr. Pedro Pathelin.

GUILHERMINA - Que barulho é esse? Se o senhor tem alguma coisa a dizer, fale baixo.

GUILHERME - Deus vos guarde, minha senhora.

GUILHERMINA - Fale baixo.

GUILHERME - Mas o que há?

GUILHERMINA - Eu lhe peço, pelo amor de Deus, não grite!

GUILHERME - Onde está seu marido?

GUILHERMINA - Meu Deus, onde é que o senhor queria que ele estivesse?

GUILHERME - O doutor Pedro não está aí?

GUILHERMINA - Quiserá Deus que ele estivesse com bastante saúde para não estar aqui.

GUILHERME - Mas o que quer dizer isto?

GUILHERMINA - Coitado do homem... ele está na cama... onze meses de martírio!

GUILHERME - Quem?

GUILHERMINA - Desculpe, mas não posso ficar aqui muito tempo. Tenho que voltar para perto do meu doente.

GUILHERME - Mas quem é o seu doente?

GUILHERMINA - Quem há de ser senão meu marido?

GUILHERME - O doutor Pedro Pathelin?

GUILHERMINA - Não me consta que eu tenha outro marido.

GUILHERME - Mas não há quinze minutos que ele esteve comigo, e por sinal me comprou fiado uma peça de fazenda. Vim aqui para receber o dinheiro.

GUILHERMINA - Que brincadeira mais sem graça! Não se está em hora de diversões...

GUILHERME - São nove escudos. Quero já o meu dinheiro!

GUILHERMINA - O senhor está doido? Vá contar suas lorotas a outra, ou se é uma brincadeira, ela está muito fora da hora.

GUILHERME - Faça o favor de acabar com as suas loucuras e vá chamar o doutor Pedro.

GUILHERMINA - Diabos levem o senhor! Então é o momento fazer um homem agonizante sair da cama?

GUILHERME - Mas não é aqui a casa do doutor Pedro Pathelin?

GUILHERMINA - Quantas vezes o senhor quer que lhe diga que sim? Está louco, vá para o hospício.

GUILHERME - A senhora me diz para falar baixo e grita mais que um general em manobras...

GUILHERMINA - É que o senhor me faz perder a paciência.

GUILHERME - Basta de histórias. Já lhe disse que o doutor Pedro me comprou sete varas de fazenda hoje, agora mesmo.

GUILHERMINA - Quê? O senhor continua na sua loucura? Meu pobre marido há onze meses que está doente, pregado na cama, gemendo de cortar o coração, havia de ter hoje que comprar fazenda na sua loja? Meu Deus! Como o mundo está cheio de gente perversa!

GUILHERME - Vamos! Meu dinheiro!

GUILHERMINA - O senhor está bêbado? Só pode ser isso.

GUILHERME - Bêbado eu? Que desaforo!

GUILHERMINA - Só um bêbado pode dizer que um homem doente, paralisado pelo sofrimento, saiu para comprar fazenda. Só se fosse uma mortalha!

GUILHERME - Essa história vai continuar?

GUILHERMINA - Vamos, fale baixo ou vá embora.

PATHELIN - (De dentro) Guilhermina, um pouco de água de rosa. Meu Deus você me deixa sozinho aqui! Água, venha depressa!

GUILHERMINA - Aí está o que o senhor fez. O pobre homem acordou.

GUILHERME - Ainda bem.

PATHELIN - Guilhermina, vem depressa expulsar toda esta gente preta que está aqui fazendo caretas para mim. Socorro!

GUILHERMINA - Que é isso meu bem? Você não tem juízo de levantar assim?

PATHELIN - Olha esse frade que está voando, Peguem, peguem! Ponha-lhe uma estola. Pára, gato. Meu Deus, como ele voa...

GUILHERMINA - Veja como ele sofre, coitado!

GUILHERME - Mas ele caiu doente ao voltar da feira?

GUILHERMINA - Que feira?

GUILHERME - Onde tenho minha loja de fazenda.

PATHELIN - Ah! é o senhor, doutor João? Chegou a tempo. Seus remédio me deram tanta cólica que estou que não posso.

GUILHERME - Que é isso? O senhor não se lembra de mim? Meu dinheiro?

PATHELIN - Eu não tomo mais nenhum remédio que o senhor me receitar. Além de serem amargos como fel, fazem uma tal revolta no meu ventre que parece que tenho um exército na barriga.

GUILHERME - Que é isso? Sou eu quem está louco ou é o senhor? Mas, o meu dinheiro, onde está?

- PATHELIN - Corram, corram ! Aí vêm eles, socorro ! Eles estão me ma -
tando...
- GUILHERMINA- Coitadinho, em que estado está.
- GUILHERME - Não sei o que diga, nem o que pense. Foi ele que veio à mi
nha loja ? Foi outro ? Só se fosse o diabo. Vamos, minha se
nhora, diga-me, a senhora não tem um pato cozinhando ?
- GUILHERMINA- Ora vejam, que pergunta ! Havia eu de ter um pato cozinhando,
quando meu marido está neste estado ? Mestre Guilher -
me, procure um médico, o senhor não está bom da cabeça.
- GUILHERME - É possível, é possível, a senhora me estonteou tanto que
já nem sei onde estou. Foi ele ? Não sei, meu Deus ! Ah !
meu rico dinheiro ! Que pesadelo ! Enfim, creio que não há
mais nada a fazer... Adeus... Será possível !

(SAI)

- PATHELIN - Ele já foi ?
- GUILHERME - Psiu ! Ele está perto. Rosna mais que um velho cão de caça.
Parece que está sonhando acordado.
- PATHELIN - Quero me levantar.
- GUILHERMINA- Espere um pouco, ele pode ouvir.
- PATHELIN - Ele tão desconfiado, acabou caindo como um patinho.
- GUILHERMINA- É para descontentar que ele rouba dos outros. O homem só fala
va de pato, sem perceber que ele era um, e de que tamanho !
- PATHELIN - Não ria assim, ele pode escutar.
- GUILHERMINA- Não posso me conter quando me lembro da cara dele. Enfim,
consegui pô-lo para fora daqui.
- PATHELIN - Silêncio, que ele pode voltar.
- GUILHERME - (Na rua) Será possível que eu tenha sido enganado por um
advogado de água doce ? Um João-ninguém ? Não ! Volto lá e
hei de arrancar o meu dinheiro custe o que custar. Vejam só,
a tal mulher dele está rindo... Esperem aí. Estou muito
grosso para pavio.
- GUILHERMINA- Meu Deus, ele me ouviu. Está voltando. Depressa, vá se dei
tar.
- GUILHERME - Ho, ho, abram a porta.
- GUILHERMINA- Que gritaria !
- GUILHERME - A senhora está rindo, ou pensa que não ouvi ?
- GUILHERMINA- Tenho muito motivo para rir, na verdade.
- GUILHERME - Meu dinheiro. Exija o meu dinheiro.
- GUILHERMINA- Lá vem o senhor-com sua história. É para se divertir ?
Escolheu muito mal o momento. Meu marido já me dá bastante
diversão de um outro gênero. Ele canta, chora, ri, dança,
fala em línguas diferentes, de maneira que choro e rio ao
mesmo tempo.

162

148
27

-9-

GUILHERME - Não tenho nada que a faça rir ou chorar, o que eu quero é ser pago, ouviu?

GUILHERMINA - O senhor continua com sua extravagância?

GUILHERME - Não estou habituado a ser pago com palavras. A senhora pensa que tomo gato por lebre?

PATHELIN - Vamos, rápido! De pé. A rainha das guitarras deu à luz vinte e quatro guitarrinhas. Ela está aí, façam-na entrar. Ela vem me convidar para o batismo. Quero ser seu compadre.

GUILHERMINA - Ah, pense em sua alma, meu bém. Deixe em paz as guitarras.

GUILHERME - Que contadores de sandices são esses dois. Vamos, meu dinheiro em ouro ou prata.

GUILHERMINA - Será possível que o senhor ainda não se convenceu do seu engano?

GUILHERME - A senhora já pensou, bela dama, o que significa tudo isso? Nunca fui enganado. Mas, palavra de honra, ou fazenda será paga ou restituída ou então a senhora e seu marido serão enforcados. Juro por Deus!

GUILHERMINA - Que coragem, atormentar assim um doente! Estou vendo, vendo bem pelos seus modos que o senhor está fora do seu juízo. Vá-lha-me Deus! Não bastava meu marido.

GUILHERME - Que raiva que tenho de perder assim o meu dinheiro...

GUILHERMINA - Que loucura! Faça o sinal da cruz. O senhor deve estar com uma legião de demônios avarentos no corpo. Abrenúncio!

GUILHERME - Quero ser esquartejado se tornar a vender fazenda fiado em minha vida.

PATHELIN - Madre de Dios, por mi fé, quiero irme. Que me quieres niña? Venga. Vote monstro. Quiedinero? no lo gengo, no lo tengo...

GUILHERMINA - Ele tem um tio espanhol, que era irmão do filho da tia-avó dele, por isso ele fala espanhol...

GUILHERME - ele veio de mansinho e carregou a peça debaixo do braço. Será possível?

PATHELIN - Come hier, komme hier. Ach! Was ist das? Mein Gott! Wie ist hart dieser Kaufmann!

GUILHERME - Mas como ele fala tantas línguas, meu Deus...

GUILHERMINA - Sua mãe era sobrinha de um neto de alemão. É por esta razão que ele fala essa língua...

PATHELIN - Ho, Signore mio, que me vol cose mercatore? Argento? Non abiamo noi, e si volio uno piccolo asso, lo daré, stupido huomo!

-9-

GUILHERME - Que é isso? Deu-lhe na teima de falar todas as línguas do mundo? Se ao menos ele me desse meu dinheiro eu ia embora.

GUILHERMINA - Que homem o senhor é! Já se viu maior maldade? Quando há de se convencer da verdade?

PATHELIN - If you please, sir, what will you? Money? Money? I don't... Get out... get out... Oh God... oh God!

GUILHERME - Que língua renegada. Será possível que ele não se cale?

GUILHERMINA - O avô do irmão do cunhado dele era inglês e lhe ensinou a falar a língua.

GUILHERME - Minha Nossa Senhora, estarei sonhando? Foi ele ou foi outro que foi à minha loja, ou foi o demônio por ele? Juraria que foi ele quem esteve comigo há meia hora... estou tonto... não sei o que pense...

PATHELIN - Et bona dies dit vobis - Magister amantissime. Pater reverendissime. Quomode tralis, quae nova? Parisius non sunt ova.

GUILHERMINA - Meu Deus, ele está falando latim, é sinal próximo da morte. Que os anjos e serafins da corte celeste o assistam...

GUILHERME - Mas que será isso meu Deus? Ele vai morrer falando, não há sombra de dúvida, ele está muito mal. Pobre home. É melhor que eu me vá, ele pode dizer segredos que não deva ouvir. Certamente não foi ele quem me tirou a fazenda. Deus vos guarde, bela dama. Desculpe-me pelo incômodo. Mas jurava que era ele quem tinha me comprado a fazenda fiado...

GUILHERMINA - Adeus, que os anjos o acompanhem. Reze por mim. O senhor bem vê em que sofrimento estou. (GUILHERME SAI) Então, sou ou não sou uma digna esposa? Meus Deus, como conseguimos enganá-lo...

PATHELIN - Ele saiu resmungando, estonteado, jurando ter visto o diabo em meu lugar. Bom proveito lhe faça..

GUILHERMINA - Há-há-há! (ENTRA E VIRA-SE MEIO CONFUSA PARA PATHELIN) você não acha que o que nós fizemos foi muito feio?

PATHELIN - (Embaraçado) Bem... eu... Ora, ladrão que rouba ladrão...

CENA V

(Rua, anoitece)

GUILHERME - (Só) Foi sem dúvida o diabo que veio me tentar na forma da aquele advogado. Antes tenha a minha fazenda que a minha alma. Afinal é bem verdade que quem faz a Deus, paga ao diabo. Meus pobres lucros, já se foram em boa parte. Enfim, seja tudo pelo amor de Deus.

TEOBALDO - (Entrando) Deus vos guarde, mestre Guilherme.

GUILHERME - Como, seu canalha você tem coragem de aparecer na minha frente?

TEOBALDO - Mas o que há, meu bondoso patrão?

183
8
149
27

-10-

GUILHERME - Como? Você me mata os carneiros, come a carne, vende a lã e ainda tem a petulância de aparecer na minha frente?

TEOBALDO - Por que não, patrão? Eu sei que o senhor é o melhor dos homens.

GUILHERME - Chega! Só falarei contigo diante do juiz. (SAI).

TEOBALDO - (SÓ) Estou bem arranjado. Desta vez o negócio é sério. Tenho que arranjar um advogado. Me disseram que por aqui há um. Se não me engano é essa a casa... Ó de dentro...

PATHELIN - (De dentro) Quem é?

TEOBALDO - Deus o guarde, meu senhor. O senhor não é advogado?

PATHELIN - Sim, e você com isso?

TEOBALDO - (Humilde) é que queria consultá-lo sobre um caso muito grave...

PATHELIN - Bem... vejamos...

TEOBALDO - Eu recebi hoje, por um homem de roupa riscada, a ordem de comparecer diante do juiz.

PATHELIN - Iiii... o negócio é mau. Que foi que você fez?

TEOBALDO - nada de mais... Meu patrão é um miserável sovina...

PATHELIN - Bem, bem, bem... isto não vem ao caso. Diga sem mentir o que fez.

TEOBALDO - Eu andei matando uns carneirinhos... coisa sem importância...

PATHELIN - O negócio é grave. Roubo, extorsão, dolo. Está mal parado.

TEOBALDO - Meu Deus, e eu que não pensei fazer mal algum...

PATHELIN - Me responde. Você tem dinheiro para pagar o advogado que o defender?

TEOBALDO - Tenho sim; uns escudos de ouro; daqueles que têm uma coroa marcada.

PATHELIN - Ah, então sua causa é boa. É ótima mesmo... Vou lhe ensinar um excelente meio para sua defesa. Venha cá. (cochichando) Dzz... entendeu?

TEOBALDO - Não é difícil. Farei exatamente o que o senhor está mandando.

PATHELIN - Então fique tranquilo. Garanto o bom resultado de seu processo. (Olhando em torno) Agora vá-se embora. Não convém que vejam você comigo. (TEOBALDO SAI) Alguma coisa há de vir. Esse pastor não me parece tão inocente como se faz, mas enfim... se ele não tem escudos de ouro, alguma coisa há de ter. E na situação em que estou, tudo que cai na rede é peixe.

CENA VI

O Tribunal

Entram primeiro o juiz e escrivão, que tomam seus lugares. A seguir Guilherme e, por fim, Pathelin, seguido do pastor.

- PATHELIN - Deus vos dê toda a felicidade que o vosso coração deseja ,
senhor juiz.
- JUIZ - Seja benvindo, doutor. Tome seu lugar.
- PATHELIN - Salvo vosso respeito, estou bem aqui.
- JUIZ - Se há alguma causa a debater, vamos depressa com ela para
que possa levantar a sessão.
- GUILHERME - Meu advogado vem já. Ele está acabando um negócio rápido .
Peço o favor de esperar um pouquinho.
- JUIZ - Não pode ser. Tenho outras causas para ouvir. Se a parte
contrária está presente, exponha o caso rapidamente. O se-
nhor não é o queixoso ?
- GUILHERME - Sim senhor.
- JUIZ - Quem é o defensor do réu ? Está presente ?
- GUILHERME - Sim, ei-lo que não diz uma palavra, só Deus sabe o que pen-
sa.
- JUIZ - Já que todos estão presentes, comecemos logo.
- GUILHERME - Eis minha queixa: eduquei por caridade este pastor aqui
presente e quando o julguei bastante forte, mandei-o para
o campo para pascentar meus rebanhos. Juro por Deus, senhor
Juiz, que é tão verdade como estar o senhor sentado nessa
cadeira e esse miserável, abusando da minha confiança, fez
tal morticínio entre os meus carneiros que...
- JUIZ - Vejamos, ele era seu empregado ? O senhor lhe pagava orde-
nado ?
- PATHELIN - Qual nada, senhor Juiz, o pobre pastor não recebia vintém.
- GUILHERME - (Reconhecendo Pathelin) Seja eu hereje se não fôr ele. Não
há outro possível ! (Pathelin tapa o rosto com a mão).
- JUIZ - Por que o senhor levanta assim a mão, doutor Pathelin ? Es-
tá com dor de dentes ?
- PATHELIN - Sim, nunca tive uma dor igual, mas... continuemos o deba-
te.
- JUIZ - (A Guilherme) Vamos, continue, acabe depressa.
- GUILHERME - É ele, não há dúvida, foi a ele que vendi sete varas de
fazenda.
- JUIZ - Por que o senhor fala de fazenda ?
- PATHELIN - Ele delira, senhor Juiz, porque não sabe concluir. Natural-
mente ensinaram-lhe a lição para recitar diante do tribu-
nal e ele se esqueceu por isso vai dando por paus e por pe-
dras.

- GUILHERME - Seja eu enforcado, se foi a outro que vendi minha fazenda de Ruão.
- PATHELIN - Onde esse malvado vai buscar estas invenções para aumentar a culpa do pastor que é sua vítima ? Ele quer dizer, eu compreendo muito bem, que o pastor vendeu a lã de que foi feita minha roupa. Vejam que maldade ! Não basta a acusação mentirosa de que o pastor lhe roubou só os carneiros, é preciso acusá-lo de ter roubado uma fazenda que comprei há mais de três anos !
- GUILHERME - Deus me dê febras quartãs se o senhor não tem o meu tecido.
- JUIZ - Calma ! Onde estamos nós ? O senhor não sabe o que diz. Volte à sua causa sem fazer o tribunal perder tempo com suas asneiras.
- PATHELIN - (Rindo) Estou louco de dor de dentes e não posso deixar de rir. Ele está tão embaraçado que não sabe mais o que dizer. Senhor juiz, é preciso lembrar-lhe onde ele estava.
- JUIZ - Vamos, volte aos seus carneiros. O que aconteceu ?
- GUILHERME - Ele comprou sete varas a nove escudos.
- JUIZ - Estamos todos loucos ? Onde o senhor pensa que está ?
- PATHELIN - Senhor juiz, esse homem toma V. Exa., com perdão da palavra, por um tolo. A julgar pelo seu exterior, no entanto, parece um homem de bem. Proponho que se interrogue o acusado.
- JUIZ - O senhor tem razão. Ele deve conhecê-lo, pois o queixoso é seu patrão. Adiante-se. Fale.
- TEOBALDO - Beé !
- JUIZ - Está aí um outro caso. O que quer dizer bé ? Eu sou por acaso cabra ou bode ? Vamos, fale direito.
- TEOBALDO - Bé !
- JUIZ - Você está caçoando de mim ?
- PATHELIN - Pobrezinho ! Não, senhor juiz, jamais ele faria isso. É porque ele é um atoleimado pelos maus tratos do patrão.
- GUILHERME - Quero ser apedrejado se não foi ao senhor que vendi minha fazenda ! (Ao juiz) V. Exa. não sabe com que malícia...
- JUIZ - Cale-se ! O senhor está louco ? Deixa de parte o fato acessório e venha ao fato principal.
- GUILHERME - Está bem, juro não tocar mais no caso da fazenda. Mas o caso me faz enraivecer... porém meus lábios não se abrirão mais sobre esta questão. Por hoje ao menos, porque isso não

150
py

ficará assim. Eis, portanto, o caso do pastor: eu dizia que ele guardava sete varas de fazenda, quer dizer, meus rebanhos, perdão foi um engano. Esse senhor pastor, quando devia estar nos campos, disse-me que eu teria em pagamento escudos de ouro... não, quero dizer que quando ele começou a guardar os meus rebanhos, prometeu-me um excelente jantar com pato... mas o que estou dizendo? Desculpe-me, senhor juiz, queria dizer que esse patife do pastor jurou-me guardar sem traição nem dolo os meus carneiros. Pois bem, ele os matava sem piedade e agora nega tudo: dinheiro e fazenda. Ah! doutor Pedro, isso não se faz! Sim, senhor juiz, este canalha de pastor matava-me sem temor de Deus todos os carneiros; quando ele se pôs com a peça de fazenda de baixo do braço, disse-me que fosse à sua casa...

JUIZ - Cale-se! Cale-se! Basta de asneiras, sua queixa não tem rima nem razão. O senhor é um louco. Ora vejam: só fala de carneiros, depois emenda com fazenda, com pato, com jantar, com escudos de ouro... Qual! Só mesmo um louco. Isto aqui não é manicômio.

PATHELIN - Naturalmente é porque ele tem a consciência pesada de não pagar ao pobre pastor e ainda por cima inventar um processo ao coitado.

GUILHERME - O senhor faria bem em calar-se, ouviu? Minha fazenda onde está ela? Não é o senhor que a tem?

JUIZ - O que é que o doutor Pedro tem?

GUILHERME - Nada, senhor juiz. Isso não vem ao caso. O que eu posso afirmar é que o doutor Pedro é o maior trapaceiro, mas isso fica para outra vez; trata-se agora dos meus carneiros.

JUIZ - Vamos, trate de lembrar-se bem dos fatos e conclua logo.

GUILHERME - Estou confuso, senhor juiz, peço-vos que interrogueis novamente esse patife. Vejamos o que ele tem para dizer. Ele bem que sabe falar...

JUIZ - (Irritado) Mas...

PATHELIN - O pobre pastor não pode falar por si mesmo, nem saberá responder às acusações que lhe foram feitas. Se V. Excelência permitir, eu falarei por ele.

JUIZ - O senhor quer assisti-lo? Creio que só terá aborrecimentos sem proveito nenhum.

- 185
8
- 191
W
- PATHELIN - Nem quero ter lucro. Tenho pena de ver um pobrezinho sem de fesa, exposto às malévolas acusações de um perverso. Quando se é honesto, o lucro não interessa. Com permissão de V. Excelência, vou interrogar o acusado. Aproxima-se, meu amigo. Você me entende? Vamos, fale!
- TEOBALDO - Bêe!
- PATHELIN - Sempre a mesma coisa. Você não está vendo que os seus interesses estão em jogo? Responda direito.
- TEOBALDO - Bêe!
- PATHELIN - Diga ao menos sim ou não. Não me entenda? (Baixo) Muito bem, continue a dizer isto...
- TEOBALDO - Bêe!
- PATHELIN - Não há nada a fazer. O pobrezinho é idiota mesmo. Veja V. Excelência, senhor juiz, até que ponto pode ir a maldade humana. Esse homem tem coragem de trazer perante este tribunal respeitável, um pobre idiota, vítima de seus maus tratos, para acusá-lo de um crime que o coitado nunca poderia ter cometido, e isto porque não quer lhe pagar o salário de anos de trabalho. Ele, que devia ser o réu, trás ao banco dos culpados um inocente, como ave de rapina que não quer soltar a presa por nada. (A Guilherme) Mas tu te enganas, homem perverso! O juiz, diante de quem estás, jamais se deixará enganar pelos malvados. Sua alta inteligência, seu profundo saber, já descobriram na incoerência de tua queixa, como na idiotia do pastor, onde está a verdade...
- JUIZ - O senhor tem razão. Este pastor é um débil mental. Não pode, portanto, responder a processo. Aumentis non suht subjectis juris.
- GUILHERME - Juro que V. Excelência se engana. Juro que esse patife tem mais bom-senso do que eu.
- PATHELIN - Só esta reflexão mostra bem o que é o queixoso. Diante de um tribunal que reconhece a debilidade mental do pobre pastor, ele ousa proclamar o perfeito juízo do acusado. Senhor juiz, para evitar delongas ineptas, mande embora o pastor.
- JUIZ - Sim, é o que resta a fazer.
- GUILHERME - Ele será absolvido sem que eu tenha pleiteado?
- JUIZ - Por que não? Se o senhor além de louco, não diz coisa com coisa, e ele é um enfermo mental?
- GUILHERME - Suplico a V. Excelência que me deixe ao menos expor minhas conclusões. Juro-lhe que em tudo que disse não houve mentira nem desejo de caçoada.

- JUIZ - O que prova que o senhor é realmente louco, e eu não estou aqui para perder tempo com loucos.
- GUILHERME - E eles vão se embora sem que eu seja ouvido ?
- JUIZ - O senhor não acha que já fez o tribunal perder muito tempo?
- GUILHERME - Que a causa seja ao menos adiada...
- JUIZ - Adiada ? Para que ? O senhor é um louco e esse rapaz um san deu. Com tal gente é impossível um processo.
- PATHELIN - V. Excelência diz bem. Não é possível lidar-se com tais pes soas, por isso peço a quitação do meu cliente.
- JUIZ - Com toda razão. (A Teobaldo) Vã, você está livre, o tribu - nal reconhece sua inocência. Não se preocupe mais com as calúnias levantadas contra sua pessoa, não volte nem que um oficial de justiça vá intimá-lo.
- GUILHERME - Mas isto não pode ser, senhor juiz ! Esse pastor é um tra - tante, um ladrão... Eu posso...
- PATHELIN - O senhor persiste na sua loucura ?
- GUILHERME - O senhor devia ter vergonha e não falar mais comigo, ouviu? Minha fazenda, onde está ela ?
- JUIZ - Vamos, eu tenho mais que fazer do que estar ouvindo loucu - ras... Doutor Pedro, o senhor quer jantar comigo ?
- GUILHERME - Jantar ?
- PATHELIN - Agradeço-lhe muito, mas os meus dentes...
- JUIZ - É verdade, eu já havia me esquecido. Deus vos guarde. (SAI)
- GUILHERME - Ah, doutor Pedro, que o diabo me leve se o senhor não é o maior trapaceiro do mundo ! Então... minha fazenda, meu di - nheiro... sua doença ?
- PATHELIN - Sempre a mesma coisa. O senhor devia mudar de nota, porque esta já está monótona. Eu doente. Esta é grande !
- GUILHERME - Não está doente ? Espere aí, vou já já à tua casa... (SAI)
- PATHELIN - É isso, vá ver se eu estou doente. (A Teobaldo) Então, Teo - baldo, teve ou não teve sucesso a minha idéia ?
- TEOBALDO - Bêê !
- PATHELIN - Vamos, fale direito, já acabou a farsa.
- TEOBALDO - Bêê !
- PATHELIN - Já lhe disse que fale direito. Vamos, meu pagamento.
- TEOBALDO - Bêê !

- ELIN - Que é isso ? Você quer me burlar, a mim, o homem mais esperado desta cidade ? Vamos, meu dinheiro, já, senão vou buscar um soldado.
- TEOBALDO - Bêê !
- PATHELIN - Não rirarei nada. Será possível que eu tenha caído no meu próprio ardil ? E que um camponês, uma criança, uma raposinha engana uma velha raposa matreira ? Espere um pouco, miserável, eu vou buscar quem fará você falar. Olá, soldado ! Olá, soldado ! (SAI)
- TEOBALDO - Se ele se agarrar, consinto em ser priso.
- PATHELIN - (Voltando) O quê ?
- TEOBALDO - Bêê !

P A N O

CENÁRIO - No teatro medieval os cenários são simultâneos, isto é: todos os locais necessários ao desenvolvimento da ação eram justapostos. Aconselhamos a estilização. Pode ser feito com rotunda escura e elementos mutáveis de acordo com o estilo da peça.

PERSONAGENS

- PATHELIN - advogado, esperto e ardiloso.
- GUILHERMINA - sua mulher, astuciosa.
- GUILHERME - comerciante, simplório.
- TEOBALDO - pastor. Ingênuo e confiante.
- UM JUIZ - autoritário, solene.



131
153
RJ

RELATÓRIO DO ENSAIO GERAL

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN"-autor desconhecido

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

Cumprindo determinação da chefia da SCTC, no dia 02-05-75, às 15:00hs., procedemos ao exame do ensaio geral da peça "A Farsa do Advogado Pathelin" de autor desconhecido, encenada pelo Grupo Pedra.

Nada constatamos de irregular. Por isso, confirmamos sua liberação sem restrição etária.

Brasília, 02 de maio de 1975

Therezinha de Toledo Neves

Maria Arlete L. Gama

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

0398

EM 13 DE	256
----------	-----

[Handwritten signature]

154

[Handwritten mark]

FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

LIVRE

[Handwritten signature]

ROGÉRIO NUNES

80

75

20785/75

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0352, P.182

: FARSA DO ADVOGADO PATELIN

RECEBI DO	PRO-
EM, 30 DE Abril	DE 1975
<i>[Signature]</i>	

: GRUPO DE TEATRO AMADOR "PEDRA" - DE - 22 ABRIL 75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT DEVIDAMENTE CCARIMBADO PELA DCDP.

REQUERENTE: JOSÉ DE SOUZA NETO

24 ABRIL 75

mhf

[Signature]

MANOEL FRANCISCO C. GUIDO -SUBST.

TEATRO

TÍTULO FARSA DO ADVOGADO PATELIM

1) S. ARQUIVO

Documentação em ordemClas. Anterior lierePraça Brasil - DV

Obs.: _____

DF. 16/04/75W. Nunes
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

Concordo com o parecer n.º 2860-75.1 - A Licença para emitir certificados com a chancela de liere, sem cortes, todavia, condicionada ao exame do ensaio geral.2 - A consideração do Sr. Chefe do S.C.
Em 22/4/75Glivaldo de Carvalho Queiroz
Subst. Chefe da Seção de Censura de

Teatro e Congêneres/SO

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 24/04/75 19 75Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0302, p. 184

150
156
17

PARECER Nº 2860 / 75

TÍTULO: "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

Peca teatral - autor: anônimo

Confrontado com o texto anteriormente liberado por esta DCDP, a presente versão de "A farsa do Advogado Pathelin" apresenta total identidade com a anterior. Desta forma opino pela liberação com o mesmo critério: Classificação etária livre, sujeita à realização do ensaio-geral.

Brasília, 22 de abril de 1975


J. Antonio S. Pedroso

DPF-SRA
N.R.
157

FICHA DO
S.A. DCDP



MJ-DPF-SRA/BSB

11 SET 14 04 12 052766

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

RECEBIDO POR *[Assinatura]*

Ofício nº 045/75 - SCDP/DPF/RJ

Em 09 de setembro de 1975

Do Diretor da Divisão de Polícia Federal/Rio de Janeiro/NITERÓI
Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto (Encaminhamento (faz))

*De ordem
ao arquivo
em 120975*

Senhor Diretor:

[Assinatura]
Ruth Nogales
Chefe de SE/CDP

Com o presente, encaminho a V.Sa., tres
vias do script da peça teatral "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN, de au-
tor anônimo,,para fins de censura prévia.

Na oportunidade, reitero meus protestos
de estima e distinta consideração.

[Assinatura]
NILTON DOS SANTOS BRITTO - Bel.

Diretor da DPF/RJ-NITERÓI

17/9/75

TÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

158

1) S. ARQUIVO

Documentação _____
Clas. Anterior livre
Praça Rua de Janeiro R.
Obs.: FALTA GUIA "S.B.A.T."

DF. 05/09/75

W. Wein
Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Técnico de Censura _____
Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___
DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

A Seção de Expedientes, para, conforme o parecer nº 14969-75, expedir certificados com a chance de livre, sem cortes. Poderia, condicionado ao exame do ensaio geral.
2 - Encaminha-se a consideração do Sr. Chef. de S.C.

Exp 23-09-75

Floriano de Azevedo
Subst. de Censura e Inspeção
10/10/75

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE
na forma do parecer
Em, 27/ set / 1975

Rogério Nunes
Rogério Nunes



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.187

136
159

PARECER Nº 7969 / 11975

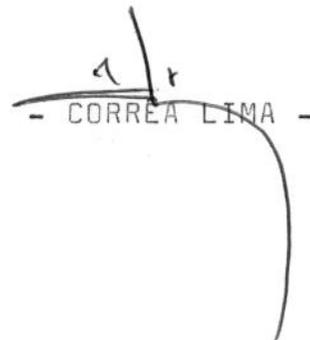
TÍTULO: _____ A FARSA DO ADVOGADO PATELIN _____

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

C O N F R O N T O

L I V R E é a classificação apre-
sentada para a presente peça - A
FARSA DO ADVOGADO PATELIN - em
consonância com a liberação ante-
riormente obtida e por não haver
nenhum divergência com o original!

Brasília, 21 de setembro de 1975


- CORREA LIMA -

160

Ofício nº 1148/75-SCTG/DCDP

, 25 de setembro de 1.975

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DCDP

: Sr. Diretor da Divisão de Polícia Federal em Niterói-RJ

: "A FARSA DO ADVOGADO PHATELIN"

Anexo: 1ª e 2ª vias do certificado e
2ª e 3ª vias do "script"

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sª. as anexas 1ª e 2ª vias do certificado, bem como 2ª e 3ª vias do "script" da peça teatral su praticada de autoria de Anônimo, solicitando mandar proceder a entrega ao interessado.

Outrossim, a aprovação de programação da referida peça, ficará condicionada a entrega pelo interessado da guia de SBAT, que deixou de acompanhar seu requerimento quando por ocasião do exame de censura prévia.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de elevada estima e consideração.

Ch
ROGÉRIO NUNES
Diretor DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.189

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

161
xy

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

256/75

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

ANONIMO

26 SETEMBRO

80

26 SETEMBRO

75

ROGÉRIO NUNES

LIVRE

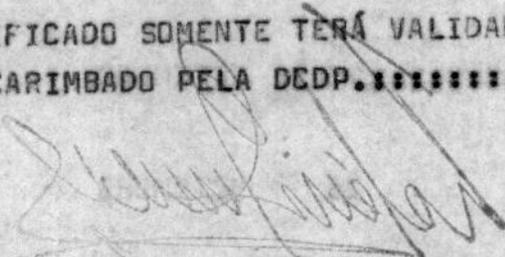
: A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

: ANÔNIMO

23 SETEMBRO

75

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DEDP.



26

SETEMBRO

75

Corsifano de L. Fagundes
CORIOLANO DE LOIOLA C. FAGUNDES



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA

102
NY

Ilmo. Sr.
Diretor do Serviço de Censura de Diversões Públicas
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL
Edifício do BNDE - 4º and.
70.000 BRASILIA / DF

*Assinado por
Maurício*

ACORDO NUNDA
Ministerio de Educacao e Cultura

O DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sito à rua Senhor dos Passos nº 248, vem respeitosamente solicitar a Vossa Senhoria dig-ne mandar censurar e liberar o texto "A Farsa do Advogado Pathelin", de autor anônimo, tradução de Luiz Hasselmann, em 1 ato, que deverá ser montada pelo DAD neste primeiro semestre de 1977.

N.Termos
P.Deferimento

Porto Alegre, 19 de abril de 1977

Thais Bretschneider
Thais Bretschneider
Encarregada da Produção



103

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filial à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
Séde: Av. Almirante Barroso, 97-3.º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

Porto Alegre, 19 de abril de 1977.

Ilmo. Sr.
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES
BRASÍLIA/DF

Prezado Senhor:

Pelo presente encaminhamos a V.Sa. pa
ra fins de censura, tres(3) cópias da peça tea-
tral " A FARSA DO ADVOGADO PATELIN", de autor a
nônimo, tradução de Luiz Hasselmann.

Cordialmente

SBAT

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Luiz Hasselmann

Luiz Hasselmann

DR. IVAN MARQUES
REPRESENTANTE GERAL

TEATRO

104
67

TÍTULO A FARSAS DO ADVOGADO PATHELIN

1) S. ARQUIVO

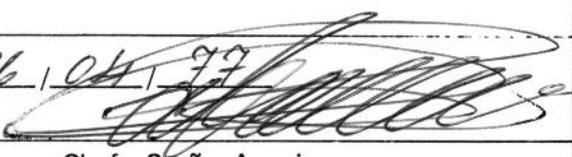
Documentação _____

Clas. Anterior LIVRE

Praça PORTO ALEGRE - RS

Obs.: _____

DF. 26 / 04 / 77



Chefe Seção Arquivo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data para Exame de ___/___/___ a ___/___/___

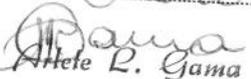
DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

3) S. C. T. C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores de~~ livre, ~~sem~~ sem cortes e com os dados constantes do requerimento de censo ra, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

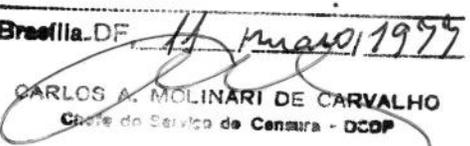
Brasília-DF, 09 de maio de 1977


Maria Antete L. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

5) Diretor da D. C. D. P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: Livre

Brasília-DF, 11 de maio 1977


CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



105
KJ

PARECER Nº 1818 / 77

TÍTULO: " A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

CONFRONTO

Procedendo ao confronto do texto da peça "A Farsa do Advogado Pathelin" com o texto da mesma peça, apresentado para exame e já liberado anteriormente, não observei nenhuma alteração quanto ao conteúdo. Assim, sugiro se mantenha a classificação livre, já estabelecida para a peça.

Brasília, 09 de maio de 1977.


Aldmeriza Riker de Castro

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p 195
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

* A FANSA DO ADVOGADO PATELIE

166
[Handwritten signature]

256/77

ORIGINAL
EXAMINAR

A FANSA DO ADVOGADO PATELIE

ANÔNIMO

26

SETEMBRO

80

11

M A I O

77

[Handwritten signature]

ROGERIO NUNES

LIVRE

CHIEF OF POLICE

+ A FARSA DO ADVOGADO PATELIN +

ANÔNIMO

LUIZ HASSELMANN

77/0528

b INSTITUTO DE ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL RS

09

M A I O

77

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

[Handwritten signatures and scribbles]

LIVRE

11

MAIO

77

FMFN/

CARLOS A. MOURANI DE CARVALHO.

[Handwritten signature]



MJ-DPF-SRA/BSE

10 AGO 09 36 Z 025134

FICHA DO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SRA/FICHA DO

OF.

Nº 7.032/77-SCDP/SR/SP

Em, 08 de agosto de 1977.

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto, relatórios de texto e relatório de ensaio geral das peças teatrais "REGRESSO" original de Aparecido Izabel Massi; "PROCURA-SE UMA ROSA", original de Pedro Bloch; "ENSAIO NO CAMPO NUMERO CINCO" original de Geraldo Ribeiro Chaves; "A BARBEARIA" original de Hugo Zorzetti; "A CANTORA CARECA" original de Eugene Yonesco; "O QUARTEL DOS PEQUENOS VAGABUNDOS" original de Jurandyr Pereira; "AMOR A OITO MÃOS" original de Pedro Bloch; "RECANTO DO INFERNO" original de José Barbosa dos Santos; "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN" original de Nelson de Andrade Silva e "O NAVIO NEGREIRO" original de Castro Alves.

Outrossim, aproveitamos o ensejo para solicitar a V.S., a remessa dos certificados das peças teatrais acima mencionadas.

Na oportunidade, renovo a V.S., protestos de estima e consideração.

Jose Vieira Madeira
JOSE VIEIRA MADEIRA
CHEFE DO SCDP/SR/SP

Ao Ilmo. Sr.

DR. ROGÉRIO NUNES

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
BRASILIA/DF



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

168
M

PARECER Nº 3469 / 177

TÍTULO: A farsa do advogado Pathelin- Ensaio geral

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Imprópria para menores de 10 anos

De acordo c/ o Parecer

José Américo César Cabral
Téc. de Censura

Assisti ao ensaio geral da peça supramencionada, adaptada do francês por Nelson de Andrade Silva.

Trata-se da estória de um advogado falido, porém / com grande fama e astúcia, que juntamente com sua esposa, compra de um negociante, uma peça de tecido e o manda cobrar em sua casa, convidando-o para jantar. Quando se realiza a visita, o advogado faz-se de louco e sua esposa nega-se a pagar a encomenda. No desenrolar da narrativa, o advogado toma conhecimento que o comerciante havia processado um seu empregado, acusando-o de ter matado e vendido alguns carneiros de sua propriedade. O advogado defende o operário, instruindo-o para que ele se finja de louco. O embuste vence, mas também o rapaz não lhe paga os honorários.

Quanto aos aspectos: -obediência ao texto, marcação, cenário, indumentária, sonoplastia e iluminação, nada observei que pudesse ferir normas censórias; motivo pelo qual opino pela liberação da referida peça com impropriedade para menores de 10 anos.

São Paulo, 5 de agosto de 1977

José Américo César Cabral
José Américo César Cabral
Téc. de Censura 306



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p 199

169

[Handwritten signature]

De acordo

PARECER Nº 34687/77 *[Handwritten signature]*

TÍTULO: TEXTO TEATRAL: "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 10 ANOS.

Traduzido e adaptado do francês por Nelson de Andrade Silva

Uma pantomina com um total de seis (6) cenas, representado por cinco (5) personagens, que formam a conjuntura do texto supra-citado.

A HISTÓRIA: Um advogado falido, porém com grande fama e astúcia, prepara, a fim de ganhar alguns tocoes, juntamente com sua mulher, um ardil contra um negociante, ganancioso, que o leva a comparecer a um tribunal como réu.

O advogado leva uma peça de tecido e manda o negociante cobrar em sua casa, convidando-o para jantar. Ao chegar em sua casa o advogado faz-se de louco e sua mulher nega-se a pagar a encomenda. Toma conhecimento posteriormente, que o negociante havia processado um seu empregado, acusando-o de ter matado e vendido alguns carneiros de sua propriedade. O logro inicia-se. O advogado, defende aquele empregado, combinando com o mesmo a aparentar-se de louco, com o intuito de ganhar a causa. O embuste vence. Entretanto, o advogado, cerebro da farsa, perde, já que o empregado não lhe paga devidamente os honorários.

CONTEÚDO E MENSAGEM: O gênero burlesco agrada, pois, neste texto, além do mal ser vencido pelo bem, a peça prende a atenção pelas qualidades: astúcia, coragem e desafio, serem muito bem exploradas.

Face ao exposto, opino pela LIBERAÇÃO do texto, em sua íntegra, com a impropriedade para 10 ANOS, sem quaisquer outras restrições.

São Paulo, 12 de agosto de 1.977.

[Handwritten signature]
Maria Urania Leite Correia Lima



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

170
K

PARECER Nº 3469 179

TÍTULO: "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN" AUTOR-ANÔNIMO

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: "LIVRE" sem cortes

A peça "A farsa do advogado Pathelin, autor desconhecido, tendo tradução e adaptação de Nelson de Andrade, já possui certificado sob o nº 4.539/71

A farsa procura apresentar uma estória de ladrões e mentirosos, mostrando que quem procede mal é sempre castigado e quem rouba é sempre roubado.

O advogado Pathelin que se encontra em dificuldades financeiras, planeja e consegue roubar um comerciante desonesto. O advogado por sua vez é ludibriado por um pastor de ovelhas, cuja causa defendeu.

No final a peça procura transmitir a lição que aquele que engana é sempre enganado.

Procedemos ao confronto da peça acima mencionada, constatando que os textos são semelhantes / embora tenha havido alteração de um personagem. No texto anterior havia um criado do Mestre Pathelin, Silvestre, que foi substituído por Guilhermina, a esposa do advogado. Assim sendo sugerimos sua liberação com a classificação etária "Livre" sem cortes, conforme certificado já expedida pelo D.C.D.P.

São Paulo, 02 de agosto de 1.977

M. G. Souza
MARIA GLÓRIA BRASIL DE SOUZA
T.C.

TEATRO

171

TÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN1) ~~S.C.T.C.~~ ARQUIVOClas. Anterior LIVREPraça SÃO PAULO - SP

Obs.: _____

DF. 22/08/1971

Guilherme
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Recomendo o
certificado com a
~~importância de~~
liberação: Serviço
de acordo com o
entendimento em 25/8/71

Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Sr. chefe do SC,
Esta peça liberada anterior-
mente sem restrições, foi re-
examinada pelo SCS/SA/AF
e sugerida sua classificação
R/ 30 anos. De acordo com
o parecer nº 3469/71, trata-se
do mesmo texto.

À sua consideração.

Brasília-DF 22 de agosto de 1.971

Maria
Maria Arlete R. Gama
Ch. S.C.T.C.-SC/DCDP

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: Livre

Brasília-DF, 26/08/1971

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

172
/

1213/77

DF, 25/08/77

em São Paulo

7032/77--SCDP/SR/SP

"A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN" de Nelson de A. Silva.

Nelson de A. Silva

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.203 / 73

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

A FARSAS DO ADVOGADO PATHELIN

ANÔNIMO

256/77

COMISSARIA DE POLICIA

DEPARTAMENTO DE POLICIA

A FARSAS DO ADVOGADO PATHELIN

ANÔNIMO

AGOSTO

25

06

JUNHO

79

LIVRE

25

AGOSTO

77

Rogério Nunes
ROGERIO NUNES

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

ANÔNIMO

LUIZ HASSELMANN

NELSON DE ANDRADE SILVA

24

AGOSTO

77

L I V R E. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE GARIMBADA PELA DCBP.

25

AGOSTO

77

OFB

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

Rec. o original em:
02/09/77
181
Ramau

0256

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

AUTOR- ANÔNIMO

LIVRE

26	SETEMBRO	80
02	SETEMBRO	77

ROGÉRIO NUNES

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

AUTOR- ANÔNIMO

GOIÂNIA- GOIÁS

EROTIDES BORGES E MARCOS MAGRO

02 SETEMBRO

77

L I V R E.

AUTOR- ANÔNIMO

02

SETEMBRO

77

VLS

EROTIDES BORGES E MARCOS MAGRO

João Teixeira Pinheiro

LIVRE

181

Handwritten signatures and notes in the top left corner.

MJ - DPF - DCDP - BSB

19 AGO 1545 F 002871

RECEBIDO POR
Goiania, 18 de agosto de 1.977.

174
M

Ilmo. Sr.

Chefe do serviço de Censura e Diversões Publicas

SR - Depto. de Policia Federal

Brasilia - Df.

Marcos Magro, registrado no Departamento de Censura da Policia Federal de São Paulo-Sp. Sob o nºDCDP 13027, residente à Rua 260 nº752 Setor Universitário - Goiania - Goiás. Vem Mui respeitosamente requerer de V. Sa., que se digne a conceder a' liberação do texto "OS FARSANTES" de dominio público.

Sem mais para o presente,

Agradecemos,

Respeitosamente,



Marcos Magro

175
47

TÍTULO Os FARSANTES

Autore Desconhecido

1) ~~S.C.T.C.~~ *Arquivo*

Clas. Anterior _____

Praça GOIÂNIA - GO

Obs.: TÍTULO REGISTRADO PARA OBRA DE
JOÃO EUSTAQUIO CORREA

DF. 23 / 08 / 77

Guadalupe

Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

[Handwritten signature]

Em _____ de _____ de 1.97

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

[Handwritten signature]

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

[Handwritten signature]

176
M

Ofício nº 1267/77-SCTG/SC/DCDP

26/08/77

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

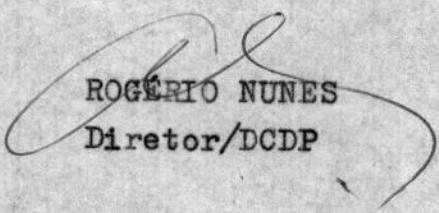
: Sr. Superintendente Regional do DPF em Goiás

Solicitação - faz -

Senhor Superintendente:

Solicitamos providências de V.Sa. junto ao interessado Marcos Magro, no sentido de que se altere o título da peça teatral "OS FARSANTES", pois, esse nome já está registrado em nossos arquivos.

Na oportunidade, reiteramos a V.Sa. protestos de estima e consideração.


ROGÉRIO NUNES
Diretor/DCDP



177
17

PARECER Nº 3724177

TÍTULO: " OS FARSANTES " Autor desconhecido

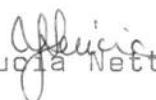
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Um pretensioso(mas desacreditado) advogado tenta ludibriar um comerciante. Após armar curiosa trama, percebe que foi vencido pela astúcia dos adversários.

O texto em análise é despojado de quaisquer elementos perniciosos ao público de qualquer idade, podendo ser liberada com a classificação LIVRE, condicionada ao exame do ensaio geral

Brasília, 30 de agosto de 1977.


Ivelice Gomes de Andrade


Yêda Lucia Netto Peles

MJ - DPF - DCDP - BSB

-2 SET 11:31 003432

Goiania, 31 de agosto de 1977.

RECEBIDO POR _____

178
M

Ilmo. Sr.
Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas
SR- Deptº. de Policia Federal
Brasilia - Df.

Eu, Erótides Borges

residente e domiciliado nesta capital, Vem mui respeitosamente requerer de V. Sa., que se digne a conceder a liberação do texto "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN" de dominio público. Que já se encontra em vosso poder.

Sem mais para o momento,

Agradecemos,

Respeitosamente,

Erótides Borges
Erótides Borges

179
M

TÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATHELIU

Auto Arquivado

1) ~~S.C.T.C.~~ Arquivo

Clas. Anterior LIVRE

Praça GOIÂNIA - GO

Obs.: _____

DF. 02, 09, 1977

Guilherme
Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

Libere-se de conformidade com o processo anterior.

Em 02/09/77

Arésio Teixeira Deixoto
Chefe do Serviço de Censura - DCDP
SUBSTITUTO

Em _____ de _____ de 1.97

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para de livre, sem cortes com os dados constantes do rec: Arquivo, condição: _____ do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 2 de set. 1977

Maria Arlete
Ch. S.C.T.C./D.C.D.P.

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

180
xyPARECER Nº 3741 / 137TÍTULO: " A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE (Confronto)ESPÉCIE: Peça teatral

Feito o exame comparativo entre os textos, observamos algumas modificações nos diálogos, atualizando-os, sem modificar seu conteúdo e mensagem, podendo a peça receber a chancela LIVRE, já, anteriormente, estabelecida para citada obra.

Brasília, 2 de setembro de 1977

Maria Lucia Ferreira de Holanda
Maria Lucia Ferreira de Holanda

BRASILIA/RSB



MJ-DPF-SRA/BSB



18 NOV 10 16 033958

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Departamento de Polícia Federal

Superintendência Regional no R. G. Norte

FICHADO
S. A. DCDP

182
M

Natal, 10 de novembro de 1977.

OFICIO
Nº 1749/77-SCDP/SR/RN.

*De ordem
ao seguinte
em 21-11-77
D. Fogalles*

Senhor Diretor:

Com o presente encaminho a V. Sa., para fins de censura, a peça "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN" de autor anônimo, tradução de Luis Hasselmann, em três vias acompanhada de requerimento do Professor Ronald Lima de Góis chefe do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Aproveito o ensejo para reiterar a V. Sa., protestos de elevada estima e distinta consideração.

Hugo Póvoa da Silva

HUGO POVOA DA SILVA

Delegado de Polícia Federal
Superintendente Regional

Ilmo. Sr.
Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas.
BRASILIA-DF.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

CENTRO DE TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

183
M

Of. nº 75/77 DA

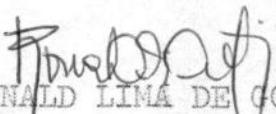
Natal, 08 de novembro de 1977

Sr. Diretor:

Vimos através deste requerer de Vª Sa. que a peça " A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN ", de autor anônimo , traduzida para o Portugues por Luís Hasselmann, seja censurada para posterior apresentação o pelo grupo "QUORPO SANTO " do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRN.

Aguardando atendimento e certo de conta r com a colaboração de Vª Sa., apresentamos, na oportunidade, protes tos de estima e a preço.

Atenciosamente,


Prof. RONALD LIMA DE GOIS
Chefe do Departamento
(Pró-Tempore)

Ilmo. Sr.

Dr. ROGÉRIO NUNES

DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA FEDERAL DE DIVERSÕES PÚBLICAS
BRASÍLIA- DF

TEATRO

184
dyTÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN ✓

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE ✓Praça NATAL - RN ✓

Obs.: _____

DF. 24/ XI / 77

Gualberto
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,
com a classificação: impróprio para menores
de livre, sem cortes e
com os dados constantes do requerimento de
censura, condicionada ao exame
do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 30 de nov. de 1977

Amo
Mária Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: Livre

Brasília-DF, 30 NOV 1977

Carlos A. Molinari
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



185
14

PARECER Nº 5148 177

TÍTULO: "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", autor anônimo.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE, sem corte.

Apesar de algumas referências fortes no início sobre atitudes desonestas e na página 04 o judeu ser citado pejorativamente, como os textos se identificam e o certificado nº 256 DCDP de 26/09/75 tem validade até 26/09/80, nada mais resta a não ser sua liberação com a mesma classificação, ou seja, chancela LIVRE sem corte.

Brasília, 29 de novembro de 1977.

L. Fernando
L. Fernando

Técnico de Censura

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 218

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

FARSA DO ADVOGADO PATELIN

186
M

0256/77

OMINONA NOTO
GUIS HASSZELMAN

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

AUTOR ANÔNIMO

26 SETEMBRO 80

30 NOVEMBRO 77

LIVRE

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

OTORITV ANIXIET OTSERA

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

AUTOR ANÔNIMO
LUIZ HASSELMANN

03521p

GRUPO "QUORPO SANTO" - RN

30 NOVEMBRO 77

L I V R E. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O
PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

30 NOVEMBRO 77

30 NOVEMBRO 77

OFB 30

NOVEMBRO 77

Arésio Teixeira Peixoto

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO

LIVRE

187
M

2019/77-SCTG/SC/DCDP

29/11

7

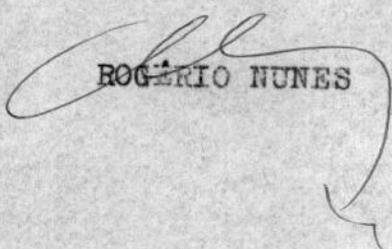
Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do Norte

"A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN"

Anônimo

Superintendente:

NATAL-RN


ROGERIO NUNES

FICHA
S. A. DCDP.

DBA/FICHA



MJ - DPF - SRA/BSB

23 NOV 10 47 034300

188
M

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS



OF.

De ordem Nº 7.148/77-SCDP/SR/SP

Em, 22 de novembro de 1977.

ao Arquivo
em 24-11-77
Carteiras

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S. uma via do texto das peças teatrais "DO TAMANHO DE UM DEFUNTO" original de Millor Fernandes; "UMA VÉSPERA DE REIS" original de Arthur Azevedo; "O PALHACINHO TRISTE E A ROSA" original de Maria Cecilia O. Marques; "A SOMBRA DO DESFILADEIRO" original de Sing; "MR. PEDRO PATHELIN" de autor anônimo; "ESPAÇOLINHO VISITA A TERRA" original de Ruben Meyer; "A PAPE" original de Friederic Darremat; "A POÇÃO MARAVILHOSA" original de Maria Cristina Ribeiro Pereira Jorge; "AUTO DA COMPADECIDA" original de Ariano Suassuna; "AMAI FORTE" A. Stindberg.

Outrossim, informamos que os demais itens da referida Portaria serão cumpridos para posterior remessa a DCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

Drauzio Seimann Dornellas Coelho
DRAUZIO SEIMANN DORNELLAS COELHO
CHEFE SUBST/SCDP/SR/SP

Ao Ilmo Sr.
Dr. ROGÉRIO NUNES
DD. Diretor da DCDP
BRASILIA/DF

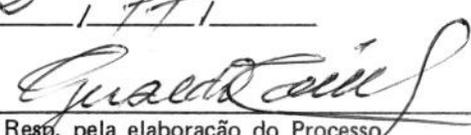
TEATRO

189
MTÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVREPraça SÃO PAULO - SP

Obs.: _____

DF. 02, 12, 1977

 Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

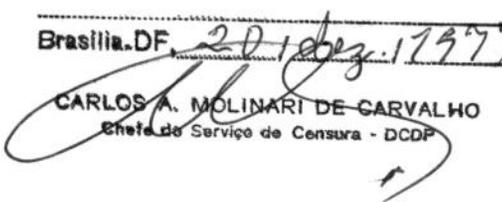
Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

 Resp. pela Programação

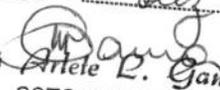
4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIORClassificação: LivreBrasília-DF, 20 dez. 1977

 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO
 Chefe de Serviço de Censura - DCDP

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

para se emitirem dois certificados,
 com a classificação: ~~impróprio para menores~~
 de livre, 3 cortes e
 com os dados constantes do requerimento de
cons., condicionada ao exame
 do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 20 de dez. de 1977

 Maria Antele R. Gama
 Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



190
47

PARECER Nº 5468 / 99

TÍTULO: "A FARSA DO ADVOGADO PATHEKIN" - confronto

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Ao proceder o confronto do texto enviado para
exame com o que consta no processo, verifiquei uma com-
pleta identidade entre os mesmos, mantendo, por isso, a
liberação sem restrições etárias estipulada anteriormen-
te. Condicionada ao ensaio geral.

Brasília-DF, 15 de dezembro de 1977.

Cleusa Maria Ferreira Barros.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em , 19.dezembro.1977

Of. nº 2143/77-SCTC/SC/DCDP

Do Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas/DPF

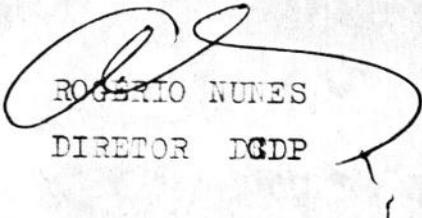
Ao Sr. Superintendente Regional do DPF em São Paulo

Assunto Encaminhamento (faz)

Senhor Superintendente,

De acordo com a Portaria nº 042/77-DCDP de 26.11.75 , encaminho a V. Sa. as anexas 1ª e 2ª vias dos certificados de censura das peças teatrais "AVENTURA NA ILHA AZUL" de Ricardo Gouveia, "MARIANA PINEDA" de Garcia Lorca, "A EXCEÇÃO E A REGRA" de Bertold Brecht, "AQUELE QUE DIZ SIM, AQUELE QUE DIZ NÃO" de Bertold Brecht, "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN" autor desconhecido, "O CIRCO DE BONECOS" do Grupo Atelier e "O VENCEDOR" de Renata Pallotini.

Na oportunidade, renovo a V. Sa. protestos de estima e consideração.


ROGÉRIO NUNES
DIRETOR DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 225

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

197
87

0256/77

AUTOR ANÔNIMO
LUIZ HARRISMAN

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

AUTOR ANÔNIMO

LIVRE

26

SETEMBRO

80

20

DEZEMBRO

77

Rogério Nunes
ROGÉRIO NUNES

OKTAVIANO DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0257, p. 226

Handwritten marks: 'A P 1' and '2'.

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

AUTOR ANÔNIMO

LUIS HASSELMANN

SP

20 DEZEMBRO 77

L I V R E. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.O

PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

20 DEZEMBRO 77

OFB

Handwritten signatures and stamps.

LIVRE

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

SUA/FICHADE

193



DPF - SRA/BSB

0958 035264



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

Of. nº 1281 /77 -SCDP/SR/DPF-RJ

Em 30/11/1977

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/DPF-RJ
Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF
Assunto : Encaminhamento (faz)

Ref.: Prot. nº 12.557 /197 7-SR/DPF-RJ - SCDP

*Arquivo
Mig. e Jurid
M. 5.12.77*

Peça: "MESTRE PEDRO PATHELIN"
.....
.....
Autor: Anonimo
.....
Tradução: Luiz Hanselmann
.....
Adaptação:
.....
Requerente: Walmir Gonçalves Barbosa
.....
.....

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da
Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria
um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha con-
sideração e distinguido apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA
Chefe do SCDP/SR/DPF/RJ

LSL/.

TEATRO

194
M

TÍTULO A FANSA DO ADVOGADO PATHELIN

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.: _____

DF. 23, 12, 1977

Guadalupe
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____/____/____ a ____/____/____

DF. ____/____/____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de livre, 5/ cortes e com os dados constantes do requerimento de pens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 28 de dez. de 1977

Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: livre

Sen. eul.
Brasília-DF, 29 de dez. de 1977

Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



195
M

PARECER Nº _____ / _____

TÍTULO: A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN- Anônimo

Trad. de: Luiz Hanselmann

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

(Confronto)

Ao estabelecer o confronto entre os textos da peça acima epigrafada, verifiquei haver entre os mesmos perfeita identidade. Portanto, sugiro a manutenção da classificação etária anterior, ficando a encenação condicionada ao exame do ensaio geral.
Brasília, 28 de dezembro de 1977.

Valadares
ODILA GERALDA VALADARES

A FARSAS DO ADVOGADO PATHELIN

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 230

AUTOR ANÔNIMO
DIZES FALSISSIMAS

196
✓

256/77

A FARSAS DO ADVOGADO PATHELIN

AUTOR ANÔNIMO

LIVRE

26	SETEMBRO	80
29	DEZEMBRO	77

Handwritten signatures and scribbles over the table.

ROGERIO NUNES

CARLOS A. MOLLARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

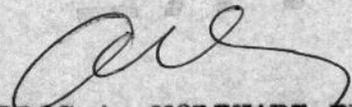
AUTOR ANÔNIMO
LUIZ HANSELMANN

28 DEZEMBRO 77

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O
PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT
DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

29 DEZEMBRO 77

OFB


CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

197
W

2208/77 -

Do

Ao

/RJ

1281-1375-1363-1338/77-SCDP/SR/RJ

"A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", "PEÇA No. 5 EM 3 MOMENTOS"
"PROCURA-SE" e "CONGRESSO INTERNACIONAL DE VIAGENS ESPACIAIS".



203
M

7876/78

OFFICINA DO ADVOGADO PATELIN

ANÔNIMO

IVRE

26 SETEMBRO

80

11 ABRIL

78

ROGERIO NUNES

300
4

: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

: ANÔNIMO

GRUPO CÊNICO REGINA PACIS - SP

SÉRGIO LUIZ ROSSETTI

10 ABRIL

78

LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE
CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMEN
TE CARIMBADO PELA DCDP.

[Faint signature and stamp]

11

ABRIL

78

CARLOS A. MOLINARI CARVALHO

mhf

LIVRE
[Signature]



MJ-DPF-SRA/BSB

21 MAR 14 28 007747

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

 MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DE S. PAULO

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF.

Nº 070/78-SCDP/SR/SP

Em, 20 de março de 1978.

 FICHADO
 S. A. DCDP

Senhor Diretor

Em cumprimento ao que determina a Portaria nº 042/75-DCDP, estamos remetendo a V.S., uma via do texto das peças teatrais: "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN" de autor anônimo; "ALICE, O QUE VOCE FAZ NUM PAÍS COMO ESSE ?" original de Lewis Carrol; "E ELES NÃO USAM BLACK-TIE" original de Gianfrancesco Guarnieri; "O EXERCÍCIO DA JUSTIÇA" original de Renata Palotini; "O PASTELÃO E A TORTA" original de autor medieval desconhecido; "OS QUE NÃO FAZEM GUERRA" original de Marcos Schafura; "A BOMBA DE CHICO SIMÃO" original de Oscar Von Pfuhl; "RITMO E MOVIMENTO" original de Marcos Chafura; "A GATA BORRADEIRA" original de Marcia dos Santos e Manoel Buitron Filho.

Outrossim, informamos que os demais itens da referida Portaria, serão cumpridos por este SCDP, para posterior remessa à DCDP.

Na oportunidade, renovamos a V.S., protestos de estima e consideração.

 JOSÉ VIEIRA MADEIRA
 CHEFE DO SCDP/SR/SP

 Ao Ilmo. Sr.
 DR. ROGÉRIO NUNES
 DD. Diretor da DCDP
 BRASILIA/DF

Ilmo. Sr.

Diretor do Serviço de Censura Federal
de Diversões Públicas
Departamento de Polícia Federal
São Paulo

199
M

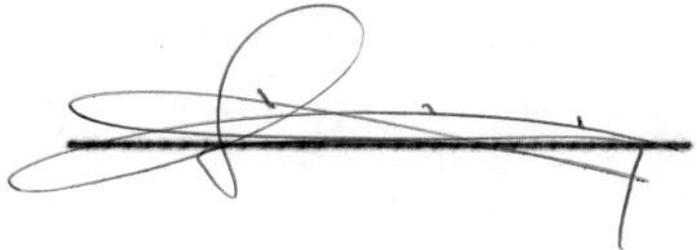
O Grupo Cômico Regina Pacis, elenco farsantes, através de seu representante, Sergio Luiz Rossetti, R.G.3.434.239 e abaixo assinado, vem requerer a V.Sa., se digne mandar censurar a peça "Farsa do advogado Pathelin", de autor medieval desconhecido, com tradução de Luis Hasselmann, que será representada a partir de 02 de abril de 1978, no Anfiteatro Cacilda Wecker, em São Bernardo do Campo.

Para tanto, junta a este requerimento, 3(três) cópias do referido texto.

Nestes termos,

P.Deferimento.

São Bernardo do Campo, 10 de março de 1978

A handwritten signature in black ink, consisting of a large, stylized loop followed by a horizontal line and a vertical stroke at the end.

TEATRO

200
17TÍTULO O Jarsa do Advogado Padelin

Grad. Luiz Basermann

1) ARQUIVO

Clas. Anterior livrePraça São Paulo, SP.

Obs.:

DF. 1, 29, 03, 78Feliana N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ___/___/___ a ___/___/___

DF. ___/___/___

Resp. pela Programação

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: ~~impróprio para menores~~ de LIVRE, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de Resumo, condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 10 de abril de 1978Maria Arlete R. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERAR-SE DE CONFORMIDADE
COM O PROCESSO ANTERIOR
Classificação: livre

Brasília-DF

Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



201
M

PARECER Nº 1193 / 78

TÍTULO: "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", de autor anônimo e tradução de Luiz Hasselmann.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE, confronto.

A peça já vista várias vezes por este serviço, está liberada pelo certificado nº 256/77-DCDP, válido até 26/09/80.

Como o texto está de acordo com os anteriores, opino pela conservação da impropriedade, digo, classificação, ou seja, LIVRE sem cortes. Entretanto, quero ressaltar uma referência pejorativa feita aos judeus na página 02 da numeração por mim feita.

Brasília, 07 de abril de 1978.

Fernando
L. Fernando

Técnico de Censura

207
V7

491/78

BSB, 10/04/78

em São Paulo

070/78-SCDP/SR/SP

"A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN" de Luiz Hazemam.

Caril

398

VIA/FIENADA

DPF - SRA
Fl. nº
Rub. *[Signature]*



MJ-DPF-SRA/BSB

27 ABR 1978 011076

*De ordem
ao Arquivo
em 27.4.78*

FICHADO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

[Signature]

Ofício nº 415/78- SCDP/SR/RJ

Em 19.4.78

*204
17*

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminhamento (faz)

Senhor Diretor:

Complementando o ofício nº 1281/77-SCDP/SR/DPF/RJ, encaminho a V.Sª. os pareceres e o ensaio geral da peça "MESTRE PEDRO PATHELIN" ou " A FARSA DO ADVOGADO PATHE - LIN ", liberada sem restrição etária, conforme certificado expedido por essa DCDP nº 256/77.

Ao ensejo, apresento a V.Sª. protestos de estima e consideração.

[Signature]
AUGUSTO DA COSTA
Chefe do SCDP/SR/RJ

LSL/.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

 Departamento de Polícia Federal
 Serviço de Censura de Diversões Públicas

 205
 M

Parecer nº 2939

Assunto.....: Leitura de texto (peça teatral)
 Título.....: "MESTRE PEDRO PATHELIN"
 Autor.....: Anônimo
 Tradução.....: Luiz Hanselmann
 Classificação...: L I V R E

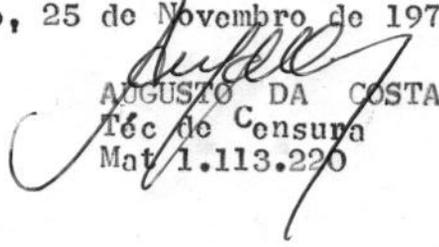
Comédia francesa do século XV, contando a história de um advogado trapalhão e os seus envolvimento com um negociante que é por ele enganado após a compra de uns tecidos / para sua mulher, que não foram pagos.

Segue-se o julgamento de um empregado do advogado, acusado de roubo pelo tal negociante, mas o causídico consegue mais uma / vez ganhar a questão pois até o próprio juiz é enrolado.

Ótimo entretenimento que / poderá ser liberado sem quaisquer restrições.

L I V R E

Rio de Janeiro, 25 de Novembro de 1977


 AUGUSTO DA COSTA
 Téc de Censura
 Mat 1.113.220



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ilmo. Snr.
Chefe do SCDP/SR/RJ.

206
M

PARECER Nº 2955

Exame de texto para teatro.
"MESTRE PEDRO PATHELIN"
Livre.

Advogado de provincia cuja habilidade era, muitas vezes, sinônimo de trapaça, Pathelin, enfrentando difícil situação financeira, resolve enganar um sovina comerciante de fazendas. Conseguir fazê-lo mas, ao final, é por sua vez tapeado por um empregado do comerciante que tomara como constituinte.

Tal é a história que nos conta o texto examinado, cuja liberação pode ser concedida sem restrição etária.

Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1977.

Joel Carlos de Almeida
JOEL CARLOS TAVARES DE ALMEIDA

Tec. Cens. Matr. - 2.415.796



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Departamento de Polícia Federal

Serviço de Censura de Diversões Públicas

207
W

2999

Parecer nº.....

Assunto.....: Ensaio geral de peça teatral
 Título.....: "MESTRE PEDRO PATHELIN"
 Autor.....: Anônimo
 Tradução.....: Luiz Hanselmann
 Local.....: Auditório Altair Gama
 Data.....: 30.11.1977
 Classificação...: L I V R E.

Realizado o ensaio sendo obedecido o script já aprovado. Trata-se de uma ^{dele} cópia média francesa do século XV, conforme já foi ^{dele} parecer sobre o texto.

Cenário duplo, o primeiro / de uma rua e uma loja de fazendas, depois um tribunal improvisado. Marcações sem quaisquer implicações, nada havendo que impeça a liberação da peça para exibição pública, sem restrições.

L I V R E.

Rio de Janeiro, 01 de Dezembro de 1977

Augusto da Cosra
 AUGUSTO DA COSRA
 Téc. de Censura
 Mat. 1.113.220

Joel Carlos Tavares de Almeida
 JOEL CARLOS TAVARES DE ALMEIDA
 Técnico de Censura
 Matrícula, digo, Carteira 379



SRA/FICHADO

DPF - GRA
Fl. nº 0



MJ - DPF - SRA/BSB

FICHADO
S.A. DCDP

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - 3 JUL 09 52 017487
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO PARA

OFÍCIO Nº 027/78-SCDP/SR/DPF/PA

SRA/FICHADO

Belém, 29 de junho de 1978

*Arquivo
vid. 1.º provid
em 5.2.78*

208
M

Senhor Diretor:

Pelo presente encaminho a V. Sa. três vias dos textos das peças teatrais intituladas "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN" e "O PASTELÃO E A TORTA" de autores desconhecidos, os quais seguem devidamente acompanhados de documento do interessado e da SBAT/Pa.

Na oportunidade renovo a V. Sa. meus protestos de estima e consideração.

Darcy Pereira Braga
DARCY PEREIRA BRAGA

Superintendente Regional

ILMO. SR.
DR. ROGÉRIO NUNES
MD. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/DPF
BRASÍLIA - DF

SR/DPF/PA - FICHADO

SBA/FICHADO

GRUPO DE TEATRO AMADOR (GRUTA)
Fundado no dia 16/11/1.969.

26 JUN 1969 04 134



SBA/FICHADO

209
44

OF. Nº 02/78

DO: PRESIDENTE EXECUTIVO DO GRUTA

AO: ILMO. SR. SUPERINTENDENTE REGIONAL DE DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL.

ASSUNTO: SOLICITAÇÃO (FAZ)

SCD
Pb

Sr. Superintendente

O Grupo de Teatro Amador - GRUTA, do Distrito de Icoaraci, vem mui respeitosamente solicitar a V.Sa. que se digne em liberar os textos teatrais: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN e O PASTELÃO E A TORTA, de autores anônimos.

Segue anexo três cópias de cada texto e declaração da SBAT.

Aproveitamos a oportunidade para manifestar a V.Sa. os nossos votos de consideração, estima e apreço.

Atenciosamente

Salustiano Mancel Moraes de Vilhena
SALUSTIANO MANCEL MORAES DE VILHENA
PRESIDENTE



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada a Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

210
M

DECLARAÇÃO

Por solicitação do Grupo Teatral GRUTA, da Vila de Icoaraci, declaramos nada opor à encenação das peças "A FARSA DO ADVOGADO BATHELIN" e "O PASTELÃO E A TORTA", cujos autores não pertencem ao nosso quadro de associados.

Belém, 1º de Junho de 1978

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS
S. B. A. T.

Edyr Falva Proença
Representante em Belém

2 11
H

" A FARSA DOADVOGADO PTHELIN "

" ANONIMO "

578787

GRUPO DE TEATRO AMADOR - GRUTA - PA
SALUSTIANO MANOEL MORAES DE VILHENA

17 AGOSTO

78

L I V R E. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRE

SENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" ' CARIMBADO PELA DCDP.

18 AGOSTO 78

FMFN/.

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0353, P.248

7876/78

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

: ANONIMO :

26 SETEMBRO 80

13 AGOSTO 78

ROGERIO NUNES

LIVRO

217
MT

1228/78-SCTG/SC/DCDP

BSB/

16 /8

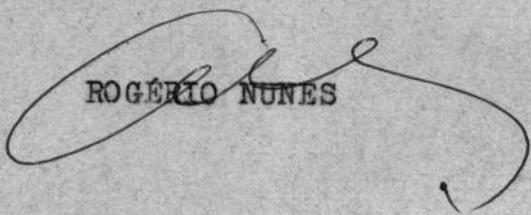
78

Superintendente Regional do DPF no PARÁ

" A FARSA DO ADVOGADO PATHELIM"

Autor Anônimo

em Belém /PA


ROGÉRIO NUNES

TEATRO

213
NY

TÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

1) Arquivo
 Clas. Anterior LIVRE
 Praça Belém - PA
 Obs.: Atenção para pedido Anexo do Rio de Janeiro -
 DF. 11, 07, 78, 1
Geraldo
 Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA
 Em _____ de _____ de 1.97____

2) PROGRAMAÇÃO
 Técnico de Censura Eduardo
 Técnico de Censura _____
 Data prazo Exame de 15, 08, 78 a _____ / _____ / _____
 DF. _____ / _____ / _____

 Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.
 A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de claus., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____
 Brasília-DF, 17 de agosto de 1978
Maria Antete R. Gamá
 Ch. SCTC-SC/DCDP
 Brasília - DF de _____ de 1.97____

5) DIRETOR DA D.C.D.P.
 LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR
 Classificação: Livre
 Brasília-DF, 17 de 78
Carlos A. Molinari de Carvalho
 Chefe do Serviço de Censura - DCDP



214

PARECER Nº 2.946 / 78

TÍTULO: "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIM"

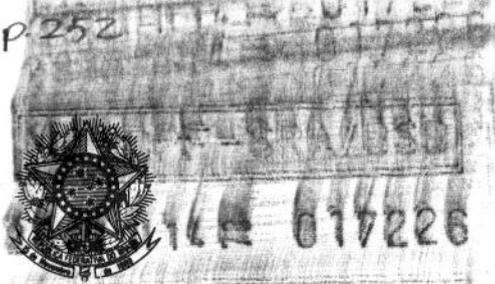
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE - Sem cortes

De autor anônimo.

Considerando a identidade dos textos,
opinamos pela manutenção da classificação anterior, ou
seja, LIVRE.

Brasília, 15 de agosto de 1978.


Maria Arlete Limeira Gama



17226
17226
DPF - SRA
Fl. nº
Rubrica
215
MF

FICHA DO
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

SRA/FICHA DO

Of. nº 650 /78 -SCDP/SR/DPF-RJ Em 27 /6 /1978

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-SR/DPF-RJ

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas-DPF

Assunto : Encaminhamento (faz)

Ref.: Prot. nº 011002 /1978 -SCDP/SR/DPF-RJ

*Acusado
Vista e provid
M 3.7.78*

Peça..... " A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

.....

.....

Autor..... ANÔNIMO

.....

Tradução..... LUIZ HASSELMANN

.....

Adaptação.....

.....

Requerente..... JURACY ALARCON CHAMARELLI

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-item 1.1 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de minha consideração e distinguido apreço.

Augusto da Costa
AUGUSTO DA COSTA
Chefe do SCDP/SR/DPF-RJ

216
H

TÍTULO A FARSA DO AVOGADO PATHELIN

1) Arquivo

Clas. Anterior LIVRE

Praça Rio de Janeiro - RJ

Obs.: PARECER ANEXO. Atenção para pedir do anexo de Belém - PA.

DF. 11, 07, 1978

Guilherme
Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de cert., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.:

Brasília-DF, 17 de agosto de 1978

Maria Antônia E. Gama
Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

~~LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR~~
Classificação: livre

Brasília-DF, 17 de agosto de 1978

Carlos A. Molinari de Carvalho
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

SRA/FICHAADO

DPF - SRA



MJ-DPF-SRA/BSB

30 JUN 10 21 20 017333

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

OFÍCIO Nº 660/78-SCDP/SR/RJ

Em 28.6.78

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ
Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Aditamento (faz)

Verific. e port. 27.7.78

Senhor Diretor:

Em aditamento ao Ofício 650/78-SCDP/SR/RJ, para fins do disposto do sub-item 1.4 da Portaria 42/75 - DCDP, de 26.11.75, encaminho a V.Sª. o parecer da peça A FARSA DO ADVOGADO PATELIN, de autor anônimo, tradução de Luiz Has - selmann, liberada sem restrição etária, na dependência do en - saio geral.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

Augusto da Costa
AUGUSTO DA COSTA
Chefe do SCDP/SR/RJ

217
217



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

218
pl

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL - SR/RJ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ASSUNTO: TEATRO - LEITURA DE TEXTO (EXAME COMPARATIVO)

TÍTULO: "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

AUTOR: ANÔNIMO

TRADUTOR: LUIZ HASSELMANN

CLASSIFICAÇÃO: LIVRE

1954

A peça em epígrafe, em exame comparativo, está conforme o texto apresentado anteriormente, cujo tema versa sobre a farsa de um advogado ao fazer compras numa casa comercial, / sendo a causa levada à Justiça quando até o juiz é envolvido.

Trata-se de uma comédia desprezenciosa, podendo ser liberada sem restrições.

Rio, 28 de junho de 1.978

Maria José de Moura
 MARIA JOSÉ de Moura -Mat. 2.070.372

*De acordo -
 Rio, 28/6/78
 Alencar*

PARECER Nº 2.940 / 78219
MTÍTULO: "MESTRE PEDRO PATERLIM", de outor anônimo.CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE, sem cortes.

Considerando a identidade dos textos e a existência de certificado em vigor, opino pela manutenção da classificação, ou seja, LIVRE.

Brasília, 15 de agosto de 1978.

L. Fernando

Técnico de Censura

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

220
NL

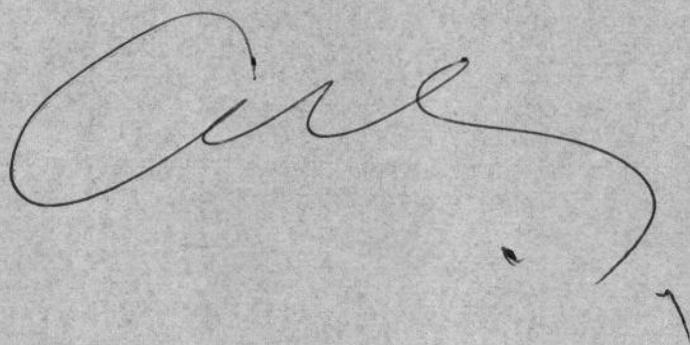
Brasília, 16 de agosto de 1978

1227/78 /

no Rio de Janeiro

650/78- SCDP/SR/RJ

" A FARSA DO ADVOGADO PATELIM", autor anônimo.

A large, stylized handwritten signature in black ink, consisting of several loops and a long horizontal stroke extending to the right.

A FANSA DO ADVOGADO PATHELIN

221
Vt

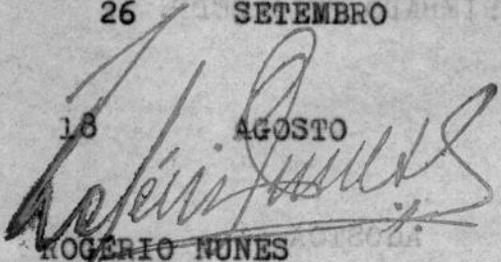
7876/78

" A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN "

"ANONIMO"

26 SETEMBRO 80

18 AGOSTO 78



ROGERIO NUNES

LIVRE

CHAVE A. MORGAN DE CARVALHO

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

ANONIMO

LUIZ HASSELMANN

JURACY ALARCON CHAMARELLI

17

AGOSTO

78

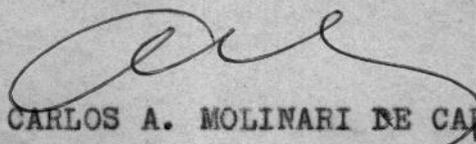
LIVRE. CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESEN

TE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDASME
DAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

18

AGOSTO

78


CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

FMFN/.



Ilmo. Sr.

Dr. ROGÉRIO NUNES

DD Chefe de Censura de Diversões Públicas da Polícia Federal

BRASÍLIA-DF

227
PT

LENÍCIO QUEIROGA, abaixo assinado, na qualidade de Presidente do Grupo AQUARIUS de Teatro do Rio Grande do Norte, sediado em NATAL estando interessado em montar a Peça Teatral intitulada "MESTRE PEDRO PATHELIN" de autor anônimo e traduzida por Luiz Hasselmann, vem mui respeitosamente requerer a Vossa Senhoria, que se digne liberar o Texto em apreço, cuja cópia encontra-se, em 3 vias, de acordo com as normas legais.

Termos em que pede deferimento.

NATAL, 29 de agosto de 1978.

A large, stylized handwritten signature in black ink, which appears to read "Lenício Queiroga".

LENÍCIO QUEIROGA
Presidente do Grupo AQUARIUS
Rua Jundiá, 641 Tirol NATAL RN

TEATRO

TÍTULO Mestre Pedro Pathelin277
PLQuênis

1) ARQUIVO

Clas. Anterior livrePraça Ratal - RN.Obs.: Consta Título "O Lances doAldeogado PathelinDF. 15, 9, 78
Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

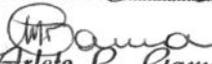
DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

Em _____ de _____ de 1.97

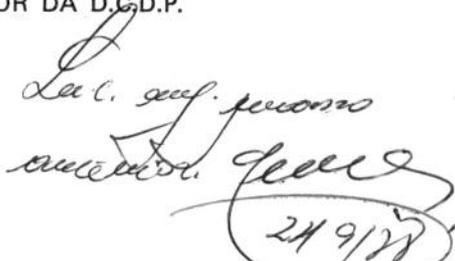
3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de livre, sem cortes e com os dados constantes do requerimento de claus., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: _____

Brasília-DF, 12 de setembro de 1978

 Maria Arlete R. Gama
 Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.G.D.P.


 La C. genf. peronno
 suced. genf.
 24/9/78

PARECER Nº 3.413 , 78224
PTTÍTULO: "MESTRE PEDRO PATELIN" ou "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN"CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

TEXTO DE AUTOR DESCONHECIDO - TRADUÇÃO DE LUIZ HASSELMANN

Confrontando o texto supramencionado, com o constante no presente processo às págs.07 a 31, constatamos perfeita semelhança de conteúdo em ambos, podendo ser liberada com a mesma faixa etária estipulada anteriormente - LIVRE - condicionando-o ao exame do ensaio geral.

Brasília, 21 de setembro de 1978.

MARIA LÍVIA FORTALEZA

225
nt

OF. nº 1411/78-SCTC/SC/DCDP

BRASÍLIA, 21 de setembro/78

Do :Diretor da Div. de Censura de Diversões Públicas

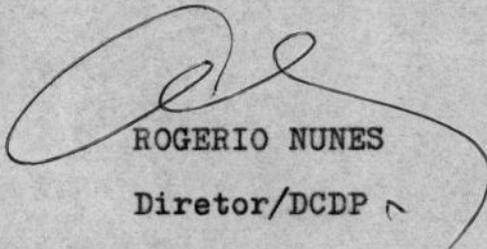
Ao :Sr. Superintendente Regional do DPF no Rio Grande do
Norte

Assunto:Solicitação (FAZ)

Senhor Superintendente

Estamos encaminhando a V.Sa. o certificado e 2 (duas) cópias do texto da peça teatral: " MESTRE PEDRO PATHELIN", autor anônimo, solicitando sejam entregues ao Sr. Leônio Queiroga, Presidente do Grupo AGUÁRIOS, à Rua Jundiáí, nº 641, Tirol, nessa Capital.

Na oportunidade, renovamos a V.Sa. protestos de estima e consideração.



ROGERIO NUNES

Diretor/DCDP

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

276
27

256/78

" MESTRE PEDRO PATHELIN "

ANONIMO

LIVRE

22 SETEMBRO
Rogério Nunes
ROGERIO NUNES

SETEMBRO

89

SETEMBRO

78

" MESTRE PEDRO PATHELIN"

AUTOR ANONIMO

LENÍCIO QUEIROGA /RN

22 SETEMBRO

78

LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

22 SETEMBRO

78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO.

LIVRE



NI - DPF - DCDP - 0352

24 MAR 11 51 8 003099

 227
 VL

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

 RECEBIDO POR *[assinatura]* DCDP

OF. Nº 025/80-SCDP/SR/DPF/AM - Manaus, Em 20 de março de 1980.

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas no Amazonas

Ao Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto Peça Teatral (encaminha)

Senhor Diretor:

Estamos encaminhando a V. Sa., em anexo, para o devido exame e liberação por essa Divisão, três vias do texto teatral "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", de autor desconhecido, tradução de LUIZ HASSELMANN,

A peça em referência deverá ser encenada pelo Grupo de Teatro de Comerciantes do SESC, com estréia prevista para a segunda quinzena do mês de abril.

Aproveitamos a oportunidade para renovar nossos protestos de consideração e apreço.

[Assinatura]
 Bel. AVELINO GAMBIM

Chefe do SCDP/SR/DPF/AM

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.267

MJ - D.P.F. - S.C.P. - C.D.P.
PROTOCOLO Nº 013/80 - Am
DATA 20/03/80 HORA 1430h.
Prometido p. / / Hora ... h'

228
v1

JOSÉ MARIA NUNES CORRÊA, brasileiro, solteiro, portador da Carteira de Identidade nº 144.414, expedida por SESEG/Am, CIC nº 077646262/87, residente na rua Stanislaw Afonse nº 65 (São Jerge), Manaus-Amazonas, requer a V. Sa. determinar que sejam encaminhadas à DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS as tres vias anexas da peça teatral "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN" de autor anônimo com tradução de LUIZ HASSELMANN, para exame censório à liberação. A referida peça deverá ser apresentada pelo grupo de teatro' de COMERCIÁRIOS DO SESC, com extréia prevista para a segunda quinzena de mes de abril no teatro de SESC/AM.

Nestes Termos

P. Deferimento

Manaus, 19 de março de 1980

Jose Maria Nunes Correa
 Jose Maria Nunes Correa
 coordenador do grupo

AM

~~~~~

229  
M

TEATRO MEDIEVAL

"A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN"

AUTOR ANÔNIMO

PERSONAGENS:

- PEDRO PATHELIN
- GUILHERME COVADO
- GUILHERMINA
- GERTRUDES
- DONATA
- ROBERT
- TEOBALDO
- GERMANO
- JUIZ
- ESCRIVÃO

E UM APRESENTADOR DE CIRCO

~~~~~

APRESENTADOR- Respeitável público! Senhoras e senhores!

O CIRCO, o glorioso circo está de volta! Estamos aqui neste dia maravilhoso para lhes proporcionar momentos de prazer e encantamento!

São simplesmente momentos porque a vida continua e π nosso espetáculo não pode parar! Sim, distinta platéia, temos a missão de lhes transmitir muita alegria!

Nosso espetáculo é diferente, nosso espetáculo exige o máximo das nossas possibilidades, pois das nossas possibilidades, da nossa alegria constante vai depender a alegria de todos vocês!

~~Nossa~~

Nossa obrigação é levá-los ao deleite de emoções fortes e aprasíveis, para lhes manifestar nossas virtudes, nossas ~~xxx~~ propriedades e nossa natureza!

Senhoras e senhores, o CIRCO é imortal! O CIRCO não morrerá nunca porque enquanto existirem os palhaços, os contorcionistas, os mágicos e ilusionistas, os trapezistas, os domadores e as feras amestradas, nosso picadeiro persistente sempre estará de pé por todos os séculos e séculos!...

Respeitável público! A TROPE CIRCENSE COMERCÍARIA, orgulha-se em lhes apresentar mais um espetáculo de excepcional qualidade! E antes de iniciarmos a sessão desta noite, vamos exhibir os magistras artistas de nossa companhia! Primeiramente as vedetes de nossa tropé! E agora a encantadora e sensual bailarina oriental, O excelente e fenomenal malabarista. O excepcional mágico ilusionista e sua partner. A primeira vedete de nossa tropé.....

(MÚSICA. TODOS EXIBEM-SE E EXECUTAM UMA COREOGRAFIA. A MÚSICA CONTINUA ENQUANTO OS ARTISTAS RETIRAM-SE)

Senhoras e senhores! Nossos artistas já estão todos apostos. E ~~xxxxx~~ neste dia esplendorosa e colorido, a TROPE CIRCENSE COMERCÍARIA lhes surpreenderá brilhantemente com um outro gênero de espetáculo. Trata-se uma farsa. A FARSA DO ADVOGADO PATELIN. É uma farsa interessantíssima que data do Teatro Profano da Idade Média que atravessando os séculos chega aos nossos dias para o divertimento e satisfação de todos! E Atenção!!! Maestro, Música! Luzes! Cores! Ação! O ESPETÁCULO VAI COMEÇARRRRR!!!

① 239
M

CENÁRIO: POR TRATAR-SE DE UMA FARSA MEDIAVAL, OS CENÁRIOS SÃO ⁽²⁾ SIMULTÂNEOS. TODOS OS LOCAIS DE AÇÃO SÃO JUSTAPOSTOS, ACONSELHANDO-SE UMA ESTILIZAÇÃO. PODE SER MONTADO COM ROTUNDA CLARA E ELEMENTOS CÊNICOS MUTÁVEIS DE ACORDO COM O ESTILO DA MONTAGEM. 231 47

~~XXXX~~ X

CENA I

CASA DE PEDRO PATHELIN

PATHELIN - (entrando) Por Deus, Guilhermina! Por mais que dê tratos à bola, não consigo descobrir um meio de ganhar um vintém. Houve tempo, no entanto, que não me faltava clientes nem belos escudos de ouro!

GUILHERMINA- Pois, é, esse tempo já vai longe! Pra mim, a advocacia é a pior profissão do mundo. Um dia bem, um dia mal, ora enganando, ora enganado. Nunca vi coisa assim.

PATHELIN- E posso jurar à voce que não há nesta cidade melhor advogado do que eu. Ninguém conhece, como eu, as correntes, as molas, as engrenagens do processo. Não há quem seja ~~xxx~~ mais esperto do que o Doutor Pedro Pathelin para torcer as leis. Sou um verdadeiro mestre...

GUILHERMINA- (cortando) ...de trapaça! Neste domínio, voce não cede a ninguém o primeiro lugar, não é verdade?

PATHELIN- Não confunda os nomes nem as coisas. Sou simplesmente hábil.

GUILHERMINA- Bela habilidade! Enfim, tudo neste mundo pode ter dois nomes.

PATHELIN- Mas isso não vem ao caso. O que precisamos é arranjar algum modo de ganhar di-nhei-ro! Veja em que estado estão o seu vestido e a minha roupa...

GERTRUDES- E a minha?

DONATA- E a minha?

GUILHERMINA- Calem a boca! Não fiquem de ouvido na conversa dos patrões.

PATHELIN- Parece até que estamos vestidos de gase, como anjinhos de procissão!

GUILHERMINA- E é a pura verdade. Pois cada vez que sento ~~xxx~~ ou encosto em algum lugar, tenho medo de deixar colado um pedaço do meu vestido. No dia em que isso por infelicidade acontecer, só me resta um recurso; me fingir de paralítica e esperar ~~xxxxx~~ passar o resto da minha vida sentada numa cadeira. Porque ganhar outro

vestido, não tenho a menor esperança!

PATHELIN- Pois voce ganhará um, e hoje mesmo!

GUILHERMINA- O que?! Voce enlouqueceu?

PATHELIN- Longe disso. Nunca tive tanto juízo.

GUILHERMINA- Está se vendo.

PATHELIN- É isso! Isso mesmo! Acabo de ter uma idéia magnífica!...

GERTRUDES- Minha nossa senhora!

DONATA- Minha nossa senhora!

GUILHERMINA- Calem a boca! (para Pathelin) Suas idéias magníficas já o levaram à cadeia! Será que o lugar é tão bom que voce queira voltar pra lá, senhor meu marido?

PATHELIN- Deixa de asneiras. Vamos, De que cor e que fazenda voce quer o seu vestido?

GERTRUDES- 'entrando na conversa) Cor de rosa!

GUILHERMINA- Alguém te perguntou alguma coisa, sua atrevida? Já para a cozinha! (PAUSA). Da cor da fazenda que voce conseguir extorquir do comerciante que for bastante idiota para lhe vender fiado.

PATHELIN- Muito bem!... voce verá que o espírito é mais forte que a matéria. E que um homem de espírito como eu, não precisa de dinheiro para vestir sua cara-metade e a si próprio. Até já.

GUILHERMINA- Vá com Deus, senhor meu marido. E se encontrar algum ~~otário~~ otário por aí, não se esqueça de beber com ele! (SAI)

CENA II

AS VEDETES ENTRAM EM CENA DANÇANDO COM LONGOS PANOS DE FAZENDA, ENQUANTO ATRAVESSAM NO PALCO DOIS PALHAÇOS TAMBÉM DANÇANDO

APRESENTADOR- Senhoras e senhores! Fiquem ligados nesta cena. É agora. Pedro Pathelin ataca com sua astúcia o comerciante GUILHERME. Atenção ~~maxx~~ técnica! Luzes. atenção maestro! MÚSICA. VAI COMEÇARRRR!

LOJA DE FAZENDAS DE MESTRE GUILHERME

PATHELIN- Deus vos guarde, Mestre Guilherme!

GUILHERME- Oh! e ao senhor também, doutor Pedro Pathelin.

PATHELIN- Ainda bem que o senhor me reconhece. Para lhe falar a verdade, não houve melhor amigo do falecido senhor seu pai do que eu. (SOLIDÁRIO). Deus dê glória à sua santa alma. Que homem santo era ele! Mas o senhor é o retrato vivo dele.

GUILHERME- Sim, sim, todos dizem isto...

③ 23?
M

PATHELIN- E é coisa evidente! Mas... como vão os negócios? (4) 733

GUILHERME- Hum... assim. O senhor sabe, doutor Pathelin, o comércio é uma profissão muito ingrata.

PATHELIN- Sem dúvida. Mas para um homem honesto, inteligente e ativo como ~~xx~~ o senhor, as coisas não poderiam deixar de ir progredindo bem.

GUILHERME- Bom... dá pra se viver! Mas os negócios poderiam ir melhor.

PATHELIN- Certamente. Enfim, quando se tem suas qualidades físicas e morais, quando se é assás bem feito de corpo para atrair a freguesia feminina, os olhares sigilosamente comprometedores e bastante inteligente para tirar proveito de uma impressão causada a uma rica donzela... Vendendo-lhe a bom preço uma fazenda que ela não examina, por ter o ~~olho~~ olhar embevecido no vendedor...

GUILHERME- Qual nada doutor Pathelin...

PATHELIN- Ora vamos, mestre Guilherme, eu o conheço! Seria preciso que neste ponto o senhor não parecesse nada com o falecido senhor seu pai. Que Deus tenha a sua boníssima alma.

GUILHERME- Amém.

PATHELIN- Aliás é muito justo. As belas coisas devem ser consideradas. Se Deus, na sua infinita bondade, lhe deu belos dotes, foi para que o senhor tirasse proveito deles!

GUILHERME- O senhor está me confundindo, doutor Pathelin...

PATHELIN- Mas dizer a verdade confunde-o? Meu Deus!

GUILHERME- O que foi doutor?

PATHELIN- Quanto mais o olho, mais o acho parecido com o falecido senhor seu pai! Os mesmos olhos...a mesma boca...o mesmo nariz! Ah, duas gotas d'água não seriam mais parecidas!

GUILHERME- Doutor Pathelin, o senhor conheceu muito meu desventurado pai?

PATHELIN- Se o conheci? Não havia nesta cidade dois amigos mais inseparáveis. Eu gostava de sair com ele porque todas as donzelas sassariqueiras o galanteavam e eu ia recebendo as sobras.

GUILHERME- Não me diga?!...

PATHELIN- Que homem era ele! Bom amigo, bom comerciante e... finório como ele só. Ninguém o iludia, exatamente como o filho.

GUILHERME- O senhor entende, no comércio, se não se abre o olho, todos nos roubam.

PATHELIN- Naturalmente... Mas que linda fazenda é esta?

GUILHERME- É ~~xxxx~~ Oh! É fazenda, é muito bem tecida, veja.

PATHELIN- Mas que fantástico! E... é muito cara?

234
47
6

GUILHERME- Não tanto... Doze soldos a vara.

PATHELIN- Doze soldos? E o senhor diz que não é cara?

GUILHERME- A tosquia está tão difícil, doutor Pathelin. O senhor não sabe como a fazenda tem subido de preço. Vou lhe mostrar outras fazendas mais baratas.

(ENTRA UM HOMEM, INGLÊS, TAMBÉM OBSERVANDO AS FAZENDAS)

GUILHERME- Um minuto enquanto eu atendo o outro freguês. Boa tarde senhor.

ROBERT- Good afternoon. My name is Robert.

GUILHERME- (para Pathelin) O que foi que ele falou?

PATHELIN- Alguma coisa em inglês.

Guilherme- Ah! ele é inglês. E agora?

PATHELIN- E agora, vá lá e atenda o senhor.

GUILHERME-(Aproxima-se de Robert)Sim...

ROBERT- My name is Robert.

GUILHERME- Não tem não senhor. Aqui é uma loja de fazendas.

PATHELIN- O que é isso mestre Guilherme? Ele ainda nem pediu nada.

GUILHERME- O senhor não fala o português?

~~ROBERT- Oh! desculpe, de vez em quando eu penso que estou na Inglaterra e eu começo a misturar as línguas, mas eu falar muita bem a português.~~

ROBERT- Oh! desculpe, de vez em quando eu penso que estou na Inglaterra e eu começo a misturar as línguas, mas eu falar muita bem a português.

GUILHERME- Ah sim! agora está tudo bem. O senhor vai comprar fazenda.

ROBERT- Oh! Não. Eu vai comprar pano para fazer roupa.

PATHELIN- É a mesma coisa senhor.

Robert- Mesma coisa eu saber muita bem o que é. Eu quero comprar pano para calça pequena, usar pernas de fora por causa da calor dessa terra.

GUILHERME- Sim, sim muito bem senhor! Aqui tem um pano ótimo para fazer calças, bermudas...

ROBERT- Não, não senhor. Eu não querer fazer calças bicudas.

GUILHERME- Quem falou em bicudas?

ROBERT- A senhora.

GUILHERME- A senhora não. O senhor.

ROBERT- Eu não. ~~Q xix~~ Foi o senhor.

GUILHERME- Está bem, vamos acabar com esta confusão. O pano de preferência para suas roupas é este. Está aqui, leve, ~~xix~~ custa 10 soldos.

ROBERT- 10 soldos, esta muita cara. Por favor deixe por 8 soldos.

GUILHERME- Está bem, leve a fazenda por 9 soldos.

ROBERT- Muita obrigado. A senhor é sensacional. ~~A~~ senhor ser~~xxx~~ um...um... como é que se diz agora.

PATHELIN- Um barato.

ROBERT- Isso mesmo, a senhor é uma barata. Muita obrigadp. Até logo.

GUILHERME- Uf! só faltava me aparecer um assim. Todos só querem comprar barato. O senhor não sabe como a fazenda tem subido de preço. Tenho tido tanto prejuízo! ... Vejá lá, os tecelões aumentaram o preço do trabalho, os carneiros tem morrido de peste ou então pela falta de cuidado dos pastores. Eu mesmo estou com um caso desses.

PATHELIN- Caso? Qual?

GUILHERME- Um salafrário de um pastor que eu próprio criei desde a mais tenra idade, Matava-me os carneiros desonestamente para comê-los ou vender-lhes a lã e a carne. Depois vinha perfidamente me dizer que tinham morrido de peste. Acabei descobrindo e a brincadeira vai sair muito cara! Fiz queixa na justiça e o tribunal mandou buscar o pastor para apresenta-lo hoje diante do juiz. O canalha pagará pelo menos umas boas horas na cadeia a pão e água.

PATHELIN- Se o senhor precisa de um excelente advogado, eu estou às suas ordens. Não é para me gabar, mas não sou um dos piores. Liquido em um instante o seu caso. Se o senhor quiser, ~~x~~ posso mandar enforcá-lo.

GUILHERME- Cruz credo. Eu não quero tanto. Um~~s~~ boas horas na cae

235
7

236
8

deia basta. Mas voltando ao assunto da fazenda, tudo isso faz com que o preço da fazenda tenha subido prodigiosamente.

PATHELIN- Estou tentado com este prodígio. Que maravilha de tecido! ... Só numa casa de primeira classe se poderia encontrar tal assombro!

GUILHERME- (convencendo-o) Leve-a, o senhor não se arrependerá. É um tecido fino, forte e de cor firme.

PATHELIN- Estou vendo, estou vendo. Só acho um pouco caro... Mestre Guilherme, em nome da nossa amizade, da estima devotada ao falecido senhor seu pai, o senhor não poderia deixar a vara a... dez soldos?

GUILHERME- (aflito). Por Deus que não posso, doutor Pathelin! Doze soldos foi quanto ela me custou. E estou lhe vendendo pelo preço de custo.

PATHELIN- Bem, vá lá! Não vou me gaborrecer com o filho do meu melhor amigo, que Deus lhe tenha a seu lado, por tão pouco. O senhor pode cortar.

GUILHERME- (À parte) Consegui!...

PATHELIN- (À parte) Consegui!...

GUILHERME- E quantas varas doutor Pathelin?

PATHELIN- Para mim, uma... duas... três e meia. Para Guilhermina, minha mulher, uma... duas... três...quatro! Para Gertrudes, a criada, uma...duas e meia, ela é baixinha. E para Donata a outra criada, uma e meia. Ao todo são onze varas. Não! Onze e meia.

GUILHERME- Onze, onze e meia, porque não leva toda a paça doutor, são doze varas.

PATHELIN- Está bem, sobra um pouco mas não faz mal.

GUILHERME- Pronto, são treze escudos.

PATHELIN- Ótimo! O senhor virá recebê-los em minha casa, onde ceiará comigo um admirável pato, que minha mulher está cozinhando.

GUILHERME- (Pegando novamente a fazenda) Mas... eu não posso, doutor. Hoje vou estar muito ocupado.

PATHELIN- Ora, deixe de bobagens, mestre Guilherme. Às seis horas o senhor é obrigado a fechar a loja. (PEGANDO A FAZENDA)

GUILHERME- Não... Está bem, quando eu for, então, levarei a fazenda. (APANHA OUTRA VEZ A FAZENDA)

④ 237
Y

PATHELIN- De modo algum. Então eu vou permitir que um comerciante conceituado como o senhor, filho de um grande amigo meu que os anjos dos céus sejam seus servos - carregar uma peça de fazenda debaixo do braço pela cidade? AB-SO-LUTA-MEN-TE! (PEGA A FAZENDA). Isso fica ehm para gentilha, pra gente sem a menor importância.

GUILHERME- (OLHANDO A FAZENDA)- Mas... Não senhor! (PEGA A FAZENDA) Eu posso muito bem levar. Não me custa nada...

PATHELIN- (APANHANDO A FAZENDA). Não Não consinto de modo algum. Só assim o senhor irá a minha humilde casa.

GUILHERME- (agrito). Mas eu posso muito bem ir à sua humilde casa, levando a fazenda, o senhor não acha?

PATHELIN- E o senhor acha que ficaria bem carregando pato... ou melhor, fazendas? Não!!! Decididamente não consentirei nunca em tal coisa.

GUILHERME- (MANSAMENTE APANHA A FAZENDA). Nada de cerimônias, doutor Pathelin. Eu posso levar muito bem.

PATHELIN- Mestre Guilherme! Apesar da amizade que me unia a seu falecido pai, se o senhor não tem confiança em mim, se acha que sou desonesto, é outra coisa. Mas neste caso não lhe faço a injúria de pensar que o senhor me julga de tal maneira!

GUILHERME- Julgo sim... ou, quer dizer, não julgo não doutor Pathelin... Enfim, se não há outro jeito...

PATHELIN- (PUXANDO-LHE A FAZENDA). Está claro que não há outro jeito Venha sem falta às seis horas. Posso garantir ao senhor que não terá comido em sua vida muitos patos como o senhor vai saborear em minha casa. Quanto ao vinho... prefiro nem falar; o senhor mesmo o julgará. (VAI SAINDO, PARA). À propósito, como quer que lhe pague? Em ouro ou em prata?

GUILHERME- Bom... Eu prefiro em ouro - se for de bom peso!

PATHELIN- Meu ouro é pesado! É antigo... É so tempo do falecido rei!

GUILHERME- Que beleza!... Então não se esqueça de tê-lo à mão quando eu chegar!

PATHELIN- Até às seis (SAI)

GUILHERME- (PARA A PLATÉIA) O dinheiro que ele vai me pagar, ficará bem guardado. Bem diz o ditado: Não há esperto que não encontre outro mais esperto. Esse advogado, mestre da trapaça, levou por doze soldos um tecido que não vale nem oito! LADRÃO QUE ROUBA LADRÃO, TEM CEM ANOS DE PERDÃO!...

238
M

CENA

III (CASA DE PEDRO PATHELIN)

NETRA COREOGRAFIA DAS DANÇARINAS DO CIRCO

(10)

PATHELIN- (NETRANDO ALEGRE). E então?

GUILHERMINA- E então o que?

PATHELIN- Eu não lhe disse? Pode jogar fora o seu vestido rasgado, velho e com cheiro de mofa!

GUILHERMINA- Que diabo é isso?

PATHELIN- (DESDOBRANDO A FAZENDA). Veja, creia, confirme e dê o seu parecer.

GUILHERMINA- VIRGEM NOSSA SENHORA!

GERTRUDES- VIRGEM IMACULADA!

DONATA- VIRGEM MARIA! ME LIVRE DESSE TERREMOTO!

GUILHERMINA- Aonde é que voce conseguiu? Algum cliente deixou isso como penhor? Voce comprou fiado? Meu Deus quem pagará?

GERTRUDES- Cruz credo!

DONATA- Cruze, cruze-me por todos os lados!

PATHELIN- Quem pagará? Ora, mas já está paga e muito bem paga. Posso garantir à voce que o comerciante que me vendeu não é nenhum estúpido.

GUILHERMINA- Já sei! Voce prometeu mediante assinatura ou juramento, pagar a fazenda dentro de algum tempo. Belo trabalho! Quando terminar o prazo, como fatalmente não haverá dinheiro, eles virão e levarão tudo!...

DONATA- ~~Não vou! (desseix)~~ Eu não vou!

GERTRUDES- Cala a boca!

PATHELIN- Oh! Poço de ignorância!... Deixe estar que não levariam grande coisa. Mas não se preocupe ~~xxx~~ torno a repetir que esta fazenda já está paga, que eu não assinei contrato nem fiz juramento algum.

GUILHERMINA- Ora, vá enganar outra! Não se esqueça, senhor meu marido, de que já estamos casados há muitos anos. Conheço o senhor como a palma da minha mão!

GERTRUDES- Eu também!

DONATA- Eu também!

PATHELIN- Isso não vem ao caso pois isso vou lhe contar o fato em duas ~~xxxxx~~ palavras. Voce conhece o mestre Guilherme Covado? Pois bem, é o comerciante mais avarento, miserável e ladrão que se conhece, tal qual seu falecido pai...

GUILHERMINA- Meu pai? Meu pai? Que desaforo! Com que audácia voce...

PATHELIN- Não, Não é seu pai Guilhermina! É o falecido pai de mestre Guilherme!

239
 (11)

GUILHERMINA- (sem jeito)- Ah, sim. Já sei.

PATHELIN- Como estava falando, eu fiz elegios, assinalando a semelhança entre ambos, coisa que nunca aconteceu. E quando chegou a hora de me fiar a fazenda, apesar de gemer, não teve coragem de negar.

GUILHERMINA- A eterna estória da raposa e do corvo...

PATHELIN- Sem tirar nem por. Enfim, prometi pagar-lhe aqui na hora do jantar...

~~XXXXXXXXXXXX~~,

GERTRUDES- Jantar? Puxa, até que enfim!...

DONATA- Acho que vai dar um terremoto mesmo!

GUILHERMINA- Que é isso? Que audácia é essa, suas abelhudas! Já pra cozinha!

PATHELIN- Como estava dizendo, ficou combinado de que ele seria pago aqui na hora do jantar. Um jantar copiosamente regado com vinho...

GUILHERMINA- Está ficando interessante...

PATHELIN- O vinho que ainda está nas nuvens. E prometi também um excelente pato... que ainda está no ovo! Agora chegou o momento de voce revelar sua astúcia tal qual a do seu marido.

GUILHERMINA- E o que devo fazer?

PATHELIN- Coisa muito simples. Jurar por todos os santos do déu, pela legião de querubins e sefafins que há onze meses estou de cama. Doente, louco-furioso, fazendo o desespero de todos os médicos. E o resto é por minha conta. Voce... saberá fazer?

GUILHERMINA- E muito mais. Não é em vão que sou sua esposa, não é verdade? Chorarei lágrimas de sangue, hei de convencer o comerciante que ele está louco ou que viu satanás!

PATHELIN- Ótimo!... Então vamos preparar a farsa porque Guilherme não deve tardar. (SAINDA) Vou deitar-me! (sai)

GUILHERMINA- Valha-me Deus e Santo Onofre milagroso! Ajudai-me nessa empreitada, que eu vos prometo dar uma vela de cêra. Isto é... Se acaso eu tiver o dinheiro que ela custe antes da minha morte. GERTRUDES!... DONATA! (SAI AOS GRITOS).

CENA IV

APRESENTADOR- E ATENÇÃO Senhoras e Senhores! Liguem-se que agora A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN VAI ATACAR. Quem será o vencedor? PATHELIN OU GUILHERME? Não se mecha! Chegou a hora. AAAAÇÇÇÇKAAAÖOOOOOOO\$\$\$!!!!

comprou uma peça de fazenda. E eu vim aqui para receber o meu dinheiro.

GUILHERMINA- Que brincadeira mais sem graça! Não se está em hora de diversão!

~~São treze escudos de ouro, quero já o meu dinheiro!~~

GUILHERME- São treze escudos de ouro, quero já o meu dinheiro!

GUILHERMINA- O senhor é demente? Vá contar suas lorotas a outra!
Ou se é uma brincadeira ela está muito fora de hora!...

GERTRUDES- Concordo plenamente!

DONATA- Indiscutivelmente!

GUILHERME- Cala a boca sua sirigaita!

GUILHERMINA- Oh! Minhas criadas amigas.

GUILHERME- Olhe aqui cara senhora, faça o favor de acabar com as suas lorotas e vá já chamar o doutor Pathelin.

GUILHERMINA- O que? Então é o momento de fazer um homem agonizante sair da cama? O senhor que vá pro diabo que o carregue

GUILHERME- A senhora diz pra eu falar baixo e grita mais que um General em manobras.

GUILHERMINA- É que o senhor me faz perder a paciência.

GERTRUDES- Concordo plenamente-

DONATA- Indiscutivelmente, rigidamente!

GUILHERME- Basta de estórias, vocês não vão me tapear. Já lhe disse que o doutor Pedro Pathelin me comprou onze varas de ~~xxxx~~ fazenda fiado hoje, agora mesmo, já, já!

GUILHERMINA- O que?

GERTRUDES- O senhor continua no seu desvairio?

DONATA- Desvairio? O que é isso?

GERTRUDES- Cala a boca!

GUILHERMINA- Meu desventurado marido há onze meses que está esquilido, pregado na cama, sofrendo, gemendo de cortar o coração, havia de ter hoje que comprar fazenda fiado na sua loja? Meu Deus! Como o mundo está cheio de gente perversa!...

GERTRUDES- ANGÚSTIA!...

DONATA- DESGRAÇA!...

GUILHERME- Que absurdo! Vamos! Exijo o meu dinheiro!

GUILHERMINA- O senhor está bebado!

GUILHERME- Bêbado eu? Mas isso é um desaforo, desaforado!

GUILHERMINA- Isso mesmo! Só um bêbado pode dizer que um homem convalescente, paralizado pelo sofrimento, lhe teria comprado fiado uma peça de fazenda. Só se fosse uma mortalha!

PATHELIN- (de dentro) Guilhermina! Um pouco de água de rosas. Meu Deus, voce me deixa aqui sozinho! Água, venha depressa!...

GUILHERMINA- Aí está o que o senhor fez. O coitado do homem acordou.

GERTRUDES- Santa ~~Gertrudes~~ Donata!

DONATA- Santa Gertrudes!

GUILHERME- Ainda bem!

PATHELIN- Guilhermina! Vem depressa expulsar toda essa gente preta daqui! Eles estão fazendo caretas pra mim. Socorro!!!

GUILHERMINA- Que é isso, meu bem? Voce não tem juízo de levantar assim!

PATHELIN- Olha esse frade preto que está voando. Peguem, peguem! Ponham-lhe uma batina!... Pára galo! meu Deus, Como ele voa!

GUILHERMINA- Veja como sofre, o desgraçado!

GERTRUDES- Angústia!!!...

DONATA- Desgraça!!!...

GUILHERME- Mas ele caiu doente ao voltar da feira?

GUILHERMINA- Que feira, meu senhor, que feira?

GUILHERME- A feira onde tenho minha loja de fazendas!

PATHELIN- (entrando) Guilhermina, não suporto mais aqueles elefantes vadios. (VÊ GUILHERME). Ah! É o senhor doutor Gerineldo? Chegou a tempo. Seus remédios me deram tanta cólica que estou que não aguento!

GUILHERME- (ABOBALHADO). Doutor Gerineldo? Que é isso? O senhor não se lembra mais de mim?

PATHELIN- O senhor é um charlatão! E eu não tomo mais nenhum remédio que o senhor me receitar...

GUILHERME- Que palhaçada é essa? Não se faça de desentendido, quero já o meu dinheiro!

PATHELIN- Além de serem amargos como fécula, fazem uma tal rebelião no meu estômago que parece que tenho um exército guerreando na barriga!

GUILHERME- Mas o que é isso? Sou eu quem está maluco ou é o senhor? Mas os meus onze escudos de ouro, onde está?

PATHELIN- (aos berros) Corram! Corram! Aí vem eles! Socorro! Eles querem me trucidar!...

GERTRUDES- Quem, quem?

DONATA- Socorro!...

PATHELIN- Os elefantes vadios!... (DESMAIA)

GUILHERMINA- Que desespero!

GERTRUDES- Angústia!...

DONATA- Que desgraça!...

GUILHERMINA- Miserô, em que estado está!

GUILHERME- Não sei o que diga, não sei o que pense... Foi ele que foi à minha loja? Foi outro? Só se fosse o diabo, Cre-

242
17

do em cruz! Vamos, minha senhora, diga-me, a senhora não tem aí um excelente pato cozinhando?

GUILHERMINA- Ora vejam que bela pergunta! Mestre Guilherme procure um médico, o senhor não está bom da cabeça!

GUILHERME- É possível, é possível! A senhora, suas criadas e aquele ~~xxxxxxx~~ ~~xx~~ alucinado me estontearam tanto que já nem sei onde estou. Foi ele, Santo Deus... Quem foi? Não sei! Ah! meu rico dinheiro... Que pesadelo! Enfim, creio que não há mais nada a fazer aqui. Adeus! (VAI SAINDO).

GUILHERMINA- Adeus!

PATHELIN- Ele já foi embora?

GUILHERMINA- Psiu! Ele está aqui perto. Rosna mais que um velho ~~xxx~~ cão de caça. Parece que está sonhando acordado.

PATHELIN- Já posso me levantar?

GUILHERMINA- Espere um pouco, ele pode perceber.

GERTRUDES- Ele é tão desconfiado, e acabou caindo como um pato!

DONATA- E ainda queria comer o pato!...~~XXXXXXXXXXXX~~

GUILHERMINA- O homem só falava em fazenda, escudos de ouro, em pato, sem perceber que ele era um! E de que tamanho! Ah, ah, ah...

PATHELIN- Não ria assim, ele pode escutar.

GUILHERMINA- Não posso me conter quando me lembro da cara dele. Enfim, consegui po-lo para fora daqui, convencido!...

PATHELIN- Selencio, ele pode voltar!

NA RUA

GUILHERME- Será possível que eu tenha sido enganado por um advogado de meia tijela? Um João-ninguém? Ah, não! Volto lá e hei de arrancar os meus treze escudos de ouro, custe o que custar!

GUILHERMINA- (DE DENTRO) Ah, ah, ah...

GUILHERME- Vejam só que descaramento! A ~~xx~~ tal mulherzinha dele ~~xxxx~~ está às gargalhadas! Ah! Estou muito grosso pra pavu! (ENCAMINHA-SE OUTRA VEZ À PORTA) Ó de dentro...

GERTRUDES- Santa Donata!...

DONATA- Santa Gertrudes!...

GUILHERMINA- Virgem Nossa Senhora, ele me ouviu! Depressa va se deitar!...

GUILHERME- Abram a porta!

GUILHERMINA- Que gritaria é essa? Pare de gritar!

GUILHERME- Não paro, não senhora! A senhora está rindo ou pensa que sou surdo?

GUILHERMINA- Por acaso estou proibida de rir? E tenho muiyo motivo pra rir na verdade. Oh! Meu marido ele canta tango, chora, ri, dança boleros, fala em língua diferente... De maneira que choro e rio ao mesmo tempo.

GERTRUDES- Angústia!...

DONANA- Desgraça desgraçada!...

PATHELIN- (aos gritos) Vamos, rápido, de pé! A rainha das guitarras deu à luz à vinte e quatro guitarrinhas. Ela está aí fora, (PARA GUILHERME) Faça-a entrar! Ela veio me convidar para o batizado, quero ser padrinho!

GUILHERMINA- Ah, meu bem, pense em sua alma e deixe em paz as guitarrinhas.

GUILHERME- A senhora já pensou, bela dama? Nunca, nunca eu fui enganado em minha vida. Fique sabendo de uma coisa, se esta fazenda não for para, a senhora, essas criadas ma lucas e seu marido serão enforcados!

GERTRUDES- Angústia!...

DONATA- Ai! Desgraça, desgraçada!...

GUILHERMINA- Que desatino!... Ajoelhe-se! Faça o sinal da cruz! O senhor deve estar com uma legião de demônios pelo corpo! Abrenúncio!... (benze-o)

GERTRUDES- Cruz credo!...

DONATA- Credo em cruz!...

PATHELIN- (trágico) Madre de dios, por mi fé, quiero ir-me! Que me quieres niña? Venga. Volte monstro! Quieres dinero? No lo tengo, no lo tengo!

GUILHERMINA- (aflita) Ele tem um tio espanhol, que era irmão do neto da tia-avó dele. É por isso que ele fala o espanhol.

GUILHERME- Será possível?

PATHELIN- Kome hier, Kome hier. Ach! Was ist das? Mein Gott! Wie ist dieser Kaufmann!

GUILHERME- Kaufmann!... Meu deus, ele é poliglota.

GUILHERMINA- A falecida senhora sua mãe era sobrinha de um bisneto de alemão. É por essa razão que ele fala essa língua.

PATHELIN- Ho signore mio! Que me voi cose mercatore? Dinaro? Non abiamo noi! E se volio uno piccolo asso lo daré. Stupido Huomo!

GUILHERMINA- Foi um tataranete que aprendeu não sei onde nem pra que nem porque lhe ensinou o idioma.

GERTRUDES- Angústia!...

DONATA- Oh, dor!...

PATHELIN- To be or not to be, this is the question! If you please Sir. What will you? Money? I dont' now... Get out, get

PATHELIN- To be or not to be, this is the question! If you please Sir. What will you? Money? I don't know... Get Out, get out!... Oh Good... Oh, Good!...

GUILHERME- Que língua renegada?! Será possível que ele nunca se cale?

PATHELIN- Et Bona die sit vobis! Magister amantissime, pater reverendissime. Quomodo bralis, qual nova? Parisiu non sunt ova!

GUILHERMINA- meu Deus misericordioso! Ele está falando latim!...

GERTRUDES- É sinal próximo da morte!

DONATA- Cala a boca praga!

GUILHERMINA- Que os anjos Queribins e Serafins da Corte Celeste o assistam nesse momento de agonia!

GERTRUDES- Angústia!...

DONATA- Desgraça!...

GUILHERME- Meu Deus! Ele vai morrer falando! Não há sombra de dúvida ele está muito mal. Pobre homem. É melhor eu ir embora. Até logo bela dama Desculpe-me mas jurava que tinha sido ele quem comprou a fazenda fiado.

GUILHERMINA- Não se preocupe está perdoado.

GUILHERME- Adeus!

GUILHERMINA- Adeus senhor, reze por mim!

GUILHERME- Vejo seu sofrimento. (SAI)

GUILHERMINA- E então? Sou ou não sou uma digna esposa? Meu Deus, como conseguimos enganá-lo! (PARANDO) Você não acha que o que fizemos foi muito feio?

PATHELIN- Feio? (EMBARAÇADO). Bem... eu... Ora, Ladrão que rouba ladrão...

GERTRUDES E DONATA- Tem cem anos de perdão!

ENTRA COREOGRAFIA DE CIRCO

CENA V

NA RUA, AO ANOITECER.

GUILHERME- (DESESPERADO) Foi sem dúvida o diabo que veio me tentar disfarçado naquele advogado. Bem... antes tenha a minha fazenda do que a minha alma! Meus pobres lucros se foram em boa parte! Enfim, seja tudo pelo amor a Deus.

TEOBALDO- (ENTRANDO) Deus vos guarde, mestre Guilherme!

GUILHERME- (sem vê-lo) E ao senhor também... (reconhece-o). Como, seu ordinário, cachorro, você tem a coragem de aparecer na minha frente?

TEOBALDO- Mas o que há meu bondoso patrão?

GUILHERME- Como, seu montecapto! Voce me mata os carneiros, come a carne, vende a lã e ainda tem a petulância descarada de aparecer na minha frente?

TEOBALDO- Mas por que não meu patrão? Eu sei que o senhor é a melhor pessoa do mundo!

GUILHERME- Chega!... Só falarei contigo diante do juiz no tribunal! Seu infame, fedorento, sacripanta, immuunndddooo!... (SAI PRAGUEJANDO).

TEOBALDO- Ih!... Estou em maus lençóis! Bem dizia minha santa avó que este mundo estava cheio de gente salafrária. É, dessa vez o negócio é sério. Tenho que arranjar um advogado. ~~Meu dia é um dia de desgraça para mim. Não sei mais o que fazer. Estou perdido. Não sei mais o que fazer. Estou perdido. Não sei mais o que fazer. Estou perdido.~~

GERMANO- (entrando) Teobaldo, meu irmãozinho, aconteceu outra tragédia.

TEOBALDO- O que foi Germano?

GERMANO- ~~Morreu~~ Morreu outro carneiro!

TEOBALDO- Não ~~me diga~~ me diga isso meu irmão. Mestre Guilherme está furioso e já abriu um processo contra mim.

GERMANO- Santa Genoveva. Ele me botou no seu lugar confiando em mim!

TEOBALDO- (PEGANDO GERMANO PELO PESCOÇO)- Vem cá seu moribundo de uma figa. Confessa... Tu não anda matando esses carneiros, não?

GERMANO- Não meu irmãozinho, como voce pode pensar isso de mim?

TEOBALDO- Eu te conheço peste, tu anda matando esses carneiros.

GERMANO- Não matei!...

TEOBALDO- Matou!...

GERMANO- Não matei!...

TEOBALDO- Matou!...

GERMANO- Matei!...

TEOBALDO! Não matou!... Oh! quer dizer; voce matou?

GERMANO- Não!...

TEOBALDO- Confessa!...

GERMANO- Foi sim, mas eu matei só um! Eu tava com fome.

TEOBALDO- Miserável, tu não nega que é meu irmão. Preciso urgente de um advogado.

GERMANO- Conheço um muito bom, mora aqui perto.

TEOBALDO- Vamos lá!

(ALGUÉM BATE À PORTA NA CASA DE PATHELIN)

GERTRUDES- Quem é?

TEOBALDO- Deus vos guarde, bela donzela. É aqui que mora o doutor advogado?

- GERTRUDES- Quem é o senhor?
- TEOBALDO- Um humilde pastor.
- GERTRUDES- E ele?
- TEOBALDO - Um humilde pastor meu irmão.
- GERTRUDES- É pastor mesmo, no duro?
- TEOBALDO- Claro, voce queria que fosse o que? Um abacaxi?
- GERTRUDES- ~~São~~ (para Donata) São simpáticos!
- DONATA- Lindos!... parece que saíram do...
- GERTRUDES- Cala a boca! Esperem um momento. Patrão! Patrão!...
- PATHELIN- (entrando) Quem é?
- TEOBALDO- Deus vos guarde, meu senhor. O senhor não é advogado?
- PATHELIN- Sim. E o que voce tem a ver com isso?
- TEOBALDO- (humilde) É que queria consultá-lo sobre um caso muito grave.
- PATHELIN- Bem... Vejamos. Pode falar.
- TEOBALDO- É que eu recebi hoje, por um homem de cara feia, a ordem de comparecer perante o juiz.
- PATHELIN- Ih!... O negócio é doloroso. O que foi que voce fez?
- TEOBALDO- Nada de mais. Mau patrão é um avarento, mesquinho, miserável...
- PATHELIN- Bem, bem, bem, mas isso não vem ao caso. Diga, sem mentir, o que foi que voce andou fazendo?
- TEOBALDO- (envergonhado) É que... Eu... Andei matando uns carneirinhos. Coisa sem muita importância!
- GERMANO- Eu também!... Ih, Ih, Ih...
- TEOBALDO- Cala a boca!...
- GERTRUDES- Santo Deus!...
- DONATA- Que horror!...
- PATHELIN- O negócio é perigoso. Roubo, extorsão, morticínio... ~~Está~~ Estás bem arranjado!
- TEOBALDO- Meu Deus! E eu que não pensei fazer nada de mais... E agora, doutor advogado?
- PATHELIN- Me responda uma coisa: voce tem por acaso algum dinheiro para pagar o advogado que o defender?
- TEOBALDO- Tenho sim! Quer dizer... muito, muito não. Mas uns escudos de ouro, daqueles que têm uma coroinha marcada.
- PATHELIN- Ah, meu rapaz, então sua causa é boa! É ótima mesmo! Espere um momento. Vou lhe ensinar um excelente meio para sua defesa. Hum... (raciocina). Deixe-me ver... Venha cá. Voce... (FALANDO NO OUVIDO DE TEOBALDO)... Entendeu?
- TEOBALDO- Muito não.
- PATHELIN- Ora, mas é muito simples! Preste atencao... (NOVAMENTE FALA AO OUVIDO DE TEOBALDO) Entendeu agora?

(19)

247
v1

TEOBALDO- (alegre) Claro! Não é difícil! ²⁰arei exatamente como o senhor está mandando.

PATHELIN- Agora vá embora, não convém que vejam voce aqui comigo.

TEOBALDO- Deus vos guarde, meu senhor. (sai)

PATHELIN- (diabólico) Alguma coisa há de vir. Este pastor não me parece tão inocente quanto se faz. Se ele não tiver es cudos de ouro, alguma coisa há de ter. E na situação em que me encontro, tudo que cai na rede é peixe.

MÚSICA ALTA, ENTRA COREOGRAFIA CIRCENSE

CENA VI

UM SUPOSTO TRIBUNAL

ENTRAM PRIMEIRO O JUIZ E O ESCRIVÃO, QUE TOMAM SEUS LUGARES; A SEGUIR, GWILHERME, QUE SAÚDA O JUIZ, E POR FIM, PATHELIN SEGUIDO DE TEOBALDO.

PATHELIN- Deus vos dê toda a felicidade que o vosso coração deseja, Excelentíssimo, Meritíssimo Senhor Juiz.

JUIZ- Seja bem vindo, doutor Pathelin. Tome o seu lugar.

PATHELIN- Slavo vosso devido respeito, estou muito bem aqui.

JUIZ- Como queira. Mas se há alguma coisa a debater, vamos depressa com ela para que eu possa levantar a ~~sessão~~ sessão.

ESCRIVÃO- Calção? Ho, ho, o meu está...

JUIZ- Sessão!!! Desculpem, ele é meño surdo.

NESSE MOMENTO O ESCRIVÃO COMEÇA A ~~EX~~ TER UM ACESSO DE ALERGIA, TOSSINDO MUITO E ESPIRRANDO. TIRA DO BOLSO UM ~~XX~~ ENORME LENÇO E PASSA NO NARIZ.

GUILHERME- Meu advogado ven já senhor juiz. Ele está acabando um negócio rápido. Peço-lhe o obséquio de esperar um pouquinho.

JUIZ- Não, não. Não pode ser. Tenho outras causas a julgar. Se a parte queixosa está presente, que exponha logo e rapidamente. O senhor não é o queixoso?

GUILHERME- Sim, senhor Juiz.

JUIZ- Quem é o defensor do réu, está presente?

GUILHERME- Sim. Ei-lo que não diz uma só palavra. Só Deus sabe o que pensa.

JUIZ- Já que todos estão presentes, comecemos pelo... começo! Está aberta a sessão!

ESCRIVÃO- Alguém caiu no chão?

JUIZ- Não, senhor escrivão! Está aberta a sessão!

GUILHERME- Eis a minha queixa senhor Juiz: eduquei por caridade

este pastor aqui presente e quando o julguei bastante forte e vigo
roão, mandei-o para o campo para pascentar meus rebanhos. Juro por
Deus, senhor juiz, que é tão verdade como está o senhor sentado
nesta cadeira. E esse miserável, abusando da minha confiança, fez
tal morticínio dom os meus carneiros que...

JUIZ- Um momento! Vejamos, ele era seu empregado? O senhor lhe
pagava ordenado?

ESCRIVÃO- Condenado??? Se ainda nem começou a sessão como é que
já foi condenado?

JUIZ- Cale a boca, voce ainda não entendeu nada. Não escreva nada
por favor.

PATHELIN- Senhor Juiz, o pobre pastor não recebia um vintém!

GUILHERME- (esbugalhando os olhos) Seja eu herege se não é ele!
Não há erro possível!

PATHELIN- (TAPA O ROSTO COM AS MÃOS)

JUIZ- Por que o senhor levanta a mão assim, doutor Pathelin? Está
com dor de dentes?

PATHELIN- Oh, sim senhor Juiz! Nunca tive uma dor igual. Mas...
continuenos o julgamento.

JUIZ- (À GUILHERME) Vamos, continue, acabe depressa.

GUILHERME- É ele, não há dúvida! Foi a ele que vendi minhas doze
varas de fazenda!

JUIZ- Por que o senhor fala de fazenda?

PATHELIN- Ele delíra senhor Juiz, porque não sabe concluir. ~~Naturamente~~
Naturalmente ensinaram-lhe a lição para recitar diante
do tribunal. E ele se esqueceu. Por isso vai dando por
paus e por pedras!

GUILHERME- Seja eu estrangulado se foi a outro que vendi minha
peça de fazenda.

PATHELIN- Onde esse disparatado vai buscar essas invenções para
aumentar a culpa do ingênuo pastor que é sua vítima? Ele
quer dizer, que o pastor vendeu a lã de que foi feita
a minha roupa. Ora, vejam que maldade, senhores! Não
basta a acusação leviana de que o pastor lhe roubou só
os carneiros! É preciso também acusa-lo de ter roubado
uma fazenda, que comprei há mais de tres anos.

GUILHERME- Deus me dê febre amarela se o senhor não tem o meu
tecido!

ESCRIVÃO- QUEM FICOU DESPIDO?

GUILHERME- TECIDO!!!

JUIZ- Calma, calma! Onde estamos nós? O senhor não sabe o que diz
Volte à sua causa sem fazer o tribunal perder tempo com as
suas asneiras!

PATHELIN- (RINDO) Estou desesperado de dor de dentes, mas não posso deixar de rir. Ele está tão embaraçado que não sabe mais o que dizer. Senhor Juiz, é preciso lembrar-lhe onde ele está. Isto aqui é um tribunal!

ESCRIVÃO- BANANAL? Quem falou que isso aqui é um bananal?

JUIZ- Que bananal, ele falou que isso aqui é um tribunal.

ESCRIVÃO- Ah!.. sim... ainda bem que ele acertou. Eu nasci num bananal e sei muito bem o que é isso.

JUIZ- Vanos! Volte aos seus carneiros. O que aconteceu?

GUILHERME- Ele me comprou doze varas a treze escudos!

JUIZ- Estamos todos desatnhados? Onde o senhor pensa que está?

PATHELIN-Senhor Juiz, esse homem toma vossa excelência, com o perdão da palavra, por uma bêsta!

O ESCRIVÃO RI, E O JUIZ BATE-LHE NA CABEÇA

GUILHERME- Que calúnia!

JUIZ- Que insolência!

ESCRIVÃO- Que imprudência!

PATHELIN- Senhor Juiz, proponho que se interrogue o acusado.

JUIZ- O senhor tem razão. Ele deve conhecê-lo, pois o queixoso é seu patrão. Adiante-se o réu e fale.

TEOBALDO- (OLHA PARA PATHELIN E OBEDECE) Bêe!

ESCRIVÃO- Ele disse chulé?

JUIZ- Silêncio! Está aí um outro caso, O que quer dizer bée? Eu tenho por acaso cara de bode? (O ESCRIVÃO RI E JUIZ BATE-LHE NA CABEÇA) Vamos, fale direito!

TEOBALDO- Béeé!

JUIZ- (bufando) Que é isso? Voce está caçoando de mim?!

PATHELIN- Pobrezinho! Não, senhor juiz, ele jamais faria isso. É porque ele é um apalermado pelos maus tratos do patrão!

GUILHERME- Quero ser retalhado como carne de açougue se não foi o senhor quem furtou a minha fazenda! (AO JUIZ) Vossa excelência não sabe com que malícia este doutor Pathelin...

JUIZ- CALE-SE! O senhor está maluco? Deixe de parte o fato acessório e venha ao fato principal.

GUILHERME- Está bem senhor Juiz. Juro não tocar mais no caso da fazenda. Eis portanto o caso do pastor: Eu dizia que ele guzrdava ~~xx~~ doze varas de fazenda... quero dizer; os meus rebanhos. Perdão, foi um engano, senhor juiz. Esse desnaturado pastor quando devia estar nos campos, disse-me que eu teria em pagamento treze escudos de ouro... Não! quero dizer senhor juiz, que quando ele começou a guardar os meus carneiros, ovelhas e bodes, prometeu-me um excelente jantar com pato... Mas ~~ox~~ que estou dizendo? Desculpe-me senhor Juiz, quero dizer que o sórdido pastor jurou-me guardar sem traiçã

231
213

nem desonestidade, todos os meus carneiros, ovelhas e bodes. Pois bem, ele os matava sem dó nem piedade e agora nega tudo! Fazenda, escudos de ouro e o pato! Ah, doutor Pathelin, isso não se faz! Sim, senhor Juiz, esse asqueroso desse pastor matava-me sem o temor de Deus - todos os meus carneiros, ovelhas e bodes! Quando ele se pilhou com a peça de fazenda debaixo do braço, disse-me que fosse à sua casa, porque tinha um excelente pato que sua mulher estava cozinhando...

JUIZ- Cale-se! Cale-se! Basta de cretinice! Sua queixa não tem rima nem razão. O senhor é um alucinado! Ora vejam: começa a falar do pastor, dos carneiros, ovelhas e bodes. Depois emenda com fazenda, pata, jantar, escudos de ouro... Qual! Só mesmo um louco, um maníaco! Isto aqui não é um manicômio!...

PATHELIN- Naturalmente é porque ele tem a consciência pesada. Ele não pagava o pastor.

GUILHERME- O senhor faria muito bem em calar-se, ouviu?

PATHELIN- Não calo-me! Falo quando me der na telha!

ESCRIVÃO- De nôvo Ovelha?

GUILHERME- E minha fazenda, o senhor não a tem?

JUIZ- O que é que o doutor Pathelin tem?

~~Nada não senhor Juiz, mas posso afirmar que ele é o maior caloteiro do mundo.~~

GUILHERME- "ada não senhor Juiz, mas posso afirmar que ele é o maior caloteiro do mundo.

JUIZ- Silêncio! Trate de lembrar-se dos fatos e conclua logo.

GUILHERME- Estou confuso senhor Juiz. Interrogue novamente o cretino desse pastor. Ele bem sabe falar.

JUIZ- (irritado) Um momento!-

PATHELIN- Protesto, senhor Juiz O esquálido pastor não poderá falar por si mesmo. Se vossa excelência permitir, eu interrogarei o réu.

JUIZ- O senhor atreve-se em assisti-lo, creio que só terá aborrecimentos sem proveito algum. A coisa tá mais preta que urubú.

ESCRIVÃO- O pato ficou nu? Como?

JUIZ- Não escreva isso por favor!...

PATHELIN- (interrogando Teobaldo) Adiante-se meu amigo. Voce me entende? Vamos, fale.

TEOBALDO- Béééé!

PATHELIN- Como foi a ocorrência? Explique-se melhor.

TEOBALDO- Béééé!

PATHELIN- Responda direito.

TEOBALDO- Béééé!

PATHELIN- Não há nada a fazer, senhor juiz. O pobrezinho é idiota mesmo. Veja senhor juiz, até que ponto pode ir a maldade humana esse homem tem a coragem de fazer uma acusação a um idiota. (à Guilherme) Mas tu te enganas homem facínora! O juiz diante de quem estais, jamais se deixará enganar pelos tiranos!

JUIZ- Que beleza! O senhor tem toda razão. Este pastor é um débil mental. Não pode, portanto, responder a processo. AUMENTS NON SUHT SUBJECTS JURIS!

PATHELIN- Senhor Juiz, para evitar delongas inéptas, mande embora o pastor.

JUIZ- Exatamente, é o que resta fazer.

GUILHERME- Senhor Juiz? Ele será absolvido sem que eu tenha plaiteado?

JUIZ- Por~~x~~ que não? Se o senhor além de demente, não diz coisa com ~~xxx~~ coisa e o pastor é um enfêrmo mental.

GUILHERME- (ajoelhando-se) Suplico e imploro a vossa excelência que ~~xx~~ deixe ao menos expor minhas conclusões.

JUIZ- Eu não estou aqui para perder tempo com loucos!

GUILHERME- E eles vão-se embora sem que eu seja ouvido?

JUIZ- O senhor não acho que já fez o tribunal perder muito tempo com estupidez?

GUILHERME- Mas então que a causa seja ao menos adiada.

JUIZ- Adiada? E para que? O senhor é um ignóbil e este rapaz é um moribundo. Com tal gente é impossível um processo!

PATHELIN- Vossa Excelentíssima Excelência diz bem. É impossível lidar se com tais pessoas. Por isso peço a quitação do meu cliente

JUIZ- Com toda razão. Adiante-se o réu. Vá, voce está livre. Não se preocupe mais com as calúnias levantadas contra sua pessoa. E não volte nem quem~~x~~ um oficial de justiça vá intimá-lo!

TEOBALDO- Béééé!...

GUILHERME- Mas isso não pode ser, senhor juiz! Este pastor é um biltre um ladrão, eu posso...

PATHELIN- Libertino! Sórdido!

JUIZ- Vamos! Eu tenho mais o~~x~~ que fazer do que ficar ouvindo disparates! Doutor Pathelin, o senhor não quer jantar um excelente pato comigo em minha casa?

GUILHERME- Pato? Jantar?

PATHELIN- Agradeço-lhe muito, mas os meus dentes...

JUIZ- Oh, mil perdões! Eu havia me esquecido, Deus vos guarde! (SAI)

GUILHERME- (alucinado) Ah, doutor Pathelin, que o diabo me carregue se o senhor não é o maior salafrário do mundo!!! E então? Minha fazenda, meus escudos de ouro, treze! E o pato, e a minha fazenda, e a sua loucura, sua mulher, suas criadas???

PATHELIN- Sempre a mesma coisa... O senhor devia mudar de nota porque já está ficando monótona. Irritante! Eu, doente? Ora, essa é grande!

GUILHERME- Ah!... Não está doente? Seu desgrenhado indecoroso! Eu vou já na tua casa e arrancar minha fazenda.

PATHELIN- Isso mesmo! Vá, vá ver se estou doente. Estúpido, Imbecíl! Burro! Vai lá que tu não sabe o que te espera! (À TEOBALDO) E então, Teobaldo? Teve ou não sucesso a minha idéia?

257
M
(25)

TEOBALDO- (afirmativo) Béeéé!

PATHELIN- Bem, agora fale direito. A farsa já acabou?

TEOBALDO- Béeéé!

PATHELIN- Que é isso? Voce quer burlar a mim, o homem mais esperto desta cidade? Vamos, seu ingrato, meu dinheiro!

TEOBALDO- (gozador) Béeéé!

PATHELIN- Ah, seu pérfido adúltero! Quero meu dinheiro senão vou buscar um soldado!

TEOBALDO- Béeéé!

PATHELIN- Será possível que eu tenha caído no meu próprio ardíl? E que uma raposinha engana uma velha raposa matreira? Espere um pouco seu miserável, vou buscar quem faça voce falar.
(aos gritos) Soldados! Soldados!

TEOBALDO- Há, há! Ladrão que rouba ladrão!!!

PATHELIN- O que?

TEOBALDO- Béeééééééé!....

FIM DA FARSA

254
14

TEATRO

TÍTULO A Lusa do Advogado Pathelin

Grad - Reuiz + Basselmann

1) ARQUIVO

Clas. Anterior livre

Praça Manaus - AM

Obs.:

DF. 24 / 03 / 1980 /

Felina M. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado de acordo com requerimento de _____
_____ LIVRE _____
_____ ser _____

Obs.: confronto
Brasília - DF de 07 de 07 de 1980

Hellé Vicente Carvalhedo
Metr. 2 415 791

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer, condiciona
Em, 07 / 04 / 1980 da ao ensino
geral

Bel José de Sousa
Metr. 2 095 665



255
07

PARECER Nº 350 / 80

TÍTULO: A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN.

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE, Condicion. ao Ensaio Geral.

✓ Autor desconhecido. Tradução de Luiz Hasselmann.

A obra ora apreciada nascida num estilo burlesco / de um teatro medieval ? enfoca uma sátira aos costumes, -/ que embora através de situações cômicas eviscera um ângulo/ da justiça humana, justiça esta facciosa, passional, perita em sofismas que muitas vezes descem à uma mentira deslavada , comprovando-se que muitas vezes a Justiça, como institui- ção é conspurcada, esfolada, maculada, e que toda sua força legal sucumbe e subjuga-se ante as fraquezas e as paixões / humanas.

Face ao clima de sadio humor, do cômico e do deso- pilante encontrado ao longo da obra e somando-se a positiva mensagem proposta pela obra, havemos por bem em opinar PELA LIBERAÇÃO do presente trabalho e título "A FARSA DO ADVOGA- DO PATHELIN", com a chancela LIVRE e cuja liberação final / condicionar-se ao Exame do Ensaio Geral, de acordo com a -/ legislação em vigor.

Brasília, DF, 31 de Março de 1980.

Ivan Batista Machado
Ivan Batista Machado.



256
87

PARECER Nº 351 / 80

TÍTULO: A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: L I V R E

Trata-se de peça teatral **retratando** várias tra-
paças dos personagens mais destacados, estas são praticadas
envolvendo certa dose de comicidade.

Como os eventos são de pouca monta onde pratica-
mente ninguém leva vantagem no final, entendemos que o con-
teúdo do texto não viria influir negativamente sobre o pú-
blico infantil, podendo assim obter a chancela L I V R E .

Brasília, 27 de março de 1980


José Daltro Cardoso - TC

Matr. 2096417

257
M

" A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

AUTOR DESCONHECIDO

LUIZ HASSELMANN

256/80

GRUPO DE TEATRO DE COMERCIAIS DO SESC

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

80

ABRIL

07

ANNALS (AUTOR DESCONHECIDO) TRAD. LUIZ HASSELMANN

O PRESENTE CERTIFICADO COMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DDDP.

80

ABRIL

85

80

ABRIL

80

LIVRE

ENTRADA DE 2003A

Jose V. Madeira
80
JOSÉ VIEIRA MADEIRA

" A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

AUTOR DESCONHECIDO

LUIZ HASSELMANN / AM

GRUPO DE TEATRO DE COMERCIÁRIOS DO SESC / AM

JOSÉ MARIA NUNES CORREIA / AM

07 ABRIL 80

L I V R E - CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

08 ABRIL 80

08 ABRIL 80

08 ABRIL 80

JOSÉ VÍTORIA MADRINA

[Signature]
ELIEL JOSÉ DE SOUSA

LIVRE

238
✓

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1.068/80-SE/DCDP

BSB/

08/04/1980/ XXX

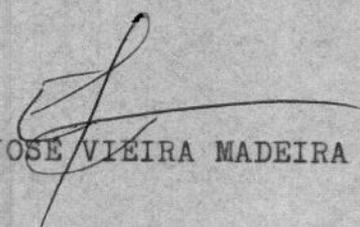
Chefe do Serv. de Censura da SR/AM

" A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN "

TRAD. Luiz Hasselmann (DESCONHECIDO)

Chefe

em MANAUS / AM


JOSE VIEIRA MADEIRA



MJ - DPF - DCDP - DSE

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 209 003264

259
W

RECEBIDO POR
Em, 21 de março de 1980.

Ofício nº 027/80 - SCDP/SR/MA
Do Chefe da SCDP/SR/MA
Ao Sr. Diretor da DCDP
Assunto: Encaminhamento (FAZ)

FICHADO
DCDP

Senhor Diretor,

Com este, encaminho a V.Sª., três (3) vias da peça teatral intitulada "A FARSA DO ADVOGADO PATÉLIN" a adaptação de LUIS HASSEIMANN, para a competente verificação desse Órgão.

Sirvo-me do ensejo para apresentar a V.Sª. os protestos de estima e consideração.


JAIR DE ALMEIDA
Chefe da SCDP/SR/MA

Ilmº Sr.
Dr. José Vieira Madeira
MD. Diretor da DCDP/DPF
Brasília - DF.

260
27

A
FARSA
DO
ADVOGADO
PATELIN

(AUTOR DESCONHECIDO)

\$ \$ \$ \$ \$
\$ \$ \$ \$ \$
\$ \$ \$

26
M

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ
SUPERINTENDÊNCIA DO TEATRO GUAÍRA
TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

Autor anônimo

Tradução de LUIZ HASSELMANN

PERSONAGENS:

- PATHELIN - Advogado, esperto e artiloso.
GUILHERMINA - Sua mulher, astuciosa.
GUILHERME - Comerciante. Simplório.
TEOBALDO - Pastor. Ingênuo e confiante.
UM JUIZ - Autoritário, solene.

CENÁRIO - No teatro medieval os cenários são simultâneos, isto é: todos os locais necessários ao desenvolvimento da ação eram justapostos. Aconselhamos a estilização. Pode ser feito com rotunda escura e elementos mutáveis de acordo com o estilo da peça.

- PATHELIN - Por Deus, Guilhermina. Por mais que dê tratos à bo-
la, não consigo descobrir um meio de ganhar um vin-
tém. Houve tempo, no entanto, em que não me falta-
vam clientes nem belos escudos.
- GUILHERMINA - Pois é, esse tempo já vai longe. Para mim, a advoga-
cacia é a pior profissão do mundo. Um dia bem, um
dia mal, ora enganando, ora enganado. Nunca vi coi-
sa assim.
- PATHELIN - E posso jurar que não há nesta cidade melhor advoga-
do do que eu. Ninguém conhece como eu as correntes,
as molas, as engrenagens dos processos. Não há quem
seja mais esperto do que o doutor Pathelin para tor-
cer as leis. Sou um verdadeiro mestra.
- GUILHERMINA - (CORTANDO)... de trapaça! Neste domínio você não ce-
de a ninguém o primeiro lugar.
- PATHELIN - Não confunda os nomes nem as coisas. Sou simplesmen-
te hábil.
- GUILHERMINA - Bela habilidade... enfim, tudo neste mundo pode ter
dois nomes.
- PATHELIN - Isso não vem ao caso. O que precisamos é achar al-
gum modo de ganhar dinheiro. Veja em que estado es-
tão o seu vestido e a minha roupa. Até parece que
estamos vestidos de gase, como anjos de procissão.
- GUILHERMINA - É verdade. Cada vez que sento ou encosto em algum
lugar, tenho medo de deixar colado um pedaço da mi-
nha saia. O dia em que isto acontecer, só me resta
o recurso de fingir de paralítica e esperar passar
o resto da vida sentada... porque ganhar outro ves-
tido, não tenho a menor esperança.

- PATHELIN - Pois você ganhará, um, e hoje mesmo.
- GUILHERMINA - O que?! Você enlouqueceu?
- PATHELIN - Longe disso. Nunca tive tanto juízo.
- GUILHERME - Está-se vendo.
- PATHELIN - Minha Nossa Senhora! Suas idéias magnificas já o levaram ao pelourinho. Será que o lugar é tão bom que deseja voltar para lá?
- PATHELIN - Deixe-se de tolices. O que pretendo fazer não terá a menor consequência.
- GUILHERMINA - Hum!
- PATHELIN - Vamos, de que cor e de que fazenda você quer o seu vestido?
- GUILHERMINA - Da cor e da fazenda que você conseguir extorquir do comerciante, que for bastante tolo para lhe vender fiado.
- PATHELIN - Está bem. Você verá que o espírito é mais forte que a matéria e que o homem de espírito não precisa de dinheiro para vestir sua cara-metade e a si próprio. Até já.
- GUILHERMINA - Vá com Deus. Se encontrar algum otário, não se esqueça de beber com ele.

C E N A II

- PATHELIN - Deus o guarde, senhor Guilherme.
- GUILHERME - E ao senhor também, doutor Pedro.
- PATHELIN - Ainda bem que o senhor me reconhece. Não houve maior

264
yy

- amigo do falecido senhor seu pai do que eu. Deus dê glória à sua alma. Que santo homem era ele! Mas o senhor é retrato vivo dele...

GUILHERME

- Todos dizem isto...

PATHELIN

- E é coisa evidente. Mas, como vão os negócios?

GUILHERME

- Hum... assim, assim. O senhor sabe, comércio é profissão ingrata.

PATHELIN

- Sem dúvida, mas para um homem honesto, inteligente e ativo como o senhor, as coisas não podem deixar de ir bem.

GUILHERME

- Bom, sempre dá para viver, mas os negócios podiam ir melhor...

PATHELIN

- Certamente. Enfim, quando se tem suas qualidades físicas e morais, quando se é assás bem feito de corpo para atrair os olhares femininos e bastante inteligente para tirar proveito duma impressão causada a uma rica senhora... vendendo-lhe a bom preço uma fazenda que ela não examina porque tem o olhar embevecido no vendedor...

GUILHERME

- Qual nada, doutor Pedro...

PATHELIN

- Ora vamos, eu o conheço... seria preciso que neste ponto o senhor não parecesse nada com o falecido senhor seu pai - que Deus tenha sua alma! Aliás é muito justo. As belas coisas devem ser pagas. Se Deus lhe deu belos dotes, foi para que o senhor tirasse proveito deles.

GUILHERME

- O senhor está me confundindo...

263
4

- PATHELIN - Dizer a verdade confunde-o?! Mas meu Deus, quanto mais eu o olho o acho parecido com o senhor seu pai. Os mesmos olhos, a mesma boca, o mesmo nariz... Ah, duas gotas d'água não seriam mais parecidas.
- GUILHERME - O senhor conheceu muito o meu pobre pai?
- PATHELIN - Se o conheci! Não havia dois amigos mais inseparáveis nesta cidade. Eu gostava de sair com ele porque todas as moças o olhavam, e eu ia recebendo as sobras. Que homem era ele! Bom comerciante e finório como ele só. Ninguém o enganava. Exatamente como o filho!
- GUILHERME - O senhor sabe, no comércio, se não se abre os olhos, todos nos roubam.
- PATHELIN - Naturalmente... Mas que linda fazenda é esta...
- GUILHERME - É fazenda de Ruão, muito bem tecida, veja.
- PATHELIN - É muito cara?
- GUILHERME - Não tanto... doze soldos a vara...
- PATHELIN - E o senhor diz que não é cara?
- GUILHERME - A tosquia está tão difícil. O senhor não sabe como a fazenda tem subido de preço... tenho tido tanto prejuízo... Os tecelões aumentaram o preço do trabalho, os carneiros têm morrido de peste ou então pela falta de cuidados dos pastores. Eu mesmo estou agora com um caso desses.
- PATHELIN - Qual?

- 26 p
- GUILHERME - Um patife de um pastor que eu próprio criei, matava me os carneiros para comê-los ou vendê-los. Depois vinha dizer que tinham morrido de peste. Acabei des_{co}brindo e a brincadeira vai lhe sair cara. Fiz quei_{xa} ao meirinho e ele mandou buscar o pastor para a_{presentá}-lo hoje diante do juiz. O canalha pegará pelo menos umas boas horas no pelourinho.
- PATHELIN - Se o senhor precisa de um advogado, estou às suas ordens. Não é para me gabar, mas não sou dos piores. Liquidado em um instantinho o seu caso. Se o senhor quiser posso mandar enforcá-lo.
- GUILHERME - Não quero tanto, o pelourinho basta... Mas, voltando à fazenda, tudo isso faz com que o preço dos tecidos tenha subido prodigiosamente.
- PATHELIN - Estou tentado com esta fazenda. Que maravilha de tecido! Sô numa casa de primeira ordem se poderia encontrar tal coisa.
- GUILHERME - Leve-a, o senhor não se arrependerá. É um tecido forte e de cor firme.
- PATHELIN - Estou vendo, estou vendo. Sô acho um pouco caro. Se o senhor deixasse a vara a dez soldos...
- GUILHERME - Por Deus, que não posso. Doze soldos foi quanto ela me custou. Estou lhe vendendo pelo preço do custo.
- PATHELIN - Bem, vá lá. Não vou brigar com o filho do meu maior amigo por tão pouco. O senhor pode cortar.
- GUILHERME - Quantas varas?
- PATHELIN - Para mim, uma... duas... três e meia. Para minha mulher, duas e meia. Ela é alta... e, é isso mesmo. Cinco varas e meia. Não, seis.

267
M

.6.

- GUILHERME - Por que não leva toda a peça? São sete varas.
- PATHELIN - É, está bem. Sobra um pouco, mas não faz mal.
- GUILHERME - Fazenda nunca é demais. Está aí a peça. São nove es-
cudos.
- PATHELIN - O senhor virá recebê-los em minha casa, onde janta-
rá comigo um admirável pato que minha mulher está
cozinhando.
- GUILHERME - Mas eu não posso, estou muito ocupado.
- PATHELIN - Ora, deixe de bobagem. Às seis horas o senhor é o-
brigado a deixar a loja. O senhor não é judeu para
trabalhar de noite.
- GUILHERME - Está bem. Quando eu for levarei a fazenda.
- PATHELIN - De modo algum. Então vou deixar um comerciante con-
ceituado como o senhor, filho de um grande amigo
meu, carregar uma peça de fazenda? Absolutamente!
Isso é bom prá gente sem importância.
- GUILHERME - Mas... não senhor... eu posso levar. Está bem assim
- PATHELIN - (APANHANDO A FAZENDA) Não consinto de modo algum. Só
assim o senhor virá à minha casa.
- GUILHERME - Mas eu posso ir levando a fazenda.

268
87

- PATHELIN - E o senhor ficaria bem carregando fazendas? Não consentirei nunca em tal coisa.
- GUILHERME - Nada de cerimônias, doutor Pedro, eu posso levar muito bem.
- PATHELIN - Se o senhor não tem confiança em mim, se acha que sou desonesto, é outra coisa. Mas neste caso não lhe faço a injúria de pensar que o senhor me julga de tal maneira.
- GUILHERME - Não julgo, não. Enfim, se não há outro meio...
- PATHELIN - Está claro que não há outro meio. Venha sem falta às seis horas. Posso garantir que o senhor não terá comido em sua vida muitos patos como o que o senhor vai comer em minha casa. Quanto ao vinho, prefiro nem falar. O senhor mesmo o julgará. A propósito, como quer que lhe pague? Em ouro, ou em prata?
- GUILHERME - Prefiro em ouro, se for de bom peso.
- PATHELIN - Meu ouro é antigo. É do tempo do falecido rei.
- GUILHERME - Então não se esqueça de tê-lo à mão quando eu lá chegar.
- PATHELIN - Sim, mas o senhor só receberá depois do jantar. Por Deus, mestre Guilherme, só assim o senhor conhecerá o caminho de minha casa. Seu falecido pai o conhecia muito bem. Nunca deixava de me cumprimentar quando passava. Mas o senhor não se dá com gente pobre... (SAI)
- GUILHERME - (SÓ) Pobre sou eu... eu... O dinheiro que ele vai me pagar ficará bem guardado. Bem diz o ditado que não há um esperto que não encontre outro mais esperto. Ex se advogado, mestre da trapaça, levou por doze soldos um tecido que não vale nem nove...

269
MC E N A III

(CASA DE PATHELIN. SALA)

- PATHELIN - (ENTRANDO) Então?
- GUILHERMINA - Então o que?
- PATHELIN - Eu não lhe dizia? Pode jogar fora seu vestido velho.
- GUILHERMINA - Que diabo é isto?
- PATHELIN - (DESDOBRANDO A FAZENDA). Veja e creia.
- GUILHERMINA - Virgem Nossa Senhora! Algum cliente deixou isto como penhor? Você comprou fiado? Meu Deus, quem pagará?
- PATHELIN - Quem pagará? Mas já está paga e bem paga. Posso afirmar a você que o comerciante que me vendeu não é nenhum tolo.
- GUILHERMINA - Já sei. Você prometeu, mediante uma assinatura ou um juramento, pagar a fazenda dentro de algum tempo. Be-lo trabalho! Quando chegar o termo, como não haverá dinheiro, eles virão e levarão tudo.
- PATHELIN - Deixe estar que não levariam grande coisa... mas não se preocupe, torno a repetir que a fazenda já está paga e que eu nem assinei contrato nem fiz juramento algum.
- GUILHERMINA - Vã enganar a outra. Não se esqueça de que estamos casados já há alguns anos. Conheço você como a palma da minha mão.
- PATHELIN - Não temos tempo a perder, por isso vou lhe contar o caso em duas palavras. Você conhece o mestre Guilherme Cövado? Pois bem, é o comerciante mais avarento e ladrão que já vi, tal qual seu falecido pai. Pois mui

270
M

- to bem, eu, com a minha lâbia, abordei-o fazendo mil elogios a um e ao outro, assinalando a semelhança entre ambos, fazendo-lhe tantas cortesias, que quando chegou a hora de me fiar a fazenda, apesar de gemer, não teve coragem de negar.

GUILHERMINA - A eterna história da raposa e do corvo...

PATHELIN - Sem tirar nem por. Enfim, prometi-lhe pagar aqui na hora do jantar, copiosamente regado com um vinho que ainda está nas uvas. E prometi, também, um pato que ainda está no ovo. Agora chegou a sua vez de trabalhar.

GUILHERMINA - Que devo fazer?

PATHELIN - Coisa muito simples. Jurar por todos os santos do céu que há onze meses estou de cama, doente, louco, furioso, fazendo o desespero de todos os médicos. O resto é por minha conta. Você saberá fazer isso?

GUILHERMINA - E muito mais. Não é em vão que sou sua esposa. Chorarei lágrimas de sangue, hei de convencer o comerciante de que ele está louco ou que viu o diabo.

PATHELIN - Ótimo! Vamos preparar a farsa. Vou deitar-me, porque Guilherme não deve tardar. (SAI)

GUILHERMINA - (SÓ) Valha-me Deus! E Santo Onofre Milagroso, ajuda-me nessa empresa, que eu vos prometo dar uma vela de cera... se acaso tiver o dinheiro que ela custa antes de minha morte. (SAI)

C E N A IV

(PRIMEIRO NA RUA, DIANTE DA CASA DE PATHELIN. DEPOIS, NO INTERIOR. SALA. ENTARDECER).

271
M

- GUILHERME - (NA RUA). Creio que já está na hora de beber o vinho e comer o pato lá do tal doutor Pathelin! Ah! meu querido dinheiro, até que enfim vou te ver. Meu coração quase para quando me lembro que vendi fiado uma peça de fazenda. Ho! Ho! Dr. Pedro Pathelin.
- GUILHERMINA - Que barulho é esse? Se o senhor tem alguma coisa a dizer, fale baixo.
- GUILHERME - Deus vos guarde, minha senhora.
- GUILHERMINA - Fale baixo.
- GUILHERME - Mas o que há?
- GUILHERMINA - Eu lhe peço, pelo amor de Deus, não grite!
- GUILHERME - Onde está seu marido?
- GUILHERMINA - Meu Deus, onde é que o senhor queria que ele estivesse?
- GUILHERME - O doutor Pedro não está aí?
- GUILHERMINA - Quisera Deus que ele estivesse com bastante saúde para não estar aqui.
- GUILHERME - Mas o que quer dizer isto?
- GUILHERMINA - Coitado do homem... ele está na cama... onze meses de martírio!
- GUILHERME - Quem?
- GUILHERMINA - Desculpe, mas não posso ficar muito tempo. Tenho que voltar para perto do meu doente.
- GUILHERME - Mas quem é o seu doente?

- 272
M
- GUILHERMINA - Quem há de ser senão meu marido?
- GUILHERME - O doutor Pedro Pathelin?
- GUILHERMINA - Não me consta que eu tenha outro marido.
- GUILHERME - Mas não há quinze minutos que ele esteve comigo, e por sinal, me comprou fiado uma peça de fazenda. Vim aqui para receber o dinheiro.
- GUILHERMINA - Que brincadeira mais sem graça! Não se está em hora de diversões.
- GUILHERME - São nove escudos. Quero já o meu dinheiro!
- GUILHERMINA - O senhor está doido? Vá contar suas lorotas a outra, ou se é uma brincadeira, ela está muito fora de hora.
- GUILHERME - Faça o favor de acabar com as suas loucuras e vá chamar o doutor Pedro.
- GUILHERMINA - Diabos levem o senhor! Então é o momento de fazer um homem agonizante sair da cama?
- GUILHERME - Mas não é aqui a casa do doutor Pedro Pathelin?
- GUILHERMINA - Quantas vezes o senhor quer que lhe diga que si tá louco, vá para o hospício.
- GUILHERME - A senhora me diz para falar baixo e grita mais que um general em manobras...
- GUILHERMINA - É que o senhor me faz perder a paciência.
- GUILHERME - Basta de histórias. Já lhe disse que o doutor Pedro me comprou sete varas de fazenda hoje, agora mesmo.

273
44

- GUILHERMINA - Que? O senhor continua na sua loucura? Meu pobre marido há onze meses que está doente, pregado na cama, gemendo de cortar o coração, havia de ter hoje que comprar fazenda na sua loja? Meu Deus! Como o mundo está cheio de gente perversa!
- GUILHERME - Vamos! Meu dinheiro!
- GUILHERMINA - O senhor está bêbado? Só pode ser isso.
- GUILHERME - Bêbado eu? Que desaforo!
- GUILHERMINA - Só um bêbado pode dizer que um homem doente, paralisado pelo sofrimento, saiu para comprar fazenda. Só se fosse uma mortalha!
- GUILHERME - Essa história vai continuar?
- GUILHERMINA - Vamos, fale baixo ou vá embora.
- PATHELIN - (DE DENTRO) Guilhermina, um pouco de água de rosa. Meu Deus, você me deixa sozinho aqui! Água, venha depressa!
- GUILHERMINA - Aí está o que o senhor fez. O pobre homem acordou.
- GUILHERME - Ainda bem.
- PATHELIN - Guilhermina, vem depressa expulsar toda esta gente preta que está aqui fazendo caretas para mim. Socorro!
- PATHELIN - Olha esse frade preto que está voltando. Pegue, peguem! Ponham-lhe uma estola. Para, gato. Meu Deus, como ele voa...
- GUILHERMINA - Veja como ele sofre, coitado!

27
M

- GUILHERME - Mas ele caiu doente ao voltar da feira?
- GUILHERMINA - Que feira?!
- GUILHERME - Onde tenho minha loja de fazenda.
- PATHELIN - Ah! é o senhor, doutor João? Chegou a tempo. Seus re-
médios me deram tanta cólica que estou que não posso.
- GUILHERME - Que é isso? O senhor não se lembra de mim? Meu dinhei-
ro?
- PATHELIN - Eu não tomo mais nenhum remédio que o senhor me recei-
tar. Além de serem amargos como fel, fazem uma tal
revolta no meu ventre que parece que tenho um exérci-
to na barriga.
- GUILHERME - Que é isso? Sou eu quem está louco ou é o senhor?
Mas, o meu dinheiro, onde está?
- PATHELIN - Corram, corram! Aí vêm eles, socorro! Eles estão me
matando...
- GUILHERMINA - Coitadinho, em que estado está.
- GUILHERME - Não sei o que diga, nem o que pense. Foi ele que
veio à minha loja? Foi outro? Só se fosse o diabo.
Vamos, minha senhora, diga-me, a senhora não tem um
pato cozinhando?
- GUILHERMINA - Ora veja, que pergunta! Havia eu de ter um pato co-
zinhando, quando meu marido está neste estado? Mes-
tre Guilherme, procure um médico, o senhor não está
bom da cabeça.

275
M

- GUILHERME - É possível, é possível, a senhora me estonteou tanto que já nem sei onde estou! Foi ele? Não sei, meu Deus! Ah! meu rico dinheiro! Que pesadelo! Enfim, creio que não há mais nada a fazer... Adeus... Será possível? (SAI)
- PATHELIN - Ele já foi?
- GUILHERMINA - Psiu! Ele está perto. Rosna mais que um velho cão de caça. Parece que está sonhando acordado.
- PATHELIN - Quero me levantar.
- GUILHERMINA - Espere um pouco, ele pode ouvir.
- PATHELIN - Ele, tão desconfiado, acabou caindo como um patinho.
- GUILHERMINA - É para descontar o que ele rouba dos outros. O homem só falava de pato, sem perceber que ele era um, e de que tamanho!
- PATHELIN - Não ria assim, ele pode escutar.
- GUILHERMINA - Não posso me conter quando me lembro da cara dele. Enfim, consegui pô-lo para fora daqui.
- PATHELIN - Silêncio, que ele pode voltar...
- GUILHERME - (NA RUA) Será possível que eu tenha sido enganado por um advogado de água doce? Um João-ninguém? Não! Voltou lá e hei de arrancar o meu dinheiro custe o que custar. Vejam só, a tal mulher dele está rindo... Esperem aí. Estou muito grosso para pavio.
- GUILHERMINA - Meu Deus, ele me ouviu. Está voltando. Depressa, vá se deitar.
- GUILHERME - Ho, ho, abram a porta.
- GUILHERMINA - Que gritaria!

276
M

GUILHERME - A senhora está rindo, ou pensa que não ouvi?

GUILHERMINA - Tenho muito motivo para rir, na verdade.

GUILHERME - Meu dinheiro. Exijo o meu dinheiro.

GUILHERMINA - Lá vem o senhor com sua história. É para me divertir? Escolheu muito mal o momento. Meu marido já me dá bastante diversão de um outro gênero. Ele canta, chora, ri, dança, fala em línguas diferentes, de maneira que choro e rio ao mesmo tempo.

GUILHERME - Não tenho nada que a faça rir ou chorar, o que eu quero é ser pago, ouviu?

GUILHERMINA - O senhor continua com sua extravagância?

GUILHERME - Não estou habituado a ser pago com palavras. A senhora pensa que tomo gato por lebre?

PATHELIN - Vamos, rápido! De pé. A rainha das guitarras deu a luz vinte e quatro guitarrinhas. Ela está aí, façam na entrar. Ela vem me convidar para o batismo. Quero ser seu compadre.

GUILHERMINA - Ah, pense em sua alma, meu bem. Deixe em paz as guitarras.

GUILHERME - Que contadores de sandices são esses dois. Vamos, meu dinheiro em ouro ou prata.

GUILHERMINA - Será possível que o senhor ainda não se convenceu do seu engano?

GUILHERME - A senhora já pensou, bela dama, o que significa tudo isso? Nunca fui enganado. Mas, palavra de honra, ou a fazenda será paga ou restituída ou então a senhora e seu marido serão enforcados. Juro por Deus!

277
VL

- GUILHERMINA - Que coragem, atormentar assim um doente! Estou vendo, vendo bem pelos seus modos que o senhor está fora do seu juízo. Valha-me Deus! Não bastava meu marido.
- GUILHERME - Que raiva que tenho de perder assim o meu dinheiro...
- GUILHERMINA - Que loucura! Faça o sinal da cruz. O senhor deve estar com uma legião de demônios avarentos no corpo. Abrenúncio!
- GUILHERME - Quero ser esquartejado se tornar a vender fazenda fiado em minha vida.
- PATHELIN - Madre de Dios, por mi fé, quiero irme. Que me quieres niña? Venga. Vote monstro. Quie-dinero? No lo tengo, no lo tengo...
- GUILHERMINA - Ele tem um tio espanhol, que era irmão do filho da tia-avô dele, por isso ele fala espanhol...
- GUILHERME - Ele veio de mansinho e carregou a peça debaixo do braço. Será possível?
- PATHELIN - Kome hier, komme hier. Ach! Was ist das? Mein Gott! Wie ist hart dieser Kaufmann!
- GUILHERME - Mas como ele fala tantas línguas, meu Deus...
- GUILHERMINA - Sua mãe era sobrinha de um neto de alemão. É por esta razão que ele fala essa língua...
- PATHELIN - Ho, Signore mio, que me vol cose mercatore? Argento? Non abiamo noi, e si volio uno piccolo asso, lo darè, stupido huomo!
- GUILHERME - Que é isso? Deu-lhe na teima de falar todas as línguas do mundo? Se ao menos ele me desse meu dinheiro eu ia embora.

278
NT

- GUILHERMINA - Que homem o senhor é! Já se viu maior maldade? Quando há de se convencer da verdade?
- PATHELIN - If you please, sir, what will you? Money? I don't . Get out... get out... Oh, God... oh, God!
- GUILHERME - Que língua renegada. Será possível que ele não se cale?
- GUILHERMINA - O avô do irmão do cunhado dele era inglês e lhe ensinou a falar a língua.
- GUILHERME - Minha Nossa Senhora, estarei sonhando? Foi ele ou foi outro que foi à minha loja, ou foi o demo por ele? Juraria que foi ele quem esteve comigo há meia hora... estou tonto... não sei o que pense...
- PATHELIN - Et bona dies sit vobis - Magister amantissime, Pater reverendissime. Quomode bralis, quae nova? Parisius non sunt ova.
- GUILHERMINA - Meu Deus, ele está falando latim, é sinal próximo da morte. Que os anjos e serafins da corte celeste o assistam...
- GUILHERME - Mas que será isso, meu Deus?! Ele vai morrer falando, não há sombra de dúvida, ele está muito mal. Pobre homem. É melhor que eu me vá, ele pode dizer segredos que eu não deva ouvir. Certamente não foi ele quem me tirou a fazenda. Deus vos guarde, bela dama. Desculpe-me pelo incômodo. Mas jurava que era ele quem tinha me comprado a fazenda fiado...
- GUILHERMINA - Adeus, que os anjos o acompanhem. Reze por mim. O senhor bem vê em que sofrimento estou. (GUILHERME SAI). Então, sou ou não sou uma digna esposa? Meu Deus, como conseguimos enganá-lo...

279
M

PATHELIN - Ele saiu resmungando, estonteado, jurando ter visto o diabo em meu lugar. Bom proveito lhe faça.

GUILHERMINA - Há-há-há! (ENTRA E VIRA-SE MEIO CONFUSA PARA PATHELIN) Você não acha que o que nós fizemos foi muito feio?

PATHELIN - (EMBARAÇADO) Bem... eu... Ora, ladrão que rouba ladrão ...

C E N A V

GUILHERME - (SÓ) Foi sem dúvida o diabo que veio me tentar na forma daquele advogado. Antes tenha a minha fazenda do que a minha alma. Afinal é bem verdade que quem faz a Deus, paga ao diabo. Meus pobres lucros, já se foram em boa parte. Enfim, seja tudo pelo amor de Deus.

TEOBALDO - (ENTRANDO) Deus vos guarde, mestre Guilherme.

GUILHERME - Como, seu canalha, você tem coragem de aparecer na minha frente?

TEOBALDO - Mas o que há, meu bondoso patrão?

GUILHERME - Como? Você me mata os carneiros, come a carne, vende a lã e ainda tem a petulância de aparecer na minha frente?

TEOBALDO - Por que não, patrão? Eu sei que o senhor é o melhor dos homens.

GUILHERME - Chega! Só falarei contigo diante do juiz. (SAI)

280
ML

- TEOBALDO - (SÓ) Estou bem arranjado. Desta vez o negócio é sério. Tenho que arranjar um advogado. Me disseram que por aqui há um. Se não me engano é essa a casa... Ó de dentro...
- PATHELIN - (DE DENTRO) Quem é?
- TEOBALDO - Deus o guarde, meu senhor. O senhor não é advogado?
- PATHELIN - Sim, e você com isso?
- TEOBALDO - (HUMILDE) É que queria consultá-lo sobre um caso muito grave...
- PATHELIN - Bem... Vejamos...
- TEOBALDO - Eu recebi hoje, por um homem de roupa riscada, a ordem de comparecer diante do juiz.
- PATHELIN - Iiii... O negócio é mau. Que foi que você fez?
- TEOBALDO - Nada de mais... Meu patrão é um miserável sovina...
- Pathelin - Bem, bem, bem... isto não vem ao caso. Diga sem mentir o que fez.
- TEOBALDO - Eu andei matando uns carneirinhos... coisa sem importância...
- PATHELIN - O negócio é grave. Roubo, extorsão, dolo. Estás mal parado.
- TEOBALDO - Meu Deus, e eu que não pensei fazer mal algum...
- PATHELIN - Me responde. Você tem dinheiro para pagar o advogado que o defender?
- TEOBALDO - Tenho sim, uns escudos de ouro, daqueles que têm uma coroa marcada.

281
Vt

PATHELIN - Ah, então sua causa é boa. É ótima mesmo... Vou lhe ensinar um excelente meio para sua defesa. Venha cá. Você (COCHICHANDO) Dzz... entendeu?

TEOBALDO - Não é difícil. Farei exatamente o que o senhor está mandando.

PATHELIN - Então fique tranqüilo. Garanto o bom resultado do seu processo. (OLHANDO EM TORNO) Agora vá-se embora. Não convém que vejam você comigo. (TEOBALDO SAI) Alguma coisa há de vir. Esse pastor não me parece tão inocente como se faz, mas enfim... se ele não tem escudos de ouro, alguma coisa há de ter. E na situação em que estou, tudo que cai na rede é peixe.

C E N A VI

O TRIBUNAL

ENTRAM PRIMEIRO O JUIZ E ESCRIVÃO, QUE TOMAM SEUS LUGARES. A SEGUIR GUILHERME E, POR FIM, PATHELIN, SEGUIDO DO PASTOR.

PATHELIN - Deus vos dê toda a felicidade que o vosso coração deseja, senhor juiz.

JUIZ - Seja benvindo, doutor. Tome seu lugar.

PATHELIN - Salvo vosso respeito, estou bem aqui.

JUIZ - Se há alguma causa a debater, vamos depressa com ela para que possa levantar a sessão.

GUILHERME - Meu advogado vem já. Ele está acabando um negócio rápido. Peço o favor de esperar um pouquinho.

JUIZ - Não pode ser. Tenho outras causas para ouvir. Se a parte contrária está presente, exponha o caso rapidamente. O senhor não é o queixoso?

287
VH

- GUILHERME - Sim senhor.
- JUIZ - Quem é o defensor do réu? Está presente?
- GUILHERME - Sim, ei-lo que não diz uma palavra, só Deus sabe o que pensa.
- JUIZ - Já que todos estão presentes, comecemos logo.
- GUILHERME - Eis minha queixa: eduquei por caridade este pastor aqui presente e quando o julguei bastante forte, mandei-o para o campo para pascentar meus rebanhos. Juuro por Deus, senhor Juiz, que é tão verdade como estar o senhor sentado nessa cadeira e esse miserável, abusando da minha confiança, fez tal mortifínio entre os meus carneiros que...
- JUIZ - Vejamos, ele era seu empregado? O senhor lhe pagava ordenado?
- PATHELIN - Qual nada, senhor juiz, o pobre pastor não recebia vintém.
- GUILHERME - (RECONHECENDO PATHELIN) Seja eu hereje se não for ê le. Não há erro possível! (PATHELIN TAPA O ROSTO COM A MÃO).
- JUIZ - Por que o senhor levanta assim a mão, doutor Pathelin? Está com dor de dentes?
- PATHELIN - Sim, nunca tive uma dor igual. Mas... continuemos o debate.
- JUIZ - (A GUILHERME) Vamos, continue, acabe depressa.
- GUILHERME - É ele, não há dúvida, foi a ele que vendi sete varas de fazenda.

283
VH

- JUIZ - Por que o senhor fala de fazenda?
- PATHELIN - Ele delira, senhor juiz, porque não sabe concluir. Naturalmente ensinaram-lhe a lição para recitar diante do tribunal e ele se esqueceu; por isso vai dando por paus e por pedras.
- GUILHERME - Seja eu enforcado, se foi a outro que vendi minha fazenda de Ruão.
- PATHELIN - Onde esse malvado vai buscar estas invenções para aumentar a culpa do pastor que é sua vítima? Ele quer dizer, eu compreendo muito bem, que o pastor vendeu a lã de que foi feita minha roupa. Vejam que maldade! Não basta a acusação mentirosa de que o pastor lhe roubou só os carneiros, é preciso acusá-lo de ter roubado uma fazenda que comprei há mais de três anos!
- GUILHERME - Deus me dê febres quartãs se o senhor não tem o meu tecido.
- JUIZ - Calma! Onde estamos nós? O senhor não sabe o que diz. Volte à sua causa sem fazer o tribunal perder tempo com suas asneiras.
- PATHELIN - (RINDO) Estou louco de dor de dentes e não posso deixar de rir. Ele está tão embaraçado que não sabe mais o que dizer. Senhor juiz, é preciso lembrar-lhe onde ele estava.
- JUIZ - Vamos, volte aos seus carneiros. O que aconteceu?
- GUILHERME - Ele comprou sete varas a nove escudos.
- JUIZ - Estamos todos loucos? Onde o senhor pensa que está?

284
M

- PATHELIN - Senhor juiz, esse homem toma V.Exa., com perdão, da palavra, por um tolo. A julgar pelo seu exterior, no entanto, parece um homem de bem. Proponho que se interroque o acusado.
- JUIZ - O senhor tem razão. Ele deve conhecê-lo, pois o queixoso é seu patrão. Adiante-se. Fale.
- TEOBALDO - Beé!
- JUIZ - Está aí um outro caso. O que quer dizer bé? Eu sou por acaso cabra ou bode? Vamos, fale direito.
- TEOBALDO - Bé!
- JUIZ - Você está caçoando de mim?
- PATHELIN - Pobrezinho! Não, senhor juiz, jamais ele faria isso. E porque ele é um atoleimado pelos maus tratos do patrão.
- GUILHERME - Quero ser apedrejado se não foi ao senhor que vendi minha fazenda! (AO JUIZ) V. Exa. não sabe com que malícia...
- JUIZ - Cale-se! O senhor está louco? Deixe de parte o fato acessório e venha ao fato principal.
- GUILHERME - Está bem, juro não tocar mais no caso da fazenda. Mas o caso me faz enraivecê... porém meus lábios não se abrirão mais sobre esta questão. Por hoje ao menos, porque isso não ficará assim. Eis, portanto, o caso do pastor: eu dizia que ele guardava sete varas de fazenda, quer dizer, meus rebanhos, perdão, foi um engano. Esse senhor pastor, quando devia estar nos campos, disse-me que eu teria em pagamento escudos de ouro... não, quero dizer que quando ele começou a guardar os meus rebanhos, prometeu-me um excelente jantar com pato... mas o

285
41

- que estou dizendo? Desculpe-me, senhor juiz, queria dizer que esse patife do pastor jurou-me guardar sem traição nem dolo os meus carneiros. Pois bem, ele os matava sem piedade e agora nega tudo: dinheiro e fazenda. Ah! doutor Pedro, isso não se faz! Sim, senhor juiz, este canalha de pastor matava-me sem temor de Deus todos os carneiros; quando ele se pilhou com a peça de fazenda debaixo do braço, disse-me que fosse à sua casa.

JUIZ

- Cale-se! Cale-se! Basta de asneiras, sua queixa não tem rima nem razão. O senhor é um louco. Ora vejam: só fala de carneiros, depois emenda com fazenda, com pato, com jantar, com escudos de ouro... Qual! Só mesmo um louco. Isto aqui não é manicômio.

PATHELIN

- Naturalmente é porque ele tem a consciência pesada de não pagar ao pobre pastor e ainda por cima inventar um processo ao coitado.

GUILHERME

- O senhor faria bem em calar-se, ouviu? Minha fazenda, onde está ela? Não é o senhor que a tem?

JUIZ

- O que é que o doutor Pedro tem?

GUILHERME

- Nada, senhor juiz. Isso não vem ao caso. O que eu posso afirmar é que o doutor Pedro é o maior trapaceiro, mas isso fica para outra vez; trata-se agora dos meus carneiros.

JUIZ

- Vamos, trate de lembrar-se bem dos fatos e conclua logo.

GUILHERME

- Estou confuso, senhor juiz, peço-vos que interroguéis novamente esse patife. Vejamos o que ele tem para dizer. Ele bem que sabe falar...

JUIZ

- (IRRITADO) Mas...

286
M

- PATHELIN - O pobre pastor não pode falar por si mesmo, nem saberá responder às acusações que lhe foram feitas. Se V. Excelência permitir, eu falarei por ele.
- JUIZ - O senhor quer assisti-lo? Creio que só terá aborrecimentos sem proveito nenhum.
- PATHELIN - Nem quero ter lucro. Tenho pena de ver um pobrezi - nho sem defesa, exposto às malévolas acusações de um perverso. Quando se é honesto, o lucro não interessa. Com permissão de V. Excelência, vou interrogar o acusado. Aproxima-se, meu amigo. Você me entende? Vamos, fale!
- TEOBALDO - Bêê!
- PATHELIN - O que é? Explique-se melhor.
- TEOBALDO - Bêê!
- PATHELIN - Sempre a mesma coisa. Você não está vendo que os seus interesses estão em jogo? Responda direito.
- TEOBALDO - Bêê!
- PATHELIN - Diga ao menos sim ou não. Não me entende? (BAIXO) Muito bem, continue a dizer isto...
- TEOBALDO - Bêê!
- PATHELIN - Não há nada a fazer. O pobrezinho é idiota mesmo. Veja V. Excelência, senhor juiz, até que ponto pode ir a maldade humana. Esse homem tem coragem de trazer perante este tribunal respeitável um pobre idiot ta, vítima de seus maus tratos, para acusá-lo de um crime que o coitado nunca poderia ter cometido, e

287
M

- isto porque não quer lhe pagar o salário de anos de trabalho. Ele, que devia ser o réu, traz ao banco dos culpados um inocente, como ave de rapina que não quer soltar a presa por nada. (A GUILHERME) Mas tu te enganas, homem perverso! O juiz, diante de quem estás, jamais se deixará enganar pelos malvados. Sua alta inteligência, seu profundo saber, já descobriram na incoerência de tua queixa, como na idiotice do pastor, onde está a verdade...

JUIZ

- O senhor tem razão. Este pastor é um débil mental. Não pode, portanto, responder a processo. Aumentis non suht subjectis juris.

GUILHERME

- Juro que V.Excelência se engana. Juro que esse patife tem mais bom-senso do que eu.

PATHELIN

- Só esta reflexão mostra bem o que é o queixoso. Diante de um tribunal que reconhece a debilidade mental do pobre pastor, ele ousa proclamar o perfeito juízo do acusado. Senhor juiz, para evitar delongas inéptas, mande embora o pastor.

JUIZ

- Sim, é o que resta a fazer.

GUILHERME

- Ele será absolvido sem que eu tenha pleiteado?

JUIZ

- Por que não? Se o senhor, além de louco, não diz coisa com coisa, e ele é um enfermo mental?

GUILHERME

- Suplico a V.Excelência que me deixe ao menos expor minhas conclusões. Juro-lhe que em tudo que disse não houve mentira nem desejo de caçada.

JUIZ

- O que prova que o senhor é realmente louco, e eu não estou aqui para perder tempo com loucos.

788
VJ

GUILHERME - E eles vão se embora ~~sem~~ que eu seja ouvido?

JUIZ - O senhor não acha que já fez o tribunal perder mu
to tempo?

GUILHERME - Que a causa seja ao menos adiada...

JUIZ - Adiada? Para que? O senhor é um louco e esse rapaz
um doente. Com tal gente é impossível um processo.

PATHELIN - V. Excelência diz bem. Não é possível lidar-se com
tais pessoas, por isso peço a quitação do meu clien
te.

JUIZ - Com toda razão. (A TEOBALDO) Vá, você está livre ,
o tribunal reconhece sua inocência. Não se preocupe
mais com as calúnias levantadas contra sua pessoa,
não volte nem que um oficial de justiça vá intimá-
lo.

GUILHERME - Mas isto não pode ser, senhor juiz! Esse pastor é
um tratante, um ladrão... Eu posso...

PATHELIN - O senhor persiste na sua loucura?

GUILHERME - O senhor devia ter vergonha e não falar mis comigo,
ouviu? Minha fazenda, onde está ela?

JUIZ - Vamos, eu tenho mais que fazer do que estar ouvindo
loucuras... Doutor Pedro, o senhor quer jantar co
migo?

GUILHERME - Jantar?

PATHELIN - Agradeço-lhe muito, mas os meus dentes...

JUIZ - É verdade, eu já havia me esquecido. Deus vos guar-
de. (SAI)

289
M

- GUILHERME - Ah, doutor Pedro, que o diabo me leve se o senhor não é o maior trapaceiro do mundo! Então... minha fazenda, meu dinheiro, sua doença?
- PATHELIN - Sempre a mesma coisa. O senhor devia mudar de nota, porque esta já está monótona. Eu doente. Esta é grande!
- GUILHERME - Não está doente? Espere aí, vou já à tua casa...
(SAI)
- PATHELIN - É isso, vá ver se eu estou doente. (A TEOBALDO)
Então, Teobaldo, teve ou não teve sucesso a minha idéia?
- TEOBALDO - Bêê!
- PATHELIN - Vamos, fale direito. Já acabou a farsa.
- TEOBALDO - Bêê!
- PATHELIN - Já lhe disse que fale direito. Vamos, meu pagamento.
- TEOBALDO - Bêê!
- PATHELIN - Que é isso? Você quer me burlar, a mim, o homem mais esperto desta cidade? Vamos, meu dinheiro, já, senão vou buscar um soldado.
- TEOBALDO - Bêê!
- PATHELIN - Não tirarei nada. Será possível que eu tenha caído no meu próprio ardil? E que um camponês, uma criança, uma raposinha engana uma velha raposa matreira? Espere um pouco, miserável, eu vou buscar quem faça você falar. Olá, soldado! Olá, soldado! (SAI)

TEATRO

290
P

TÍTULO A Farsa do Advogado Pathelin

Anônimo

1) ARQUIVO

Clas. Anterior livre

Praça São Luiz - MF

Obs.: _____

DF. 26 / 03 / 80 /

Calina N. Gomes
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: impro-
pria para menores de LIVRE anos,
sem cortes, condicionada ao exame do ensa-

Obs.: conforto
Emitida em 27 de Abril de 1980

Stelle Prudente Carvalho
Matr. 2.415.791

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer, condicional
Em, 07 / 04 / 1980 ao Exame geral.

[Signature]
Blair José de Sousa
Matr. 2.095.895



291
44

PARECER Nº 365 180

TÍTULO: A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN".

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE, Condiç. Ao Ensaio Geral.

Autor: Anônimo. Tradução de Luiz Hasselmann. CONFRONTO.

Ao proceder-se o confronto nos textos da obra citada, constatamos uma perfeita identidade em seus referidos conteúdos, mensagens e formas, o que nos leva ratificar o que dispõe o certificado 7876/78 que dá chancela LIVRE ao referido texto e condiciona a sua liberação final ao Exame do/Ensaio Geral.

Brasília, DF, 07 de Abril de 1980.

Ivan

Ivan Batista Machado.

292
RZ

" A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

AUTOR DESCONHECIDO

LUIZ HASSELMANN

/MA

258/80

SR/ MA

07 ABRIL

80

L I V R E - CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

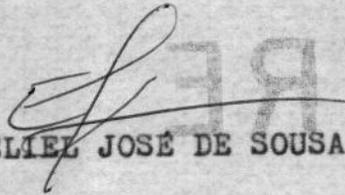
28

03

08 ABRIL 80

08

ABRIL 80


ELIE JOSÉ DE SOUSA

LIVRE

" A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

AUTOR DESCONHECIDO

LUIZ HASSELMANN

256/80

" A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

08 ABRIL 07

AUTOR DESCONHECIDO (TRAD. LUIZ HASSELMANN)

08 ABRIL

08 ABRIL

85

00

LIVRE

Jose V. Madeira
JOSÉ VIEIRA MADEIRANA 80

297
M

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1078/80-SE/DCDP

BSB

08/04/1980/XXX

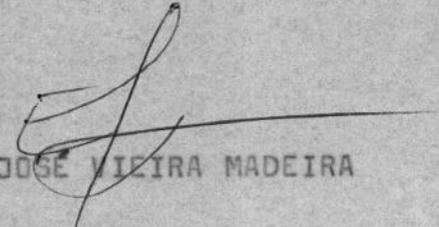
Chefe do Serviço de Censura da SR/MA

" A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

AUTOR DESCONHECIDO

Chefe

em São Luiz/MA


JOSE VIEIRA MADEIRA

294
PC

" A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN "

AUTOR: ANÔNIMO

TRADUTOR: LUIZ HASSELMANN



18 JUN 1980 21 074 1/2
295

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO DISTRITO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF Nº 01024 /SCDP/SR/DPF/DF Brasília, 18 de junho de 80
Do Chefe do SCDP/SR/DPF/DF
Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto Peças Teatrais (encaminha)

FICHA DO DCDP

Sr. Diretor

Encaminho a V.Sª. os textos, pareceres e certificados provisórios das peças teatrais liberadas por este SCDP/SR/DF, conforme discriminação abaixo:

<u>Títulos</u>	<u>Certificados</u>
001 - H. M. S. PINAFORE	0016/80
002 - SONHOS DE UMA NOITE DE VELÓRIO	0017/80
003 - FRANCIS TAYLOR SHOW, TUDO BEM	0019/80
004 - GRAÇAS BAILARINA DE JESUS	0020/80
005 - A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN	0022/80

Outrossim, solicito a V.Sª que sejam remetidos a este SCDP os certificados definitivos das peças ora encaminhadas.

Na oportunidade, reitero a V.Sª protestos de estima e consideração.

ARÉSIO TEIXEIRA PEIXOTO
Chefe do SCDP/SR/DF

Ilmo. Sr.
Dr. JOSÉ VIEIRA MADEIRA
DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

gab
R



A FARSA DO ADVOGADO PATELIN



GRUPO METACENTRO



297
H

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

Autor anônimo

Tradução de Luiz Hasselmann

PERSONAGENS:

- | | |
|-------------|---------------------------------|
| PATHELIN: | - Advogado, esperto e ardiloso. |
| GUILHERMINA | - Sua mulher, astuciosa. |
| GUILHERME | - Comerciante Simplório. |
| TEOBALDO | - Pastor. Ingênuo e confiante. |
| UM JUIZ | - Autoritário, solene. |

CENÁRIO - No teatro medieval os cenários são simultâneos, isto é: todos os locais necessários ao desenvolvimento da ação eram justapostos, Aconselhamos a estilização. Pode ser feito com rotunda escura e elementos mutáveis de acordo com o estilo da peça.

C E N A I

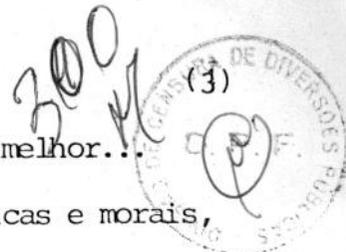
- PATH. - Por Deus, Guilhermina. Não consigo descobrir um meio de ganhar um centavo. Houve tempo, no entanto que não me faltavam bons clientes e um belo saldo em minha conta bancaria.
- GUIa. - Pois é, êsse tempo já vai longe. Para mim, a advocacia é a pior profissão do mundo. Um dia bem, um dia mal, ora enganando, ora enganado. Nunca ví coisa assim.
- PTH. - E posso jurar que há nesta cidade melhor advogado do que eu. Ninguém conhece como eu as correntes, as molas, as engrenagens dos processos. Não há quem seja mais experto do que o doutor Pathelin para torcer as leis. Sou um verdadeiro mestre.
- GUIa. - (CORTANDO)... de trapaça! Neste domínio você não cede a ninguém o primeiro lugar.
- PATH. - Não confunda os nomes nem as coisas. Sou simplesmente hábil.
- GUIa. - Bela habilidade... enfim. tudo neste mundo pode ter dois nomes.
- PATH. - Isso não vem ao casa. O que precisamos é achar algum modo de ganhar dinheiro. Veja em que estado estão os seus vestidos e a minha roupa. Até parece que estamos vestidos de gase.
- GUIa. - É verdade. Cada vez que sento ou encosto em algum lugar, tenho medo de deixar colado em pedaço da minha saís. O dia que isto acontecer, só me resta o recurso de fingir de parálitica e esperar passar o resto da vida sentada... porque ganhar outro vestido, não tenho e menor esperança.
- PATH. - Pois você ganhará, um, e hoje mesmo.
- GUIa. - O quê?! Você enloqueceu?

- PATH. - Longe disso, Nunca tive tanto juízo.
- GUIa. - Está-se vendo.
- PATH. - É isso mesmo. Acabo de ter uma idéia magnífica.
- GUIa. - Minha nossa Senhora! Suas idéias magníficas já o levaram ao presidente. Será que o lugar é tão bom que deseje voltar para lá?
- PATH. - Deixe-se de tolices. O que pretende fazer não terá a menor consequência.
- GUIa. - Hum!
- PATH. - Vamos, de que côr e de que fazenda você quer seu vestido?
- GUIa. - Da côr e da fazenda que você conseguir extorquir do comerciante, que fôr bastante tolo para lhe vender fiado.
- PATH. - Está bem. Você verá que o espírito é mais forte que a matéria e que o homem de espírito não precisa de dinheiro para vestir sua cara-metade e a si próprio. Até já.
- GUIa. - Vá com Deus. Se encontrar algum otário, não se esqueça de beber com êle.

C E N A II

- PATH. - Boa tarde, senhor Guilherme.
- GUIL. - E ao senhor também, doutor Pathalin.
- PATH. - Ainda bem que o senhor me reconhece. Não houve maior amigo do falecido senhor seu pai do que eu. Deus dê glória à sua alma. Que santo homem era ele! Mas o senhor é retrato vivo dele...
- PATH. - E é coisa evidente. Mas como vão os negócios?
- GUIL. - Hum... assim. O senhor sabe, comércio é profissão ingrata.
- PATH. - Sem dúvida, mas para um homem honesto, inteligente e ativo como o senhor, as coisas não podem deixar de ir bem.





- GUIL. - Bom, sempre dá para viver, mas os negócios podiam ir melhor...
- PATH. - Certamente. Enfim, quando se tem suas qualidades físicas e morais, quando se é bem feito de corpo para atrair os olhares femininos e bastante inteligente para tirar proveito duma impressão causada a uma rica senhora... vendendo-lhe a bom preço uma fazenda que ela não examina porque tem o olhar embevecido no vendedor...
- GUIL. - Qual nada, doutor Pathelin...
- PATH. - Ora vamos, eu o conheço... seria preciso que neste ponto o senhor não parecesse nada com o falecido senhor seu pai - que Deus tenha sua alma! Aliás é muito justo, As belas coisas devem ser pagas. Se Deus lhe deu belos dotes, foi para que o senhor tirasse proveito deles.
- GUIL. - O senhor está me confundindo...
- PATH. - Dizer a verdade confunde-o?! Mas meu Deus, quanto mais eu olho o acho parecido com o senhor seu pai. Os mesmos olhos, a mesma boca o mesmo nariz... Ah, duas gotas d'água não seriam mais parecidas.
- GUIL. - O senhor conheceu muito o meu pobre pai?
- PATH. - Se o conheci! Não havia dois amigos mais inseparáveis nesta cidade. Eu gostava de sair com ele porque tôdas as moças o olhavam, e eu ia recebendo as sobras. Que homem era ele! Bom comerciante e finório como ele sô. Ninguém o enganava. Exatamente como o filho!
- GUIL. - O senhor sabe, no comércio, se não abrir os olhos, todos nos roubam.
- PATH. - Naturalmente... Mas que linda fazenda é esta...
- GUIL. - É fazenda de Ruão, muito bem tecida, veja.
- PATH. - É muito cara?

GUIL. - Não tanto... é só 800 cruzeiros o metro

PATH. - O senhor diz que não é cara?

GUIL. - O senhor não sabe como a fazenda tem subido de preço... tenho tido tanto prejuízo... As fabricas aumentaram o preço do tecido, os carneiros tem morrido de peste ou então pela falta de cuidado das pastôres. Eu mesmo estou agora em um caso dêsse

PATH. - Qual?

GUIL. - Um patife de um pastor que eu próprio criei, matava-me os carneiro para comê-los ou vende-los. Depois vinha dizer que tinham morrido de peste. Acabei descobrindo, e a brincadeira vai lhe sair cara. fiz queixa ao juiz e ele mandou buscar o pastor para apresentá-lo hoje diante do tribunal. O canalha pegará pelo menos uns bons anos na prisão.

PATH. - Se o senhor precisa de um advogado, estou às suas ordens. Não é para me gabar, mas não sou dos piores. liquido em um instantinho o seu caso. Se o senhor quiser posso mandar enforcá-lo.

GUIL. - Não quero tanto, umas horas na cadeia basta... Mas, voltando à fazenda, tudo isso faz com que o preço dos tecidos tenham subido prodigiosamente

PATH. - Estou tentando com esta fazenda. Que maravilha de tecido! Só uma casa de primeira ordem se poderia encontrar tal coisa.

GUIL. - Leve-a, o senhor não se arrependerá. É um tecido forte e de cor firme. Vêja só.

PATH. - Estou vendo, estou vendo. Só acho um pouco caro. Se o senhor deixasse o metro por 700 cruzeiros?

GUIL. - Sinto muito doutor. 800 cruzeiro foi quanto ela me custou.

PATH. - Bem, vá lá. Não vou brigar com o filho do meu maior amigo por tão pouco. O senhor pode cortar.

GUIL. - Quantos metros?

- PATH. - Para mim, um... dois... três e meio. Para minha mulher, dois
- PATH. - dois e meio, ela é alta... e, é isso mesmo. cinco metros e meio. Não seis.
- GUIL. - Porque não leva a peça? São sete metros.
- PATH. - É, está bem. Sobra um pouco, mas não faz mal.
- GUIL. - Fazenda nunca é demais. Está aí a peça. São 5 mil e 600 cruzeiros.
- PATH. - O senhor virá recebê-los em minha casa, onde jantará comigo um admirável pato que minha mulher está cozinhando.
- GUIL. - Mas eu não posso, estou muito ocupado.
- PATH. - Ora deixe de bobagem. Às seis horas o senhor é obrigado a deixar a loja.
- GUIL. - Está bem. Quando eu fôr levarei a fazenda.
- PATH. - De modo algum. Então vou deixar um comerciante conceituado como o senhor, filho de um grande amigo meu, carregar uma peça de fazenda? Absolutamente! Isso é bom pra gente sem importância.
- GUIL. - Mas... não senhor... eu posso levar. Está bem assim.
- PATH. - (APANHANDO A FAZENDA) Não consinto de modo algum só assim o senhor virá à minha casa.
- GUIL. - Mas eu posso ir levando a fazenda.
- PATH. - Será que o senhor desconfia de mim?
- GUIL. - Não, mas acho inconveniente que o senhor ande com fazenda de baixo do braço pela cidade.
- PATH. - E o senhor ficaria bem carregando fazendas? Não consentirei nunca tal coisa.
- GUIL. - Nada de cerimônias, doutor Pathelin, eu posso levar muito bem.
- PATH. - Se o senhor não tem confiança em mim, se acha que sou desonesto é outra coisa. Mas neste caso não lhe faça injúria de pensar que o senhor me julga de tal maneira.



MOM (6)



- GUIL. - Não julgo, não. Enfim, se não há outro meio...
- PATH. - Está claro que não há outro meio Venha sem falta às seis horas, posso garantir que o senhor não terá comido em sua vida muitos patos como o que o senhor vai comer em minha casa. Quanto ao vinho, prefiro nem falar. O senhor mesmo o julgará. A propósito, como quer que lhe pague? Em cheque ou dinheiro?
- GUIL. - Prefiro em dinheiro.
- PATH. - Mas o meu cheque, é o cheque ouro do banco do Brasil.
- GUIL. - Então não se esqueça de tê-lo à mão quando eu lá chegar.
- PATH. - Sim, mas o senhor só receberá depois do jantar. Só assim o senhor conhecerá o caminho de minha casa. Seu falecido pai o conhecia muito bem. Nunca deixava de nos cumprimentar quando passava. Mas o senhor não se dá com gente pobre... (SAI)
- GUIL. - (Só) Pobre sou eu...eu... o dinheiro que ele vai me pagar ficará bem guardado. Bem dia o ditado que não há um esperto que não encontre outro mais esperto. Esse advogado do mestre da trapaça, levou por 5 mil e 600 cruzeiros um tecido que não vale nem 3 mil...

C E N A III

(CASA DE PATHELIN. SALA)

- PATH. - (ENTRANDO) Então?
- GUIA. - Então o que?
- PATH. - Eu não lhe dizia? pode jogar fora seu vestido velho.
- GUIA. - Que diabo é isto?
- PATH. - (DESDOBRADO A FAZENDA) Veja e creia.
- GUIA. - Virgem Nossa Senhora! Algum cliente deixou isto como penhor? Você comprou fiado? Meu Deus, quem pagará?
- PATH. - Quem pagará? Mas já está paga e bem paga. Posso afirmar a você que o comerciante que me vendeu não é nenhum tolo.

- GUIA. - Já sei. Você deixou um cheque sem fundo como garantia. E quando vencer o prazo, não haverá dinheiro e levarão tudo.
- PATH. - Deixe estar que não lavariam grande coisa... mas não se preocupe tanto a repetir que a fazenda já está paga e nem assinei nenhum papel.
- GUIA. - Vã enganar a outro. Não se esqueça que estamos casados já há alguns a nos. Conheço você como a palma da minha mão.
- PATH. - Não temos tempo a perder, por isso vou lhe contar o caso em duas palavras. Você conhece o mestre Guilherme Cövado? pois bem, é o comerciante mais avarento e ladrão que já vi, tal qual seu falecido pai. pois ' muito bem, eu, com a minha língua, abordei-o fazendo mil alogios a um e ao outro, assinalando a semelhança entre ambos, fazendo-lhe tantas ' cortesias, que quando chegou a hora de me fiar a fazenda, apesar de gener, não teve coragem de negar.
- GUIA. - A eterna história da raposa e do corvo...
- PATH. - Sem tirar pôr. Enfim, prometi-lhe pagar aqui na hora de jantar, copiosamente regado com um vinho que ainda está nas uvas. e prometi também, um pato que ainda está no ovo. Agora chegou a sua vez de trabalhar.
- GUIA. - Que devo fazer?
- PATH. - Coisa muito simples. jurar por todos os santos do céu que há onze meses estou de cama, doente, louco furioso, fazendo o desespero de todos os médicos. O resto é por minha conta. Você saberá fazer isso?
- GUIA. - E muito mais. Não é emvão que sou sua esposa. Chorarei lágrimas de ' sangue, hei de convencer o comerciante de que ele está louco ou viu o diabo.
- PATH. - Ótimo! Vamos preparar a farsa. Vou deitar-me, porque Guilherme não ' deve tardar. (SAI)



303

GUIa. - (SÓ) Valha-me Deus! E santo Onofre Milagroso, ajudai- nessa empresa, que eu vos prometo dar uma vela de cêra... se acaso tiver o dinheiro' que ela custa antes de minha morte. (SAI)

C E N A IV

(PRIMEIRO DA RUA, DIANTE DA CASA DE PATHELIN. DEPOIS? NO INTERIOR. SALA. ENTARDECER)

GUIL. - (NA RUA) Creio que já está na hora de beber o vinho e comer o pato lá' do tal doutor Pathelin ah! meu querido dinheiro, até que enfim vou ' te ver. Meu coração quase para quando me lembro que vendi fiado uma ' peça de fazenda. Ho! Ho! Dr. Pedro Pathelin.

GUIa. - Que barulho é esse? Se o senhor tem alguma coisa a dizer, fale baixo.

GUIL. - Boa noite, minha senhora

GUIa. - Fale baixo.

GUIL. - Mas o que há?

GUIa. - Eu lhe peço, pelo amor de Deus, não grite!

GUIL. - Onde está seu marido?

GUIa. - Meu Deus, onde é que o senhor queria que ele estivesse?

GUIL. - O doutor Pedro Pathelin não está aí?

GUIa. - Quisera Deus que ele estivesse com bastante saúde para não estar aqui.

GUIL. - Mas o que quer dizer com isto?

GUIa. - Coitado do homem... ele está na cama... onze meses de martírio

GUIL. - Quem?

GUIa. - Desculpe, mas não posso ficar muito tempo. tenho que voltar para perto do meu doente.

GUIL. - Mas quem é o seu doente?

GUIa. - Quem há de ser senão meu marido?

GUIL. - O doutor Pedro Pathelin?



304
KZ



- GUIa. - Não me consta que eu tenha outro marido.
- GUIL. - Mas não há quinze minutos que ele esteve comigo, e por sinal me comprou fiado uma peça de fazenda. Vim aqui para receber o dinheiro.
- GUIa. - Que brincadeira mas sem graça! Não se está em hora de diversões.
- GUIL. - São 5 mil e 600 cruzeiros. Quero já o meu dinheiro!
- GUIa. - O senhor está doido? Vá contar suas lorotas a outra ou se é uma brincadeira, ela está muito fora de hora.
- GUIL. - Faça o favor de acabar com as suas loucuras e vá chamar o doutor Pedro.
- GUIa. - Diabos levem o senhor! Então é o momento de fazer um homem agonizante sair da cama?
- GUIL. - Mas não é aqui a casa do doutor Pedro Pathelin?
- GUIa. - Quantas vezes o senhor quer que lhe diga que sim? Está louco, vá para o hospício!
- GUIL. - A senhora me diz para falar baixo e grita mais que um general em manobras...
- GUIa. - É que o senhor me fez perder a paciência.
- GUIL. - Basta de histórias. já lhe disse que o doutor Pedro me comprou sete metros de fazenda hoje, agora mesmo.
- GUIa. - Quê? O senhor continua na sua loucura? meu pobre marido há onze meses que está doente, pregado na cama, gemendo de cortar o coração, havia de ter hoje que comprar fazenda na sua loja? Meu Deus! Como o mundo está cheio de gente perversa!
- GUIL. - Vamos!.. Meu dinheiro!
- GUIa. - O senhor está bêbado? Só pode ser isso.
- GUIL. - Bêbado eu? Que desafôro!



- GUIA. - Só um bêbado pode dizer que um homem doente, paralisado pelo sofrimento, saiu para comprar fazenda. Só se fôsse uma mortalha.
- GUIL. - Essa história vai continuar?
- GUIA. - Vamos, fale baixo ou vá embora.
- PATH. - (DE DENTRO) Guilhermina, um pouco de água de rosa. Meu Deus, você me deixa sozinho aqui! Água, venha depressa!
- GUIA. - Aí está o que o senhor fez. O pobre homem acordou.
- GUIL. - Ainda bem.
- PATH. - Guilhermina, vem depressa expulsar toda essa gente preta que está aqui fazendo caretas para mim. Socorro!
- GUIA. - Que é isso, meu bem? Você não tem juízo de levantar assim?
- PATH. - Olha esse frade preto que está voltando. Pequeno, pequeno! ponham-lhe pra fora. Paíá, gato. Meu Deus, como ele voa...
- GUIA. - Veja como ele sofre. coitado!
- GUIL. - Mas ele caiu doente ao voltar da feira?
- GUIA. - Que feira!
- GUIL. - Onde tenho minha loja.
- PATH. - Ah! é o senhor, doutor João? Chegou a tempo. Seus remédios me deram tanta cólica que estou que não posso.
- GUIL. - Que é isso? o senhor, não se lembra de mim? Meu dinheiro?
- PATH. - Eu não tomo mais nenhum remédio que o senhor me receitar. além 'se serem amargos como fel, fazem uma tal revolta no meu ventre 'que parece que tenho um exército na barriga.
- GUIL. - Que é isso? Sou eu quem está louco ou é o senhor? Mas, o meu dinheiro onde está?
- PATH. - Corram, corram! Aí vêm eles, socorro! Eles estão me matando...
- GUIA. - Coitadinho, em que estado está.
- GUIL. - Não sei o que diga, nem o que penso. foi ele que veio à minha loja? Foi outro? Só de fosse o diabo. Vamos, minha senhora, diga - me, a senhora não tem um pato cozinhando?



GUIa. - Ora veja, que pergunta! Havia eu de ter um pato cozinhando, quando meu marido está neste estado? Mestre Guilherme, procure um médico, o senhor não está bom da cabeça.

GUIL. - É possível, é possível, a senhora me estonteou tanto que já nem sei onde estou! Foi ele? Não sei, meu Deus! Ah! meu rico dinheiro! Que pesadelo! Enfim, creio que não há nada a fazer... Adeus...Será possível? (SAI)

PATH. - Ele já foi?

GUIa. - Psiu! Ele está perto. Rosna mais que um velho cão de caça. Parece que está sonhando acordado.

PATH. - Quero me levantar.

GUIa. - Espere um pouco, ele pode ouvir.

PATH. - Ele, tão desconfiado, acabou caindo como um patinho.

GUIa. - É para descontar o que ele rouba dos outros. O homem só falava de pato, sem perceber que ele era em, e de que tamanho!

PATH. - Não ria assim, ele pode escutar.

GUIa. - Não posso me conter quando me lembro da cara dele. Enfim,consegui pô-lo para fora daqui.

PATH. - (NA RUA) Será possível que eu tenha sido enganado por um advogado de água doce? Um João-ninguém? Não! Volto lá e hei de arrancar o meu dinheiro custe o que custar. Vejam só, a tal mulher dele está rindo... Esperem aí. Estou muito grosso para pavio.

GUIa. - Meu Deus, ele me ouviu. Está voltando. Depressa, vá se deitar.

GUIL. - Ho, Ho, abram a porta.

GUIa. - Que gritaria!

GUIL. - A senhora está rindo ou pensa que não ouvi?

GUIa. - Tenho muito motivo para rir, na verdade.

GUIL. - Meu dinheiro. Exijo o meu dinheiro.

GUIa. - Lá vem o senhor com sua historia. É para me divertir? Escolheu

707
M



GUIL. - Meu dinheiro. Exijo o meu dinheiro.

GUIa. - Lá vem o senhor com sua história. É para me divertir? Escolheu muito mal o momento. Meu marido já me dá bastante diversão de um outro gênero. Ele canta, chora, ri, dança, fala em línguas diferentes, de maneira que choro e, rio ao mesmo tempo.

GUIL. - Não tenho nada que a faça rir ou chorar, o que eu quero é ser pago, ouviu?

GUIa. - O senhor continua com sua extravagância?

GUIL. - Não estou habituado a ser pago com palavras. A senhora pensa que tomo gato por lebre?

PATH. - Vamos, rápido! De pé. A rainha das guitarras deu a luz vinte e quatro guitarrinhas. Ela está aí, façam-na entrar. Ele vem me convidar para o batismo. Quero ser seu compadre.

GUIa. - Ah, pense em sua alma, meu bem. Deixe em paz as guitarrinhas.

GUIL. - Que contadores de sanções são esses dois. Vamos, meu dinheiro.

GUIa. - Será possível que o senhor ainda não se convenceu do seu engano.

GUIL. - A senhora já pensou, bela dama, o que significa tudo isso? nunca fui enganado. Mas, palavra de honra, ou a fazenda será paga ou restituída ou então a senhora e seu marido serão presos. Juro por Deus!

GUIa. - Que coragem, atormentar assim um doente! Estou vendobem pelos seus modos que o senhor está fora do juízo. Valha-me Deus! Não bastava meu marido.

GUIL. - Que raiva que tenho de perder assim o meu dinheiro...

GUIa. - Que loucura! Faça o sinal da cruz. O senhor deve estar com uma legião de demônios avarentos no corpo. Abrenúncio!

GUIL. - Quero ser esquartejado se tomar a vender fazenda fiado em minha vida.

208
K4



- PATH. - Madre de Dios, por mi fé, quiero irme. Que me quieres ninã? Venga.
Vote monstro. Quie-dinero? No lo tengo, no lo tengo...
- GUIa. - Ele tem um tio espanhol, que era irmão do filho da dia-avô dele, por isso ele fala espanhol...
- GUIL. - Ele veio de mansinho e garregou a peça debaixo do braço. Será possível?
- PATH. - Kome Kier, Kome hier. Ach! Was ist? Mein Gott: Wie ist hart dieser Kaufmann!
- GUIL. - Mas como ele fala tanta língua, meu Deus...
- GUIa. - Sua mãe era sobrinha de um neto de alemão. É por esta razão ele fala essa língua...
- PATH. - Ho, Signore mio, que me vol cose mercatore? Argento? Non abiamo noi, si volio uno piccolo asso lo daré stupido huomo!
- GUIL. - Que é isso? Deu-lhe na teima de falar todas as línguas do mundo? Se ao menos ele me desse meu dinheiro eu ia embora.
- GUIa. - Que homem o senhor é! Já se viu maior maldade? quando há de se vencer da verdade?
- PATH. - If you please, sir, what will you? Money? I don't... Get out.get out... Oh God... oh god!
- GUIL. - Que língua renegada. Será possível que ele não se cale?
- GUIa. - O avô do irmão do cunhado dele era inglês e lhe ensinou a falar a língua.
- GUIL. - Minha nossa Senhora, estarei sonhando? Foi ele ou foi outro que foi a minha loja, ou foi o demo por ele? juraria que foi ele quem esteve comigo há meia hora... estou tonto... não sei o que pense...
- PATH. - Et bona dies sit vobis - Mgister amantissime, pater reverendissime. Quomode bralis, quae nova? parisius non sunt ova.

200
p. 351

- GUIa. - Meu Deus, ele está falando latim, é sinal próximo da morte. Que os anjos e sarafins da cõrte celeste o assistiam...
- GUIl. - Mas que será isso, meu Deus?! Ele vai morrer falando, não há sombra de dúvida, ele está muito mal. pobre homem. É melhor eu me vâ ele pode dizer segredos que eu não deva ouvir. Certamente não foi ele quem me tirou a fazenda. Desculpe-me pelo incômodo. Mas jurava que era ele quem tinha me comprado e fazenda fiado...
- GUIa. - Adeus, que os anjos o acompanhem. Reze por mim. o senhor bem em que sofrimento estou. (GUILHERME SAI) Então, sou ou não sou uma digna esposa? Meu Deus, como conseguimos enganá-lo...
- PATH. - Ele saiu resmungando, estonteado, jurando ter visto o diabo em meu lugar. Bom proveito lhe faça.
- GUIa. - Há-há-há! (ENTRA E VIRA-SE MEIO CONFUSA PARA PATHELIN) Você não acha que o que nós fizemos foi muito feio?
- PATH. - (EMBARAÇADO) Bem... eu... Ora, ladrão que rouba ladrão...

C E N A VII

- GUIl. - (Só) foi sem dúvida o diabo que veio me tentar na forma daquele advogado. Antes tenha a minha fazenda que a minha alma. Afinal é bem verdade que quem faz a Deus, paga ao diabo. Meus pobres lucros, já se foram em boa parte. Enfim seja tudo pelo amor de Deus.
- TEOB. - (ENTRANDO) Boa noite, mestre Guilherme.
- GUIl. - Como, seu canalha, você tem coragem de aparecer na minha frente?
- TEOB. - Mas o que há, meu bondoso patrão?
- GUIl. - Como? você me mata os carneiros, come a carne, vende a lã e ainda tem a petulância de aparecer na minha frente.
- TEOB. - Porque não, patrão? Eu sei que o senhor é o melhor dos homens.
- GUIl. - Chega! Só falarei contigo diante do juiz. (SAI)
- TEOB. - (Só) Estou bem arranjado. Desta vez o negócio é sério. Tenho que arranjar um advogado. Me disseram que por aqui há um. Se não me engano é essa a casa... Ó de dentro...





- PATH. - (DE DENTRO) Quem é?
- TEOB. - Boa noite, meu senhor. O senhor não é advogado?
- PATH. - Sim, e você com isso?
- TEOB. - (HUMILDE) É que eu queria consultá-lo sobre um caso muito grave...
- PATH. - Bem... vejamos...
- TEOB. - Hoje eu recebi, uma intimação para comparecer diante do juiz.
- PATH. - Iiii... O negócio é mau. Que foi que você fez?
- TEOB. - Nada de mais... Meu patrão é um miserável sovina...
- PATH. - Bem, bem, bem... isto não vem ao caso. Diga sem mentir o fêz.
- TEOB. - Eu andei matando uns carneirinhos... coisa sem importância...
- PATH. - O negócio é grave. Roubo, extorsão, dolo. Estás mal parado.
- TEOB. - Meu Deus, e eu que não pensei fazer mal algum...
- PATH. - Me responde. Você tem dinheiro para pagar o advogado que o defen -
der?
- TEOB. - Tenho sim, alguns dolares para onde exportei a lâ.
- PATH. - Ah, então sua causa é boa. É ótima mesma... Vou lhe ensinar um, ex^e
lente meio para sua defesa. Venha cá. Você (COCHICHANDO) Dzzz... en
tendeu?
- TEOB. - Não é difício. Farei exatamente o que o senhor está mandando.
- PATH. - Então fique tranquilo. Garanto o bom resultado do seu processo (O-
LHANDO EM TÔRNO) Agora vá-se embora. Não convém que vejam você co-
migo. (TEOBALDO SAI) Alguma coisa há de vir. Esse pastor não me pa
rece tão inocente como se faz, mas enfim... se ele não tem os do-
lares, alguma coisa há de ter. E na situação em que estou, tudo que
cai na rêde é peixe.

C E N A VI

(II ATO)

O TRIBUNAL

ENTRAM PRIMEIRO O JUIZ E ESCRIVÃO, QUE TOMAM SEUS LUGARES, A SEGUIR GUILHERME E, POR FIM, PATELIN, SEGUIDO DO PASTOR.

PATH. - Deus vos dê toda a felicidade que o vosso coração deseja, Senhor juiz.

JUIZ. - Seja benvindo, doutor. Tome seu lugar.

PATH. - Salvo vosso respeito, estou bem aqui.

JUIZ. - Se há alguma causa a debater, vamos depressa com ela para que possa levantar a sessão.

GUIL. - Meu advogado vem já. Ele está acabando um negócio rápido. Peço o favor esperar um pouquinho.

JUIZ. - Não pode ser. Tenho outras causas para ouvir. Se a parte contrária está presente, exponha o caso rapidamente. O senhor é o queixoso?

GUIL. - Sim senhor.

JUIZ. - Quem é o defensor do réu? Está presente?

GUIL. - Sim, ei-lo que não diz uma palavra, só Deus sabe o que pensa.

JUIZ. - Já que todos estão presentes, comecemos logo.

GUIL. - Eis minha queixa: eduquei por caridade este pastor aqui presente e quando o julguei bastante forte, mandei-o para o campo para pascentar meus rebanhos. juro por Deus, senhor juiz, que é tão verdade como o senhor' sentado nassa cadeira e esse miserável, abusando da minha confiança, fêz tal morticínio entre os meus carneiros que...

JUIZ. - Vejamos, ele era seu empregado? O senhor lhe pagava ordenado?

PATH. - Qual nada, senhor juiz, o pobre pastor não recebia em centavo.

GUIL. - (RECONHECENDO PATELIN) Seja eu hereje se não fôr ele. Não há erro possível! -(TAPA O ROSTO COM A MÃO).

JUIZ. - Por que o senhor levanta assim a mão, tautor Pathelin? Está com dor de dentes?

PATH. - Sim, nunca tive uma dor igual. Mas... continuemos o debate.

JUIZ. - (A GUILHERME) Vamos, continuar, acabe depressa.



- GUIL. - É ele, não há dúvida, foi a ele que vendi sete metros de fazenda.
- JUIZ. - Porque o senhor fala de fazenda?
- PATH. - Ele delira, senhor juiz, porque não sabe concluir. Naturalmente ensinaram-lhe a lição para recitar diante do tribunal e ele se esqueceu; por isso vai dando paus por pedras.
- GUIL. - Seja eu enforcado, se foi a outro que vendi minha fazenda de ruão.
- PATH. - Onde esse malvado vai buscar estas invenções para aumentar a culpa do pastor que é sua vítima? Ele quer dizer, eu compreendo muito bem, que o pastor vendeu a lã de que foi feita a minha roupa. Vejam que maldade! Não basta a acusação mentirosa de que o pastor lhe roubou só os carneiros, é preciso acusá-lo de ter roubado uma fazenda que comprei há mais de três anos!
- GUIL. - Quero ser vítima do mão-branca se o senhor não tem o meu tecido.
- JUIZ. - Calma! Onde estamos nós? O senhor não sabe o que diz. Volte a sua causa sem fazer o tribunal perder tempo com suas asneiras.
- PATH. - (RINDO) Estou louco de dor de dente não posso deixar de rir. Ele está tão embaraçado que não sabe mais o que dizer. Senhor juiz, é preciso lembrar-lhe onde ele estava.
- JUIZ. - Vamos, volte aos seus carneiros. O que aconteceu?
- GUIL. - Ele comprou sete metros de fazenda por 5mil e 600 cruzeiros.
- PATH. - Senhor juiz, esse homem toma V. Exa., com perdão da palavra, por um te lo. A julgar pelo seu exterior, no entanto, parece um homem de bem. proponho que deve conhecê-lo, pois o queixoso é seu patrão. Adiante-se fale
- TEOB. - Bée
- JUIZ. - Está aí outro caso. O que quer dizer bé? Eu sou por acaso cabra ou bo de? Vamos fale direito.
- TEOB. - Bée!
- JUIZ. - Você está caçando de mim?
- PATH. - Pobrezinho! Não senhor juiz, jamais ele faria isso. E porque ele é um atoleimado pelos maus tratos do patrão.

313
KJ



- GUIL. - Quero ser apedrejado se não foi ao senhor que vendi minha fazenda! (AO JUIZ) V. Exa. Não sabe com que malícia...
- JUIZ - Cale-se! O senhor está louco? Deixe de parte o fato acessório e venha ao fato principal.
- GUIL. - Está bem, juro não tocar mais no caso da fazenda. Mas o caso me faz enraivecer... porém meus lábios não se abrirão mais sobre esta questão. Por hoje ao menos, porque isso não ficará assim. Eis, portanto, o caso do pastor: eu dizia que ele guardava sete metros de fazenda, quer dizer, meus rebanhos, perdão, foi um engano. Esse senhor pastor, quando devia estar nos campos, disse-me que eu teria em pagamento 5mil e 600 cruzeiros... não, quero dizer que quando ele comecei a guardar os meus rebanhos, prometeu-me um excelente jantar com pato... mas o que estou dizendo? desculpe-me, senhor juiz queria dizer que esse patife do pastor jurou-me guardar sem traição nem dolo os meus carneiros. Pois bem, ele os matava sem piedade e agora nega tudo: dinheiro e fazenda. Ah! doutor Pedro, isso não se faz! Sim, senhor juiz, este canalha de pastor matava-me sem temor de Deus todos os carneiros; quando ele se pilhou com a peça de fazenda debaixo do braço, disse-me que fôsse à sua casa.
- JUIZ - Cale-se! Cale-se! Basta de asneiras, sua queixa não tem rima nem razão. O senhor é um louco. Ora vejam: só fala de carneiros, depois emenda com fazenda, com pato, com jantar, com cheque ouro, dinheiro... qual só mesmo um louco. isto aqui não é manicômio.
- PATH. - Naturalmente é porque ele tem a consciência pesada, de não pagar ao pobre pastor e ainda por cima inventar um processo ao coitado.
- GUIL. - O senhor faria bem em calar-se, ouviu? Minha fazenda, onde está ela? Não é o senhor que a tem?
- JUIZ - O que é que o doutor Pedro tem?
- GUIL. - Nada, senhor juiz, Isso não vem ao caso. O que eu posso afirmar que o doutor Pedro é o maior trapaceiro, mas isso fica para outra vez; tra



- ta-se agora dos meus carneiros.
- JUIZ. - Vamos, trate de lembrar-se bem dos fatos e conclua logo.
- GUIL. - Estou confuso. Senhor juiz, peço-vos que interrogues novamente esse patife. Vejamos o que ele tem para dizer. Ele bem que sabe falar...
- JUIZ. - (IRRITADO) Mas...
- PATH. - O pobre pastor não pode falar por si mesmo, nem saberá responder às acusações que lhe foram feitas. Se V. Exelência permitir, eu falarei por ele.
- JUIZ. - O senhor quer assisti-lo? Creio que só terá aborrecimentos sem proveitos nenhum.
- PATH. - Nem quero ter lucro. Tenho pena de ver um pobrezinho sem defesa, exposto às malévolas acusações de um perverso. Quando se é honesto, o lucro não interessa. Com a permissão de V. Execelência, vou interrogar o acusado. Aproxime-se, meu amigo. Você me entende? Vamos, fale!
- TEOB. - Beé.
- PATH. - O que é? Explique-se melhor.
- TEOB. - Beé!
- PATH. - Sempre a mesma coisa. Você não está vando que os seus interêsses estão em jôgo? Responda direito.
- TEOB. - Beé.
- PATH. - Diga ao menos sim ou não. Não me entende? (BAIXO) muito bem continue a dizer isto...
- TEOB. - Beé!
- PATH. - Não há nada a fazer. O pobrezinho é idiota mesmo. Veja V. excelencia senhor juiz, até que ponto pode ir a maldade humana. Esse homen tem coragem de trazer perante este tribunal respeitável um idiota, vítima de seus maus tratos, para acusá-lo de um crime que o coitado nunca poderia ter cometido, e isto porque lhe pagar o salário de anos de trabalho. Ele, que devia ser o réu. trás ao banco dos culpados um inocente, como ave de rapina que não quer soltar a prêsa por nada! (A GUI



- Lherme) Mas tu te enganas, homem perverso! O juiz, diante de quem estas, jamais as deixará enganar pelos malvados. Sua alta inteligência, seu profundo saber, já descobriram na incoerência de tua queixa, como na idiotide do pastor, onde está a verdade...
- JUIZ. - O senhor tem razão. Este pastor é um debil mental. Não pode portanto responder a processo. Aumentis non Suht Subjectis juris.
- GUIL. - Juro que V. Exelência se engana. juro que esse patife tem mais bom senso do que eu.
- PATH. - Só está reflexão mostra bem o que é o queixoso. Diante de um tribunal que reconhece a debilidade mental do pobre pastor, ele ousa proclamar o perfeito juízo do acusado. Senhor juiz para evitar de longas inéptas. mande embora o pastor.
- JUIZ. - Sim. é o que resta a fazer.
- GUIL. - Ele será absorvido sem que eu tem pleiteado?
- JUIZ. - Por que não? Se o senhor além de louco, não diz coisa com coisa, e ele é um enfêmo mental?
- GUIL. - Suplico a V. Exelência que me deixe ao menos expor minhas conclusões. Juro-lhe que em tudo que disse não houve mentiras nem desejo de caçoda.
- JUIZ. - O que prova que o senhor é realmente louco, e eu não estou aqui para perder tempo com loucos.
- GUIL. - E eles vão se embora sem que eu seja ouvido?
- JUIZ. - O senhor não acha que já fez o tribunal perder muito tempo?
- GUIL. - Que a causa seja ao menos adiada...
- JUIZ. - Adiada? Para que? O senhor é um louco e esse rapaz um sandeu. Com tal gente é impossível lidar-se em um processo.
- PATH. - V. Exelência diz bem. Não é possível lidar-se com tais pessoas, por isso peço a quitação do meu cliente.
- JUIZ. - Com toda razão. (A TEOBALDO) Vá, você está livre o tribunal reconhece sua inocência. Não se preocupe mais com as calúnias levantadas contra sua pessoa não volte nem que um oficial de justiça vá intimá-lo.

217
M

- GUIL. - Mas isto não pode ser, senhor juiz! Esse pastor é um tratante um ladrão... Eu posso...
- PATH. - O senhor persiste na sua loucura?
- GUIL. - O senhor devia ter vergonha e não falar mais comigo, ouviu? Minha fazenda, onde está ela?
- JUIZ. - Vamos, eu tenho mais que fazer do que estar ouvindo loucuras. Doutor Pedro, o senhor quer jantar comigo?
- GUIL. - Jantar?
- PATH. - Agradeço-lhe muito, mas os meus dentes...
- JUIZ. - É verdade, eu já havia me esquecido. Deus lhe guarde. (SAI)
- GUIL. - Ah, doutor Pedro, que o diabo me leve se o senhor não é o maior trapaceiro do mundo! Então... minha fazenda, meu dinheiro, sua doença?
- PATH. - Sempre a mesma coisa. O senhor devia mudar de nota, porque já está monótona. Eu doente. Está é grande!
- GUIL. - Não está doente? Espere aí, vou já à tua casa... (SAI)
- PATH. - É isso, vá ver se eu estou doente. (A TEOBALDO) então, Teobaldo teve ou não teve sucesso a minha idéia?
- TEOB. - Beé!
- PATH. - Vamos, fale direito. Já acabou a farsa.
- TEOB. - Beé!
- PATH. - Já disse que fale direito. Vamos meu pagamento.
- TEOB. - Beé!
- PATH. - Que é isso? Você quer me burlar, a mim o homem mais esperto desta cidade? Vamos, meu dinheiro, já, senão vou buscar um soldado.
- TEOB. - Beé!
- PATH. - Não tirarei nada. Será possível que eu tenha caído no meu próprio ardil? E que um camponês, uma criança, uma raposinha engana uma velha raposa matreira? Espere um pouco, miserável, eu vou buscar quem faça você falar.

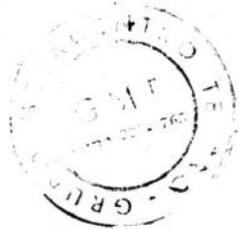
318
M

- Olá, soldado! Olá, soldado! (SAI)
- TEOB. - Se ele me agarrar, consinto em ser prêso.
- PATH. - (VOLTANDO O que?
- TEOB. - Beé!



- P A N O -

JLSF/ Brasília, 10 de abril de 1980.





MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.361

319
PT

PARECER N.º

010/80

TÍTULO: "A Farsa do Advogado Pathelin"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Livre.

Enredo - Estória do advogado Pathelin, um trapaceiro de primeira linha que termina traído pelas suas próprias artimanhas.

Comédia ingênua, sem maiores implicações. Pela liberação, sem qualquer restrição.

Brasília, 13 de junho de 1980

Alencar Monteiro
V/Alencar Monteiro-TC



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p.362

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 0022/80-SCDP/SR/DPF/DF

PROVISÓRIO

PEÇA " A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

ORIGINAL DE Autor Anônimo -

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 13 de Agosto de 19 80

L I V R E

Brasília, 13 de Junho de 19 80

Arésio Teixeira Delxoto
Chefe da SCDP/SR/DF
Matr. 2.405.306

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN "

Original de Autor Anônimo

Tradução de Luiz Hasselmann

Adaptação de _____

Produção de _____

Requerida por Valdemir Fernandes Lima

Tendo sido censurada em 13 de junho de 19 80 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

Brasília, 13 de junho de 19 80

Bel. Hamilton dos Santos

Chefe do Serviço de Censura
SCDP / DPF / SR / DF

30/1

TÍTULO A FARSA DO ADOGADO PATHELIN

AUTOR: ANÔNIMO

TRADUÇÃO: LUIZ HASSELMANN

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça BRASILIA/DF

Obs.: _____

DF. / 20 / 06 / 80

Reuler

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de / / a / /

DF. / /

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: ~~imprópria para menores de~~ LIVRE anos, ~~se~~ cortes, condicionada ao exame do ensa-

Obs.: certificado definitivo
Emitido em 23 de Julho de 1980

Hellé Ruy de Carvalho
NATE 0415 701

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

De acordo
Em 27/6/80
Maguiera
Raymundo Custódio de Maguiera
Chefe do Serviço de Censura
Substituto

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

322

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p365

256

"A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN"

AUTOR ANÔNIMO

25

JUNHO

85

LIVRE

25

JUNHO

80

Jose V. Madeira
JOSÉ VIEIRA MADEIRA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

AUTOR ANÔNIMO
LUIZ HASSELMANN

VALDEMIR FERNANDES LIMA - BRASÍLIA (DF)

13 JUNHO 80

LIVRE. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHIA

DO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

25 JUNHO

80

RAYMUNDO E. DE MESQUITA
-Subst.

25 de junho de 1980

Of. nº 2484/80-DCDP

DF

Of. nº 01624/80-SCDP/SE/DF

- 1 - "SONHOS DE UMA NOITE DE VELÓRIO", de Odir Ramos da Costa.
- 2 - "H. M. S. PINAFORE", de Gilbert e Sullivan.
- 3 - "FRANCIS TAYLOR SHOW, TUDO BEM...", de Francisco Dantas de Azevedo.
- 4 - "GRAÇA BAILARINA DE JESUS ou SETE LINHAS DE UMBANDA, SAL-
VEN O BRASIL", de Graziela Rodrigues e outros.
- 5 - "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", de Autor Anônimo.

Aproveito a oportunidade para renovar
a V.Sa. protestos de estima e consideração.


RAYMUNDO E. DE MESQUITA
Chefe do SC/DCDP/Subst.

MI - LIT - DDFP - BSB
11XII 145703 004276
RECEBIDO POR

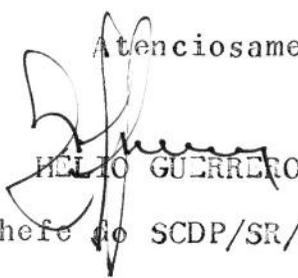
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL - SR/RJ

Oficio nº 408/82 - SCDF/SR/DFP/RJ Em, 04.05.82

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
Endereço: Av. Rodrigues Alves, 1 - 3º andar
Ao: Sra Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas
Assunto: Encaminhamento (faz)
Ref. Prot.: 002779/82 - SCDF/SR/DFP/RJ

Senhor Diretor:

Para fins de expedição de certificado definitivo, encaminho a V.Sa. texto, pareceres e cópia do certificado provisório nº057/82/RJ..... da peça teatral .."A FARSA DO ADVOGADO..... "PATHELIN"....., de .."ANÔNIMO" - TRADUÇÃO DE LUIZ..... HASSELMANN..... o exame foi requerido por JURACY ALARCON CHAMARELLI.....

Atenciosamente,

HELIO GUERRERO
Chefe do SCDP/SR/RJ

eas/.
RSB/

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Juracy Alarcon Chamarelli
Requerente

Brasileira , Professora Municipal
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 01G-937.094 - Min. do Exército
N.º e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Ferreira Pontes, 285, Rio.

_____, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigen-

tes, a(s) Peça de Teatro abaixo relacionada(s)
Espécie

de autoria de: Autor Anônimo - Tradução: Luiz Hasselmann

A Farsa do Advogado Pathelin
Título(s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Rio de Janeiro, 15 de Março de 1982
Local e Data
Juracy Alarcon Chamarelli
Requerente

Anexos: Texto da Peça em 3 vias
Encaminhamento da SBAT

SÓ A SBAT - AUTORIZA REP. REPRESENTAÇÕES

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

AUTOR ANÔNIMO

TRAD.: LUIZ HASSELMANN

PERSONAGENS:

PATELIN - ADVOGADO, ESPERTO E ARDILOSO
 GUILHERMINA - SUA MULHER, ASTUCIOSA.
 GUILHERME - COMERCIANTE, SIMPLÓRIO
 TEOBALDO - PASTOR, INGÊNUO E CONFIANTE
 UM JUIZ - AUTORITÁRIO, SOLENE.



CENÁRIO: NO TEATRO MEDIEVAL OS CENÁRIOS SÃO SIMULTÂNEOS, ISTO É: TODOS OS LOCAIS DA AÇÃO ERAM JUSTAPOSTOS. ACONSELHAMOS A ESTLIZAÇÃO. PODE SER FEITO COM ROTUNDA ESCURA E ELEMENTOS MUTÁVEIS DE ACÓRDO COM O ESTILHO DA PEÇA.

CENA I

- PATELIN - POR DEUS, GUILHERMINA. POR MAIS QUE DÊ TRATOS À MO
 LA, NÃO CONSIGO DESCOBRIR UM MEIO DE GANHAR UM VIN
 TEM. HOVE TEMPO, NO ENTANTO, EM QUE NÃO FALTAVAM
 CLIENTES NEM BELOS ESCUDOS.
- GUILHERMINA - POIS É, ESSE TEMPO JÁ VAI LONGE. PARA MIM, A ADVO
 CACIA É A PIOR PROFISSÃO DO MUNDO. UM DIA BEM, UM /
 DIA MAL, ORA ENGANADO, ORA ENGANADO. NUNCA VI COI
 SA ASSIM.
- PATELIN - E POSSO JURAR QUE NÃO HÁ NESTA VIDADDE MELHOR ADVOGA
 GADO DO QUE EU. NINGUÉM CONHECE COMO EU AS CORRENTEIS
 AS MOLAS, AS ENGRENAGENS DOS PROCESSOS. NÃO HÁ QUEM
 SEJA MAIS EXPERTO DO QUE O DOUTOR PATELIN PARA //
 TORCER AS LEIS. SOU UM VERDADEIRO MESTRE...
- GUILHERMINA - (CORTANDO)... DE TRAPAÇA! NESTE DOMÍNIO VOCE NÃO /
 CEDE A NINGUÉM O PRIMEIRO LUGAR.
- PATELIN - NÃO CONFUNDA OS NOMES NEM AS COISAS. SOU SIMPLEMENTE HÁBIL.
- GUILHERMINA - BELA HABILIDADE... ENFIM, TUDO NESTE MUNDO PODE TER
 DOIS NOMES.

De ordem, ao T. Censura
 para proceder

Rio

Chefe da S. C. C.

**NAO REPRESENTAMOS
 O AUTOR INDICADO
 PELA SBAT.**

Maynard Row

- PATHELIN - ISSO NÃO VEM AO CASO. O QUE PRECISAMOS É ACHAR ALGUM MODO DE GANHAR DINHEIRO. VEJA EM QUE ESTADO ESTÃO O SEU VESTIDO E A MINHA ROUPA. ATÉ PARECE QUE ESTAMOS VESTIDOS DE GASE, COMO ANJOS DE PROCISSÃO.
- GUILHERMINA - É VARDADE. CADA VEZ, QUE SENTO OU ENCOSTO EM ALGUM LUGAR, TENHO MÊDO DE DEIXAR COLADO UM PEDAÇO DA MINHA SAIA. O DIA EM QUE ISTO ACONTECER, SÓ ME RESTA O RECURSO DE FINGERDE PARALÍTICA E ESPERAR PASSAR O RESTO DA VIDA SENTADA... PORQUE GANHAR OUTRO VESTIDO, NÃO TENHO A MENOR ESPERANÇA.
- PATHELIN - POIS VOCE GANHARÁ, UM, E HOJE MESMO.
- GUILHERMINA - O QUE?! VOCÊ ENLOUQUECEU?
- PATHELIN - LONGE DISSO. NUNCA TIVE TANTO JUIZO.
- HUILHERMINA - ESTA-SE VENDENDO.
- PATHELIN - É ISSO MESMO. ACABO DE TER UMA IDÉIA MAGNIFICA.
- GUILHERMINA - MINHA NOSSA SENHORA! SUAS IDÉIAS MAGNIFICAS JÁ O LEVARAM AO PELOURINHO. SERÁ QUE O LUGAR É TÃO BOM QUE DESEJE VOLTAR PARA LÁ ?
- PATHELIN - DEIXE-SE DE TOLICES. O QUE PRETENDO FAZER NÃO TERÁ A MENOR CONSEQUÊNCIA.
- QUILHERMINA - HUM !
- PATHELIN - VAMOS, DE QUE CÔR E DE QUE FAZENDA VOCÊ QUER SEU / VESTIDO?
- GUILHERMINA - DA CÔR R DA FAZENDA QUE VOCÊ CONSEGUIR EXTORQUIR / DO COMERCIANTE, QUE FÔR BASTANTE TOLO PARA LHE VENDER FIADO.
- PATHELIN - ESTÁ BEM. VOCÊ VERÁ QUE O ESPÍRITO É MAIS FORTE QUE A MATÉRIA E QUE O HOMEM DE ESPÍRITO NÃO PRECISA DE / DINHEIRO PARA VESTIR SUA CARA-METADE E A SI PRÓPRIO. ATÉ JÁ.
- GUILHERMINA - VÁ COM DEUS. SE ENCONTRAR ALGUM OTÁRIO, NÃO SE ESQUEÇA DE BEBER COM ELE.

CENA II

- PATHELIN - DEUS O GUARDE, SENHOR GUILHERME.
- GUILHERME - E AO SENHOR TAMBÉM, DOUTOR PEDRO.



- PATHELIN - AINDA BEM QUE O SENHOR ME RECONHECE. NÃO HOUVE MAI
OR AMIGO DO FALECIDO SENHOR SEU PAI DO QUE EU. ///
DEUS DE GLORIA À SUA ALMA. QUE SANTO HOMEM ERA ELE!
MAS O SENHOR É RETRATO VIVO DELE...
- GUILHERME - TODOS DIZEM ISTO...
- PATHELIN - E É COISA EVIDENTE. MAS, COMO VÃO OS NEGÓCIOS?
- GUILHERME - HUM... ASSIM. O SENHOR SABE, COMÉRCIO É PROFISSÃO
INGRATA.
- PATHELIN - SEM DÚVIDA, MAS PARA UM HOMEM HONESTO, INTELIGENTE
E ATIVO COMO O SENHOR, AS COISAS NÃO PODEM DEIXAR
DE IR BEM.
- GUILHERME - BOM, SEMPRE DÁ PARA VIVER, MAS OS NEGÓCIOS PODIAM
IR MELHOR...
- PATHELIN - CERTAMENTE. EBFIM, QUANDO SE TEM SUAS QUALIDADES FI
SICAS E MORAIS, QUANDO SE É ASSÁS BEM FEITO DE COR
PO PARA ATRAIR OS OLHARES FEMININOS E BASTANTE INTE
LIGENTE PARA TIRAR PROVEITO DUMA IMPRESSÃO CAUSADA
A UMA RICA SENHORA... VENDENDO-LHE A BOM PREÇO UMA
FAZENDA QUE ELA NÃO EXAMINA PORQUE TEM O OLHAR EMBE
VECIDO NO VENDEDOR...
- GUILHERME - QUAL NADA, DOUTOR PEDRO...
- PATHELIN - ORA VAMOS, EU O CONHEÇO... SÉRIA PRECISO QUE NESTE
PONTO O SENHOR NÃO PARECESSE NADA COM O FALECIDO
SENHOR SEU PAI - QUE DEUS TENHA SUA ALMA! ALIÁS É
MUITO JUSTO. AS BELAS COISAS DEVEM SER PAGAS. SE
DEUS LHE DEU BELOS DOTES, FOI PARA QUE O SENHOR TI
RASSE PROVEITO DELES.
- GUILHERME - O SENHOR ESTÁ MECONFUNDINDO...
- PATHELIN - DIZER A VERDADE CONFUNDE-O?! MAS MEU DEUS, QUANDO
MAIS EU O OLHO O ACHO MAIS PARECIDO COM O SENHOR/
SEU PAI. OS MESMOS OLHOS, A MESMA BÔCA, O MESMO/
NARIZ... AH, DUAS GOTAS D'ÁGUA NÃO SERIAM MAIS PA
RECIDAS.
- GUILHERME - O SENHOR CONHECEU MUITO O MEU POBRE PAI ?
- PATHELIN - SE O CONHECÍ! NÃO HAVIA DOIS AMIGOS MAIS INSEPARÁV
VEIS NESTA CIDADE. EU GOSTAVA DE SAIR COM ELE POR
QUE TODAS AS MÔÇAS O OLHAVAM, E EU IA RECEBENDO AS
SOBRAS. QUE HOMEM ERA ELE! BOM COMERCIANTE E FINÓ-



- 4 -

RIO COMO ELE SÓ. NINGUÉM O ENGANAVA. EXATAMENTE COMO O FILHO!

GUILHERME - O SENHOR SABE, NO COMÉRCIO, SE NÃO SE ABRE OS OLHOS, TODOS NOS ROUBAM.

PATHELIN - NATURALMENTE... MAS QUE LINDA FAZENDA É ESTA...

GUILHERME - É FAZENDA DE RUÃO, MUITO BEM TECIDA, VEJA.

PATHELIN - É MUITO CARA?

GUILHERME - NÃO TANTO... DOZE SOLDOS A VARA...

PATHELIN - É O SENHOR DIZ QUE NÃO É CARA?

GUILHERME - A TOSQUIA ESTÁ TÃO DIFÍCIL. O SENHOR NÃO SABE COMO A FAZENDA TEM SUBIDO DE PREÇO... TENHO TIDO TANTO/ PREJUÍZO... OS TECELÕES AUMENTARAM O PREÇO DO TRABALHO, OS CARNEIROS TEM MORRIDO DE PESTE OU ENTÃO PELA FALTA DE CUIDADOS DOS PASTORES. EU MESMO ESTOU COM UM CASO DESSES.

PATHELIN - QUAL ?

GUILHERME - UM PATIFE DE UM PASTOR QUE EU PRÓPRIO CRIEI. MATAVAME OS CARNEIROS PARA COMÊ-LOS OU VENDÊ-LOS. DEPOIS VINHA DIZER QUE TINHAM MORRIDO DE PESTE. ACABEI DESCOBRINDO E A BRINCADEIRA VAI LHE SAIR CARA. FIZ QUELXA AO MEIRINHO E ÊLE MANDOU BUSCAR O PASTOR PARA APRESENTÁ-LO HOJE DIANTE DO JUIZ. O CANALHA PEGARÁ PELO MENOS UMAS BOAS HORAS DE PELOURINHO.

PATHELIN - SE O SENHOR PRECISA DE UM ADVOGADO ESTOU ÀS SUAS ORDENS. NÃO É PARA ME GABAR, MAS NÃO SOU DOS PIORES. LIQUIDO EM UM INSTANTE O SEU CASO. SE O SENHOR QUI SER POSSO MANDAR ENFORCÁ-LO.

GUILHERME - NÃO QUERO TANTO, O PELOURINHO BASTA... MAS, VOLTANDO À FAZENDA, TUDO ISSO FAZ COM QUE O PREÇO DOS TECIDOS TENHA SUBIDO PRODIGIOSAMENTE.

PATHELIN - ESTOU TENTADO COM ESTA FAZENDA. QUE MARAVILHA DE TECIDO! SÓ NUMA CASA DE PRIMEIRA ORDEM SE PODERIA ENCONTRAR TAL COISA.

GUILHERME - LEVE-A, O SENHOR NÃO SE ARREPENDERÁ. É UM TECIDO #1 FORTE E DE CÔR FIRME.

PATHELIN - ESTOU VENDENDO. ESTOU VENDENDO. SÓ ACHO UM POUCO CARO. / SE O SENHOR DEIXASSE A VARA A DEZ SOLDOS...

GUILHERME - POR DEUS, QUE NÃO POSSO. DOZE SOLDOS FOI QUANTO ELA ME CUSTOU. ESTOU LHE VENDENDO PELO PREÇO DO CUSTO.

PATHELIN - BEM VÁ LÁ. NÃO VOU BRIGAR COM O FILHO DO MEU MAIOR AMIGO POR TÃO POUCO. O SENHOR PODE CORTAR.





- GUILHERME - QUANTAS VARAS ?
 PATHELIN - PARA MIM, UMA... DUAS...TRES E MEIA. PARA MINHA MULHER, DUAS E MEIA. ELA É ALTA... E, É ISSO MESMO CINCO VARAS E MEIA. NÃO SEIS.
- GUILHERME - PORQUE NÃO LEVA TODA A PEÇA? SÃO SETE VARAS.
 PATHELIN - É ESTÁ BEM. SOBRA UM POUCO, MAS NÃO FAZ MAL.
- GUILHERME - FAZENDA NUNCA É DE MAIS. ESTÁ AÍ A PEÇA. SÃO NOVE ESCUDOS.
 PATHELIN - O SENHOR VIRÁ RECEBÊ-LOS EM MINHA CASA ONDE JANTARÁ COMIGO UM ADMIRÁVEL PATO QUE MINHA MULHER ESTÁ COZINHANDO.
- GUILHERME - MAS EU NÃO POSSO, ESTOU MUITO OCUPADO.
 PATHELIN - ORA, DEIXE DE BOBAGEM. ÀS SEIS HORAS O SENHOR É OBRIGADO A DEIXAR A LOJA. O SENHOR NÃO É JUDEU PARA TRABALHAR DE NOITE.
- GUILHERME - ESTÁ BEM. QUANDO EU FOR LEVAREI A FAZENDA.
 PATHELIN - DE MODO ALGUM. ENTÃO VOU DEIXAR UM COMERCIANTE CONCEITUADO COMO O SENHOR, FILHO DE UM GRANDE AMIGO MEU CARREGAR UMA PEÇA DE FAZENDA? ABSOLUTAMENTE! ISSO É BOM PRÁ GENTE SEM IMPORTÂNCIA.
- GUILHERME - MAS... NÃO SENHOR... EU POSSO LEVAR. ESTÁ BEM ASSIM
 PATHELIN - (APANHANDO A FAZENDA) - NÃO CONSINTO DE MODO ALGUM. SÓ ASSIM O SENHOR VIRÁ À MINHA CASA.
- GUILHERME - MAS EU POSSO IR LEVANDO A FAZENDA.
 PATHELIN - SERÁ QUE O SENHOR DESCONFIA DE MIM ?
 GUILHERME - NÃO. MAS ACHO ENCONVENIENTE QUE O SENHOR ANDE COM FAZENDAS DEBAIXO DO BRAÇO PELA CIDADE.
- PATHELIN - E O SENHOR FICARIA BEM CARREGANDO FAZENDAS? NÃO CONSENTIREI NUNCA EM TAL COISA.
- GUILHERME - NADA DE CERIMÔNIAS. DOUTOR PEDRO, EU POSSO LEVAR MUITO BEM.
 PATHELIN - SE O SENHOR NÃO TEM CONFIANÇA EM MIM, SE ACHA QUE / SOU DESONESTO, É OUTRA COISA. MAS NESTE CASO NÃO LHE FAÇO A INJURIA DE PENSAR QUE O SENHOR ME JULGA DE TAL MANEIRA.
- GUILHERME - NÃO JULGO, NÃO. ENFIM, SE NÃO HÁ OUTRO MEIO...
 PATHELIN - ESTÁ CLARO QUE NÃO HÁ OUTRO MEIO. VENHA SEM FALTA ÀS SEIS HORAS. POSSO GARANTIR QUE O SENHOR NÃO TERÁ COMIDO EM SUA VIDA MUITOS PATOS COMO O QUE O SENHOR VAI COMER EM MINHA CASA. QUANTO AO VINHO, PREFIRO / NEM FALAR. O SENHOR MESMO O JULGARÁ. A PROPÓSITO, CO

- GUILHERME - MO QUER QUE LHE PAGUE? EM OURO, OU EM PRATA ?
 PATHELIN - PREFIRO EM OURO, SE FOR DE BOM PÊSO.
 PATHELIN - MEU OURO É ANTIGO. É DO TEMPO DO FALECIDO REI.
 GUILHERME - ENTÃO NÃO SE ESQUEÇA DE TE-LO À MÃO QUANDO EU LÁ /
 CHEGAR.
 PATHELIN - SIM, MAS O SENHOR SÓ RECEBERÁ DEPOIS DO JANTAR. POR
 DEUS, MESTRE GUILHERME, SÓ ASSIM O SENHOR COMHECERÁ
 O CAMINHO DE MINHA CASA. SEU FALECIDO PAI O CONHECIA
 MUITO BEM. NUNCA DEIXAVA DE ME CUMPRIMENTAR QUANDO
 PASSAVA. MAS O SENHOR NÃO SE DÁ COM GENTE POBRE..
 (SA!)
 GUILHERME - (SÓ) - POBRE SOU EU...EU... O DINHEIRO QUE ÊLE VAI
 ME PAGAR FICARÁ BEM GUARDADO. BEM DIZ O DITADO /
 QUE NÃO HÁ UM ESPERTO QUE NÃO ENCONTRE OUTRO MAIS
 ESPERTO. ESSE ADVOGADO, MESTRE DA TRAPAÇA, LEVOU
 POR DOZE SOLDOS UM TECIDO QUE NÃO VALE NEM NOVE...

CENA - III

(CASA DE PATHELIN - SALA)



- PATHELIN - (ENTRANDO) ENTÃO ?
 GUILHERMINA - ENTÃO O QUE ?
 PATHELIN - EU NÃO LHE DIZIA? PODE JOGAR FORA SEU VESTIDO VELHO.
 GUILHERMINA - QUE DIABO É ISTO ?
 PATHELIN - (DESDOBRANDO A FAZENDA) - VEJA E CREIA.
 GUILHERMINA - VIRGEM NOSSA SENHORA! ALGUM CLIENTE DEIXOU ISTO CO-
 MO PENHOR ? VOCÊ COMPROU FIADO? MEU DEUS QUEM PAGA-
 RÁ?
 PATHELIN - QUEM PAGARÁ? MAS JÁ ESTÁ PAGA E BEM PAGA. POSSO //
 AFIRMAR A VOCÊ QUE O COMERCIANTE QUE MA VENDEU NÃO
 É NENHUM TOLO.
 GUILHERMINA - JÁ SEI. VOCÊ PROMETEU, MEDIANTE UMA ASSINATURA OU
 JURAMENTO, PAGAR A FAZENDA DENTRO DE ALGUM TEMPO.
 BELO TRABALHO! QUANDO CHEGAR O TÊRMO, COMO NÃO HA-
 VERÁ DINHEIRO, ELES VIRÃO E LEVARÃO TUDO.
 PATHELIN - DEIXE ESTAR QUE NÃO LEVARIAM GRANDE COISA...MAS //
 NÃO SE PREOCUPE, TORNO A REPETIR QUE A FAZENDA JÁ
 ESTÁ PAGA E QUE EU NEM ASSINEI CONTRATO NEM FIZ JU-
 RAMENTO ALGUM.
 GUILHERMINA - VÁ ENGANAR A OUTRA. NÃO SE ESQUEÇA DE QUE ESTAMOS
 CASADOS JÁ HÁ ALGUNS ANOS. CONHEÇO VOCÊ COMO A PALMA
 DA MINHA MÃO.

- 7 -

- PATHELIN - NÃO TEMOS TEMPO A PERDER, POR ISSO VOU LHE CONTAR O CASO EM DUAS PALAVRAS. VOCÊ CONHECE O MESTRE GUILHERME CÔVADO? POIS BEM, É O COMERCIANTE MAIS AVARENTO E LADRÃO QUE JÁ VÍ, TAL QUAL SEU FALECIDO PAI. POIS MUITO BEM, EU, COM A MINHA LÁBIA, ABORDEI-O / FAZENDO MIL ELOGIOS A UM E AO OUTRO, ASSINALANDO A SEMELHANÇA ENTRE AMBOS, FAZENDO-LHE TANTAS CORTESIAS, QUE QUANDO CHEGOU A HORA DE ME FIAR A FAZENDA APESAR DE GEMER, NÃO TEVE CORAGEM DE NEGAR.
- GUILHERMINA - A ETERNA HISTÓRIA DA RAPOSA E DO CORVO...
- PATHELIN - SEM TIRAR NEM PÔR. ENFIM, PROMETI-LHE PAGAR AQUI NA HORA DO JANTAR. COPIOSAMENTE REGADO COM UM VINHO QUE AINDA ESTÁ NAS UVAS. E PROMETI TAMBÉM, UM PATO QUE AINDA ESTÁ NO ÔVO. AGORA CHEGOU A SUA VEZ DE TRABALHAR.
- GUILHERMINA - QUE DEVO FAZER ?
- PATHELIN - COISA MUITO SIMPLES. JURAR POR TODOS OS SANTOS DO CÉU QUE HÁ ONZE MESES ESTOU DE CAMA, DOENTE, LOUCO FURIOSO, FAZENDO O DESESPERO DE TODOS OS MÉDICOS. O RESTO É POR MINHA CONTA. VOCÊ SABERÁ FAZER // ISSO ?
- GUILHERMINA - É MUITO MAIS. NÃO É EM VÃO QUE SOU SUA ESPOSA. CHORAREI LÁGRIMAS DE SANGUE, HEI DE CONVENCER O / COMERCIANTE DE QUE ELE ESTÁ LOUCO OU QUE VIU O / DIABO.
- PATHELIN - ÓTIMO! VAMOS PREPARAR A FARSA. VOU DEITAR-ME, POR QUE GUILHERME NÃO DEVE TARDAR. (SAI).
- GUILHERMINA - (SÓ) - VALHA-ME DEUS! E SANTO ONOFRE MILAGROSO, AJUDAI-ME NESTA EMPRESA, QUE EU VOS PROMETO DAR UMA VELA DE CÊRA... SE ACASO TIVER O DINHEIRO QUE ELA CUSTA ANTES DE MINHA MORTE. (SAI)

CENA IV

(PRIMEIRO NA RUA, DIANTE DA CASA DE PATHELIN. DEPOIS NO INTERIOR. SALA. ENTARDECER)

- GUILHERME - (NA RUA) - CREIO QUE JÁ ESTÁ NA HORA DE BEBER O VINHO E COMER O PATO JÁ DO TAL DOUTOR PATHELIN! AH! MEU QUERIDO DINHEIRO, ATÉ QUE ENFIM VOU TER VER.// MEU CORAÇÃO QUASE PÁRA QUANDO ME LEMBRO QUE VENDI FIADO UMA PEÇA DE FAZENDA. HO! HO! DR. PEDRO PATHELIN.



- 8 -

- GUILHERMINA - QUE BARULHO É ESSE? SE O SENHOR TEM ALGUMA COISA A DIZER, FALE BAIXO.
- GUILHERME - DEUS VOS GUARDE, MINHA SENHORA.
- GUILHERMINA - FALE BAIXO.
- GUILHERME - MAS O QUE HÁ ?
- GUILHERMINA - EU LHE PEÇO, PELO AMOR DE DEUS, NÃO GRITE!
- GUILHERME - ONDE ESTÁ SEU MARIDO ?
- GUILHERMINA - MEU DEUS, ONDE É QUE O SENHOR QUERIA QUE ELE ESTIVE VESSE ?
- GUILHERME - O DOUTOR PEDRO NÃO ESTÁ AÍ ?
- GUILHERMINA - QUISERA DEUS QUE ELE ESTIVESSE COM BASTANTE SAÚDE PARA NÃO ESTAR AQUI.
- GUILHERME - MAS O QUE QUER DIZER ISTO ?
- GUILHERMINA - COITADO DO HOMEM... ELE ESTÁ NA CAMA... ONZE MESES DE MARTÍRIO!
- GUILHERME - QUEM ?
- GUILHERMINA - DESCULPE, MAS NÃO POSSO FICAR AQUI MUITO TEMPO. TENHO QUE VOLTAR PARA PERTO DO MEU DOENTE.
- GUILHERME - MAS QUEM É O SEU DOENTE ?
- GUILHERMINA - QUEM HÁ DE SER SENÃO O MEU MARIDO ?
- GUILHERME - O DOUTOR PEDRO PATELIN ?
- GUILHERMINA - NÃO CONSTA QUE EU TENHA OUTRO MARIDO.
- GUILHERME - MAS NÃO HÁ QUINZE MINUTOS QUE ELE ESTEVE COMIGO, E POR SINAL ME COMPROU FIADO UMA PEÇA DE FAZENDA. VIM AQUI PARA RECEBER O DINHEIRO.
- GUILHERMINA - QUE BRINCADEIRA MAIS SEM GRAÇA! NÃO SE ESTÁ EM HORA DE DIVERSÕES...
- GUILHERME - SÃO NOVE ESCUDOS. QUERO JÁ O MEU DINHEIRO!
- GUILHERMINA - O SENHOR ESTÁ DOIDO? VÁ CONTAR SUAS LOROTAS A OUTRA, OU SE É UMA BRINCADEIRA, ELA ESTÁ MUITO FORA DE HORA.
- GUILHERME - FAÇA O FAVOR DE ACABAR COM AS SUAS LOROTAS E VÁ CHAMAR O DOUTOR PEDRO.
- GUILHERMINA - DIABOS LEVEM O SENHOR! ENTÃO É O MOMENTO DE FAZER UM HOMEM AGONIZANTE SAIR DA CAMA ?
- GUILHERME - MAS NÃO É AQUI A CASA DO DOUTOR PEDRO PATELIN?
- GUILHERMINA - QUANTAS VÊZES O SENHOR QUER QUE LHE DIGA SIM ? ESTÁ LOUCO, VÁ PARA O HOSPÍCIO.
- GUILHERME - A SENHORA ME DIZ PARA FALAR BAIXO E GRITA MAIS QUE UM GENERAL EM MANOBRAS...
- GUILHERMINA - É QUE O SENHOR ME FAZ PERDER A PACIÊNCIA.
- GUILHERME - BASTA DE HISTÓRIAS. JÁ LHE DISSE QUE O DOUTOR PEDRO



- GUILHERME - BASTA DE HISTÓRIAS. JÁ LHE DISSE QUE O DOUTOR PEDRO ME COMPROU SETE VARAS DE FAZENDA HOJE, AGORA MESMO.
- GUILHERMINA - QUE? O SENHOR CONTINÚA NA SUA LOUCURA? MEU POBRE MARIDO HÁ ONZE MESES QUE ESTÁ DOENTE, PREGADO NA CAMA, GEMENDO DE CORTAR O CORAÇÃO, HAVIA DE TER HOJE QUE COMPRAR FAZENDA NA SUA LOJA? MEU DEUS! COMO O MUNDO ESTÁ CHEIO DE GENTE PERVERSA!
- GUILHERME - VAMOS! MEU DINHEIRO!
- GUILHERMINA - O SENHOR ESTÁ BÊBADO? SÓ PODE SER ISSO.
- GUILHERME - BÊBADO EU? QUE DESAFÔRO!
- GUILHERMINA - SÓ UM BÊBADO PODE DIZER QUE UM HOMEM DOENTE, PARALIZADO PELO SOFRIMENTO, SAIU PARA COMPRAR FAZENDA. SÓ SE FÔSSE UMA MORTALHA.
- GUILHERME - ESSA HISTÓRIA VAI CONTINUAR?
- GUILHERMINA - VAMOS, FALE BAIXO OU VÁ EMBORA
- PATHELIN - (DE DENTRO) - GUILHERMINA, UM POUCO DE ÁGUA DE ROSA. MEU DEUS, VOCÊ ME DEIXA SÓZINHO AQUI! ÁGUA, VENHA DEPRESSA!
- GUILHERMINA - AÍ ESTÁ O QUE O SENHOR FÊZ. O POBRE HOMEM ACORDOU.
- GUILHERME - AINDA BEM.
- PATHELIN - GUILHERMINA, VEM DEPRESSA EXPULSAR TODA ESTA GENTE PRETA QUE ESTÁ AQUI FAZENDO CARETAS PARA MIM. SO CORRO!
- GUILHERMINA - QUE É ISSO, MEU BEM? VOCÊ NÃO TEM JUIZO DE LEVANTAR ASSÉM?
- PATHELIN - OLHA ESSE FRADE PRETO QUE ESTÁ VOANDO. PEGUEM, PEQUEM! PONHAM-LHE UMA ESTOLA. PÁRA, GALO. MEU DEUS. COMO ELE VOA...
- GUILHERMINA - VEJA COMO ELE SOFRE, COITADO!
- GUILHERME - MAS ELE CAIU DOENTE AO VOLTAR DA FEIRA?
- GUILHERMINA - QUE FEIRA?
- GUILHERME - ONDE TENHO MINHA LOJA DE FAZENDA.
- PATHELIN - AH! É O SENHOR, DOUTOR JOÃO? CHEGOU A TEMPO. SEUS REMÉDIOS ME DERAM TAN TA CÓLICA QUE ESTOU QUE NÃO POSSO.
- GUILHERME - QUE É ISSO? O SENHOR NÃO SE LEMBRA DE MIM? MEU DINHEIRO?



- PATHELIN - EU NÃO TOMO MAIS SENHUM REMÉDIO QUE O SENHOR ME RE-
CEITAR. ALÉM DE SEREM AMARGOS COMO MEL, FAZEM UMA
TAL REVOLTA NO MEU VENTRE QUE PARECE QUE TENHO UM
EXERCITO NA BARRIGA.
- GUILHERME - QUE É ISSO ? SOU EU QUEM ESTÁ LOUCO OU É O SENHOR?
MAS O MEU DINHEIRO. ONDE ESTÁ ?
- PATHELIN - CORRAM, CORRAM ! AÍ VEM ELES, SOCORRO ! ELES ESTÃO
ME MATANDO...
- GUILHERMINA - COITADINHO, EM QUE ESTADO ESTÁ.
- GUILHERME - NÃO SEI O QUE DIGA, NEM O QUE PENSE. FOI ELE QUE
VEIO À MINHA LOJA ? FOI OUTRO ? SÓ SE FOSSE O DIABO.
VAMOS, MINHA SENHORA, DIGA-ME, A SENHORA NÃO TEM UM
PATO COZINHANDO ?
- GUILHERMINA - ORA VEJAM, QUE PERGUNTA ! HAVIA EU DE TER UM PATO
COZINHANDO, QUANDO MEU MRIDO ESTÁ NESTE ESTADO ? MY
MESTRE GUILHERME, PROCURE UM MÉDICO, O SENHOR NÃO
ESTÁ BOM DA CABEÇA.
- GUILHERME - É POSSÍVEL, É POSSÍVEL, A SENHORA ME ESTOUNTEOU TAN-
TO QUE JÁ NEM SEI ONDE ESTOU. FOI ELE ? NÃO SEI,
MEU DEUS ! AH ! MEU RICO DINHEIRO ! QUE PESADELO ! ENFIM,
CREIO QUE NÃO HÁ MAIS NADA A FAZER... ADEUS...
SERÁ POSSÍVEL ? (SAI)
- PATHELIN - ELE JÁ FOI ?
- GUILHERMINA - PSIU ! ELE ESTÁ PERTO... ROSNA MAIS QUE UM VELHO /
CÃO DE CAÇA. PARECE QUE ESTÁ SONHANDO ACORDADO.
- PATHELIN - QUERO ME LEVANTAR.
- GUILHERMINA - ESPERO UM POUCO, ELE PODE OUVIR.
- PATHELIN - ELE, TÃO DESCONFIADO, ACABOU CAINDO COMO UM PATINHO
- GUILHERMINA - É PARA DESCONTAR O QUE ELE ROUBA DOS OUTROS. O HOMEM
SÓ FALAVA DE PATO, SEM PERCEBER QUE ELE ERA UM, E
DE QUE TAMANHO !
- PATHELIN - NÃO RIA ASSIM, ELE PODE ESCUTAR.
- GUILHERMINA - NÃO POSSO ME CONTER QUANDO ME LEMBRO DA CARA DELE
ENFIM, CONSEGUI PÔ-LO PARA FORA DAQUI,
- PATHELIN - SILÊNCIO, QUE ELE PODE VOLTAR.
- GUILHERME - (NA RUA) - SERÁ POSSÍVEL QUE EU TENHA SIDO ENGANA-
DO POR UM ADVOGADO DE ÁGUA DOCE ? UM JOÃO NENHUM ?
NÃO ! VOLTO LÁ E HEI DE ARRANCAR O MEU DINHEIRO
CUSTE O QUE CUSTAR. VEJAM SÓ, A TAL MULHER QUE
ESTÁ RINDO... ESPEREM AÍ. ESTOU MUITO GROSSO PELA
PAVIA.



- GUILHERMINA - MEU DEUS, ELE ME OUVIU. ESTÁ VOLTANDO. DEPRESSA, VÁ SE DEITAR.
- GUILHERME - HO, HO, ABRAM A PORTA.
- GUILHERMINA - QUE GRITARIA!
- GUILHERME - A SENHORA ESTÁ RINDO, OU PENSA QUE NÃO OUVIU?
- GUILHERMINA - TENHO MUITO MOTIVO PARA RIR, NA VERDADE.
- GUILHERME - MEU DINHEIRO. EXIJO O MEU DINHEIRO.
- GUILHERMINA - LÁ VEM O SENHOR COM SUA HISTÓRIA. É PARA ME DIVERTIR? ESCOLHEU MUITO MAL O MOMENTO. MEU MARIDO JÁ ME DÁ BASTANTE DIVERSÃO DE UM OUTRO GÊNERO. ELE ~~ÇA~~ CANTA, CHORA, RI, DANÇA, FALA EM LINGUAS DIFERENTES, DE MANEIRA QUE CHORO E RIO AO MESMO TEMPO.
- GUILHERME - NÃO TENHO NADA QUE A FAÇA RIR OU CHORAR, O QUE EU QUERO É SER PAGO, OUVIU?
- GUILHERMINA - O SENHOR CONTINUA COM SUA EXTRAVAGÂNCIA?
- GUILHERME - NÃO ESTOU HABITUADO A SER PAGO COM PALAVRAS. A SENHORA PENSA QUE TOMO GTO POR LEBRE?
- PATHELIN - VAMOS RÁPIDO! DE PÉ. A RAINHA DAS GUITARRAS DEU Á LUZ VINTE E QUATRO GUITARRINHAS. ELA ESTÁ AÍ, FAÇAM-NA ENTRAR. ELA VEM ME CONVIDAR PARA O BATISMO. QUERO SER SEU COMPADRE.
- GUILHERMINA - AH, PENSE EM SUA ALMA, MEU BEM. DEIXE EM PAZ AS GUITARRAS.
- GUILHERME - QUE CONTADORES DE SANDICES SÃO ESSES DOIS. VAMOS, MEU DINHEIRO EM OURO OU PRATA.
- GUILHERMINA - SERÁ POSSÍVEL QUE O SENHOR AINDA NÃO SE CONVENCEU DO SEU ENGANO?
- GUILHERME - A SENHORA JÁ PENSOU, BELA DAMA, O QUE SIGNIFICA TUDO ISSO? NUNCA FUI ENGANADO. MAS, PALAVRA DE HONRA, OU A FAZENDA SERÁ PAGA OU RESTITUÍDA OU ENTÃO A SENHORA E SEU MARIDO SERÃO ENFORCADOS. JURO POR DEUS!
- GUILHERMINA - QUE CORAGEM, ATORMENTAR ASSIM UM DOENTE! ESTOU VENDO BEM PELOS SEUS MODOS QUE O SENHOR ESTÁ FORA DO SEU JUÍZO. VALHA-ME DEUS! NÃO BASTAVA MEU MARIDO.
- GUILHERME - QUE RAIVA QUE TENHO DE PERDER ASSIM O MEU DINHEIRO.
- GUILHERMINA - QUE LOUCURA! FAÇA O SINAL DA CRUZ. O SENHOR DEVE ESTAR COM UMA LEGIÃO DE DEMÔNIOS AVARENTOS NO CORPO. ABRENÚNCIO!





- 12 -

- GUILHERME - QUERO SER ESQUARTEJADO SE TORNAR A VINDI'R FAZINDA FIADO EM MINHA VIDA.
- PATHELIN - MADRE DE DIOS, POR MI FÉ, QUIERO IRME. QUE ME QUIERES NIÑA ? VENGA. VOTE MONSTRO. QUIEDINERO? NO LO TENGO, NO LO TENGO...
- GUILHERMINA - ELE TEM UM TIO ESPANHOL, QUE ERA IRMÃO DO FILHO DA TIA-AVÓ DELE, POR ISSO ELE FALA ESPANHOL...
- GUILHERMA - ELE VEIO DE MANSINHO E CARREGOU A PEÇA DEBAIXO DO BRAÇO. SERÁ POSSÍVEL ?
- PATHELIN - KOME HIER. KOMME HIER. ACH! WAS IST DAS? MEIN GOTT! WIE IST DIESER KAUFMANN!
- GUILHERME - MAS COMO ELE FALA TANTAS LÍNGUAS, MEU DEUS...
- GUILHERMINA - SUA MÃE ERA SOBRINHA DE UM NETO DE ALEMÃO. É POR ESSA RAZÃO QUE ELE FALA ESSA LÍNGUA...
- PATHELIN - HO, SIGNORE MIO, QUE ME VOL COSE MERCATORE? ARGENTO ? NOM ABIAMO NOI E SI VOLIO UNO PICCOLO ASSO LO DARÉ, STUPIDO HUOM O!
- GUILHERME - QUE É ISSO? DEU-LHE NA TEIMA DE FALAR TODAS AS LÍNGUAS DO MUNDO ? SE AO MENOS ELE ME DESSE MBU DINEHIRO EU IA EMBORA.
- GUILHERMINA - QUE HOMEM O SENHOR É! JÁ SE VIU MAIOR MALDADE? QUANDO HÁ DE SE CONVENCER DA VERDADE ?
- PATHELIN - IF YOU PLEASE, SIR. WHAT WILL YOU? MONEY ? I DON'T.. GET OUT...GET OUT... OH GOD... OH GOD!
- GUILHERME - QUE LÍNGUA RENEGADA. SERÁ POSSÍVEL QUE ELE NUNCA SE CALE ?
- GUILHERMINA - O AVÔ DO IRMÃO DELE ERA INGLÊS E LHE ENSINOU A FALAR A LÍNGUA.
- GUILHERME - MINHA NOSSA SENHORA, EBTA'REI SONHANDO? FOI ELE OU FOI OUTRO QUE FOI À MINHA LOJA, OU FOI O DEMO POR ELE? JURARIA QUE FOI ELE QUEM ESTEVE COMIGO HÁ MEIA HORA... ESTOU TONTO... NÃO SEI O QUE PENSE..
- PATHELIN - ET BONA DIES SIT VOBIS - MAGISTER AMANTISSIME, PATER REVERENDISSINE. QUOMOMDE BRALIS, QUAL NOVA ? PARISIUS NON SUNT OVA.
- GUILHERMINA - MEU DEUS, ELE ESTÁ FALANDO LATIM, É SINAL PRÓXIMO DA MORTE. QUE OS ANJOS E SERAFINS DA CORTE CELESTE O ASSISTAM...
- GUILHERME - MAS QUE SERÁ ISSO, MEU DEUS ? ELE VAI MORRER FALANDO, NÃO HÁ SOMBRA DE DÚVIDA, ELE ESTÁ MUITO MAL. POBRE HOMEM. É MELHOR QUE EU ME VÁ, ELE PODE

dizer segredos que eu não deva ouvir. Certamente não foi ele quem me tirou a fazenda. Deus vos guarde, bela dama. Desculpe-me pelo / incômodo. Mas jurava que era ele que tinha me comprado a fazenda / fiado...

GUILHERMINA - Adeus, que os anjos o acompanhem. Rese por mim. O senhor bem vê em que sofrimento estou. (GUILHERME SAI) então sou ou não sou uma digna esposa ? Meu Deus, como conseguimos enganá-lo...

FATHELIN - êle saiu resmungando, estonteado, jurando ter visto o diabo em meu lugar. Bom proveito lhe faça.

GUILHERMINA - Há-há-há ! (ENTRA E VIRA-SE MEIO CONFUSA PARA PATHELIN) Você não acha que o que nós fizemos foi / muito feio ?

PATHELIN - (Embaraçado) Bem... eu... Ora, ladrão rouba ladrão...

C E N A V
(RUA, ANOITECE)



GUILHERME - (Só) Foi sem dúvida o diabo que veio me tentar na forma daquele advogado. Antes tenha a minha fazenda que a minha alma. Afinal é bom verdade que quem faz a Deus faz ao diabo. Meus pobres lucros, já se foram em boa parte. Enfim, seja tudo pelo amor de Deus.

TEOBALDO - (Entrando) Deus vos guarde, mestre Guilherme.

GUILHERME - Como, seu canalha, você tem coragem de aparecer / na minha frente ?

TEOBALDO - Mas o que há, meu bondoso patrão ?

GUILHERME - Como ? Você me mata os carneiros, como a carne, / vende a lã e ainda tem a petulância de aparecer / na minha frente ?

TEOBALDO - Por que não, patrão ? Eu sei que o senhor é o melhor dos homens.

GUILHERME - Chega ! Só falarei contigo diante do juiz. (SAI)

TEOBALDO - (Só) Estou bem aranjado. Desta vez o negócio é sério. Tenho que arranjar um advogado. Me disseram que por aqui há um. Se não me engano é essa casa... Ó de dentro...

- PATHELIN - (De dentro) Quem é ?
- TEOBALDO - Deus o guarde, meu senhor. O senhor não é advogado ?
- PATHELIN - Sim, e você com isso ?
- TEOBALDO - (Humilde) É que queria consulta-lo sobre um caso muito grave...
- PATHELIN - Bem... vejamos...
- TEOBALDO - Eu recebi hoje, por um homem de roupa riscada a ordem de comparecer diante do juiz.
- PATHELIN - Iiii... o negócio é mau. Que foi que você fez ?
- TEOBALDO - Nada de mais... Meu patrão é um miserável sovina...
- PATHELIN - Bem, bem, bem... isto não vem ao caso. Diga sem mentir o que fez.
- TEOBALDO - Eu andei matando uns carneirinhos... coisa sem importancia...
- PATHELIN - O negocio é grave. Roubo, extorsão, dolo. Estás mal parado.
- TEOBALDO - Meu Deus, e eu que não pensei fazer mal algum...
- PATHELIN - Me responde. Você tem dinheiro para pagar o advogado que o defender ?
- TEOBALDO - Tenho sim, uns escudos de ouro, daqueles que têm uma coroa marcada.
- PATHELIN - Ah, então sua causa é boa. É ótima mesmo... Vou lhe ensinar um excelente meio para sua defesa. Venha cá. Você (cochichando) dzz... entendeu ?
- TEOBALDO - Não é difícil. Farei exatamente o que o senhor está mandando.
- PATHELIN - Então fique tranquilo. Garanto o bom resultado do seu processo. (Olhando em torno) Agora va-se embora. Não convém que vejam você comigo. (TEOBALDO / SAI) Alguma coisa há de vir. Esse pastor não me parece tão inocente como se faz, mas enfim... se ele não tem escudos de ouro, alguma coisa há de ter. E na situação em que estou, tudo que cai na rede é peixe.



C E N A VI

O TRIBUNAL



Entram primeiro o juiz e escrivão, que tomam seus lugares. A seguir Guilherme e, por fim Pathelin, seguido do pastor.

- PATHELIN - Deus vos dê tôda a felicidade que o vosso coração deseja, senhor juiz.
- JUIZ - Seja benvindo, doutor. Tome seu lugar.
- PATHELIN - Salvo vosso respeito, estou bem aqui.
- JUIZ - Se há alguma coisa a debater, vamos depressa com ela para que possa levantar a sessão.
- GUILHERME - Meu advogado vem já. Ele está acabando um negócio rápido. Pelo o favor de esperar um pouquinho.
- JUIZ - Não pode ser. Tenho outras causas para ouvir. Se a parte contraria está presente, exponha o caso rapidamente. O senhor não é o quixoso ?
- GUILHERME - Sim senhor.
- JUIZ - Quem é o defensor do réu ? Está presente ?
- GUILHERME - Sim, ei-lo que não diz uma palavra, só Deus sabe o que pensa.
- JUIZ - Já que todos estão, presentes, comecemos logo.
- GUILHERME - Eis minha queixa: eduquêi por caridade êste pastor aqui presente e quando o julguei bastante forte, mandei-o para o campo para pascentar meus rebanhos. Juro por Deus, senhor juiz que é tão verdade como esta o senhor sentado nessa cadeira e êsse miseravel, abusando da minha confiança, fêz tal morticínio entre os meus carneiros que ...
- JUIZ - Vejamos, êle era seu empregado? O senhor lhe pagava ordenado?

- PATHELIN - Qual nada, senhor juiz, o pobre pastor não recebeu vintém.
- GUILHERME - Reconhecendo Pathelin) Seja ou hereje se não fôr êle. Não há êrro possível ! (Pathelin) tapa o / rosto com a mão.
- JUIZ - Por que o senhor levanta assim a mão, doutor Pathelin ? Está com dor de dentes ?
- PATHELIN - Sim, nunca tive uma dor igual. Mas... continuemos o debate.
- JUIZ - (A Guilherme) Vamos, continue, acabe depressa.
- GUILHERME - É êle, não há dúvida, foi êle que vendi sete vacas de fazenda.
- JUIZ - Por que o senhor fala de fazenda?
- PATHELIN - Êle delira, senhor juiz por que não sabe concluir. Naturalmente ensinaram-lhe a lição para recitar diante do tribunal e êle se esqueceu: por isso vai danado por paus e por pedras.
- GUILHERME - Seja eu enforcado, se foi a outro que vendi minha fazenda de ruão.
- PATHELIN - Onde êsse malvado vai buscar estas invenções para aumentar a culpa do pastor que é sua vítima? Êle que dizer, eu compreendo, muito bem, que o pastor vendeu lã de que foi feita minha roupa. Vejam que maldade! Não basta a acusação mentirosa de que o pastor lhe roubou só os carneiros, é preciso acusa-lo de ter roubado uma fazenda que comprei há mais de três anos.
- GUILHERME - Deus me dê febres quartãs se o senhor não tem o meu tecido.
- JUIZ - Calma, onde estamos nós? O senhor não sabe o que diz. Volte à sua causa sem fazer o tribunal perder tempo com suas arneiras.
- PATHELIN - (Rindo) Estou louco de dor de dentes e não posso deixar de rir. Êle está tão embaraçado que não sabe mais o que dizer. Senhor juiz, é preciso lembrar-lhe onde ôle estava.



JUIZ - Vamos, volte aos seus carneiros. O que aconteceu?

GUILHERME - Ele comprou sete vacas e nove escudos.



JUIZ - Estamos todos loucos? Onde o senhor pensa que estar?

PATHELIN - Senhor juiz, esse homem toma V. Exa., com perdão, da palavra, por um tolo. A julgar pelo seu exterior, no entanto, parece um homem de bem. Proponho que se interrogue o acusado.

JUIZ - O senhor tem razão. Ele deve conhecê-lo, pois o queixoso é seu patrão. Adiante-se Fale.

TEOBALDO - Bee!

JUIZ - Está aí um outro caso. O que que dizer Bee? eu sou por acaso cara de bode? vamos, fale direito.

TEOBALDO - Bé!

JUIZ - Você está caçoando de mim?

PATHELIN - Pobrezinho! Não senhor juiz, jamais ele faria isso. É porque ele é um atoleimado pelos maus tratos do patrão.

GUILHERME - Quero ser apreendido se não foi ao senhor que vendi minha fazenda! (AO JUIZ) V. Exa. não sabe com que malícia...

JUIZ - Cale-se O senhor está louco? Deixe de parte o fato acessório e venha ao fato principal.

GUILHERME - Está bem, juro não tocar mais no caso da fazenda. Mas o caso me faz enraivecer... porém meus lábios não se abrirão mais sobre esta questão. Por hoje ao menos, porque isso não ficará assim. Eis portanto, o caso do pastor: eu dizia que ele guardava sete varas de fazenda, quer dizer, meus rebanhos, perdão, foi um engano. Esse senhor pastor, quando devia estar nos campos, disse-me que eu teria em pagamento escudos de ouro... Não, quero dizer, que quando ele começou a guardar os meus rebanhos, prometeu-me um excelente jantar com pato... mas o que estou dizendo? Desculpe-me, senhor juiz, queria dizer que esse patife do pastor jurou-me guardar sem traição nem dolo os meus carneiros. Pois bem, ele os matava sem piedade e agora nega tudo:



dinheiro e fazenda. Ah! doutor Pedro, isso não su faz! Sim, Senhor juiz, este canalha do pastor matava-me sem temor de Deus todos os carneiros; quando ele se pilhou com a peça de fazenda debaixo do braço, disse-me que fosse à sua casa...

JUIZ:

Cale-se! Cale! Basta de asneiras, sua queixa não tem rima nem razão. O Senhor é um louco. Ora vejam: sô fala de carneiros, depois emanda com fazenda, com pata, com jantar, com escudos de ouro... Qual! Sô mes mo um louco. Isto aqui não é manicômio.

PATHELIN:

Naturalmente é porque ele tem a consciência pesada de não pagar ao pobre pastor e ainda por cima inventar um processo ao coitado.

GUILHERME:

O senhor faria bem em calar-se, ouviu? Minha fazenda onde esta ela? Não é o senhor que a tem?

JUIZ:

O que é que o doutor Pedro tem?

GUILHERME:

Nada, senhor Juiz. Isso não vem ao caso. O que eu posso afirmar é que o doutor Pedro é o maior trapaceiro, mas isso fica para outra vez; trata-se agora dos meus carneiros.

JUIZ:

Vamos, trate de lembrar-se bem dos frtos e conclua logo.

GUILHERME:

Estou confuso, senhor juiz, peço-vos que interroguéis novamente esse patife. Vejamos o que ele tem para dizer. Ele bem sabe falar...

JUIZ:

(Irritado) Mas..

PATHELIN:

O pobre pastor não pode falar por si mesmo, nem sabe rã responder às acusações que lhe foram feitas. Se V Excelência permitir, eu falarei por ele.

JUIZ:

O senhor quer assistí-lo? Creio que sô terá aborreci mentos sem proveito algum.

PATHELIN:

Nem quero ter lucro. Tenho pena de ver um pobrezinho sem defesa, exposto às malévolas acusações de um per verso. Quando se é honesto, o lucro não interessa. Com permissão de V. Excelência, vou interrogar o acu sado. Aproxima-se, meu amigo. Voce me entende? Vamos fale!

TEOBALDO:

Bêê.

PATHELIN:

O que é? Explique-se melhor.

TEOBALDO: Bee.

PATHELIN: Sempre a mesma coisa. Voce não esta vendo que os seus interesses estão em jogo? Responda direito.

TEOBALDO: Bêê.

PATHELIN: Não hã nada a fazer. O nobrezinho ẽ idiota mesmo. Veja V. Excelência, senhor juiz, atẽque ponto pode ir a maldade humana. Esse homem tem coragem de trazer perante este tribunal respeitãvel um pobre idiota, vītimate de seus maus tratos, para acusã-lo de um crime que o coitado nunca poderia ter cometido, e isto porque não quer lhe pagar o sãlario de anos de trabalho. Ele, que devia ser o rẽu, trãs ao banco dos culpados um inocente, como ave de rapina que não quer soltar a presa por nada. (A Guilherme) Mas tu te enganas, homem perverso! O juiz, diante de quem estas, jamais se deixará enganar pelos malvados. Sua alta inteligẽncia, seu profundo saber, jã descobriram na incoerẽncia de tua queixa, como na idiotice do pastor, onde esta a verdade...

JUIZ: O senhor tem razão. Este pastor ẽ um dẽbil mental. Não pode, portanto, responder a processo. Aumentis non suht subjectis juris.

GUILHERME: Juro que V. Excelência se engana. Juro que esse patife tem mais bom senso do que eu.

PATHELIN: Sõ esta reflexão mostra bem o que ẽ o queixoso. Diante de um tribunal que reconhece a debilidade mental do pobre pastor, ele ousa proclamar o perfeito juĩzo do acusado. Senhor Juiz, para evitar delongas ineptas, mande embora o pastor.

JUIZ: Sim, ẽ o que resta a fazer.

GUILHERME: Ele serã absolvido sem que eu tenha pleiteado?

JUIZ: POR que não? Se o senhor, alẽm de louco, não diz coisa com coisa, e ele ẽ um emfẽrmo mental?

GUILHERME: Suplico a V. Excelência que me deixe ao menos expor minhas conclusões. Juro-lhe que em tudo que disse não houve mentira nem desejo de caçoada.

JUIZ: O que prova que o senhor ẽ realmente louco e eu não estou aqui para perder tempo com loucos.

GUILHERME: E eles vão se embora sem que eu seja ouvido?

JUIZ: O senhor não acha que jã fez o tribunal perder muito tempo?



- GUILHERME: Que a causa seja ao menos adinda...
- JUIZ: Adiada? Para que? O senhor é um louco e esse rapaz um sandeu. Com tal gente é impossível um processo.
- PATHELIN: V. Excelência diz bem. Não é possível lidar-se com tais pessoas, por isso peço a quitação do meu cliente.
- JUIZ: Com toda razão. (A Teobaldo) Vã, voce esta livre o tribunal reconhece a sua inicência. Não se preocune mais com as calúnias levantadas contra sua pessoa não volte nem que um oficial de justiça vã intimã-lo.
- GUILHERME: Mas isto não pode ser, senhor juiz! Esse pastor é um tratante, um ladrão... Eu posso...
- GUILHERME: O senhor devia ter vergonha e não falar mais comigo, ouviu? Minha fazenda, onde esta ela?
- JUIZ: Vamos, eu tenho mais que fazer do que estar ouvindo loucuras... Doutor Pedro, o senhor quer jantar comigo?
- GUILHERME: Jantar?
- PATHELIN: Agrade-lhe m-ito, mas os meus dentes...
- JUIZ: É verdade, eu já havia me esquecido. Deus vos guarde. (SAI)
- GUILHERME: AH, doutor Pedro, que o diabo me leve se o senhor não é o maior trapaceiro do mundo! Então... minha fazenda meu dinheiro, sua doença?
- PATHELIN: Sempre a mesma coisa. O senhor devia mudar de nota, porque já esta monõtona. Eu doente? Esta é grande!
- GUILHERME: Não esta doente? Espere aĩ, vou já já ã tua casa... (SAI)
- PATHELIN: É isto, vã ver se eu estou doente. (A Teobaldo) Entã Teobaldo, teve ou não teve sucesso a minha idéia?
- TEOBALDO: Bêê!
- PATHELIN: Vamos, fale direito. Já acabou a farsa.
- TEOBALDO: Bêê!
- PATHELIN: Que é isso? Voce quer me burlar, a mim, o homem mais esperto desta cidade? Vamos, meu dinheiro, já senão vou buscar um soldado.
- TEOBALDO: Bêê!
- PATHELIN: Não tirarei nada. Serã possível que eu tenha caído n meu próprio ardil? E que um camponês, uma criança, um raposinha engana uma velha ranosa matreira? Espere u



pouco, miserável, eu vou buscar quem faça você falar.
Olá soldado! Olá! soldado! (Sai)

PATHELIN:

(Voltando) O quê?

TEOBALDO:

Bêê!

P A N O



CENÁRIO - No teatro medieval os cenários são simultâneos, isto é: todos os locais necessários ao desenvolvimento da ação eram justapostos. Aconselhamos a estilização. Pode ser feito com rotunda escura e elementos mutáveis de acordo com o estilo da peça.

PERSONAGENS:

PATHELIN - Advogado, esperto e ardiloso.

GUILHERMINA - Sua mulher, astuciosa.

GUILHERME - Comerciante. Simplório.

TEOBALDO - Pastor. Ingênuo e confiante.

JUIZ - Autoritário, solene.

NÃO REPRESENTAMU
O AUTOR INDICADO
PELA SBAT

[Handwritten signature]

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS - SR/RJ

PARECER Nº 034

ASSUNTO:- Ensaio Geral - Peça comparativa

TÍTULO :- "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN"

AUTOR :- Anônimo

TRADUÇÃO:- Luiz Hasselmann

CLASSIFICAÇÃO:- LIVRE

Conforme determinação desta Chefia, procedemos às 14 horas do dia 30 do corrente mês, ao Ensaio Geral da peça em epígrafe, que nos foi indicada para comparação.

Os cenários são compostos por dez cubos que representam o mobiliário das cenas como, mesa, cadeira, bancada.

O vestuário é composto por malhas com túnicas por cima e vestidos longos, de acordo com a época em que se passa a história, que é a medieval.

As marcações se apresentam de acordo com o texto, sem merecer quaisquer observações censórias.

A iluminação é a normal, tendendo mais para a penumbra.

As músicas apresentadas são renascentistas.

Pelo exposto opinamos, digo, ratificamos a liberação sem restrições, dada anteriormente, quando da leitura do texto. Classificação LIVRE.

Rio de Janeiro, 30 de abril de 1982

Mirtes Spitala de Queiroz
Bel. Mirtes Spitala de Queiroz
Téc. de Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 2.416.893

Maria Aparecida dos S. R. Nobre
MARIA APARECIDA DOS S. R. NOBRE
Técnicas de Censura
Matrícula n.º 022.120

Maria Elizabeth Miranda
Bel. Maria Elizabeth Miranda
Tec. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 022.231

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MJ/DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/SR/RJ

PARECER Nº

487

ASSUNTO: Leitura Comparativa de Texto Teatral
TÍTULO: "A Farsa do Advogado Pathelin"
AUTOR: Anônimo
TRADUÇÃO: Luiz Hasselmann
CLASSIFICAÇÃO: Livre (condicionado ao ensaio geral)

Efetuamos a leitura comparativa, da peça supracitada/ e constatamos que o texto confere na íntegra, com o anteriormen- te examinado por este SCDP, tendo recebido certificado nº 256/74 em 26 de agosto de 1974, com a classificação Livre, condicionado ao ensaio geral.

Opinamos pela manutenção dessa classificação, tendo / em vista tratar-se de uma comédia ingênua, sem implicações cen- sórias, mas duas observações, fazem se necessárias: - a primeira quanto à tradução do texto, que no atual é de Luiz Hasselmann, / mas parece ser cópia fiel do anterior, traduzido por Ruy Sandy; a segunda, é que o texto antigo, recebia dois títulos: - "A Far- sa do Advogado Pathelin" ou "De Como Agarrar uma Velha Raposa/ pelo Rabo"; o texto atual recebe apenas o primeiro título.

Rio de Janeiro, 02 de abril de 1982

Luiz Hasselmann
Mat. 2.416.893

Maria Elizabeth Miranda
Bel. Maria Elizabeth Miranda
Tec. Censura - SCDP/SR/RJ
Mat. 022.231

Maria Aparecida dos S. R. Nobre
MARIA APARECIDA DOS S. R. NOBRE
Técnica de Censura
Matrícula n.º 022.129



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P. 393

349

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 057/82/RJ

PROVISÓRIO

PEÇA " A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN "

ORIGINAL DE "ANÔNIMO" = TRADUÇÃO DE LUIZ HASSELMANN

VÁLIDO ATÉ 04 de JULHO de 19 82

CLASSIFICAÇÃO

RJ., 04 de MAIO de 19 82

LIVRE

[Assinatura]
Bel. HELIO GUERRERO,
Chefe do SCDP/SR/RJ

M. J - D.P.F

CERTIFICADO DE CENSURA

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

Original de ANÔNIMO

Tradução de LUIZ HASSELMANN

Adaptação de =

Produção de =

Requerida por JURACY ALARCON CHAMARELLI

Tendo sido censurada em 30 de ABRIL de 19 82 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE/ CONDICIONADA AO ENSAIO GERAL/ .ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO POR ESTE SCDP/RJ.

RJ., 04 de MAIO de 19 82

Angela Maria Baptista Pereira de Azevedo
Bel. Angela Maria Baptista Pereira de Azevedo

Chefe da Seção de Coordenação e Controle
Chefe do Serviço de Censura

SCDP/SR/RJ - Matr. 2.416.889

TEATRO

TÍTULO "A FARSA DO ADVOGADO PATHELLIM"

AUTOR: LIBERADO ANÔNIMO

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVREPraça SCDP/SR/DPF/RJ

Obs.: _____

DF. 12 / 05 / 82Smaria

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o conteúdo de acordo com requerimento de _____ para a classificação: impresso _____ e _____

Obs.: art. 170 - SR/RJ

13 de 05 de 1982

Hellé Prudente Carnalhedo
Metr. 2 415 791

Brasília - DF de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE

na forma do parecer

Em, 18 / 5 / 1982

Solange M. T. Leonardo
Diretora da DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0352, P.396

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 398

PEÇA A FARSA DO ADVOGADO PATELIM

ORIGINAL DE ANÔNIMO

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 17 de MAIO de 19 87

Brasília, 17 de MAIO de 19 82

Solange M. F. Fernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretor da DCDP

LIVRE

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

Original de ANÔNIMO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de _____

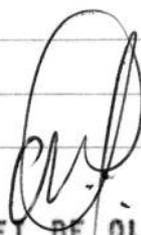
Requerida por JURACY ALARCON CHAMARELLI

RIO DE JANEIRO/RJ

Tendo sido censurada em 30 de ABRIL de 19 82 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Brasília, 17 de MAIO de 19 82



NEY DE OLIVEIRA

Chefe do Serviço de Censura

26 MAIO

82

1.198/82-SE/DCDP

RJ

"MOSTRA DE ARTE - LIBERDADE", de Roberto Aderaldo Mendes e José Roberto Neri Ramos, "PSIQUISMO", de Adilson Leal de Souza e Paulo Roberto de Souza, "BRASIL DOURADO", Aguiinaldo Silva, "O PRESIDENTE CRIOULO", de Hersch Wladimir Basbaum, "A ESCADA DO SUCESSO", de Neusa Aparecida Cazagrande e "A FARSA DO ADVOGADO PATHEEIM", de Anônimo.

Atenciosamente

Solange M. F. Hernandez

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretora da DCDP



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL 1550 00447
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL/CE
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Ofício nº 35/83-SCDP/SR/CE

Fortaleza, 1º de Junho de 1983

Do: Chefe do SCDP/SR/CE

À : Diretora da DCDF

Assunto: relatório estatístico do mês de Maio/83

Senhora Diretora:

Encaminho a V.Sa. o relatório estatístico referente ao mês de Maio (período de 01 a 31), relatórios de "script" e de ensaio geral, acompanhados dos textos e Certificados Provisórios das peças teatrais "VIAGEM DO BARQUINHO" de Sílvia Ortoff, "O CÁPETA DE CARUARU" de Aldomar Conrado e "LOBOS & CORDEIROS" ("A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN") de autor desconhecido, tradução de Luiz Hasselmann.

Outrossim, encaminho através do Of. nº33/83 o relatório circunstanciado do festival de música denominado "CANTO LIVRE", cujas letras musicais foram liberadas por este Serviço, e quatro (04) Notificações de Infração.

Aproveito da oportunidade para renovar a V.Sa. os meus protestos de consideração e apreço.

Francisca Iêda A. Fernandes
Chefe do SCDP/SR/CE

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

FRANCINETE ALVES DE OLIVEIRA

REQUERENTE

BRASILEIRA

NACIONALIDADE

ESTUDANTE

PROFISSÃO

Carteira de Identidade..... 884.765

S.P.S.P.C.E.

N.º E ÓRGÃO EXPEDIDOR

residente e domiciliado à Sgto Hermenico 668 - Fortaleza

....., vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a(s) Prova de Texto abaixo relacionada(s).

ESPÉCIE

de autoria de: Auto desconhecido

DR. PEDRO PATHELIN (original) LOBOS e CORDÕES
TÍTULO(S) (PROVISÓRIO)

Nestes termos,

AUTORIZO O EXAME DA PEÇA
PELA CENSURA

Pede deferimento

Fortaleza, 11 de maio de 1983

LOCAL E DATA

Francinete Alves de Oliveira

REQUERENTE

Anexos:

Sady Gauth
REPRESENTANTE - S.B.A.T. - CE

1 — EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Grupo do coral (VFC) CGC:

Sede:

Diretor ou Responsável:

2 — DADOS DO AUTOR

Nome: ANÔNIMO (DESCONHECIDO)

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço: CEP:

PARCERIA

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço: CEP:

Nome:

Pseudônimo: Filiação:

Nacionalidade: Naturalidade:

Data do Nasc.: Identificação:

Estado Civil:

Profissão:

Endereço: CEP:

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação desta DCDP (exetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: 11-05-83

Ass.: Frouneta Alves de Oliveira

TITULO ORIGINAL - DR. PEDRO PATHELIN

PERSONAGENS:

PATHELIN
 GUILHERMINA
 GUILHERME
 TEOBALDO
 O JUIZ

Lobos & Corderiros

Autor desconhecido

tradução Luiz Hasselmann

(TÍTULO ORIGINAL)



CENA I

AFONSINA

em nome

PATHELIN

- Por Deus, ~~o diabo é a munição!~~ Por mais que ~~de tratos à bola~~ não consigo descobrir um meio de ganhar um vintém. Houve tempo, no entanto, em que não me faltavam clientes nem belos ~~esses~~ *esses humanos*

GUILHERMINA

- Pois é, esse tempo já vai longe. Para mim, a advocacia é a pior profissão do mundo. Um dia bem, um dia mal, ora enganando, ora enganado. Nunca vi coisa assim.

PATHELIN

O diabo é a munição
 - É posso jurar que não há nesta cidade melhor advogado do que eu. *O diabo é a munição* Ninguém conhece como eu as manhas, as molas, as engrenagens dos processos. Não há quem seja mais esperto do que o doutor Pathelin em torcer as leis. Sou um verdadeiro mestre...

GUILHERMINA

- (interrompendo-o) - ... de trapaça! Nesse domínio você não cede a ninguém o primeiro lugar.

PATHELIN

- Não confunda os nomes nem as coisas. Sou simplesmente hábil.

GUILHERMINA

- Bela habilidade... Enfim, tudo neste mundo pode ter dois nomes.

PATHELIN

- Isso não vem ao caso. O que precisamos é achar algum modo de ganhar dinheiro. Veja em que estado estão o seu vestido e a minha roupa. Até parece que estamos vestidos de gaze, como anjos de procissão.

GUILHERMINA

- É verdade. Cada vez que sento ou encosto em algum lugar tenho medo de deixar colado um pedaço da minha saia. O que em que isto acontecer, só me resta o recurso de fingir de parálitica e esperar passar o resto da vida sentada.



- GUILHERMINA - fingir de paralítica e esperar passar o resto da vida soltada. Porque ganhar outro vestido, não tenho a menor esperança.
- PATHELIN - Pois você ganhará u,, e hoje mesmo.
- GUILHERMINA - O que? Você enloqueceu?
- PATHELIN - Longe disso. Nunca tive tanto juízo. É isso mesmo. Acabo de ter uma idéia magnífica.
- GUILHERMINA - Minha Nossa Senhora! Suas idéias magníficas já o levaram ao pelourinho. Será que o lugar é tão bom que deseje voltar para lá?
- PATHELIN - Deixe-se de tolices. O que pretendô fazer não terá a menor consequência.
- GUILHERMINA - Hum!
- PATHELIN - Vamos, de que cor e de que fazenda você quer seu vestido?
- GUILHERMINA - Da cor e fazenda que você conseguir extorquir do comerciante que for bastante tolo para lhe vender fiado.
- PATHELIN - Está bem. ^{Deus} você verá que o espírito é mais forte que a matéria, e que o homem de espírito não precisa de dinheiro para vestir sua cara-metade e a si próprio. Até já.
- GUILHERMINA - Vá com Deus. Se encontrar algum notário, não se esqueça de beber com ele.
- CENA 2
- Como vamos dona*
- PATHELIN - Deus o guarde, senhor Guilherme.
- GUILHERME - E ao senhor também, doutor Pedro.
- PATHELIN - Ainda bem que o senhor me reconhece. Não houve maior amigo do falecido senhor seu pai do que eu. Deus dê glória à sua alma. Que santo homem era ele. Mas o senhor é o retrato vivo dele...
- GUILHERME - Todos dizem isso...
- PATHELIN - É ó coisa evidente. Mas, como vão os negócios?
- GUILHERME - Hum... Assim, assim. O senhor sabe, comércio é profissão ingrata.



- PATHELIN - Sem dúvida, mas para um homem honesto, inteligente e ativo como o senhor, as coisas não podem deixar de ir bem.
- GUILHERME - Bom, sempre dá para viver, mas os negócios podiam ir melhor.
- PATHELIN - Certamente... Enfim, quando se tem suas qualidades físicas e morais, quando se é assás bem feito de corpo para atrair os olhares femininos e bastante inteligente para se tirar proveito de uma impressão causada a uma rica senhora... vendendo-lhe a bom preço uma fazenda que ela não examina porque tem o olhar embevecido no vendedor...
- GUILHERME - Qual nada, doutor Pedro...
- PATHELIN - Ora vamos, eu o conheço... Seria preciso que neste ponto o senhor não parecesse nada com o senhor seu pai - que Deus tenha sua alma! Aliás, é muito justo. As belas coisas devem ser pagas. Se Deus lhe deu belos dotes foi para que o senhor tirasse proveito deles.
- GUILHERME - O senhor está me confundindo...
- PATHELIN - Dizer a verdade, confunde-o? Mas, meu Deus, quanto mais o olho mais o acho parecido com o senhor seu pai. Os mesmos olhos, a mesma boca, o mesmo nariz... Ah, duas gotas d'água não seriam mais parecidas.
- GUILHERME - O senhor conheceu muito o meu pobre pai?
- PATHELIN - Se o conheci! Não havia dois amigos mais inseparáveis nesta cidade. Eu gostava de sair com ele porque todas as moças o olhavam, e eu ia recebendo as sobras. Que homem era ele! Bom comerciante, e finório como ele só. Ninguém o enganava. Exatamente como o filho!
- GUILHERME - O senhor sabe, no comércio, se não se abre os olhos, todos nos roubam.
- PATHELIN - Naturalmente... Mas que linda fazenda é esta...
- GUILHERME - É fazenda de Ruão, muito bem tecida, veja.
- PATHELIN - É muito cara?
- GUILHERME - Nem tanto... doze soldos a vara...
- PATHELIN - E o senhor diz que não é cara?
- GUILHERME - A tosquia está tão difícil. O senhor não sabe como a fazenda tem subido de preço...



- GUILHERME - Tenho tido tanto prejuízo! Os tecedões aumentaram o trabalho, os carneiros têm morrido de peste ou então pela falta de cuidado dos pastores. Eu mesmo estou agora com um desses.
- PATHELIN - Qual?
- GUILHERME - Um patife de um pastor que eu próprio criei. matava-me os carneiros para comê-los ou vendê-los. Depois vinha dizer que tinham morrido de peste. Acabei descobrindo, e a brincadeira vai lhe sair cara. Fiz queixa ao neirinho e ele mandou buscar o pastor para apresentá-lo hoje diante do juiz. O canalha pagará pelo menos umas boas horas no pelourinho.
- PATHELIN - Se o senhor precisa de um advogado, estou às suas ordens. Não é para me gabar, mas não sou dos piores. Liquidado em um instante o seu caso. Se o senhor quiser posso mandar enforcá-lo.
- GUILHERME - Não quero tanto, o pelourinho basta... Mas, voltado à fazenda, tudo isso faz com que o preço dos tecidos tenha subido prodigiosamente.
- PATHELIN - Estou tentado com esta fazenda. Que maravilha de tecido! Só numa casa de primeira ordem se poderia encontrar tal coisa.
- GUILHERME - Leva-a. O senhor não se arrependerá. É um tecido forte de cor firme.
- PATHELIN - Estou vendo, estou vendo. Só acho um pouco caro, Se o senhor ~~deixasse~~ (a vara a dez soldos..) *Vendeme em \$*
- GUILHERME - Juró que não posso. ~~Deze soldos~~ foi quanto ela me custou. Estou lhe vendendo pelo preço de custo.
- PATHELIN - Bem, vá lá. Não vou brigar com o filho do meu melhor amigo por tão pouco. O senhor pode cortar.
- GUILHERME - Quantas varas?
- PATHELIN - Para mim, uma duas... três e meia. Para minha mulher, duas e meia. Ela é alta... e, é isso mesmo. Cinco varas e meia. Não seis.
- GUILHERME - Porque não leva toda a peça? São sete varas.
- PATHELIN - É, está bem. Sobe um pouco, mas não faz mal.
- GUILHERME - Fazenda nunca é demais. Está aí a peça. São nove escudos.



- PATHELIN - O senhor virá recebê-los em minha casa, onde jantará um admirável pato que minha mulher está cozinhando.
- GUILHERME - Mas eu não posso, estou ocupado.
- PATHELIN - Ora, deixe de bobagem. Às seis horas o senhor é obrigado a deixar a loja. O senhor não é judeu para trabalhar de noite?
- GUILHERME - Está bem. Quando eu eu for levarei a fazenda.
- PATHELIN - De modo algum. Então vou deixar um comerciante conhecido como o senhor, filho de um grande amigo meu, carregar uma peça de fazenda? Absolutamente! Isso é para gente sem importância.
- GUILHERME - Mas... não senhor... eu posso levar. Está bem assim.
- PATHELIN - (Apanhando a fazenda) - Não consinto de modo algum. Só assim o senhor virá à minha casa.
- GUILHERME - Mas eu posso ir levando a fazenda.
- GUILHERME - Será que o senhor desconfia de mim?
- GUILHERME - Não, mas acho inconveniente que o senhor ande com fazendas debaixo do braço pela cidade.
- PATHELIN - E o senhor ficaria bem carregando fazenda? Não consentirei nunca em tal coisa.
- GUILHERME - Nada de cerimônias, doutor Pedro, eu posso levar muito bem.
- PATHELIN - Se o senhor não tem confiança em mim, se acha que sou desonesto, é outra coisa. Mas neste caso não lhe faço a injúria de pensar que o senhor me julga de tal maneira.
- GUILHERME - Não julgo, não. Enfim, se não há outro meio...
- PATHELIN - Está claro que não há outro meio. Venha sem falta às seis horas. Posso garantir que o senhor não terá comido em sua vida muitos patos como o que o senhor vai comer em minha casa. Quanto ao vinho, prefiro nem falar. O senhor mesmo o julgará. A propósito, como quer que lhe pague? Em ouro ou em prata?
- GUILHERME - Prefiro em ouro, se for de bom peso.
- PATHELIN - Meu ouro é antigo. É do tempo do falecido rei.
- GUILHERME - Então não se esqueça de tê-lo à mão quando eu lá chegar.
- PATHELIN - Sim, mas o senhor só receberá depois do jantar. Por Deus, mestre Guilherme, só assim o senhor conhecerá o caminho da minha casa. Seu falecido pai o conhecia muito bem. Nunca de...



PATHELIN - Seu falecido pai o conhecia muito bem. Nunca deixava cumprimentar quando passava. Mas o senhor não se dá com gente pobre... (Sai).

GUILHERME - (Só) - Pobre seu cu... Eu... o dinheiro que ele vai me pagar ficará bem guardado. Bem diz o ditado que não há um esperto perto que não encontre outro mais esperto. Esse advogado, mestre da trapaça, levou por doze soldos um tecido que não vale nem nove...

CENA 3

CASA DE PATHELIN. SALA.

PATHELIN - (Entrando) - Então?

GUILHERMINA - Então o que?

PATHELIN - Eu não lhe dizia? Pode jogar fora seu vestido velho.

GUILHERMINA - (que diabo é isto?

PATHELIN - (desdobrando a fazenda) - Veja e creia.

GUILHERMINA - Virgem Nossa Senhora! Algum cliente deixou isto como penhor? Você comprou fiado? Meu Deus, quem pagará?

PATHELIN - Quem pagará? Mas já está paga e bem paga. Posso afirmar-lhe que o comerciante que m'a vendeu não é nenhum tolo.

GUILHERMINA - Já sei. Você prometeu, mediante uma assinatura ou um juramento, pagar a fazenda dentro de algum tempo. Belo trabalho! Quando chegar o tempo, como não haverá dinheiro, eles virão e levarão tudo.

PATHELIN -- Deixe estar que não levariam grande coisa... Mas não se preocupe, torno a repetir que a fazenda já está paga e que eu nem assinei contrato nem fiz juramento algum.

GUILHERMINA -Vá enganar a outra. Não se esqueça de que estamos casados há já alguns anos. Conheço você como a palma da minha mão.

PATHELIN - Não temos tempo a perder, por isso vou lhe contar o caso em duas palavras. Você conhece o mestre Guilherme Córdado. Pois bem, é o comerciante mais avarento e ladrão que já vi, tal qual seu falecido pai. Pois muito bem, eu, com a minha lábia, abordei-o fazendo mil elogios a um e a outro, assinalando a semelhança entre ambos, fazendo-lhe tantas



- PATHELIN - minha lábia, abordei-o fazendo mil elogios a um e assimilando a semelhança entre ambos, fazendo-lhe várias cortesias, que quando chegou a hora de me fiar a favor dele, apesar de gemer, não teve coragem de negar,
- GUILHERMINA - A eterna história da raposa e do corvo.
- PATHELIN - Sem tirar nem por. Enfim, prometi-lhe pagar aqui, na hora do jantar, copiosamente regado com um vinho que ainda está nas uvas. Eu prometi um pato que ainda está no ovo. Agora chegou a vez de trabalhar.
- GUILHERMINA - Que devo fazer?
- PATHELIN - Coisa muito simples. Jurar por todos os santos do céu que há doze meses estou de cama, doente, louco furioso, fazendo o desespero de todos os médicos. O resto é por minha conta. Você saberá fazer isso?
- GUILHERMINA - E muito mais. Não é em vão que sou sua esposa. Chorarei lágrimas de sangue, hei de convencer o comerciante de que ele está louco ou que viu o diabo.
- PATHELIN - Ótimo! Vamos preparar a farsa. Vou deitar-me, porque Guilherme não deve tardar. (Sai)
- GUILHERMINA - (Só) - Vlha-me Deus! E Santo Onofre milagroso, ajudai-me nessa empresa, que eu vos prometo dar uma vela de cera... se acaso tiver o dinheiro que ela custa antes de minha morte. (Sai).

CENA 4

(Primeiro na rua, diante da casa de Pathelin. Depois no interior. Sala. Entardecer.)

- GUILHERME - (Na rua) - Creio que já está na hora de beber o vinho e comer o pato lá do tal doutor Pathelin! Ah! Meu querido dinheiro, até que enfim vou ter ver. Meu coração quase para quando me lembro que vendi fiado uma peça de fazenda. Ho! Ho! Doutor Pedro Pathelin.
- GUILHERMINA - Que barulho é esse? Se o senhor tem alguma coisa a dizer, fale baixo.
- GUILHERME - Deus a guarde, minha senhora.
- GUILHERME - Fale baixo.



- GUILHERME - Mas o que há?
- GUILHERMINA - Eu lhe peço, pelo amor de Deus, não grite!
- GUILHERME - Onde está seu marido?
- GUILHERMINA - Meu Deus, onde é que o senhor queria que ele estivesse?
- GUILHERME - O doutor Pedro não está aí?
- GUILHERMINA - Quisera Deus que el estivesse com bastante saúde para não estar aqui.
- GUILHERME - Mas o que quer dizer isto?
- GUILHERMINA - Contado do homen... Ele está na cama... Onze meses de martírio!
- GUILHERME - Quem?
- GUILHERMINA - Desculpe, mas não posso ficar aqui muito tempo, Tenho que voltar para perto do meu doente.
- GUILHERME - Mas quem é o seu doente?
- GUILHERMINA - Quem há de ser senão meu marido?
- GUILHERME - O doutor Pedro Pathelin?
- GUILHERMINA - Não me consta que eu tenha outro marido.
- GUILHERME - Mas não há quinze minutos que ele esteve comigo e por sim me comprou fiado uma peça de fazenda. Vim aqui para receber o dinheiro.
- GUILHERMINA - Que brincadeira mais sem graça! Não se está em hora de divórcios.
- GUILHERME - São nove escudos. Quero já o meu dinheiro!
- GUILHERMINA - O senhor está adoidado? Vá contar suas lorotas a outra, ou se é uma brincadeira ela está muito fora de hora.
- GUILHERME - Faça o favor de acabar com as suas loucuras, e vá chamar o doutor Pedro.
- GUILHERMINA - Diabos levem o senhor. Então é o momento de fazer um homen agonizante sair da cama?
- GUILHERME - Mas não é aqui a casa do doutor Pedro Pathelin?
- GUILHERMINA - Quantas vezes o senhor quer que lhe diga que sim? Está louco, vá para o hospício.
- GUILHERME - A senhora me diz para falar baixo, e grita mais que um general em manobras...



- GUILHERME - A senhora me diz para falar baixo, e grita mais que ral em manobras...
- GUILHERMINA - É o que o senhor me faz perder a paciência.
- GUILHERME - Basta de estórias. Já lhe disse que o doutor Pedro me comprou sete varas de fazenda hoje, agora mesmo.
- GUILHERMINA - Que? O senhor continua na sua loucura? Meu pobre marido há onze meses que está doente, pregado na cama, gemendo de cortar o coração, havia de ter hoje que comprar fazenda na sua loja? Meu Deus! Como o mundo está cheio de gente perversa!
- GUILHERME - Vamos! meu dinheiro!
- GUILHERMINA - O senhor está bêbado? Só pode ser isso.
- GUILHERME - Bêbado eu? Que desaforo?
- GUILHERMINA - Só um bêbado pode dizer que um homem doente, paralisado pelo sofrimento, saiu para comprar fazenda. Só se fosse uma mortalha!
- GUILHERME - Essa estória vai continuar?
- GUILHERMINA - Vamos, fale baixo ou vá embora.
- PATHELIN - (De dentro) - Guilhermina, um pouco de água de rosa. Meu Deus, você me deixa sozinho aqui! Água, venha depressa!
- GUILHERMINA - Aí está o que o senhor fez. O pobre homem acordou.
- GUILHERME - Ainda bem.
- PATHELIN - Guilhermina, vem depressa expulsar toda essa gente preta que está aqui fazendo caretas para mim, Socorro!
- GUILHERMINA - Que é isso, meu bem? Você não tem juízo de levantar assim?
- PATHELIN - Olha esse frade preto que está voando. Peguem! Peguem! Ponham-lhe uma estola! Para, gato! Meu Deus, como ele voa!
- GUILHERMINA - Veja como ele sofre, coitado!
- GUILHERME - Mas ele caiu doente ao voltar da feira?
- GUILHERMINA - Que feira?
- GUILHERME - Onde tenho minha loja de fazenda?
- PATHELIN - Ah, é o senhor doutor João? Chegou a tempo. Seus remédios deram tanta cólica que estou que não posso.
- GUILHERME - Que é isso? O senhor não se lembra de mim? Meu dinheiro?



- PATHELIN - Eu não tomo mais nenhum remédio que o senhor me recebiu. Além de serem amargas como fol, fazem uma tal revolta no meu ventre que parece que tenho um exército na barriga.
- GUILHERME - Que é isso? Sou eu quem está louco ou é o senhor? Mas, o meu dinheiro onde está?
- PATHELIN - Corram! Corram! Aí vêm eles! Socorro! Estão me matando!
- GUILHERMINA - Coitadinho, em que estado está!
- GUILHERME - Não sei o que diga nem o que pense. Foi ele que veio à minha loja? Foi outro? Só se fosse o diabo. Vamos, minha senhora, diga-me, a senhora não tem um pato cozinhando?
- GUILHERMINA - Ora, veja, que pergunta! Havia eu de ter um pato cozinhando, quando meu marido está nesse estado? Mestre Guilherme, procure um médico, o senhor não está bom da cabeça.
- GUILHERME - É possível, é possível, a senhora me estonteou tanto que já nem sei onde estou. Foi ele? Não sei, meu Deus! Ah, meu rico dinheiro! Que perdelo! Enfim, creio que não há mais nada a fazer... Adeus... Será possível? (Sai)
- PATHELIN - Ele já foi?
- GUILHERMINA - Psiu! Ele está perto. ~~XXXXXXXXXXXX~~ Rosna mais que um velho cão de caça. Parece que está sonhando acordado.
- PATHELIN - Quero me levantar.
- GUILHERMINA - Espere um pouco, ele pode ouvir.
- PATHELIN - Ele, tão desconfiado, acabou caindo como um patinho.
- GUILHERMINA - É para descontar o que ele rouba dos outros.. O homem só falou de pato, sem perceber que ele era um, e de que tamanho!
- PATHELIN - Não ria assim, ele pode escutar.
- GUILHERMINA - Não posso me conter quando me lembro da cara dele. Enfim, consegui pô-lo para fora daqui.
- PATHELIN - Silêncio, que ele pode voltar...
- GUILHERME - Será possível que eu tenha sido enganado por um advogado de água doce? Um João-ninguém? Não, volto lá e hei de arrancar o meu dinheiro custe o que custar. Vejam só, a tal mulher dele está rindo... Esperem aí. Estou muito grosso para pagar.
- GUILHERMINA - Meu Deus, ele me ouviu. Está voltando... Depressa, vá se esconder!



- GUILERME - Ho, ho! Abram a porta!
- GUILHERMINA - Que gritaria!
- GUILERME - A senhora está rindo. Ou pensa que não ouvi?
- GUILHERMINA - Tenho muito motivo para rir, na verdade.
- GUILERME - Meu dinheiro, exijo meu dinheiro.
- GUILHERMINA - Lá vem o senhor com sua estória. É para me divertir? Está muito mal o momento. Meu marido já me dá bastante diversão de um outro gênero. Ele canta, chora, ri, dança fala em línguas diferentes, de maneira que choro erio ao mesmo tempo.
- GUILERME - Não tenho nada que a faça rir ou chorar, o que eu quero ser pago, ouviu?
- GUILHERMINA - O senhor continua com sua extravagância?
- GUILHERME - Não estou habituado a ser pago com palavras. A senhora paga que tomo gato por lebre?
- PATHELIN - Vamos, rápido! De pé. A rainha das guitarras de à luz violeta e quatro guitarrinhas. Ela está aí, façam-na entrar. Ela vem me convidar para o batismo. Quero ser seu compadre.
- GUILHERMINA - Ah, penso em sua alma, meu bem! Deixe em paz as guitarras.
- GUILHERME - Que contadores de sandices são esses dois? Vamos, meu dinheiro em ouro ou prata.
- GUILHERMINA - Será possível que o senhor ainda não se convenceu do seu engano?
- GUILHERME - A senhora já pensou, bela dama, o que significa tudo isso? Nunca fui enganado. Mas, palavra de honra, ou a fazenda será paga ou restituída, ou então a senhora e o seu marido serão enforcados. Juro por Deus!
- GUILHERMINA - Que coragem, atormentar assim um doente! Estou vendo, vejo bem pelos seus modos que o senhor está fora do seu juízo. Valha-me Deus! Não bastava meu marido.
- GUILHERME - Que raiva que tenho de perder assim o meu dinheiro...
- GUILHERMINA - Que loucura! Faça o sinal da cruz. O senhor deve estar com uma legião de demônios avarentos no corpo. Abrenúncios!
- GUILHERME - Quero ser esquartejado se tornar a vender fazenda e perder a minha vida.



- PATHELIN - Madre de Dios, por mi fé, quiero irme. Que me q... Venga. Vote monstro. Quio dinheiro? No lo tengo, no...
- GUILHERMINA - Ele tem um tio espanhol, que era irmão do filho da tia-avó dele, por irro ele fala espanhol...
- GUILHERME - Ele veio de mansinho e carregou a peça debaixo do braço. Será possível?
- PATHELIN - Komma hier. Komma hier. Ach! Wzs ist das? Mein Gott! Wie ist hart dieses Kaufmann! *Como não Como não AR VAS IST DAS? MAIN GOTT! VIE EST*
- GUILHERME - Mas como ele fala tantas línguas, meu Deus!
- GUILHERMINA - Sua mão era sobrinha de um neto de alemão. É por essa razão que ele fala essa língua.
- PATHELIN - Ho, signore mio, que me vol cose mercatore? Argento? Nom zhx abiano noi, e si volio uno piccolo asso, lo daré, stupido huomo!
- GUILHERME - Que é isso? Dou-lhe na teima de falar todas as línguas do '8 mundo? Se ao menos ele me desse meu dinheiro eu ia embora.
- GUILHERMINA - ~~xxxxxxxxxx~~ Que homem o senhor é! Já se viu maior maldade? quando se há de convencer da verdade?
- PATHELIN - If you lease, sir, what you will? Money? I don't. Get out... Get out... Oh God... God!
- GUILHERME - Que língua renegada! Será possível que ele não se cale?
- GUILHERMINA - O avô do irmão do cunhado dele era inglês, e lhe ensinou a falar a língua.
- GUILHERME - Minha Nossa Senhora, estarei sonhando? Foi ele ou foi outro que foi à minha loja, ou foi o demo por ele? Juraria que foi ele quem esteve comigo há meia hora... estou tonto... não sei o que pense.
- PATHELIN - Et bona dies sit vobis. Magister amantíssimo. Pater reverentíssimo. Quo, ode bralis, que nova? Parisius non sunt ova.
- GUILHERMINA - Meu Deus, ele está falando latim, é sinal próximo da morte. Que os anjos e serafins da corte celeste o assistam...
- GUILHERME - Mas que será isso, meu Deus? Ele vai morrer falando, não há sombra de dúvida, ele está muito mal. Pobre homem. É melhor que eu me vá, ele pode dizer segredos que eu não deva ouvir. Certamente não foi quem me tirou a fazenda. Deus vos guarde,



- GUILHERME - Cortamento não foi ele quem me tirou a fazenda. Deus vos guarde, bela dama! Desculpe-me pelo incômodo. Mas jurava que era ele quem tinha me comprado a fazenda fiado...
- GUILHERMINA - Adeus, que os anjos o acompanhem. Reze por mim. O senhor bem vê em que sofrimento estou. (Guilherme sai) - Então, sou ou não sou uma digna esposa? Meu Deus, como conseguimos enganá-lo...
- PATHELIN - Ele saiu resmungando, estonteado, jurando ter visto o diabo em meu lugar. Bom proveito lhe faça.
- GUILHERMINA - Ha-ha-ha-ha! (Entra e vira-se meioconfusa para Pathelin) - Você não acha que o que nós fizemos foi muito feio?
- PATHELIN - (Embaraçado) - Bem... eu... Ora, ladrão que rouba ladrão.

CENA 5

RUA. ANOITECE.

- GUILHERME - (Só) - Foi sem dúvida o diabo que veio me tentar na forma daquele advogado. Antes tenha a minha fazenda que a minha alma. Afinal, é bem verdade que quem faz a Deus, paga ao Diabo. Meus pobres lucros, já se foram em boa parte. Enfim, seja tudo pelo amor de Deus.
- TEOBALDO - (Entrando) - Deus p guarde, mestre Guilherme.
- GUILHERME - Como, seu canalha, você tem coragem de aparecer na minha frente?
- TEOBLADO - Mas o que há, meu bondoso patrão?
- GUILHERME - Como? Você me mata os carneiros, come a carne, vende a lã e ainda tem a petulância de aparecer na minha frente?
- TEOBALDO - Porque não, patrão? Eu sei que o senhor é o melhor dos homens.
- GUILHERME - Chega! Só falarei contigo diante do juiz. (Sai)
- TEOBLADO - (Só) - Estou bem arranjado. Desta vez o negócio é sério. Tenho que arranjar um advogado. Me disseram que por aqui há um. Se não me engano é essa casa... Ô de dentro!
- PATHELIN - (De dentro) - Quem é?



- TEOBALDO - Deus o guarde, meu senhor. O senhor não é advogado?
- PATHELIN - (Humilde) - É que queria consultá-lo sobre um caso muito grave...
- PATHELIN - Bem, vejamos...
- TEOBALDO - Eu recebi hoje, por um homem de roupa riscada, a ordem de comparecer diante do juiz.
- PATHELIN - Lii... o negócio é mau. Que foi que você fez?
- TEOBALDO - Nada de mais... Meu patrão é um miserável sovina...
- PATHELIN - Bem, bem, bem... isto não vem ao caso. Diga sem mentir o que fez.
- TEOBALDO - Eu andei matando uns carneirinhos... coisa sem importância...
- PATHELIN - O negócio é grave. Roubo, extorsão, dolo. Está mal parado.
- TEOBALDO - Meu Deus, e eu que não pensei fazer mal algum...
- PATHELIN - Me responde: você tem dinheiro para pagar p advogado que o defender?
- TEOBALDO - Tenho sim, uns escudos de ouro, daqueles que têm uma coroa marcada.
- PATHELIN - Ah, então sua causa é boa. É ótima mesmo... Vou lhe ensinar um excelente meio para sua defesa. Venha cá. (Cochichando) Você... entendeu?
- TEOBALDO - Não é difícil. Farei e tamente o que o senhor está mandando.
- PATHELIN - Então, fique tranquilo. Garanto o bom resultado do seu processo - (Olhando em torno) - Agora vá-se embora. Não convém que o vejam comigo. (Teobaldo sai) - Alguma coisa há de vir. Esse pastor não me parece tão inocente como se faz, mas enfim... Se ele não tem escudos de ouro, alguma coisa há de ter. E na situação em que estou, tudo que cai na rede é peixe.

CENA 6

O TRIBUNAL

(Entram primeiro o juiz, e o escrivão, que tomam seus lugares. A seguir, Guilherme e, por fim, Pathelin, seguido do pastor).

- PATHELIN - Deus vos dê toda a felicidade que o vosso coração deseja, senhor juiz.



- O JUIZ - Seja bem vindo, doutor. Tome o seu lugar.
- PATHELIN - Salvo vosso respeito, estou bom aqui.
- O JUIZ - Se há alguma coisa a debater, vamos depressa com ela para que possa levantar a sessão.
- GUILHERME - Meu advogado vem já. Ele está acabando um negócio rápido. Peço o favor de esperar um pouquinho.
- O JUIZ - Não pode ser. Tenho outras causas para ouvir. Se a parte contrário está presente, exponha o caso rapidamente. O senhor não é o queixoso?
- GUILHERME - Sim, senhor.
- O JUIZ - Quem é o defensor do réu? Está presente?
- GUILHERME - Sim, ei-lo que não diz uma palavra, só Deus sabe o que pensa.
- O JUIZ - Já que todos estão presentes, comecemos logo.
- GUILHERME - Eis minha queixa: eduquei por caridade este pastor aqui presente, e quando o julguei bastante forte, mandei-o para o campo para apascentar meus rebanhos. Juro por Deus, senhor juiz que é tão verdade como estar o senhor sentado nessa cadeira e esse miserável, abusando da minha confiança fez tal morticínio entre os meus carneiros que...
- O JUIZ - Vejamos, ele era seu empregado? O senhor lhe pagava ordenado?
- PATHELIN - Qual nada, senhor Juiz, o pobre pastor não recebia um vintém.
- GUILHERME - (Reconhecendo Pathelin) - Seja eu hereje se não for ele. Não há erro possível! (Pathelin tapa o rosto com a mão)
- O JUIZ - Por que o senhor levanta assim a mão, doutor Pathelin? Está com dor de dentes?
- PATHELIN - Sim, nunca tive uma dor igual. Mas... continuemos o debate.
- O JUIZ - (A Guilherme) - Vamos, continue, acabe depressa.
- GUILHERME - É ele, não há dúvida, foi a ele que vendi sete varas de feno da?
- O JUIZ - Porque o senhor fala de fazenda?
- PATHELIN - Ele delira, senhor Juiz, porque não sabe concluir. Naturalmente ensinaram-lhe a lição para recitar diante do tribunal e ele se esqueceu. Por isso vai dando por paus e por pedras.



- GUILHERME - Seja eu enforcado, se foi a putro que vendi minha fazenda de Ruão.
- PATHELIN - Quando esse malvado vai buscar essas invenções para aumentar a culpa do pastor que é sua vítima? Ele quer dizer, eu compreendo muito bem, que o pastor vendeu a lã de que foi minha roupa. Vejam que maldade! Não basta a acusação mentirosa de que o pastor lhe roubou só os carneiros, é preciso acusá-lo de ter roubado uma fazenda que comprei há mais de três anos!
- GUILHERME - Deus me dê febres quartãs se o senhor não tem o meu tecido.
- JUIZ - Clama. Onde estamos nós? O senhor não sabe o que diz. Volte à sua causa sem fazer o tribunal perder tempo com suas asneiras!
- PATHELIN - (Rindo) - Estou louco de dor de dentes, e não posso deixar de rir. Ele está tão embaraçado que não sabe mais o que dizer. Senhor Juiz, é preciso lembrar-lhe onde ele estava.
- O JUIZ - Vamos, volte aos seus carneiros. O que é que aconteceu?
- GUILHERME - Ele comprou sete varas e nove escudos.
- O JUIZ - Estamos todos loucos? Onde o senhor pensa que está?
- PATHELIN - Senhor Juiz, esse homem toma. V. Excia, com perdão da palavra, por um tolo. A julgar pelo seu exterior, no entanto, parece um homem de bem. Proponho que se interrogue o acusado.
- O JUIZ - O senhor tem razão. Ele deve conhecê-lo pois o queixoso é seu patrão. Adiante-se. Fale.
- TEOBALDO - Béé!
- O JUIZ - Está aí um outro caso. O que quer dizer bé? Eu sou por acabo cabra ou bode? Vamos, fale direito.
- TEOBALDO - Bé!
- O JUIZ - Você está caçando de mim?
- PATHELIN - Pobrezinho! Não, senhor Juiz, jamais ele faria isso. É porque ele é um moleimado pelos maus tratos do patrão.
- GUILHERME - Quero ser apedrejado se não foi ao senhor que vendi minha fazenda! (Ao Juiz) - V. Excia. não sabe com que malícia...
- O JUIZ - Cale-se! O senhor está louco? Deixe de parte o fato acessório



- O JUIZ - Deixe do parte o fato acessório e vorna ao fato principal.
- GUILHERME - Está bem, juro não tocar mais no caso da fazenda. Mas o caso me faz enraivecior... Porém meus lábios não se abrirão mais sobre essa questão. Por hoje ao menos, porque isso não ficará assim. Eis, portanto, o caso do pastor: eu dizia que ele guardava sete varas de fazenda, quer dizer, meus rebanhos, perdão, foi um engano. Esse senhor pastor, quando devia estar nos campos, disse-me que eu teria em pagamento escudos de ouro... não, quero dizer, quando ele começou a guardar os meus rebanhos, prometeu-me um excelente jantar com pato... Mas o que estou dizendo? Desculpe-me, senhor Juiz, queria dizer que esse patife do pastor jurou-me guardar sem traição nem dolo os meus carneiros. Pois bem, ele os matava sem piedade, e agora nega tudo: dinheiro e fazenda. Ah, doutor Pedro, isso não se faz! Sim, senhor Juiz, esse canalha de pastor matava-me sem temor de Deus todos os carneiros; quando ele se pilhou com a peça de fazenda debaixo do braço, disse-me que fosse à sua casa...
- O JUIZ - Cale-se! Cale-se! Basta de asneiras. Sua queixa não tem rima nem razão. O senhor é um louco! Ora vejam: só fala de carneiros, depois ementa com fazenda, com pato, com jantar, com os escudos de ouro... Qual! Só mesmo um louco. Isto aqui não é um nicômo.
- GATHELIN - Naturalmente é porque ele tem a consciência pesada de não pagar ao pobre pastor e ainda por cima inventar um processo e um processo ao coitado.
- GUILHERME - O senhor faria bem calar-se, ouviu? Minha fazenda, onde está ela? Não é o senhor que a tem?
- O JUIZ - O que é que o doutor Pedro tem?
- GUILHERME - Nada, senhor juiz. Isso não vem ao caso. O que eu posso afirmar é que o doutor Pedro é o maior trapaceiro, mas isso fica para outra vez; trata-se agora dos meus carneiros.
- O JUIZ - Vamos, trate de lembrar-se bem dos fatos e conclua logo.
- GUILHERME - Estou confuso, senhor Juiz, peço-vos que interrogueis novamente esse patife. Vejamos o que ele tem para dizer, Ele bem sabe falar...
- O JUIZ - (Irritado) - Mas...



- PATHELIN - O pobre pastor não pode falar por si mesmo, nem saberá responder às acusações que lhe foram feitas. Se V. Excia. permitir, eu falarei por ele.
- O JUIZ - O senhor quer assisti-lo? Creio que só terá aborrecimentos sem proveito ~~nenhum~~ nenhum.
- PATHELIN - Nem quero ter lucro. Tenho pena de ver um pobrezinho sem defesa, exposto às malévolas acusações de um perverso. Quando se é honesto, o lucro não interessa. Com permissão de V. Excia. vou ~~interrogar~~ interrogar o acusado. Aproxime-se meu amigo. Você me entende? Vamos, fale!
- TEOBALDO - Beé!
- PATHELIN - O que é? Explique-se melhor.
- TEOBALDO - Beé!
- PATHELIN - Senzq a mesma coisa. Você não está vendo que os seus interesses estão em jogo? Responda direito.
- TEOBALDO - Heé.
- PATHELIN - Diga ao menos sim ou não. Não me entende? (Baixo) Muito bem, continue a dizer isto...
- TEOBALDO - Beé.
- PATHELIN - Não há nada a fazer. O pobrezinho é idiota mesmo. Veja V. Excia. senhor Juiz, até que ponto pode ir a maldade humana. Esse homem tem coragem de trazer perante este tribunal respeitável um pobre idiota, vítima de seus maus tratos, para acusá-lo de um crime que o citado nunca poderia ter cometido, e isto porque não quer lhe pagar o salário de anos de trabalho. Ele, que deiva ser o réu, traz ao banco dos culpados um inocente, como ave de rapina que não quer soltar a presa por nada. (A Guilherme) Mas engana-se, homem perverso! O Juiz, já diante de quem está, jamais se deixará enganar pelos malvados. Sua alta inteligência, seu profundo saber, já descobriram na incoerência de sua queixa, como na idiotice do pastor, onde está a verdade...
- O JUIZ - O senhor tem razão. Este pastor é um débil mental. Não pode, portanto, responder a processo. Dementis non sunt subjectis juris.



- GUILHERME - Juro que V. Excia. se engana. Juro que esse patife tem mais bom senso do que eu!
- PATHELIN - Só esta reflexão mostra bem o que é o queixoso. Diante de um tribunal que reconhece a debilidade mental do pobre pastor, ele ousa proclamar o perfeito juízo do acusado. Senhor, Juiz, para evitar delongas ineptas, mande embora o pastor.
- O JUIZ - Sim, é o que resta a fazer.
- GUILHERME - Ele será absolvido sem que eu tenha pleiteado?
- O JUIZ - Porque não? Se o senhor além de louco não diz coisa com coisa, e ele é um enfermo mental?
- GUILHERME - Suplico a V. Excia. que me deixe ao menos expor minhas conclusões. Juro-lhe que um tudo que disse não houve mentira nem desejo de caçoada.
- O JUIZ - O que prova que o senhor é realmente louco, e eu não estou aqui para perder tempo com loucos.
- GUILHERME - E eles vão-se embora sem que eu seja ouvido?
- O JUIZ - O senhor não acha que já fez o tribunal perder muito tempo?
- GUILHERME - Que a causa seja ao menos adiada...
- O JUIZ - Adiada para que? O senhor é um louco e esse rapaz um sandeu. Com tal gente é impossível um processo.
- PATHELIN - V. Excia. diz bem. Não é possível lidar-se com tais pessoas, por isso peço a quitação de meu cliente.
- O JUIZ - Com toda razão. (A TEOBALDO) - Vá, você está livre, o tribunal reconhece sua inocência. Não se preocupe contra sua pessoa. Não volte nem que um oficial de justiça vá intimá-lo.
- GUILHERME - Mas isto não pode ser, senhor Juiz. Esse pastor é um tratante, um ladrão... Eu posso...
- PATHELIN - O senhor persiste na sua loucura?
- GUILHERME - O senhor devia ter vergonha e não falar mais comigo, ouviu? Minha fazenda, onde está ela?
- O JUIZ - Vamos, eu tenho mais que fazer do que estar ouvindo loucuras. Doutor Pedro, o senhor quer jantar comigo?
- GUILHERME - Jantar?
- PATHELIN - Agradeço-lhe muito, mas os meus dentes...



- O JUIZ - É verdade, eu já havia me esquecido. Deus o guarde. (Sai).
- GUILHERME - Ah, doutor Pedro, que o diabo me leve se o senhor não é o maior trapaceiro do mundo! Então... minha fazenda, meu dinheiro, sua doença?
- PATHELIN - Sempre a mesma coisa. O senhor devia mudar de nota, porque esta já está monótona. Eu doente? Esta é grande!
- GUILHERME - Não está doente? Espere, aí, vou já, à sua casa. (Sai)
- PATHELIN - É isso, vá ver se eu estou doente. (A Teobaldo) - Então, Teobaldo, teve ou não teve sucesso a minha idéia?
- TEOBALDO - Beé!
- PATHELIN - Vamos, fale direito - Já acabou a farsa.
- TEOBALDO - Beé!
- TEOBALDO - Beé!
- PATHELIN - Já lhe disse que fale direito. Vamos, meu pagamento.
- TEOBALDO - Beé!
- PATHELIN - Que é isso? Você quer me burlar, a mim, o homem mais esperto desta cidade? Vamos, meu dinheiro, já, senão vou buscar um soldado.
- TEOBALDO - Beé!
- PATHELIN - Não tirarei nada. Será possível que eu tenha caído no meu próprio ardil? E que um camponês, uma criança, uma raposinha enganem uma velha raposa matreira? Espere um pouco, miserável, eu vou buscar quem faça você falar. Olá, soldado! Olá, soldado! (Sai).
- TEOBALDO - Se ele me agarrar, consinto em ser preso.
- PATHELIN - (Voltando) - O que?
- TEOBALDO - Beé!

FIM

AUTORIZO O EXAME DA PEÇA
E DA CENSURA

CAE O PANO

Fortaleza, 27 de maio de 1981.

[Handwritten signature]
REPRESENTANTE - SBAI - CE

JRn.



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: "Afarsa do advogado dr.Pathelin"(Lobos e Cordeiros)

AUTOR: Desconhecido-Tradução: Luis Hasselmann

LOCAL, DIA, HORA: Teatro Universitário-25/05/83-16:30 hs

ASSUNTO: Exame de ensaio geral

CLASS. ETÁRIA: Livre

R E L A T Ó R I O

Dr.Pathelin, advogado desonesto, consegue convencer Dona Guilhermina, comerciante igualmente desonesta a lhe vender fiado alguns metros de tecido e prometeu pagar-lhe com um grande jantar. Quando Dona Ghulhermina vai à sua casa ele finge ser doente mental e foge mais uma vez dos compromissis. Voltam a encontrar-se no Tribunal, ele na qualidade de advogado de defesa do em-pregado da comerciante, acusado de ter roubado algumas ovelhas, que é aconselhado pelo seu defensor (Dr.Pathelin) a se fingir de louco durante o julgamento. No final o réu é absolvido e para desespero do advogado continua fingindo-se de louco para não pagar-lhe os honorários.

A mensagem principal é negativa pois toda trama é calcada em falcatruas para consecução de objetivos escusos convém salientar porém que devido a leveza e comicidade do texto estes aspectos se diluem e não provocam maiores reflexões.

O grau de persuasão é nulo.

A peça é dirigida ao público adulto e jovem

A linguagem é simples.

Constatamos que o personagem Guilherme (co-

(continua)



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

(continuação)

merciante) foi trocado por Dona Guilhermina, substituição que não alterou o sentido do conteúdo global da peça.

O cenário é dividido em três ambientes: a sala da casa do advogado, loja de Dona Guilhermina e no centro o Fórum, que são iluminados de acordo com a movimentação em cena.

Os personagens vestem-se normalmente, na cena do julgamento, o juiz apresenta-se de toga.

Pelo exposto, opino pela classificação LIVRE por entender que se a peça não é destinada ao público infantil em nada compromete sua formação moral ou psicológica, dada as situações cômicas que anulam os aspectos negativos do texto.

Fortaleza, 26 de maio de 1983

MEM
Maria Eunice Meira Mayer

Téc. de Censura



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: A FARSA DO ADVOGADO DR.PATHELIN (LOBOS E CORDEIROS)
 AUTOR : DESCONHECIDO
 TRADUÇÃO : LUIZ HASSEIMANN
 LOCAL : TEATRO UNIVERSITÁRIO - AV.DA UNIVERSIDADE
 HORÁRIO : 16:30 hs de 25/MAIO/83
 CLASS.ETÁRIA : LIVRE
 ASSUNTO : ENSAIO GERAL

Senhora Chefe:

Cumprindo determinação de V.Sa., comparecemos ao Teatro Universitário, nesta Capital, onde realizamos o ensaio geral da peça A Farsa do Advogado dr.Pathelin (Lobos e Cordeiros).

Um advogado matreiro ludibriou uma comerciante na compra de uma peça de fazenda. Chamado para defender um pastor que havia roubado as ovelhas dessa comerciante, o mesmo ensinou ao réu um meio de sair-se da acusação e ser absolvido pelo Tribunal. Vitorioso no seu intento, foi receber os honorários e teve como pagamento, a resposta que havia ensinado ao pastor, cabendo-lhe a colocação do adágio popular: "O feitiço caiu em cima do feiticeiro".

Os personagens para realizar seus intentos usam de trapagagens, tornando assim, a mensagem negativa, muito embora, atenuada devido a comicidade da peça.

A linguagem apropriada ao texto, simples e correta.

O cenário é composto de três ambientes: primeiro, uma sala de estar, um tablado, uma mesinha com planta, umas cadeiras, um violão e uma moldura do Pe.Cícero na parede; o segundo consta de uma mesa com fazendas e vestidos presos nas paredes (casa de comércio); por último no Tribunal, com mesa, cadeiras, uma máquina datilógrafa, um livro grande e um martelo, para o juiz pedir silêncio. No início da peça o palco aparece numa tomada geral, mostrando a tradicional coluna da hora no centro da cidade.

A iluminação é projetada, individualmente, em cada ato e no local determinado da ação. É comum e desaparece totalmente numa cena para outra.

Os atores trajavam: vestido, saia e blusa, terno, toga,



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

Continuação...

calça e camisa, caracterizando cada personagem.

Na casa do comerciante há um cartaz, com os dizeres: "não vende-se fiado", e um calendário, onde um ator passava as folhas indicando cada cena.

O advogado toca violão e canta uma música entre o final e o início de um dos atos.

No "script" o comerciante é homem, quando no ensaio geral é mulher, não alterando, entretanto, o sentido do texto.

Pelo tema ser apresentado com jocosidade a sua mensagem é atribuída à todas as idades, mesmo enfocando um tema adulto. Ela não causa danos a formação cultural e psicológica, propomos que permaneça a faixa etária estabelecida por esse Serviço, ou seja, Livre.

O ensaio teve o início às 16:35hs e terminou às 17:45hs.

Era o que me cumpria relatar.

Fortaleza, 26 de maio de 1983.


 Maria Eli Almeida Lima
 Técnica de Censura - Matr. 2.417.070



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: "A Farsa do Advogado Dr. Pathelin"
(Lobos e Cordeiros)

AUTOR: Desconhecido

TRADUTOR: Luiz Hasselmann

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Livre S/Cortes

LOCAL: Teatro Universitário

DIA : 25 de maio - 16:30 horas

ASSUNTO: Exame de Ensaio Geral

RELATÓRIO

Cumprindo determinação de V.Sa. assistimos a peça teatral "A farsa do advogado dr. Pathelin", (Lobos e Cordeiros).

A peça narra a estória de um advogado trapalhão, que não tendo dinheiro, consegue comprar fiado vários metros de pano de uma rica comerciante, fazendo-lhe promessa de pagar em sua casa após oferecer-lhe rico jantar.

Fingindo-se de louco, o advogado não paga a dívida. Posteriormente, defende em julgamento, um pastor que trabalhava para a comerciante, o qual roubara suas ovelhas, conseguindo sua defesa. No entanto, ao reclamar seus honorários, o pastor não lhe paga, caindo o advogado na própria armadilha, fazendo jus ao adágio popular: "o feitiço caiu contra o feiticeiro".

A peça escrita em linguagem simples, tem como mensagem principal situações de roubo, mentira, trapaça, portanto, negativa; mas como é feita com muita comicidade, esses aspectos negativos são atenuados.



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

O cenário é composto de três partes: no lado esquerdo do palco, há a loja do comerciante, contendo um balcão com roupas expostas, no lado direito, uma sala com cadeiras e uma mesa, sendo a casa do advogado, e no centro, uma mesa, uma máquina de escrever, cadeiras, que é o tribunal.

Há um cartaz notificando as cenas.

A iluminação é distribuída num foco único de acordo com as cenas apresentadas, enfocando o local correspondente das mesmas.

As roupas caracterizam cada personagem: paletó, togas e vestimentas comuns.

Há algumas canções interpretadas pelos próprios artistas, as quais estão ligadas ao texto.

No script, o personagem do comerciante, é homem, durante o ensaio geral, o personagem é mulher, não alterando contudo e sentido e a mensagem do texto.

Em face do exposto., pela temática apresentada, somos de parecer pela liberação da peça com chancela LIVRE, S/CORTES.

É o relatório.

Fortaleza, 30 de maio de 1983.

Maria Noelia Santos Zingano.
Maria Noelia Santos Zingano.

TC de Censura.



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: LOBOS E CORDEIROS

AUTOR: DESCONHECIDO

TRADUÇÃO: LUIZ HANSSEIMANN

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

S/CORTES

ASSUNTO: LEITURA DE SCRIPT

RELATÓRIO

Conta o episódio de um advogado que fingindo ser louco, consegue enganar um comerciante, comprando-lhe uma peça de fazenda fiado e não pagando.

O mesmo advogado aconselha a um pastor, seu cliente, que respondia processo pelo desaparecimento de algumas ovelhas pertencentes ao comerciante, a comportar-se também como louco perante o tribunal. Advogado e pastor deixam o dono do rebanho tão confuso diante do juiz e sem conseguir esclarecer os fatos, perde a causa. É a figura típica de um advogado trapalhão, porém o ardil que usou contra o comerciante, recaiu sobre ele, sendo ludibriado pelo pastor.

No texto há uma mensagem negativa - conseguir vitória por meios ilícitos, através de trapagens - porém bastante atenuada pela comicidade que o reveste. É uma peça escrita com muito humor, com o intuito apenas de divertir, de fazer rir sem grande preocupação em transmitir uma mensagem ou persuadir o espectador a algo, procurando no entanto, confirmar um adágio popular: "O feitiço caiu em cima do feitiço".

A linguagem é simples e correta, havendo uso de alguns vocábulos arcaicos.

Pelo exposto, opino pela liberação com a chancela LIVRE, S/CORTES, embora, pelo assunto abordado, a peça não seja adequada a um público infantil.

Fortaleza, 25 de maio de 1983.

Ma. Iranilde da Silva Batista

Técnica de Censura.



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: Lobos e Cordeiros

AUTOR: Desconhecido

TRADUÇÃO: Luiz Hasselmann

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Livre -S/Cortes

ASSUNTO: Leitura de Script

RELATÓRIO

A peça narra a estória de um advogado Pathelin, que não tendo nenhuma causa a defender, arma uma trama, na qual fingindo-se de louco, consegue tirar vários metros de pano de um rico comerciante local, e ainda levá-lo ao Tribunal, para fazê-lo pagar os salários de um seu funcionário, alegando que o mesmo trabalhava de graça.

No final, o advogado cai no próprio artil, não recebendo os honorários pela causa defendida.

A peça escrita em linguagem simples, e campestre, tem o intuito de divertir, não tendo portanto uma mensagem principal, e também não havendo intenção de persuadir o público alvo, preocupando-se unicamente com o aspecto de comicidade.

Em face do exposto, opino pela liberação ao público em geral, Livre, s/cortes, embora, concorde que não seja adequada ao público infantil.

É o relatório.

Fortaleza, 23 de maio de 1983.

Maria Noelia Santos Zingano
Maria Noelia Santos Zingano.

TC



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

PEÇA TEATRAL: "LOBOS E CORDEIROS"

AUTOR: DESCONHECIDO

TRADUÇÃO: LUIZ HASSEIMANN

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

ASSUNTO: LEITURA DE SCRIPT

RELATÓRIO

Pedro Pathelin advogado trapalhão, consegue por meio de artil, ficar com toda uma peça de tecido de um comerciante também não muito honesto.

Contratado por um pastor de ovelhas, empregado de dito comerciante, e que tinha se apropriado dos animais para vender a carne e lã; Pathelin perante o tribunal, arditosamente consegue a absolvição do pastor, fazendo-o passar por um desequilibrado mental.

Entretanto, o pretense réu, mais esperto que ele, não efetua o pagamento de seus honorários, deixando-o frustrado e merecidamente castigado.

Temática linear, sem maiores alterações. A mensagem principal tem um único intuito, o entretenimento; quanto a mensagem secundária, acredito que o autor seguiu à risca o antigo provérbio, "ladrão que rouba ladrão, tem cem anos de perdão".

Linguagem simples e, ao meu ver, o grau de envolvimento do público com a peça se dilui diante da precariedade do contexto.

Opino pela liberação do texto sem qualquer impropriedade, após o exame de ensaio geral.

Fortaleza, 25 de maio de 1983

Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes
Myrtes Nabuco de Oliveira Pontes



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO CEARÁ

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/CE

PEÇA TEATRAL: "A FARSA DO ADVOGADO DR. PATHELIN (LOBOS & CORDEIROS)"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: Livre

Autor: Desconhecido

Tradutor : Luiz Hasselman

Trata-se de uma peça teatral já liberada anteriormente pela DCDP com a chancela: Livre.

Em anexo o texto, relatórios de "Script" e de ensaio geral e Certificado provisório.

Fortaleza Ce 30 de maio de 1983

Assinatura manuscrita de Francisca Iêda Augusto Fernandes.

Francisca Iêda Augusto Fernandes

Chefe do SCDP/CE



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P. 432

CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 05/83

PEÇA A FARSA DO ADVOGADO DR. PATELIN - (LOBOS E CORDEIROS)

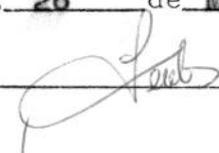
ORIGINAL DE AUTOR DESCONHECIDO

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 26 de AGOSTO de 183

~~Fortaleza, xx de xx~~ Fortaleza, 26 de MAIO de 183

LIVRE



Diretor da DCDP

FRANCISCA RITA FERREIRA FERNANDES - TG
Mol. Nº 2-110-1111

M.J.-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada A FARSA DO ADVOGADO DR. PATELIN - LOBOS E CORDEIROS

Original de _____

Tradução de LUIZ HALSSEMANN

Adaptação de _____

Produção de _____

Requerida por GRUPO CORAL DA UFG/CE

Tendo sido censurada em 25 de MAIO de 19 83 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE S/CORTES

Fortalez, 26 MAIO
 de _____ de 19 83

[Handwritten Signature]
 Chefe do Serviço de Censura *58/10*
 FRANCISCA IÉDA AUGUSTO FERNANDES - TC

TÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATHEUM

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior LIVRE

Praça SCDP/SR/CE

Obs.: O processo inicial foi encaminhado à SCTC em 11-05-83 pela guia nº 612/83

DF. 07 / Junho / de / 1983

Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: ant. provisório - SR/CE

Brasília-DF, 10 de 06 de 19 83

Brasília-DF

Relle Prudente Carvalho
Mag. 2 416 791

de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

À consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de _____ para o qual os sensores propõem a classificação etária de Livre.

Brasília-DF, 14 de Junho de 19 83

Em _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
na forma do parecer

Em, 14 / Junho / 19 83

Solange M. T. Fernandes
Diretora da DCDP

16 junho de 1983

1.027/83-SE/DCDP

CE.

" O
APOCALIPSE ou O CAPETA DE CARUARU ", de Aldmar Conrado, " A FARSA
DO ADVOGADO PATHELIM ", autor desconhecido.

Atenciosamente,

Solange M. F. Hernandez

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretora da DCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 436

CENSURA FEDERAL

TEATRO

Certificado Nº 0256

PEÇA " A FARSA DO ADVOGADO PATELIM "

ORIGINAL DE AUTOR DESCONHECIDO

APROVADO PELA D. C. D. P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 14 de JUNHO de 19 88

Brasília, 14 de JUNHO de 19 83

LIVRE

Solange M. F. Fernandes

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretor da DCDP

M.J-D.P.F
CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento
" A FARSA DO ADVOGADO PATHELM "

da peça intitulada _____

AUTOR DESCONHECIDO

Original de LUIZ HALSSEMANN

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de PRANCINETE ALVES DE OLIVEIRA - FORTALEZA/CE.

Requerida por 26 MAIO 83

Tendo sido censurada em LIVRE de de 19 e recebido
a seguinte classificação? VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CA
RIMBADO PELA DCDP.

NEI DE OLIVEIRA

14 JUNHO 83
Brasília, de de 19

Chefe do Serviço de Censura



0 ABR 16 43 003118

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
SR/DPF/MS

OF.

Nº 088/84-SCDP/SR/MS

Campo Grande MS, 26 de abril de 1.984.

Senhora Diretora:

Pelo presente, estamos encaminhando a V.Sa. a peça teatral "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN" de autor anônimo, tradução de Luiz Hasselmann, para ser examinada por esta Divisão de Censura de Diversões Públicas.

Segue, em anexo, o requerimento devidamente assinado por Celio Adolfo Macedo.

Na oportunidade, reiteramos nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Ernivaldo L. Marques Moreno
Bel. Ernivaldo L. Marques Moreno
CHEFE DO SCDP SR/MS EM EXERCÍCIO

Ilma. Sra.

Dra. Solange Maria Teixeira Hernandes.

MD. Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

BRASÍLIA-DF

ILMO. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
Departamento de Polícia Federal

CELIO ADOLFO DE MACEDO

Requerente

Brasileira

Nacionalidade

Professor

Profissão

Carteira de Identidade RG 121 549 - SSP/MS

Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Anhanguera, 1 894 - Vila Ipiranga - Campo - Grande/MS, vem,

mui respeitosamente, requerer de V. Sa. que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas

censórias vigentes, a(s) peça teatral abaixo relacionada(s),

Espécie

de autoria de: Autor anônimo - tradução de Luiz Hasselmann

" A Farsa do Advogado Pathelin"

Título (s)

Nestes termos,

Pede deferimento.

Campo Grande/MS, 26 de Abril de 1 984

Local e Data

[Assinatura]
Requerente

Anexos: 03 (três) vias do texto teatral.

1 — EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: _____ CGC: _____
 Sede: _____
 _____ CEP: _____
 Diretor ou Responsável: _____

2 — DADOS DO AUTOR

Nome: ANÔNIMO
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____

 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
 _____ Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 _____ CEP: _____

3 — PARCERIA

Nome: _____
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____

 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
 _____ Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 _____ CEP: _____

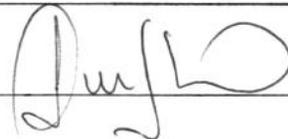
Nome: _____
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____

 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data do Nasc.: _____ Identificação: _____
 _____ Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 _____ CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Campo Grande/MS, 26 de Abril de 1 984

Ass.: _____



SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (SBAT)

Fundada em 27 de setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920 — Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores — Membro do Conselho Pan-Americano da "CISAC" — Membro do IBCEC (Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura — Membro da UNESCO — Representante do INC (Instituto Nacional do Cinema do Ministério da Educação e Cultura.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — Rio de Janeiro GB.

**AUTORIZAÇÃO PARA
REPRESENTAÇÃO DE PEÇA TEATRAL**

Série 3/70

Nº 25495

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920 mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962, a representação da peça teatral: **"A FARSA DO ADVOGADO"**

PATHELIN

Original de **ANONIMO**

Música de **X**

Tradução de **LUIZ HASSELMANN**

No Teatro **GLAUCETE ROCHA** - Cidade

Empresa Pela Cia.

nos dias **7 - (SETE) JUNHO 1984 - (1 Sessão)**

sob condição de pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de **10% DEZ POR**

CENTO da renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de NCr\$ por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota porcentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereaux de receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos da cobrança do direito autoral.

CAMPO GRANDE, **26** de **ABRIL** de 19**84**

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

[Handwritten Signature]
(pela SBAT)

Resp. Custódia Mato Grosso

Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonia, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões radio-telefônicas em que os músicos, executantes ou transmissores tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exibições ou irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, freqüentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

Decreto n.º 1.023, de 17 de maio de 1962:

Art. 1.º — Qualquer espetáculo público (representações, execuções, irradiações, funções esportivas, recreativas e beneficentes, etc.) realizado em teatro, cinema, estações de rádio e televisão, circo, parque, cassino, clube, associações recreativas ou esportivas, salões de dependências adequadas, depende de aprovação do respectivo programa, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas (S. C. D. P.) no Distrito Federal, e pela autoridade policial nos Estados e Territórios, seja o espetáculo ou função promovido por pessoa física ou jurídica, ou por entidade de organização comercial ou de organização civil.

14

- GUILHERME - Mas ele caiu doente ao voltar da feira?
- guilhermina - Que feira!?
- GUILHERME - Onde ue tenho minha loja de fazenda.
- PATHELIN - Ah! é o senhor, doutor João? chegou a tempo. Seus remédios me deram tanta cólica que estou que não posso
- GUILHERME - Que isso? O senhor não lembra de mim? Meu dinheiro?
- PATHELIN - Eu não tomo mais nenhum remédio que o senhor me receitar. Além de serem amargos como fé!, fazem um tal revolta no meu ventre que parece que tenho um exército na barriga.
- GUILHERME - Que isso? Sou eu quem está louco ou é o senhor? mas o meu dinheiro, onde está?
- PATHELIN - Corram, corram! Ai vem eles, socorro! Eles estão me matando...
- GUILHERMINA - Coitado em que estado está.
- GUILHERME - Não sei o que diga, nem o que pense. Foi ele que veio à minha loja? Foi outro? Só se foi o diabo. Vamos, minha senhora, diga-me, a senhora não tem um pato cozinhando?
- GUILHERMINA - Ora veja, que pergunta! Havia eu de ter um pato cozinhando, quando meu marido está neste estado? Mestre Guilherme, procure um médico, o senhor não está bom da cabeça.
- GUILHERME - É possível, é possível, a senhora me estonteou tanto que já nem sei onde estou! Foi ele? Não sei, meu Deus! Ah! meu rico dinheiro! que pesadelo! Entim, creio

- que não há mais nada a fazer... Adeus... Será possível? (SAI)
- PATHELIN - Ele já foi?
- GUILHERMINA - Psiu! Ele está perto. Rosna mais que um velho cão de caça. Parece que está sonhando acordado.
- PATHELIN - Quero me levantar.
- GUILHERMINA - Espere um pouco, ele pode ouvir.
- PATHELIN - Ele, tão desconfiado, acabou caindo de patinho.
- GUILHERMINA - É para descontar o que ele roba dos outros. O homem só falava de pato, sem perceber que ele era um, e de que tamanho!
- PATHELIN - Não ria assim, ele pode escutar.
- GUILHERMINA - Não posso me conter quando me lembro da cara dele. Enfim, consegui pô-lo para fora daqui.
- PATHELIN - Silêncio, que ele pode voltar...
- GUILHERME - (NA RUA) Será possível que eu tenha sido enganado por um advogado de água doce? Um João-ninguém? Não! volte lá e hei de arrancar o meu dinheiro custe o que custar. Veja só, a tal mulher dele está rindo... Esperem aí. Estou muito grosso para pavio.
- GUILHERMINA - Meu Deus, ele me ouviu. Está de volta. Depressa, vá se deitar.
- GUILHERME - Ho, ho, abram a porta.
- GUILHERMINA - Que gritaria!
- GUILHERME - A senhora estava rindo ou pensa que não vi?

- GUILHERMINA - Tenho muito motivo para rir, na verdade.
- GUILHERME - Meu dinheiro. Exijo meu dinheiro.
- GUILHERMINA - Lá vem o senhor com sua história, é para me divertir? Escolheu muito mal o momento. Meu marido já me dá bastante diversão de um outro gênero. Ele canta, chora, ri, dança, fala em linguas diferentes, de de maneira que choro e rio ao mesmo tempo.
- GUILHERME - não tenho nada que faça rir ou chorar, o que eu quero é ser pago, ouviu?
- GUILHERMINA - O senhor continua com sua extravagância?
- GUILHERME - Não estou habituado a ser pago com palavras. a senhora pensa que tomo gato por lrbre?
- PATHELIN - Vamos rapido de pé. A rainha das guitarras deu a luz a vinte e quatro guitarrinhas, Ela está aí, façam na entrar. Ela vem me convidar para o batismo. Quero ser seu compadre.
- GUILHERMINA - Ah, pense em sua alma, meu bem. Deixe em paz as guitarrinhas.
- GUILHERME - Que contadores de sandices são esses dois. Vamos, meu dinheiro em ouro ou prata.
- GUILHERMINA - Será possível que a senhor ainda não se convessou de de seu engano?
- GUILHERME - A senhora já pensou , bela dama, o que significa tudo isso? Nunca fui enganado. Mas, palavra de honra, ou a fazenda será paga ou restituída ou então a senhora e seu marido serão enforcado. juro por Deus!

- GUILHERMINA - Que coragem, atormentar um doente! Estou vendo, vendo bem pelos modos que o senhor está fora do seu juízo. Valha-me Deus! Não bastava meu marido.
- GUILHERME - Que raiva que tenho de perder assim o dinheiro...
- GUILHERMINA - Que loucura! Faça o sinal da cruz. O senhor deve estar com uma legião de demônios avarentos no corpo. Abrenúncio!
- GUILHERME - Quero ser esquartejado se tornar a vender fazenda fiada em minha vida.
- PATHELIN - Madre de Dios, por mi fé, quiero irme. Que me quieres niña? venga, vote mostro. Quieff- dinero? no lo tengo no lo tengo...
- GUILHERMINA - Ele tem um tio espanhol, que era irmão do filho da tia-avó dele, por isso ele fala espanhol...
- GUILHERMEZ - Ele veio de mansinho e carregou a peça debaixo do braço. será possível?
- PATHELIN - Kome hier, kome hier. Ach! Was ist das? Mein Gott! Wie Ist hart dieser kaufmann!
- GUILHERME - Mas como ele fala tantas línguas, meu Deus...
- GUILHERMINA - Sua mãe era sobrinha de um neto de alimão. É por esta razão que ele fala essa língua...
- Panthelin - Ho. Signore mio, que me volcese mercatore? Argento? Non abiano noi, e si volio uno piccolo asso, lo daré, stupido huomo!
- GUILHERME - Que é isso? Deu-lhe na teima de falar todas as línguas do mundo? Se ao menos ele me desse meu dinheiro eu ia embora.
- Guilhermina - Que homem o senhor é? Já se viu maior maldade? Quando há de se convencer da verdade?

- PATHELIN - If you please, sir, what will you ? Money ? I don't. Get out... Get out... Oh, god...oh, God!
- GUILHERME - Que lingua renegada. Será possível que ele não se cale ?
- QUILHERMINA - O Avô do irmão do cunhado dele era inglês e lhe ensinou a falar a lingua.
- GUILHERME - Minha nossa Senhora, estarei sonhando ? foi ele ou foi outro que foi à minha loja, ou foi o demo por ele ? Juraria que foi ele que esteve comigo há meia hora... estou tonto... não sei o que penso...
- PATHELIN - Et bona dies sit vobis - Magister amantissime, pater reve rendissime. Quomodo bralis, quae nova? Parisus non sut ova.
- QUILHERMINA - Meu Deus, ele está falando Latim, é sinal próximo da morte. Que os anjos e serafins da corte celeste o assistam...
- QUILHERME - Mas o que será isso, meu Deus ?! Ele vai morrer falando, não há sombra de dúvida, ele está muito mal. Pobre homem. É melhor que eu me vá, ele pode dizer segredos que eu não deva ouvir. Certamente não foi ele que me tirou a fazenda Deus vos guarde, bela dama. Desculpe-me pelo êncômodo. Mas jurava que era ele quem tinha me comprado a fazenda fiado...
- QUILHERMINA - Adeus, que os anjos o acompanhem. Reze por mim. O senhor Bem vê que sofrimento estou. (GUILHERME SAI). Então, sou ou não sou uma digna esposa ? Meu Deus, como conseguimos engana-lo...
- PATHELIN -! Ele saiu resmungando, estonteado, jurando ter visto o diabo em meu lugar. Bom porveito lhe faça.
- QUILHERMINA - Há-há-há! (ENTRA E VIRA-SE MEIO CONFUSA PARA PATHELIN) Você não acha que o que nós fizemos foi muito feio ?
- PATHELIN - (EMBARAÇADO) Bem...eu...ora, ladrão que rouba ladrão...

CENA V

- GUILHERME - (SÓ) Foi sem dúvida o diabo que veio me tentar, na forma daquele advogado. Antes tenha a minha fazenda do que minha alma. Afinal é bem verdade que quem faz a - Deus, paga ao diabo. Meus pobres lucros, já se foram em boa parte. Enfim, seja tudo pelo amor de Deus.
- TEOBALDO = (ENTRANDO) Deus vos guarde, metre guilherme.
- GUILHERME - Como, seu canalha, você tem coragem de aparecer na minha frente ?
- TEOBALDO - Mas o que há meu bondoso patrão ?
- GUILHERME - --- Como? Você se meteu ao papinho, com a carne, vou de

- GUILHERME - Você me mata os carneiros, come a carne, vende a lã e ainda tem a petulância de aparecer na minha frente ?
- TEOBALDO - Por que não, patrão ? Eu sei que o senhor é o melhor dos homens.
- GUILHERME - Chega † Só falarei contigo diante do Juiz. (SAI)
- TEOBALDO - (SÓ) Estou bem arranjado. Desta vez o negócio é sério. tenho que arranjar um bom advogado. Me disseram que por aqui há um. Se não me engano é essa a casa... (Batendo) Ó de dentro...
- PATHELIN - (DE DENTRO) Quem é ?
- TEOBALDO - Deus o guarde, meu senhor. O Senhor não é advogado ?
- PATHELIN - Sim, e você com isso ?
- TEOBALDO - (HUMILDE) É que queria consultá-lo sobre um caso muito grave....
- PATHELIN - Bem, vejamos...
- TEOBALDO - Eu recebi hoje, por um homem de roupa rascada, a ordem de comparecer diante do Juiz.
- PATHELIN - Iiii...O negócio é mau. Que foi que você fez ?
- TEOBALDO - Nada de mais... Meu patrão é um miserável sovina...
- PATHELIN - Bem, bem, bem... isto não vem ao caso. Diga sem mentir o que fez.
- TEOBALDO - Eu andei matando uns carneirinhos...coisa sem importância...
- PATHELIN - O negócio é grave. Rou, extorsão, dolo. Estás mal parado.
- TEOBALDO - Meu Deus, e eu que não pensei fazer mal algum...
- PATHELIN - Me responde. Você tem dinheiro para pagar o advogado que o defender ?
- TEOBALDO - Tenho sim, uns escudos de ouro, daqueles que tem uma coroa marcada.
- PATHELIN - Ah, então sua causa é boa. É ótima mesmo...vou-lhe ensinar um excelente meio para sua defesa. Venha cá, você (COCHICHANDO) Dzz.....entendeu ?
- TEOBALDO - Não é difícil. Farei exatamente o que o senhor está mandando.
- PATHELIN - Então fique tranquilo. Garanto o bom resultado do seu processo. (OLHANDO EM TORNO) Agora vá-se embora. Não convém que vejam você comigo. (TEOBALDO SAI) Alguma coisa há de vir. Esse pastor não me parece tão inocente como se fez, mas enfim...se ele não tem escudos de ouro, alguma coisa há de ter. E na situação que estou, tudo que

CENA VIO TRIBUNAL

ENTRAN PRIMEIRO O JUIZ E ESCRIVÃO, QUE TOMAM SEUS LUGARES. A SEGUIR GUILHERME E, POR FIM, PATHELIN, SEGUIDO DO PASTOR.

PATELIN - - Deus vos dê toda a felicidade que o vosso coração deseja, Senhor Juiz.

JUIZ - Bem vindo, doutor. Tome seu lugar.

PATHELIN - Salvo vosso respeito, estou bem aqui.

JUIZ - Se há alguma causa a debater, vamos depressa com ela para que eu possa levantar a sessão.

GUILHERME - Meu advogado vem já. Ele está acabando um negócio rápido. Peço o favor de esperar um pouquinho.

JUIZ - Não pode ser. Tenho outras causas para ouvir. Se a parte contrária está presente, exponha o caso rapidamente. O senhor não é o quixoso?

GUILHERME - ~~Respondo~~ Sim senhor.

JUIZ - Quem é o defensor do réu? Está presente?

GUILHERME - Sim, ei-lo que não diga uma palavra, só Deus sabe o que pensa.

JUIZ - Já que todos estão presente, comecemos logo.

GUILHERME - Eis minha Queixa: Eduquei por caridade este pastor aqui presente e quando o julguei bastante forte, mandei-o para o campo para pascentar meus rebanhos. Juro por Deus, senhor Juiz, que é tão verdade como estar o senhor sentado nessa cadeira de esse miserável, abusando da minha confiança, fez tal mortifínio entre os meus carneiros que...

JUIZ - Vejamos, ele era seu empregado? O senhor lhe pagava Ordenado?

PATHELIN - Qual nada, senhor juiz, o pobre pastor não recebia nem vintém.

GUILHERME - (RECONHECENDO PATHELIN) Seja eu hereje se não for ele. Não já erro possível! (PATHELIN TAPA O ROSTO COM A MÃO)

JUIZ - Por que o senhor levanta assim a mão, doutor pathelin? Está com dor de dentes?

PATHELIN - Sim, nunca tive uma dor igual. Mas...continuemos o debate.

JUIZ - (A GUILHERME) Vamos, continue, acabe depressa.

GUILHERME - É ele, não há dúvida, foi ele que vendi sete varas de fazenda.

JUIZ - Porque o senhor fala de fazenda?

PATHELIN - Ele delira, senhor Juiz, porque não sabe concluir. Naturalmente ensinaram-lhe a lição para recitar diante do tribunal, e ele esqueceu: por isso vai dando por paus

- QUILHERME - Seja eu enforcado, se foi outro que vendi minha fazenda de Ruão.
- PATHELIN - Onde esse malvado vai buscar estas invenções para aumentar a culpa do pastor que é sua vítima? ele quer dizer, eu compreendo muito bem, que o pastor vendeu a lã de que foi feita minha roupa. Vejam que maldade! Não basta a excusação mentirosa de que o pastor lhe roubou só os carneiros, é preciso acusa-lo de ter roubado uma fazenda que comprei há mais de tres anos!
- GUILHERME - Deus me dê febres quartãs se o senhor não tem meu tecido.
- JUIZ - Calma! Onde estamos nós? O senhor não sabe o que diz. volte à sua causa sem fazer o tribunal perder tempo com suas asneiras.
- PATHELIN - (RINDO) Estou louco de dor de dentes e não posso deixar de rir. Ele está tão embaraçado que não sabe mais o que dizer. Senhor Juiz, é preciso lembrar-lhe onde ele estava.
- JUIZ - Vamos, volte aos seus carneiros. O que aconteceu?
- GUILHERME - Ele comprou sete varas a nove escudos.
- JUIZ - Estamos todos loucos? onde o senhor pensa que está?
- PATHELIN - Senhor Juiz, esse homem toma V. Exa., com perdão, da palavra, por um tolo. A julgar pelo seu exterior no entanto, parece que é um homem de bem. Proponho que se interrogue o acusado.
- JUIZ - O senhor tem razão. Ele deve conhece-lo, pois o queixoso é seu patrão. Adiante-se. Fale.
- TEOBALDO - Beé!
- JUIZ - Está aí um outro caso. O que quer dizer bé? Eu sou por acaso cabra ou bode? Vamos, fale direito.
- TEOBALDO - Beé!
- JUIZ - Você está caçoando de mim?
- PATHELIN - Pobrezinho! Não, senhor Juiz, jamais ele faria isso, é porque ele é um atoleimado pelos maus tratos do patrão.
- GUILHERME - Quero ser apedrejado se não foi ao senhor que vendi minha fazenda (ao JUIZ) V. Exa. não sabe com que malícia...
- JUIZ - Cale-se! O senhor está louco? Deixe de parte o fato acessório e venha ao fato principal.
- GUILHERME - Está bem, juro não tocar mais no caso da fazenda. Mas o caso me faz enraivecerc... porém meus lábios não se abrirão mais sobre esta questão. Por hoje ao menos, por que não ficará assim. Eis portanto, o caso do pastor:

Eu dizia que ele guardava sete varas de fazenda, quer dizer, meus rebanhos, perdão, foi um engano. Esse pastor, quando devia estar nos campos, disse-me que teria em pagamento escudos de ouro..... não, quero dizer que quando ele começou a guardar os meus rebanhos prometeu-me um excelente jantar com pato...mas o que estou dizendo? Descubra-me, senhor Juiz, queria dizer que este patife do pastor jurou me guardar sem traição nem dolo os meus carneiros. Pois bem, ele os matava sem piedade e agora nega tudo: Dinheiro e fazenda. Ah! Doutor Pedro, isso não se faz! Sim, senhor Juiz, este canalha de pastor matava-me sem temor de Deus todos os carneiros; quando ele se pilhou com a peça de fazenda debaixo do braço, disse que fosse à sua casa.

JUIZ = Cale-se, Cale-se! Basta de asneiras, sua queixa não tem rima nem razão. O senhor é um louco. Ora vejiam: Só fala de carneiros, depois emenda com fazenda, com pato, com jantar, com escudos de ouro...Qual! só mesmo um louco. Isto aqui não é manicômio.

PATHELIM - Naturalmente é porque ele tem a consciência pesada de não pagar ao pobre pastor e ainda por cima inventar um processo ao coitado.

GUILHERME - O senhor faria bem em calar-se, ouviu? Minha fazenda onde está ela? não é o senhor que a tem?

JUIZ - O que o doutor pedro tem?

GUILHERME - Nada, senhor Juiz. Isso não vem ao caso. o que eu posso afirmar é que o doutor pedro é o maior trapaceiro, mas isso fica para outra vêz; trata-se agora de meus carneiros.

JUIZ - Vamos, trate de lebrar-se bem dos fatos e conclua logo.

GUILHERME - Estou confuso, senhor Juiz, peço-vos que interrogueis novamente esse patife. Vejamos o que ele tem para dizer. Ele bem que sabe falar...

JUIZ = (IRRITADO) Mas...

PATHELIN - O pobre pastor não poderá falar por si mesmo, nem saberá responder às acusações que lhe foram feitas. Se V. Excelência permitir, eu falarei por ele.

JUIZ - O senhor quer assisti-lo? Creio que só terá aborrecimentos sem proveito nenhum.

PATHELIN - Não quero ter lucro. Tenho pena de ver um pobrezinho sem defesa, exposto às malévolas acusações de um perverso. Quando se é honesto, o lucro não interessa. Com permissão de V. excelência, vou interrogar o acusado. Aproxime-se, meu amigo. Você me entende? vamos, fale!

TEOBALDO - Beé!

PATHELIN - O que é? Explique-se melhor.

TEOBALDO - ...

- PATHELIN = Sempre a mesma coisa, você não está vendo que seus interesses estão em jogo ? Responda direito.
- TEOBALDO - Beé.
- PETHELIN - Diga aos menos sim ou não. Não me entenda(BAIXO) Muito bem, continue a dizer isto...
- TEOBALDO - Beé.!
- PATHELIN - Não há nada a fazer. o pobrezinho é idiota mesmo. Veja V. Excelência, Senhor Juiz, até que ponto pode ir a maldade humana. Esse homem tem coragem de trazer perante este tribunal respeitável um pobre idiota, vítima de seus tratos maus, para acusá-lo de um crime que o coitado nunca poderia ter cometido, e isto porque não lhe pagar o salário de anos de trabalho. Ele, que devia ser o réu, traz ao banco dos culpados um inocente, como ave de rampina que não quer soltar a presa por nada.
- (A QUILHERME) Mas tu te enganas, homem perverso! O Juiz, diante de quem estás, jamais se deixará enganar pelos malvados. Sua alta inteligência, seu profundo saber, já descobriram na incoerência de tua queixa, como na idiotice do pastor, onde está a verdade....
- Juiz - O senhor tem toda razão, Este pastor é um débil mental. Não pode, portando, responder a processo. Aumentis non Suht subjectis juris.
- QUILHERME - Juro que v. excelência se engana. Juro que esse pa tife tem mais bom-senso do que eu.
- PATHELIN - Só esta reflexão mostra bem o que é o queixoso. ante de um tribunal que reconhece a debilidade mental do pobre pastor, ele ousa proclamar o perfeito Juízo do acusado. Senhor Juiz, para evitar delongas inéptas, mande embora o pastor.
- JUIZ - Sim, é o que resta a fazer.
- QUILHERME - Ele está absolvido sem que eu tenha pleitado ?
- JUIZ - Por que não ? se o senhor além de louco, não diz coisa com coisa, e ele é um enfermo mental ?

- GUILHERME - Suplico a V. excelência que me dixes ao menos espor minhas conclusões. Juro-lhe que em tudo que disse não houve mentira nem desejo de cagaada.
- JUIZ - O que prova que o senhor é realmente louco, e eu não estou aqui para perder tempo com loucos.
- GUILHERME - E eles vão-se embora, sem que eu seja ouvido ?
- JUIZ - O senhor não acha que fez o tribunal perder muito tempo ?
- GUILHERME - Que a causa seja ao menos adiada...
- JUIZ - Adiada ? para que ? O senhor é um louco e esse rapaz um doente. Com tal gente é impossível um processo.
- PATHELIN - V. Excelência diz bem. Não é possível lidar-se com tais pessoas, por isso peço a quitação de meu cliente.
- JUIZ - Com toda razão. (A TEOBALDO) Vê, você está livre, o tribunal reconhece sua inocência. Não se preocupe mais com as calúnias levantadas contra sua pessoa, não volte nem que um oficial de justiça vá intimá-lo.
- GUILHERME - Mas isto não poder ser, senhor Juiz! Esse pastor é um trantante, um ladrão...Eu posso...
- PATHELIN - O-Senhor-devia-ter-vergonha-e-não-falar-mais-comigo, ouviu-? -Minha-fazenda O senhor persiste na sua loucura
- GUILHERME - O senhor devia ter vergonha e não falar mais comigo, ouviu ? Minha fazenda, onde está ela ?
- JUIZ - Vamos, eu tenho mais o que fazer do que estar ouvindo loucuras. ...Doutor Pedro, o senhor quer jantar comigo ?
- GUILHERME - Jantar ?
- PATHELIN - Agradeço-lhe muito, mas os meus dentes...
- JUIZ - É verdade, eu já havia me esquecido. Deus vos guarde.
- GUILHERME - Ah, doutor Pedro, que o diabo me leve se o senhor não é o maior trapaceiro do mundo! Então...minha fazenda, meu dinheiro, sua doença ?
- PATHELIN - Sempre a mesma coisa. O senhor devia mudar de nota, pois que esta já está monótona. Eu doente. Esta é boa!
- GUILHERME - Não está doente ? Espere aí, vou já à tua casa...(sai)
- PATHELIN - É isso, vá ver se estou doente. (A TEOBALDO) Então Teobaldo, teve ou não teve sucesso e minha idéia ?
- TEOBALDO - Bêê.-
- PATHELIN - Vamos, fale direito, já acabou a farsa.
- TEOBALDO - Bêê.-
- PATHELIN - Já lhe disse que fale direito. Vamos, meu pagamento.
- TEOBALDO - Bêê.!
- PATHELIN - Que é isso, você quer me burlar, e mim, o homem mais respeitadista cidade ?

- Vamos, meu dinheiro, já, senão vou buscar um soldado.
- TEOBALDO - Beé!
- PATHELIN - Não tirarei nada. Será possível que eu tenha caído no meu próprio ardil? E que um camponês, uma criança, uma rapozinha engana uma velha reposa matreira? Espere um pouco, miserável, eu vou buscar que faça você falar. Soldado....Soldado....Soldado...(SAI)
- TEOBALDO - Se ele me agerrar, consinto em ser preso.
- PATHELIN - (VOLTANDO) O Que?
- TEOBALDO = Beé...

Fim.

.
.
..
....
...
....
.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

- Cõvado? Pois bem, é o comerciante mais avarento e ladrão que ja vi, tal qual seu falecido pai. Pois muito bem, eu com a minha lâbia, abordei-o fazendo mil elogios a um e ao outro, assinalando a semelhança entre ambos. Fazendo-lhe tanta cortesias, que quando chegou a hora de me fiar a fazenda, apesar de gemer, não teve coragem de negar.
- GUILHERMINA - A eterna história da raposa e do corvo...
- PATHELIN - Sem tirar nem por. Enfim, prometi-lhe pagar aqui na hora do jantar, copiosamente regado com um vinho que ainda está nas uvas. E prometi, também um pato que ainda está no ovo. Agora chegou a sua vez de trabalhar
- GUILHERMINA - Que devo fazer?
- PATHELIN - Coisa muito simples. Jurar por todos os santos do céu que a onze meses estou de cama, doente, louco, furioso fazendo o desespero de todos os médicos. O teste é por minha conta. Você saberá fazer isto?
- GUILHERMINA - E muito mais. Não é em vão que sou sua esposa. Chorarrei lágrimas de sangue, hei de convencer o comerciante de que ele está louco ou que viu o diabo.
- PATHELIN - Ótimo Vamos preparar a farsa, Vou deitar-me, porque Guilherme não deve tardar. (SAI)
- GUILHERMINA - (SÓ) Valha-me Deus! e Santo Onofre Milagroso, ajudai-me nessa empresa, que vos prometo dar uma vela de cera...se caso tiver o dinheiro que ela custa antes de minha morte. (SAI)

C E N A I V

(PRIMEIRO NA RUA, DIANTE DA CASA DE PATHELIN. DEPOIS NO INTERIOR; SALA ENTARDECER).

- GUILHERME - (NA RUA). Creio que já está na hora de beber o vinho e comer o pato lá do tal doutor Pathelin! meu querido dinheiro, até que enfim vou te ver. Meu coração quase para quando me lembro que vendi fiado uma peça de fazenda. Ho! Ho! Dr. Pedro Pathelin.
- GUILHERMINA - Que barulho é esse? Se o senhor tem alguma coisa a dizer, fale baixo.
- GUILHERME - Deus vos guarde, minha senhora.
- GUILHERMINA - Fale baixo.
- GUILHERME - Mas o que há?
- GUILHERMINA - EU lhe peço, pelo amor de Deus, não grite!
- GUILHERME - Onde está seu marido?
- GUILHERMINA - Meu Deus, onde é que o senhor queria que ele estivesse?
- GUILHERME - O doutor Pedro não está aí?
- GUILHERMINA - Quisera Deus que ele estivesse com bastante saúde para não estar aqui.
- GUILHERME - Mas o que quer dizer com isto?
- GUILHERMINA - Coitado do homen...ele está na cama...onze meses de martírio!
- GUILHERME - Quem?
- GUILHERMINA - Desculpe, mas não posso ficar muito tempo. Tenho que voltar para perto do meu doente.

- GUILHERME - Mas quem é o seu doente?
- GUILHERMINA - Quem há de ser senão meu marido?
- GUILHERME - O doutor Pedro Pathelin?
- GUILHERMINA - Não me cãsta que eu tenha outro marido.
- GUILHERME - Mas não há quinze minutos que ele esteve comigo, e por sinal, me comprou fiado uma peça de fazenda. Vin aqui para receber o dinheiro.
- GUILHERMINA - Que brincadeira mais sem graça! Não está em hora de diversões.
- GUILHERME - São nove escudo. Quero já o meu dinheiro!
- GUILHERMINA - O senhor está doido? Vá contar suas lorotas a outra, ou se é um_o brincadeira, ela está muito fora de hora.
- GUILHERME - Faça o favor de acabar com suas loucuras e vá chamar o doutor Pedro.
- GUILHERMINA - Diabos leveñ o senhor! Então é o momento de fazer um hémén agonizante sair da cama?
- GUILHERME - Mas não é aqui a casa do doutor pedro Pathelin?
- GUILHERMINA - Quantas vezes o senhor quer que eu diga que sim. Esta loucoçã vá para o hospício,
- GUILHERME - A senhora me diz para falar baixo e grita mais que um general em manobras...
- GUILHERMINA - É que o senhor me faz perder a paciência.
- GUILHERME - Basta de histórias. Já lhe disse que o doutor Pedro me comprou sete varas de fazenda hoje, agora meco .

- GUILHERMINA - Que o senhor continua na sua loucura? Meu pobre marido há onze meses que está doente, pregado na cama, pensando de cortar o coração, havia de ter hoje que comprar fazenda na sua loja? Meu Deus! Como o mundo está cheia de gente perversa!
- GUILHERME - Vamos! Meu dinheiro!
- GUILHERMINA - O senhor está bêbado? Só pode ser isso.
- GUILHERME - Bêbado eu? que desaforo!
- GUILHERMINA - Só um bêbado pode dizer que um homem doente, paralisado pelo sofrimento, saiu para comprar uma fazenda. Só se fosse uma mortalha!
- GUILHERME - Está história vai continuar?
- GUILHERMINA - Vamos fale baixo ou vai embora.
- PATHELIN - (DE DENTRO) Guilhermina, um pouco de água de rosa. Meu Deus, voce me deixa socinho aqui! venha depressa!
- GUILHERMINA - Ai está o senhor fez o pobre homem acordar.
- GUILHERME - Ainda bem.
- PATHELIN - Guilhermina, vem depressa expulsar toda esta gente preta que está aqui fazendo caretas para mim. Socorro!
- PATHELIN - Uha esse frade preto que está voltando. Pegue, peguem! ponham-lhe uma estola. Para, gato. Meu Deus, como ele voa...
- GUILHERMINA - Veja como ele sofre, coitado!

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ
SUPERINTENDÊNCIA DO TEATRO GUAÍRA
TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

AUTOR ANÔNIMO

TRADUÇÃO DE LUIZ HASSELMANN

PERSONAGENS:

PATELIN - advogado, esperto e artiloso.
GUILHERMINA - Sua mulher, astuciosa.
GUILHERME - Comerciante, Simplório.
TEOBALDO - Pastor. Ingênuo e confiante.
UM JUIZ - Autoritário, solene.

CENÁRIO - No teatro medieval os cenários são simultâneos, isto é: todos os locais necessários ao desenvolvimento da ação eram justapostos. Aconselhamos a estelização. Pode ser feito com rotunda escura e elementos mutáveis de acordo com o estilo da peça.

C E N A I

- PATHELIN - Por Deus, Guilhermina. Por mais que dê tratos à bola, não consigo descobrir um meio de ganhar um vintém. Hoy ve tempo, no entanto, em que não me faltava clientes nem belos escudos.
- GUILHERMINA - Pois é, esse tempo já vai longe. Para mim, a advocacia é a pior profissão do mundo. Um dia bem, um dia mal ora enganando, ora enganado. Nunca vi coisa assim.
- PATHERLIN --E posso jurar que não há nesta cidade melhor advogado do que eu. Ninguém conhece como eu as correntes, as molas, as engrenagens dos processos. Não há quem seja mais esperto do que o doutor Pathelin para torcer as leis. Sou um verdadeiro mestre.
- GUILHERMINA - (CORTANDO)... de trapaça! Neste dominio você não cede a ninguém o primeiro lugar.
- PATHELIN - Não confunda os nomes nem as coisas. Sou simplesmente hábil.
- GUILHERMINA - Bela habilidade... enfim, tudo neste mundo pode ter dois nomes.
- PATHELIN - Isso não vem ao caso. O que precisamos é achar algum modo de ganhar dinheiro. Veja em que estado estão os seus vestidos e as minhas roupas. Até parece que estamos vestidos de gase, como anjos de precissão.
- GUILHERMINA - É verdade. Cada vez que sento ou encosto em algum lugar, tenho medo de deixar colado um pedaço da minha saia. O dia em que isto acontecer, só me resta o recurso de fingir de paralitica e esperar passar o resto da vida sentada...porque ganhar outro vestido, não tenho a menor esperança.

08

- PATHELIN - Pois você ganhará um, e hoje mesmo.
- GUILHERMINA - O que?! você enlouqueceu?
- PATHELI
- PATHELIN - Longe disso. Nunca tive tanto juízo.
- GUILHERMINA - Está-se vendo.
- PATHELIN - Minha Nossa Senhora! Suas idéias magníficas já o levaram ao pelorinho. Será que o lugar é tão bom que deseja voltar para lá.
- PATHELIN - Deixe-se de tolices. O que pretendo fazer não terá a menor consequência.
- GUILHERMINA - Hum!
- PATHELIN - Vamos, de que cor e de que fazenda você quer o seu vestido?
- GUILHERMINA - Da cor e da fazenda que você conseguir extorquir do comerciante, que for bastante tolo para lhe vender fiado.
- PATHELIN - Está bem. Você verá que o espírito é mais forte que a matéria e que o homem de espírito não precisa de dinheiro para vestir sua cara-metade e a si próprio. até já.
- GUILHERMINA - Vá com Deus. Se encontrar algum otário, não se esqueça de beber com ele.

C E N A II

- PATHELIN - Deus o guarde, senhor Guilherme.

- GUILHERME - E ao senhor também, doutor Pedro.
- PATHELIN - Ainda bem que o me reconhece. Não houve maior amigo do falecido senhor seu pai do que eu. Deus dê glória à sua alma. Que santo homen era ele! Mas o senhor é retrato vivo dele...
- GUILHERME - Todos dizem isto...
- PATHELIN - E é coisa evidente. Mas, como vão os negócios?
- GUILHERME - Hum...Assim, assim. O senhor sabe, comércio é profissão ingrata.
- PATHELIN - Sem dúvida, mas para um homen honesto, inteligente e ativo como o senhor, as coisas não podem deixar de ir bem.
- GUILHERME - Bom, sempre dá para viver, mas os negócios podãam ir melhor...
- PATHELIN - Certamente. Enfim, quando se tem suas qualidades físicas e morais, quando se é assás bem feito de corpo e para atrair os olhares femininos e bastante inteligente para tirar proveito duma impressão causada a uma rica senhora...vendendo-lhe a bom preço uma fazenda que ela não examina porque tem o olhar embevecido no vendedor...
- GUILHERME - Qual nada, doutor Pedro...
- PATHELIN - Ora vamos, eu o conheço...seria preciso que neste ponto o senhor não parecesse nada com o falecido senhor seu pai- que Deus tenha sua alma! Aliás é muito justo as belas coisas devem ser pagas. Se Deus lhe deu bello dotes, foi para que o senhor tirasse aproveitamento deles.
- GUILHERME - O senhor está me confundindo...

05

- PATHELIN -- Dizer a verdade confunde-o?! Mas meu Deus, quanto mais eu o olho o acho mais parecido como o senhor seu pai. Os mesmos olhos, a mesma boca, o mesmo nariz...ah, duas gotas d' água não seriam mais parecidas.
- GUILHERME -- O senhor conheceu muito o meu pobre pai?
- PATHELIN -- Se o conheci! Não havia dois amigos mais inseparáveis nesta cidade. Eu gostava de sair com ele porque todas as moças o olhavam, e eu ia recebendo as sobras. que homem era ele! Bom comerciante e finório como ele só. Ninguém o enganava. Exatamente como o filho!
- GUILHERME -- O senhor sabe, no comércio se não se abre os olhos, todos nos roubam.
- PATHELIN -- Naturalmente...Mas que linda fazenda é esta...
- GUILHERME -- É fazenda de Ruão, muito bem tecida, veja.
- PATHELIN -- É muito cara?
- GUILHERME -- Não tanto... doze soldos a vara...
- PATHELIN -- E o senhor diz que não é cara?
- GUILHERME -- A tosquia está tão difícil, O senhor não sabe como a fazenda tem subido de preço...tenho tido tanto prejuízo.. Os tecelões aumentam o preço do trabalho, os carneiros têm morrido de peste ou então pela falta de cuidados dos pastores. Eu mesmo estou agora com um caso desses.
- PATHELIN -- Qual?
- GUILHERME -- UM patife de um pastor que eu próprio criei, matava-me os carneiros para comê-los ou vendê-los. Depois vinha dizer que tinham morrido de peste. Acabei descobrindo e a

- b brincadeira vai lhe sair caro. Fiz queixa ao meirinho e ele mandou buscar o pastor para apresenta-lo hoje ' diante do juiz. O canalha pegará pelo menos umas boas horas no pelourinho.
- PATHELIN - Se o senhor precisa de um advogado, estou ás suas or' dens. Não é para me gabar, mas não sou dos piores. li quido em um instantinho o seu caso. Se o senhor qui- ser posso mandar enforcá-lo.
- GUILHERME - Não quero tanto, o pelourinho basta...Mas, voltando à fazenda, tudo isso faz com o preço dos tecidos tenha' subido prodiosamente.
- PATHELIN - Estou tentando com está fazenda. Que maravilha de tecí do! Só numa casa de primeira ordem se poderiam se en- contrar tal coisa.
- GUILHERME - Leve-a, o senhor não se arrependará. É um tecido for- te e de cor firme.
- PATHELIN - Estou vendo, estou vendo. Só acho um pouco caro. Se o senhor deixasse a vara a dez soldos....
- GUILHERME - Por Deus, que não posso. Doze soldos foi quanto ela ' me custou. Esou lhe vendendo pelo preço do custo.
- PATHELIN - Bem, vá lá. Não vou brigar com o filho do meu maior ' amigo por tão pouco. O senhor pode cortar.
- GUILHERME - Quantas varas?
- PATHELIN - Para mim, uma...duas...três e meia. Para minha mulher duas e meia. Ela é alta...e, é isso mesmo. Cinco varas e meia. Não, seis.
- GUILHERME - Por que não leva toda a peça? São sete varas.

- PATHELIN - É está bem. Sobra um pouco, mas não falta.
- GUILHERME - Fazenda nunca é demais. Está aí a peça. São nove escudos.
- PATHELIN - O senhor virá recebê-los em minha casa, onde jantará comigo um admirável pato que minha mulher está cozinhando.
- GUILHERME - Mas eu não posso, estou muito ocupado.
- PATHELIN - Ora, deixe de bobagens. Às seis horas o senhor é obrigado a deixar a loja. O senhor não é judeu para trabalhar a noite.
- GUILHERME - Está bem. Quando eu for levarei a fazenda.
- PATHELIN - De modo algum. Então vou deixar um comerciante conceituado como o senhor, filho de um grande amigo meu, carregar uma peça de fazenda? absolutamente! Isso é bom para gente sem importância.
- GUILHERME - Mas... não senhor... eu posso levar. Está bem mais assim
- PATHELIN - (APANHANDO A FAZENDA) Não consinto de modo algum. Só assim o senhor virá à minha casa.
- GUILHERME - Mas posso ir levando a fazenda.
- PATHELIN - Será que o senhor desconfia de mim?
- GUILHERME - Não, mas acho inconveniente que o senhor ande com fazendas debaixo do braço pela cidade.
- PATHELIN - E o senhor ficaria bem carregando fazendas? não conseguirei nunca em tal coisa.

- GUILHERME - Nada de cerimônias, doutor Pedro, eu posso levar muito bem.
- PATHELIN - Se o senhor não tem confiança em mim, se acha que sou desonesto, é outra coisa. Mas neste caso não lhe faço a injúria de pensar que o senhor me julga de tal maneira.
- GUILHERME - Não julgo, não. Enfim, se não há outro meio...
- PATHELIN - Está claro que não há outro meio. Venha sem falta às seis horas. Posso garantir que o senhor não terá comido em sua vida muitos patos como o que o senhor vai comer em minha casa. Quanto ao vinho, prefiro nem falar ao senhor mesmo o julgará. A propósito, como quer que lhe pague? em ouro, ou em prata?
- GUILHERME - Prefiro em ouro, se for de bom peso.
- PATHELIN - Meu ouro é antigo. É do tempo do falecido rei.
- GUILHERME - Então não se esqueça de tê-lo à mão quando eu lá chegar.
- PATHELIN - Sim mas o senhor só receberá depois do jantar. Por Deus mestre Guilherme, só assim o senhor reconhecerá o caminho de minha casa. seu falecido pai o conhecia muito bem. Nunca deixava de me cumprimentar quando passava. Mas o senhor não se dá com gente pobre... (SAI)
- GUILHERME - (SÓ) Pobre sou eu...eu... o dinheiro que ele vai me pagar ficará bem guardado. Bem diz o ditado que não há um esperto que não encontre outro mais esperto. Esse advogado, mestre da trapaça, levou por doze soldos um tecido que não vale nem nove...

C E N A III
(CASA DE PATHELIN. SALA)

- PATHELIN - (ENTRANDO) Então?
- GUILHERMINA - Então o que?
- PATHELIN - Eu não lhe dizia? Pode jogar fora seu vestido velho.
- GUILHERMINA - Que diabo é isto?
- PATHELIN - (DESDOBRANDO A FAZENDA). Veja e creia.
- GUILHERMINA - Virgem Nossa Senhora! Algum cliente deixou isto como penhor? Você comprou fiado? Meu Deus, quem pagará?
- PA
- PATHELIN - Quem pagará? Mas já está paga e bem paga. Posso afirmar a voce que o comerciante que me vendeu não é nenhum tolo.
- GUILHERMINA - Já sei você prometeu, mediante uma assinatura ou um juramento, pagar a fazenda dentro de algum tempo. Belo trabalho! Quando chegar o termo, como não haverá dinheiro, eles virão e levaram tudo.
- PATHELIN - Deixe estar que não levariam grande coisa...mas não se preocupe, torno a repetir que a fazenda já está paga e que eu nem assinei contrato nem fiz juramento algum.
- GUILHERMINA - Vá enganar outra. Não se esqueça de que estamos casados já há alguns anos. Conheço você como a palma da minha mão.
- PATHELIN - Não temos tempo a perder, por isso vou lhe contar o caso em duas palavras. Você conhece o mestre Guilherme



PARECER Nº 1283 / 84

TÍTULO: " A FARSA DO ADVOGADO PATELIM".

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE.

CONFRONTO.

Autor: Anônimo.

Confrontamos este texto com o original, arquivado na Divisão de Censura de Diversões Públicas e verificamos identidade total em seus conteúdos.

A obra que versa sobre o Dr. Pathelin, advogado trapeceiro que consegue enganar um esperto comerciante e ser passado para trás por um pastor de ovelha, mostra que aquele que planta colhe o fruto do que semeou.

Não apresenta implicações censórias, poderá ser liberada sem restrições etárias, conforme decisões anteriores.

Brasília, 08 de maio de 1984


Matr. 2 405 398 - TC

TEATRO

TÍTULO A FARSA DO ADVOGADO PATELIN.

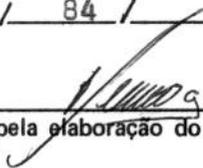
AUTOR: ANÔNIMO.

TRADUÇÃO: LUIZ HASSELMANN

1) ARQUIVO

Clas. Anterior LIVRE.Praça SR/MS

Obs.: _____

DF. 04 / 05 / 84 /

 Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura _____

Técnico de Censura _____

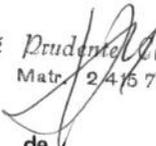
Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

 Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Émita-se o certificado, de acordo com o requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de LIVRE anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.

Obs.: confrontoBrasília-DF, 08 de 05 de 19 84

 Helle Prudente Carvalho
 Matr. 2475791

Brasília - DF

de

de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA

A consideração do Senhor Diretor da DCDP, tendo em vista tratar-se de _____ para o qual os editores produziram a classificação etária de _____

 Brasília-DF, 08 de 05 de 19 84

Em _____ de _____ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE
 na forma de parecer

Em, 10 / 5 / 1984


 Solange M. T. Hernandez
 Diretora da DCDP



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS**

ESPETÁCULO TEATRAL

CERTIFICADO Nº	EMISSÃO	VALIDADE
0256	09 MAIO DE 1984	09 MAIO DE 1989

TÍTULO

A FARSA DO ADVOGADO PATELIM

AUTOR (ES)

DESCONHECIDO

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

CLASSIFICAÇÃO DE IMPROPRIIDADE

Solange M. F. Hernandez
SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES
 DIRETORA DA DCDP
 ASSINATURA

TÍTULO: A FARSA DO ADVOGADO PATELIM
 ESPÉCIE: PEÇA TEATRAL

CERTIFICADO Nº 0256

TRADUTOR OU ADAPTADOR: LUIZ HALSSEMANN
 REQUERENTE: CÉLIO ADOLFO DE MACEDO - CAMPO GRANDE/MS.

DECISÃO: LIVRE. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. ESTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

Nei de Oliveira
NEI DE OLIVEIRA
 CHEFE DO SC = DCDP
 ASSINATURA

BSB 09 DE MAIO DE 19 84



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Brasília, DF.

Em 11 maio de 1984

OF. Nº 740-A/84-SE/DCDP

Do : Diretora da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Ao : Sr. Chefe do Serviço de Censura da SR/MS.

Assunto : Certificados - encaminha -

Senhor Chefe:

De acordo com a Portaria nº 017/78-DCDP, de 13 de julho de 1978, e em atenção ao (s) ofício(s) em referência, encaminho a V. Sa. as 1a. e 2a. vias do (s) certificados de Censura da (s) peça (s) teatral (is):

" A FARSA DO ADVOGADO PATHELIM ", de autor des_ conhecido.

Atenciosamente,

A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Solange M. F. Fernandes', written in a cursive style.

SOLANGE MARIA TEIXEIRA HERNANDES

Diretora da DCDP



-9 JAN 11 07 88 000106

DCDP / BSB

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL EM MINAS GERAIS

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

OF. Nº 004/86-SCDP/SR/MG

Do: CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS/MG

Ao: SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

ASSUNTO: ENCAMINHAMENTO (FAZ)

PELO PRESENTE, ENCAMINHO À V. SA. O PROCESSO DE Nº 3074/85-SCDP/SR/MG, REFERENTE À PEÇA TEATRAL "A FARSA DO ADVOGADO PATHERLIN", DE AUTORIA DESCONHECIDA.

ATENCIOSAMENTE,

ANTÔNIO JOSÉ DE FREITAS DUARTE
CHEFE DO SCDP/SR/MG

ILM^o. SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Departamento de Polícia Federal	
Tendência Regional de Minas Gerais	
Divisão de Censura de Diversões Públicas	
PROTOCOLO Nº 3074/85/	
DATA 20/12/1985	Bernadete Funcionário

Sérgio Roberto Silva Lessa
Requerente

brasileira, professor
Nacionalidade Profissão

Carteira de Identidade 834.650 - SSP/MG
Nº e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à Rua Roque Picorelli, nº 55 - Grajaú -
Juiz de Fora - Minas Gerais

vem, muito respeitosamente, requerer de V. S^{as}., que se digne mandar examinar, de conformidade com as normas censórias vigentes, a(s) peça teatral abaixo relacionad^a(s), de autoria
Espécie

de: autor desconhecido

"A Farsa do Advogado Pathelin"
Título(s)

N. Termos

Pede deferimento

Juiz de Fora, 12 de dezembro de 1985

Local e Data

Sérgio Roberto Silva Lessa

Requerente

-Sérgio Roberto Silva Lessa

Anexos:

04 vias do texto supra citado

1 - EMPRESA OU GRUPO. (Se houver)

Nome: Grupo de Teatro Estação Arte C.G.C.: - - -
Sede: Superintendência Regional da Rede Ferroviária Federal S.A.
Avenida Brasil Juiz de Fora - MG CEP: 36.100
Diretor ou Responsável: Sérgio Roberto Silva Lessa

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: autor desconhecido
Pseudônimo: - - - - - Filiação: - -
- - - - -
Nacionalidade: - - - - - Naturalidade: - - - - -
Data do Nasc.: - - - - - Identificação: - - - - -
Profissão: - - - - - Est.Civil: - - - - -
Endereço: - - - - -
- - - - - CEP: - - -

3 - PARCERIA

Nome: - - - - -
Pseudônimo: - - - - - Filiação: - - - - -
- - - - -
Nacionalidade: - - - - - Naturalidade: - - - - -
Data do Nasc.: - - - - - Identificação: - - - - -
Profissão: - - - - - Est.Civil: - - - - -
Endereço: - - - - -
- - - - - CEP: - - - - -

Nome: Tradução: Luiz Hasselmann
Pseudônimo: - - - - - Filiação: - - - - -
- - - - -
Nacionalidade: - - - - - Naturalidade: - - - - -
Data do Nasc.: - - - - - Identificação: - - - - -
Profissão: - - - - - Est.Civil: - - - - -
Endereço: - - - - -
- - - - - CEP: - - - - -

Declaro que a matéria a ser examinada não foi submetida à apreciação dessa DCDP (exetuando os pedidos de certificado ou de confronto de texto), assumindo, inteira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

DATA: Juiz de Fora, 12/12/1985.

Ass.: *Sérgio Roberto Silva Lessa*
-Sérgio Roberto Silva Lessa



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro — Brasil

AUTORIZAÇÃO PARA ESPETÁCULO TEATRAL

Nº 52126

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como de utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigos 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2415, de 9-2-1955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946 e artigo 1.º do decreto n.º 1.023, de 17-5-1962 e da Lei n.º 5.988, de 14-12-1973, o espetáculo teatral: "A FARSA DO

ADVOGADO PATHELINI"

Original de AVTOR DESCONHECIDO

Música de _____

Tradução de _____

Direção de _____

No Teatro TEATRO ESTACÃO ARTE Cidade JUIZ DE FORA

Empresa _____ Pela Cia. _____

nos dias 18-19-20-21/12/85

sob condições de pagamento dos respectivos direitos autorais na base de _____ %

de renda bruta de cada espetáculo, com a garantia mínima de Cr\$ 40.000

Por Apresentação

por espetáculo, obrigando-se a Empresa a fornecer, à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente autenticado, responsabilizando-se pela sua exatidão, bem como pelo integral pagamento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

Esta autorização obriga a Empresa, implicitamente, a pagar à SBAT a mesma cota percentual, a título de direitos autorais, sobre as importâncias que receber de qualquer entidade, pública ou privada, Repartições Federais, Estaduais ou Municipais, desde que tais recebimentos a obriguem a conceder ingressos, no todo ou parte da lotação, ou reduzir os preços dos mesmos, a qualquer título.

Da mesma forma obriga-se a Empresa a incluir nos bordereau da receita, como ingressos vendidos a preços normais, todos os que forem utilizados por sócios cotistas da Empresa ou do próprio teatro, para os efeitos de cobrança do direito autoral.

Juiz de Fora _____ 16 de Dezembro _____ de 1985.

Esta via de Autorização não vale como recibo. Deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes. — A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Saltério Araújo
pela (SBAT)



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917

Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar - End. Teleg. SBAT-RIO
Rio de Janeiro - Brasil

Juiz de Fora, 16 de Dezembro de 1985.

Ilmo Sm.

Chefe da Censura Federal

Belo Horizonte

Prezado Senhor: -

Com a presente temos a satisfação de
encaminhar a v.s. para fins de
censura três cópias da peça " A
FARSA DO ADVOGADO PATELIN"
para 2ª quinzena de Dezembro de 1985.

Seu Anteciosamente

Dattusa Aign

BRASILIA DF 10707 30 16 1658 10

SCDP SR MG PHE

1138/SA DCDP 161285 PT RERA 161/85/SCDP SRMG DE 131285 VG INFO
OOC ARO DCDP REF PECA TEAT ASPAS A FARSA DO ADVOGADO PATEHLIN
ASPAS VG AUT DESCONHECIDO VG REG NR 256, VG CLASSE LIVRE VG VAL
25.06.85 PT DCDP

NNNN

VTR POR FO 161740/12
REC POR:RR=

*17 - Coordenador
Pl. Providencias
B. Htz, 17-12-85*

[Signature]
Bel. Antonio José de F. Dinarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

*Ciente Tirar xerox
Em 17/12/85
fulu*

Às Srs. Amoras Mirtes e Helena,
para futura e pagar, em cumprimento
ao pagar n.º 293/85.

B. H. 1, 20 de dezembro de 1985


Bel. Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ
SUPERINTENDÊNCIA DO TEATRO GUAÍRA
TEATRO DE COMÉDIA DO PARANÁ

A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN

Autor anônimo

Tradução de LUIZ HASSELMANN .

PERSONAGENS:

- PATHELIN - Advogado, esperto e ardiloso.
GUILHERMINA - Sua mulher, astuciosa.
GUILHERME - Comerciante. Simplório.
TEOBALDO - Pastor. Ingênuo e confiante.
UM JUIZ - Autoritário, solene.

CENÁRIO - No teatro medieval os cenários são simultâneos, isto é: todos os locais necessários ao desenvolvimento da ação eram justapostos. Aconselhamos a estilização. Pode ser feito com rotunda escura e elementos mutáveis de acordo com o estilo da peça.



C E N A I

- PATHELIN - Por Deus, Guilhermina. Por mais que dê tratos à bola, não consigo descobrir um meio de ganhar um vintém. Houve tempo, no entanto, em que não me faltavam clientes nem belos escudos.
- GUILHERMINA - Pois é, esse tempo já vai longe. Para mim, a advocacia é a pior profissão do mundo. Um dia bem, um dia mal, ora enganando, ora enganado. Nunca vi coisa assim.
- PATHELIN - E posso jurar que não há nesta cidade melhor advogado do que eu. Ninguém conhece como eu as correntes, as molas, as engrenagens dos processos. Não há quem seja mais esperto do que o doutor Pathelin para torcer as leis. Sou um verdadeiro mestre.
- GUILHERMINA - (CORTANDO)... de trapaça! Neste domínio você não cede a ninguém o primeiro lugar.
- PATHELIN - Não confunda os nomes nem as coisas. Sou simplesmente hábil.
- GUILHERMINA - Bela habilidade... enfim, tudo neste mundo pode ter dois nomes.
- PATHELIN - Isso não vem ao caso. O que precisamos é achar algum modo de ganhar dinheiro. Veja em que estado estão o seu vestido e a minha roupa. Até parece que estamos vestidos de gase, como anjos de procissão.
- GUILHERMINA - É verdade. Cada vez que sento ou encosto em algum lugar, tenho medo de deixar colado um pedaço da minha saia. O dia em que isto acontecer, só me resta o recurso de fingir de paralítica e esperar passar o resto da vida sentada... porque ganhar outro vestido, não tenho a menor esperança.

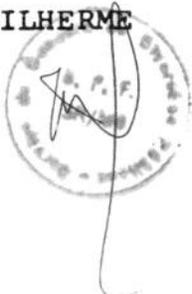


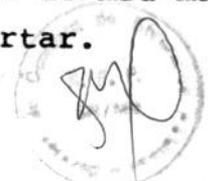
- PATHELIN - Pois você ganhará, um, e hoje mesmo.
- GUILHERMINA - O que?! Você enlouqueceu?
- PATHELIN - Longe disso. Nunca tive tanto juízo.
- GUILHERME - Está-se vendo.
- PATHELIN - Minha Nossa Senhora! Suas idéias magníficas já o levaram ao pelourinho. Será que o lugar é tão bom que deseja voltar para lá?
- PATHELIN - Deixe-se de tolices. O que pretendo fazer não terá a menor consequência.
- GUILHERMINA - Hum!
- PATHELIN - Vamos, de que cor e de que fazenda você quer o seu vestido?
- GUILHERMINA - Da cor e da fazenda que você conseguir extorquir do comerciante, que for bastante tolo para lhe vender fiado.
- PATHELIN - Está bem. Você verá que o espírito é mais forte que a matéria e que o homem de espírito não precisa de dinheiro para vestir sua cara-metade e a si próprio. Até já.
- GUILHERMINA - Vá com Deus. Se encontrar algum otário, não se esqueça de beber com ele.
- 
- C E N A II
- PATHELIN - Deus o guarde, senhor Guilherme.
- GUILHERME - E ao senhor também, doutor Pedro.
- PATHELIN - Ainda bem que o senhor me reconhece. Não houve maior

- amigo do falecido senhor seu pai do que eu. Deus dê glória à sua alma. Que santo homem era ele! Mas o senhor é retrato vivo dele...
- GUILHERME - Todos dizem isto...
- PATHELIN - E é coisa evidente. Mas, como vão os negócios?
- GUILHERME - Hum... assim, assim. O senhor sabe, comércio é profissão ingrata.
- PATHELIN - Sem dúvida, mas para um homem honesto, inteligente e ativo como o senhor, as coisas não podem deixar de ir bem.
- GUILHERME - Bom, sempre dá para viver, mas os negócios podiam ir melhor...
- PATHELIN - Certamente. Enfim, quando se tem suas qualidades físicas e morais, quando se é assás bem feito de corpo para atrair os olhares femininos e bastante inteligente para tirar proveito duma impressão causada a uma rica senhora... vendendo-lhe a bom preço uma fazenda que ela não examina porque tem o olhar embevecido no vendedor...
- GUILHERME - Qual nada, doutor Pedro...
- PATHELIN - Ora vamos, eu o conheço... seria preciso que neste ponto o senhor não parecesse nada com o falecido senhor seu pai - que Deus tenha sua alma! Aliás é muito justo. As belas coisas devem ser pagas. Se Deus lhe deu belos dotes, foi para que o senhor tirasse proveito deles.
- GUILHERME - O senhor está me confundindo...



- PATHELIN - Dizer a verdade confunde-o?! Mas meu Deus, quanto mais eu o olho o acho parecido com o senhor seu pai. Os mesmos olhos, a mesma boca, o mesmo nariz... Ah, duas gotas d'água não seriam mais parecidas.
- GUILHERME - O senhor conheceu muito o meu pobre pai?
- PATHELIN - Se o conheci! Não havia dois amigos mais inseparáveis nesta cidade. Eu gostava de sair com ele porque todas as moças o olhavam, e eu ia recebendo as sobras. Que homem era ele! Bom comerciante e finório como ele só. Ninguém o enganava. Exatamente como o filho!
- GUILHERME - O senhor sabe, no comércio, se não se abre os olhos, todos nos roubam.
- PATHELIN - Naturalmente... Mas que linda fazenda é esta...
- GUILHERME - É fazenda de Ruão, muito bem tecida, veja.
- PATHELIN - É muito cara?
- GUILHERME - Não tanto... doze soldos a vara...
- PATHELIN - E o senhor diz que não é cara?
- GUILHERME - A tosquia está tão difícil. O senhor não sabe como a fazenda tem subido de preço... tenho tido tanto prejuízo... Os tecelões aumentaram o preço do trabalho, os carneiros têm morrido de peste ou então pela falta de cuidados dos pastores. Eu mesmo estou agora com um caso desses.
- PATHELIN - Qual?



- GUILHERME - Um patife de um pastor que eu próprio criei, matava me os carneiros para comê-los ou vendê-los. Depois vinha dizer que tinham morrido de peste. Acabei descobrindo e a brincadeira vai lhe sair cara. Fiz queixa ao meirinho e ele mandou buscar o pastor para apresentá-lo hoje diante do juiz. O canalha pegará pelo menos umas boas horas no pelourinho.
- PATHELIN - Se o senhor precisa de um advogado, estou às suas ordens. Não é para me gabar, mas não sou dos piores. Liquidado em um instantinho o seu caso. Se o senhor quiser posso mandar enforcá-lo.
- GUILHERME - Não quero tanto, o pelourinho basta... Mas, voltando à fazenda, tudo isso faz com que o preço dos tecidos tenha subido prodigiosamente.
- PATHELIN - Estou tentado com esta fazenda. Que maravilha de tecido! Só numa casa de primeira ordem se poderia encontrar tal coisa.
- GUILHERME - Leve-a, o senhor não se arrependerá. É um tecido forte e de cor firme.
- PATHELIN - Estou vendo, estou vendo. Só acho um pouco caro. Se o senhor deixasse a vara a dez soldos...
- GUILHERME - Por Deus, que não posso. Doze soldos foi quanto ela me custou. Estou lhe vendendo pelo preço do custo.
- PATHELIN - Bem, vá lá. Não vou brigar com o filho do meu maior amigo por tão pouco. O senhor pode cortar.
- GUILHERME - Quantas varas?
- PATHELIN - Para mim, uma... duas... três e meia. Para minha mulher, duas e meia. Ela é alta... e, é isso mesmo. Cinco varas e meia. Não, seis.
- 

- GUILHERME - Por que não leva toda a peça? São sete varas.
- PATHELIN - É, está bem. Sobra um pouco, mas não faz mal.
- GUILHERME - Fazenda nunca é demais. Está aí a peça. São nove es cudos.
- PATHELIN - O senhor virá recebê-los em minha casa, onde jantará comigo um admirável pato que minha mulher está cozinhando.
- GUILHERME - Mas eu não posso, estou muito ocupado.
- PATHELIN - Ora, deixe de bobagem. Às seis horas o senhor é obrigado a deixar a loja. O senhor não é judeu para trabalhar de noite.
- GUILHERME - Está bem. Quando eu for levarei a fazenda.
- PATHELIN - De modo algum. Então vou deixar um comerciante conceituado como o senhor, filho de um grande amigo meu, carregar uma peça de fazenda? Absolutamente! Isso é bom prá gente sem importância.
- GUILHERME - Mas... não senhor... eu posso levar. Está bem assim.
- PATHELIN - (APANHANDO A FAZENDA) Não consinto de modo algum. Só assim o senhor virá à minha casa.
- GUILHERME - Mas eu posso ir levando a fazenda.
- PATHELIN - Será que o senhor desconfia de mim?
- GUILHERME - Não, mas acho inconveniente que o senhor ande com fazendas debaixo do braço pela cidade.

- PATHELIN - E o senhor ficaria bem carregando fazendas? Não consentirei nunca em tal coisa.
- GUILHERME - Nada de cerimônias, doutor Pedro, eu posso levar muito bem.
- PATHELIN - Se o senhor não tem confiança em mim, se acha que sou desonesto, é outra coisa. Mas neste caso não lhe faço a injúria de pensar que o senhor me julga de tal maneira.
- GUILHERME - Não julgo, não. Enfim, se não há outro meio...
- PATHELIN - Está claro que não há outro meio. Venha sem falta às seis horas. Posso garantir que o senhor não terá comido em sua vida muitos patos como o que o senhor vai comer em minha casa. Quanto ao vinho, prefiro nem falar. O senhor mesmo o julgará. A propósito, como quer que lhe pague? Em ouro, ou em prata?
- GUILHERME - Prefiro em ouro, se for de bom peso.
- PATHELIN - Meu ouro é antigo. É do tempo do falecido rei.
- GUILHERME - Então não se esqueça de tê-lo à mão quando eu lá chegar.
- PATHELIN - Sim, mas o senhor só receberá depois do jantar. Por Deus, mestre Guilherme, só assim o senhor conhecerá o caminho de minha casa. Seu falecido pai o conhecia muito bem. Nunca deixava de me cumprimentar quando passava. Mas o senhor não se dá com gente pobre... (SAI)
- GUILHERME - (SÓ) Pobre sou eu... eu... O dinheiro que ele vai me pagar ficará bem guardado. Bem diz o ditado que não há um esperto que não encontre outro mais esperto. Ex se advogado, mestre da trapaça, levou por doze soldos um tecido que não vale nem nove...

C E N A I I I

(CASA DE PATHELIN. SALA)

- PATHELIN - (ENTRANDO) Então?
- GUILHERMINA - Então o que?
- PATHELIN - Eu não lhe dizia? Pode jogar fora seu vestido velho.
- GUILHERMINA - Que diabo é isto?
- PATHELIN - (DESDOBRANDO A FAZENDA). Veja e creia.
- GUILHERMINA - Virgem Nossa Senhora! Algum cliente deixou isto como penhor? Você comprou fiado? Meu Deus, quem pagará?
- PATHELIN - Quem pagará? Mas já está paga e bem paga. Posso afirmar a você que o comerciante que ma vendeu não é nenhum tolo.
- GUILHERMINA - Já sei. Você prometeu, mediante uma assinatura ou um juramento, pagar a fazenda dentro de algum tempo. Be-lo trabalho! Quando chegar o termo, como não haverá dinheiro, eles virão e levarão tudo.
- PATHELIN - Deixe estar que não levariam grande coisa... mas não se preocupe, torno a repetir que a fazenda já está paga e que eu nem assinei contrato nem fiz juramento algum.
- GUILHERMINA - Vã enganar a outra. Não se esqueça de que estamos casados já há alguns anos. Conheço você como a palma da minha mão.
- PATHELIN - Não temos tempo a perder, por isso vou lhe contar o caso em duas palavras. Você conhece o mestre Guilherme Côvado? Pois bem, é o comerciante mais avaro e ladrão que já vi, tal qual seu falecido pai. Pois mui

- to bem, eu, com a minha lâbia, abordei-o fazendo mil elogios a um e ao outro, assinalando a semelhança entre ambos, fazendo-lhe tantas cortesias, que quando chegou a hora de me fiar a fazenda, apesar de gemer, não teve coragem de negar.

GUILHERMINA - A eterna história da raposa e do corvo...

PATHELIN - Sem tirar nem por. Enfim, prometi-lhe pagar aqui na hora do jantar, copiosamente regado com um vinho que ainda está nas uvas. E prometi, também, um pato que ainda está no ovo. Agora chegou a sua vez de trabalhar.

GUILHERMINA - Que devo fazer?

PATHELIN - Coisa muito simples. Jurar por todos os santos do céu que há onze meses estou de cama, doente, louco, furioso, fazendo o desespero de todos os médicos. O resto é por minha conta. Você saberá fazer isso?

GUILHERMINA - E muito mais. Não é em vão que sou sua esposa. Chorrarei lágrimas de sangue, hei de convencer o comerciante de que ele está louco ou que viu o diabo.

PATHELIN - Ótimo! Vamos preparar a farsa. Vou deitar-me, porque Guilherme não deve tardar. (SAI)

GUILHERMINA - (SÓ) Valha-me Deus! E Santo Onofre Milagroso, ajudai me nessa empresa, que eu vos prometo dar uma vela de cera... se acaso tiver o dinheiro que ela custa antes de minha morte. (SAI)



C E N A IV

(PRIMEIRO NA RUA, DIANTE DA CASA DE PATHELIN. DEPOIS, NO INTERIOR. SALA. ENTARDECER).

- GUILHERME - (NA RUA). Creio que já está na hora de beber o vinho e comer o pato lã do tal doutor Pathelin! Ah! meu querido dinheiro, até que enfim vou te ver. Meu coração quase para quando me lembro que vendi fiado uma peça de fazenda. Ho! Ho! Dr. Pedro Pathelin.
- GUILHERMINA - Que barulho é esse? Se o senhor tem alguma coisa a dizer, fale baixo.
- GUILHERME - Deus vos guarde, minha senhora.
- GUILHERMINA - Fale baixo.
- GUILHERME - Mas o que há?
- GUILHERMINA - Eu lhe peço, pelo amor de Deus, não grite!
- GUILHERME - Onde está seu marido?
- GUILHERMINA - Meu Deus, onde é que o senhor queria que ele estivesse?
- GUILHERME - O doutor Pedro não está aí?
- GUILHERMINA - Quisera Deus que ele estivesse com bastante saúde para não estar aqui.
- GUILHERME - Mas o que quer dizer isto?
- GUILHERMINA - Coitado do homem... ele está na cama... onze meses de martírio!
- GUILHERME - Quem?
- GUILHERMINA - Desculpe, mas não posso ficar muito tempo. Tenho que voltar para perto do meu doente.
- GUILHERME - Mas quem é o seu doente?



- GUILHERMINA - Quem há de ser senão meu marido?
- GUILHERME - O doutor Pedro Pathelin?
- GUILHERMINA - Não me consta que eu tenha outro marido.
- GUILHERME - Mas não há quinze minutos que ele esteve comigo, e por sinal, me comprou fiado uma peça de fazenda. Vim aqui para receber o dinheiro.
- GUILHERMINA - Que brincadeira mais sem graça! Não se está em hora de diversões.
- GUILHERME - São nove escudos. Quero já o meu dinheiro!
- GUILHERMINA - O senhor está doido? Vá contar suas lorotas a outra, ou se é uma brincadeira, ela está muito fora de hora.
- GUILHERME - Faça o favor de acabar com as suas loucuras e vá chamar o doutor Pedro.
- GUILHERMINA - Diabos levem o senhor! Então é o momento de fazer um homem agonizante sair da cama?
- GUILHERME - Mas não é aqui a casa do doutor Pedro Pathelin?
- GUILHERMINA - Quantas vezes o senhor quer que lhe diga que si. Está louco, vá para o hospício.
- GUILHERME - A senhora me diz para falar baixo e grita mais que um general em manobras...
- GUILHERMINA - É que o senhor me faz perder a paciência.
- GUILHERME - Basta de histórias. Já lhe disse que o doutor Pedro me comprou sete varas de fazenda hoje, agora mesmo.

- GUILHERMINA - Que? O senhor continua na sua loucura? Meu pobre marido há onze meses que está doente, pregado na cama, gemendo de cortar o coração, havia de ter hoje que comprar fazenda na sua loja? Meu Deus! Como o mundo está cheio de gente perversa!
- GUILHERME - Vamos! Meu dinheiro!
- GUILHERMINA - O senhor está bêbado? Só pode ser isso.
- GUILHERME - Bêbado eu? Que desaforo!
- GUILHERMINA - Só um bêbado pode dizer que um homem doente, paralisado pelo sofrimento, saiu para comprar fazenda. Só se fosse uma mortalha!
- GUILHERME - Essa história vai continuar?
- GUILHERMINA - Vamos, fale baixo ou vá embora.
- PATHELIN - (DE DENTRO) Guilhermina, um pouco de água de rosa. Meu Deus, você me deixa sozinho aqui! Água, venha depressa!
- GUILHERMINA - Aí está o que o senhor fez. O pobre homem acordou.
- GUILHERME - Ainda bem.
- PATHELIN - Guilhermina, vem depressa expulsar toda esta gente preta que está aqui fazendo caretas para mim. Socorro!
- PATHELIN - Olha esse frade preto que está voltando. Pegue, peguem! Ponham-lhe uma estola. Para, gato. Meu Deus, como ele voa...
- GUILHERMINA - Veja como ele sofre, coitado!



- GUILHERME - Mas ele caiu doente ao voltar da feira?
- GUILHERMINA - Que feira?!
- GUILHERME - Onde tenho minha loja de fazenda.
- PATHELIN - Ah! é o senhor, doutor João? Chegou a tempo. Seus re
médios me deram tanta cólica que estou que não posso.
- GUILHERME - Que é isso? O senhor não se lembra de mim? Meu dinhei
ro?
- PATHELIN - Eu não tomo mais nenhum remédio que o senhor me recei
tar. Além de serem amargos como fel, fazem uma tal
revolta no meu ventre que parece que tenho um exérci-
to na barriga.
- GUILHERME - Que é isso? Sou eu quem está louco ou é o senhor?
Mas, o meu dinheiro, onde está?
- PATHELIN - Corram, corram! Aí vêm eles, socorro! Eles estão me
matando...
- GUILHERMINA - Coitadinho, em que estado está.
- GUILHERME - Não sei o que diga, nem o que pense. Foi ele que
veio à minha loja? Foi outro? Só se fosse o diabo.
Vamos, minha senhora, diga-me, a senhora não tem um
pato cozinhando?
- GUILHERMINA - Ora veja, que pergunta! Havia eu de ter um pato co-
zinhando, quando meu marido está neste estado? Mes-
tre Guilherme, procure um médico, o senhor não está
bom da cabeça.



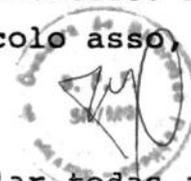
- GUILHERME - É possível, é possível, a senhora me estonteou tanto que já nem sei onde estou! Foi ele? Não sei, meu Deus! Ah! meu rico dinheiro! Que pesadelo! Enfim, creio que não há mais nada a fazer... Adeus... Será possível? (SAI)
- PATHELIN - Ele já foi?
- GUILHERMINA - Psiu! Ele está perto. Rosna mais que um velho cão de caça. Parece que está sonhando acordado.
- PATHELIN - Quero me levantar.
- GUILHERMINA - Espere um pouco, ele pode ouvir.
- PATHELIN - Ele, tão desconfiado, acabou caindo como um patinho.
- GUILHERMINA - É para descontar o que ele rouba dos outros. O homem só falava de pato, sem perceber que ele era um, e de que tamanho!
- PATHELIN - Não ria assim, ele pode escutar.
- GUILHERMINA - Não posso me conter quando me lembro da cara dele. Enfim, consegui pô-lo para fora daqui.
- PATHELIN - Silêncio, que ele pode voltar...
- GUILHERME - (NA RUA) Será possível que eu tenha sido enganado por um advogado de água doce? Um João-ninguém? Não! Volto lá e hei de arrancar o meu dinheiro custe o que custar. Vejam só, a tal mulher dele está rindo... Esperem aí. Estou muito grosso para pávio.
- GUILHERMINA - Meu Deus, ele me ouviu. Está voltando. Depressa, vá se deitar.
- GUILHERME - Ho, ho, abram a porta.
- GUILHERMINA - Que gritaria!



- GUILHERME - A senhora está rindo, ou pensa que não ouvi?
- GUILHERMINA - Tenho muito motivo para rir, na verdade.
- GUILHERME - Meu dinheiro. Exijo o meu dinheiro.
- GUILHERMINA - Lá vem o senhor com sua história. É para me divertir? Escolheu muito mal o momento. Meu marido já me dá bastante diversão de um outro gênero. Ele canta, chora, ri, dança, fala em línguas diferentes, de maneira que choro e rio ao mesmo tempo.
- GUILHERME - Não tenho nada que a faça rir ou chorar, o que eu quero é ser pago, ouviu?
- GUILHERMINA - O senhor continua com sua extravagância?
- GUILHERME - Não estou habituado a ser pago com palavras. A senhora pensa que tomo gato por lebre?
- PATHELIN - Vamos, rápido! De pé. A rainha das guitarras deu a luz vinte e quatro guitarrinhas. Ela está aí, façam na entrar. Ela vem me convidar para o batismo. Quero ser seu compadre.
- GUILHERMINA - Ah, pense em sua alma, meu bem. Deixe em paz as guitarras.
- GUILHERME - Que contadores de sandices são esses dois. Vamos, meu dinheiro em ouro ou prata.
- GUILHERMINA - Será possível que o senhor ainda não se convenceu do seu engano?
- GUILHERME - A senhora já pensou, bela dama, o que significa tudo isso? Nunca fui enganado. Mas, palavra de honra, ou a fazenda será paga ou restituída ou então a senhora e seu marido serão enforcados. Juro por Deus!

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 496

- GUILHERMINA - Que coragem, atormentar assim um doente! Estou vendo, vendo bem pelos seus modos que o senhor está fora do seu juízo. Valha-me Deus! Não bastava meu marido.
- GUILHERME - Que raiva que tenho de perder assim o meu dinheiro...
- GUILHERMINA - Que loucura! Faça o sinal da cruz. O senhor deve estar com uma legião de demônios avarentos no corpo. Abrenúncio!
- GUILHERME - Quero ser esquartejado se tornar a vender fazenda fiado em minha vida.
- PATHELIN - Madre de Dios, por mi fê, quiero irme. Que me quieres niña? Venga. Vote monstro. Quie-dinero? No lo tengo, no lo tengo...
- GUILHERMINA - Ele tem um tio espanhol, que era irmão do filho da tia-avó dele, por isso ele fala espanhol...
- GUILHERME - Ele veio de mansinho e carregou a peça debaixo do braço. Será possível?
- PATHELIN - Kome hier, komme hier. Ach! Was ist das? Mein Gott! Wie ist hart dieser Kaufmann!
- GUILHERME - Mas como ele fala tantas línguas, meu Deus...
- GUILHERMINA - Sua mãe era sobrinha de um neto de alemão. É por esta razão que ele fala essa língua...
- PATHELIN - Ho, Signore mio, que me vol cose mercatore? Argento? Non abiamo noi, e si volio uno piccolo asso, lo daré, stupido huomo!
- GUILHERME - Que é isso? Deu-lhe na teima de falar todas as línguas do mundo? Se ao menos ele me desse meu dinheiro eu ia embora.



- GUILHERMINA - Que homem o senhor é! Já se viu maior maldade? Quando há de se convencer da verdade?
- PATHELIN - If you please, sir, what will you? Money? I don't . Get out... get out... Oh, God... oh, God!
- GUILHERME - Que língua renegada. Será possível que ele não se cale?
- GUILHERMINA - O avô do irmão do cunhado dele era inglês e lhe ensinou a falar a língua.
- GUILHERME - Minha Nossa Senhora, estarei sonhando? Foi ele ou foi outro que foi à minha loja, ou foi o demo por ele? Juraria que foi ele quem esteve comigo há meia hora... estou tonto... não sei o que pense...
- PATHELIN - Et bona dies sit vobis - Magister amantissime, Pater reverendissime. Quomode bralis, quae nova? Parisius non sunt ova.
- GUILHERMINA - Meu Deus, ele está falando latim, é sinal próximo da morte. Que os anjos e serafins da corte celeste o assistam...
- GUILHERME - Mas que será isso, meu Deus?! Ele vai morrer falando, não há sombra de dúvida, ele está muito mal. Pobre homem. É melhor que eu me vá, ele pode dizer segredos que eu não deva ouvir. Certamente não foi ele quem me tirou a fazenda. Deus vos guarde, bela dama. Desculpe-me pelo incômodo. Mas jurava que era ele quem tinha me comprado a fazenda fiado...
- GUILHERMINA - Adeus, que os anjos o acompanhem. Reze por mim. O senhor bem vê em que sofrimento estou. (GUILHERME SAI). Então, sou ou não sou uma digna esposa? Meu Deus, como conseguimos enganá-lo...

PATHELIN - Ele saiu resmungando, estonteado, jurando ter visto o diabo em meu lugar. Bom proveito lhe faça.

GUILHERMINA - Hã-hã-hã! (ENTRA E VIRA-SE MEIO CONFUSA PARA PATHELIN) Você não acha que o que nós fizemos foi muito feio?

PATHELIN - (EMBARAÇADO) Bem... eu... Ora, ladrão que rouba ladrão ...

C E N A V

GUILHERME - (SÓ) Foi sem dúvida o diabo que veio me tentar na forma daquele advogado. Antes tenha a minha fazenda do que a minha alma. Afinal é bem verdade que quem faz a Deus, paga ao diabo. Meus pobres lucros, já se foram em boa parte. Enfim, seja tudo pelo amor de Deus.

TEOBALDO - (ENTRANDO) Deus vos guarde, mestre Guilherme.

GUILHERME - Como, seu canalha, você tem coragem de aparecer na minha frente?

TEOBALDO - Mas o que há, meu bondoso patrão?

GUILHERME - Como? Você me mata os carneiros, come a carne, vende a lã e ainda tem a petulância de aparecer na minha frente?

TEOBALDO - Por que não, patrão? Eu sei que o senhor é o melhor dos homens.

GUILHERME - Chega! Só falarei contigo diante do juiz. (SAI)



- TEOBALDO - (SÓ) Estou bem arranjado. Desta vez o negócio é sério. Tenho que arranjar um advogado. Me disseram que por aqui há um. Se não me engano é essa a casa...
Ó de dentro...
- PATHELIN - (DE DENTRO) Quem é?
- TEOBALDO - Deus o guarde, meu senhor. O senhor não é advogado?
- PATHELIN - Sim, e você com isso?
- TEOBALDO - (HUMILDE) É que queria consultá-lo sobre um caso muito grava...
- PATHELIN - Bem... Vejamos...
- TEOBALDO - Eu recebi hoje, por um homem de roupa riscada, a ordem de comparecer diante do juiz.
- PATHELIN - Iiii... O negócio é mau. Que foi que você fez?
- TEOBALDO - Nada de mais... Meu patrão é um miserável sovina...
- Pathelin - Bem, bem, bem... isto não vem ao caso. Diga sem mentir o que fez.
- TEOBALDO - Eu andei matando uns carneirinhos... coisa sem importância...
- PATHELIN - O negócio é grave. Roubo, extorsão, dolo. Estás mal parado.
- TEOBALDO - Meu Deus, e eu que não pensei fazer mal algum...
- PATHELIN - Me responde. Você tem dinheiro para pagar o advogado que o defender?
- TEOBALDO - Tenho sim, uns escudos de ouro, daqueles que têm uma coroa marcada.

PATHELIN - Ah, então sua causa é boa. É ótima mesmo... Vou lhe ensinar um excelente meio para sua defesa. Venha cá. Você (COCHICHANDO) Dzz... entendeu?

TEOBALDO - Não é difícil. Farei exatamente o que o senhor está mandando.

PATHELIN - Então fique tranqüilo. Garanto o bom resultado do seu processo. (OLHANDO EM TORNO) Agora vá-se embora. Não convém que vejam você comigo. (TEOBALDO SAI) Alguma coisa há de vir. Esse pastor não me parece tão inocente como se faz, mas enfim... se ele não tem escudos de ouro, alguma coisa há de ter. E na situação em que estou, tudo que cai na rede é peixe.

C E N A VI

O TRIBUNAL

ENTRAM PRIMEIRO O JUIZ E ESCRIVÃO, QUE TOMAM SEUS LUGARES. A SEGUIR GUILHERME E, POR FIM, PATHELIN, SEGUIDO DO PASTOR.

PATHELIN - Deus vos dê toda a felicidade que o vosso coração deseja, senhor juiz.

JUIZ - Seja bemvindo, doutor. Tome seu lugar.

PATHELIN - Salvo vosso respeito, estou bem aqui.

JUIZ - Se há alguma causa a debater, vamos depressa com ela para que possa levantar a sessão.

GUILHERME - Meu advogado vem já. Ele está acabando um negócio rápido. Peço o favor de esperar um pouquinho.

JUIZ - Não pode ser. Tenho outras causas para ouvir. Se a parte contrária está presente, exponha o caso rapidamente. O senhor não é o queixoso?

- GUILHERME - Sim senhor.
- JUIZ - Quem é o defensor do réu? Está presente?
- GUILHERME - Sim, ei-lo que não diz uma palavra, só Deus sabe o que pensa.
- JUIZ - Já que todos estão presentes, comecemos logo.
- GUILHERME - Eis minha queixa: eduquei por caridade este pastor aqui presente e quando o julguei bastante forte, mandei-o para o campo para pascentar meus rebanhos. Juuro por Deus, senhor Juiz, que é tão verdade como estar o senhor sentado nessa cadeira e esse miserável, abusando da minha confiança, fez tal mortifínio entre os meus carneiros que...
- JUIZ - Vejamos, ele era seu empregado? O senhor lhe pagava ordenado?
- PATHELIN - Qual nada, senhor juiz, o pobre pastor não recebia vintém.
- GUILHERME - (RECONHECENDO PATHELIN) Seja eu hereje se não for ê le. Não há erro possível! (PATHELIN TAPA O ROSTO COM A MÃO).
- JUIZ - Por que o senhor levanta assim a mão, doutor Pathe-
lin? Está com dor de dentes?
- PATHELIN - Sim, nunca tive uma dor igual. Mas... continuemos o debate.
- JUIZ - (A GUILHERME) Vamos, continue, acabe depressa.
- GUILHERME - É ele, não há dúvida, foi a ele que vendi sete varas de fazenda.

- JUIZ - Por que o senhor fala de fazenda?
- PATHELIN - Ele delira, senhor juiz, porque não sabe concluir. Naturalmente ensinaram-lhe a lição para recitar diante do tribunal e ele se esqueceu; por isso vai dando por paus e por pedras.
- GUILHERME - Seja eu enforcado, se foi a outro que vendi minha fazenda de Ruão.
- PATHELIN - Onde esse malvado vai buscar estas invenções para aumentar a culpa do pastor que é sua vítima? Ele quer dizer, eu compreendo muito bem, que o pastor vendeu a lã de que foi feita minha roupa. Vejam que maldade! Não basta a acusação mentirosa de que o pastor lhe roubou só os carneiros, é preciso acusá-lo de ter roubado uma fazenda que comprei há mais de três anos!
- GUILHERME - Deus me dê febres quartãs se o senhor não tem o meu tecido.
- JUIZ - Calma! Onde estamos nós? O senhor não sabe o que diz. Volte à sua causa sem fazer o tribunal perder tempo com suas asneiras.
- PATHELIN - (RINDO) Estou louco de dor de dentes e não posso deixar de rir. Ele está tão embaraçado que não sabe mais o que dizer. Senhor juiz, é preciso lembrar-lhe onde ele estava.
- JUIZ - Vamos, volte aos seus carneiros. O que aconteceu?
- GUILHERME - Ele comprou sete varas a nove escudos.
- JUIZ - Estamos todos loucos? Onde o senhor pensa que está?

- PATHELIN - Senhor juiz, esse homem toma V.Exa., com perdão, da palavra, por um tolo. A julgar pelo seu exterior, no entanto, parece um homem de bem. Proponho que se interroge o acusado.
- JUIZ - O senhor tem razão. Ele deve conhece-lo, pois o queixoso é seu patrão. Adiante-se. Fale.
- TEOBALDO - Beê!
- JUIZ - Está aí um outro caso. O que quer dizer bê? Eu sou por acaso cabra ou bode? Vamos, fale direito.
- TEOBALDO - Bê!
- JUIZ - Você está caçoando de mim?
- PATHELIN - Pobrezinho! Não, senhor juiz, jamais ele faria isso. E porque ele é um atoleimado pelos maus tratos do patrão.
- GUILHERME - Quero ser apedrejado se não foi ao senhor que vendi minha fazenda! (AO JUIZ) V. Exa. não sabe com que malícia...
- JUIZ - Cale-se! O senhor está louco? Deixe de parte o fato acessório e venha ao fato principal.
- GUILHERME - Está bem, juro não tocar mais no caso da fazenda. Mas o caso me faz enraivecê... porém meus lábios não se abrirão mais sobre esta questão. Por hoje ao menos, porque isso não ficará assim. Eis, portanto, o caso do pastor: eu dizia que ele guardava sete varas de fazenda, quer dizer, meus rebanhos, perdão, foi um engano. Esse senhor pastor, quando devia estar nos campos, disse-me que eu teria em pagamento escudos de ouro... não, quero dizer que quando ele começou a guardar os meus rebanhos, prometeu-me um excelente jantar com pato... mas o



- que estou dizendo? Desculpe-me, senhor juiz, queria dizer que esse patife do pastor jurou-me guardar sem traição nem dolo os meus carneiros. Pois bem, ele os matava sem piedade e agora nega tudo: dinheiro e fazenda. Ah! doutor Pedro, isso não se faz! Sim, se nhor juiz, este canalha de pastor matava-me sem temor de Deus todos os carneiros; quando ele se pilhou com a peça de fazenda debaixo do braço, disse-me que fosse à sua casa.

JUIZ

- Cale-se! Cale-se! Basta de asneiras, sua queixa não tem rima nem razão. O senhor é um louco. Ora vejam: só fala de carneiros, depois emenda com fazenda, com pato, com jantar, com escudos de ouro... Qual! Só mesmo um louco. Isto aqui não é manicômio.

PATHELIN

- Naturalmente é porque ele tem a consciência pesada de não pagar ao pobre pastor e ainda por cima inventar um processo ao coitado.

GUILHERME

- O senhor faria bem em calar-se, ouviu? Minha fazenda, onde está ela? Não é o senhor que a tem?

JUIZ

- O que é que o doutor Pedro tem?

GUILHERME

- Nada, senhor juiz. Isso não vem ao caso. O que eu posso afirmar é que o doutor Pedro é o maior trapaceiro, mas isso fica para outra vez; trata-se agora dos meus carneiros.

JUIZ

- Vamos, trate de lembrar-se bem dos fatos e conclua logo.

GUILHERME

- Estou confuso, senhor juiz, peço-vos que interroguéis novamente esse patife. Vejamos o que ele tem para dizer. Ele bem que sabe falar...

JUIZ

- (IRRITADO) Mas...



- PATHELIN - O pobre pastor não pode falar por si mesmo, nem saberá responder às acusações que lhe foram feitas. Se V. Excelência permitir, eu falarei por ele.
- JUIZ - O senhor quer assisti-lo? Creio que só terá aborrecimentos sem proveito nenhum.
- PATHELIN - Nem quero ter lucro. Tenho pena de ver um pobrezi - nho sem defesa, exposto às malévolas acusações de um perverso. Quando se é honesto, o lucro não interessa. Com permissão de V. Excelência, vou interrogar o acusado. Aproxima-se, meu amigo. Você me entende? Vamos, fale!
- TEOBALDO - Béé!
- PATHELIN - O que é? Explique-se melhor.
- TEOBALDO - Béé!
- PATHELIN - Sempre a mesma coisa. Você não está vendo que os seus interesses estão em jogo? Responda direito.
- TEOBALDO - Béé!
- PATHELIN - Diga ao menos sim ou não. Não me entende? (BAIXO) Muito bem, continue a dizer isto...
- TEOBALDO - Béé!
- PATHELIN - Não há nada a fazer. O pobrezinho é idiota mesmo. Veja V. Excelência, senhor juiz, até que ponto pode ir a maldade humana. Esse homem tem coragem de trazer perante este tribunal respeitável um pobre idiot ta, vítima de seus maus tratos, para acusá-lo de um crime que o coitado nunca poderia ter cometido, e

- isto porque não quer lhe pagar o salário de anos de trabalho. Ele, que devia ser o réu, traz ao banco dos culpados um inocente, como ave de rapina que não quer soltar a presa por nada. (A GUILHERME) Mas tu te enganas, homem perverso! O juiz, diante de quem estás, jamais se deixará enganar pelos malvados. Sua alta inteligência, seu profundo saber, já descobriram na incoerência de tua queixa, como na idiotice do pastor, onde está a verdade...

JUIZ - O senhor tem razão. Este pastor é um débil mental. Não pode, portanto, responder a processo. Aumentis non suht subjectis juris.

GUILHERME - Juro que V.Excelência se engana. Juro que esse patife tem mais bom-senso do que eu.

PATHELIN - Sô esta reflexão mostra bem o que é o queixoso. Diante de um tribunal que reconhece a debilidade mental do pobre pastor, ele ousa proclamar o perfeito juízo do acusado. Senhor juiz, para evitar delongas inéptas, mande embora o pastor.

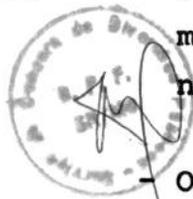
JUIZ - Sim, é o que resta a fazer.

GUILHERME - Ele será absolvido sem que eu tenha pleiteado?

JUIZ - Por que não? Se o senhor, além de louco, não diz coisa com coisa, e ele é um enfermo mental?

GUILHERME - Suplico a V.Excelência que me deixe ao menos expor minhas conclusões. Juro-lhe que em tudo que disse não houve mentira nem desejo de caçoada.

JUIZ - O que prova que o senhor é realmente louco, e eu não estou aqui para perder tempo com loucos.



- GUILHERME - E eles vão se embora ~~sem~~ que eu seja ouvido?
- JUIZ - O senhor não acha que já fez o tribunal perder muito tempo?
- GUILHERME - Que a causa seja ao menos adiada...
- JUIZ - Adiada? Para que? O senhor é um louco e esse rapaz um doente. Com tal gente é impossível um processo.
- PATHELIN - V. Excelência diz bem. Não é possível lidar-se com tais pessoas, por isso peço a quitação do meu cliente.
- JUIZ - Com toda razão. (A TEOBALDO) Vã, você está livre , o tribunal reconhece sua inocência. Não se preocupe mais com as calúnias levantadas contra sua pessoa, não volte nem que um oficial de justiça vá intimá-lo.
- GUILHERME - Mas isto não pode ser, senhor juiz! Esse pastor é um tratante, um ladrão... Eu posso...
- PATHELIN - O senhor persiste na sua loucura?
- GUILHERME - O senhor devia ter vergonha e **não** falar mis comigo, ouviu? Minha fazenda, onde está ela?
- JUIZ - Vamos, eu tenho mais que fazer do que estar ouvindo loucuras... Doutor Pedro, o senhor quer jantar comigo?
- GUILHERME - Jantar?
- PATHELIN - Agradeço-lhe muito, mas os meus dentes...
- JUIZ - É verdade, eu já havia me esquecido. Deus vos guarde. (SAI)



- GUILHERME - Ah, doutor Pedro, que o diabo me leve se o senhor não é o maior trapaceiro do mundo! Então... minha fazenda, meu dinheiro, sua doença?
- PATHELIN - Sempre a mesma coisa. O senhor devia mudar de nota, porque esta já está monótona. Eu doente. Esta é grande!
- GUILHERME - Não está doente? Espere aí, vou já à tua casa...
(SAI)
- PATHELIN - É isso, vá ver se eu estou doente. (A TEOBALDO)
Então, Teobaldo, teve ou não teve sucesso a minha idéia?
- TEOBALDO - Bêé!
- PATHELIN - Vamos, fale direito. Já acabou a farsa.
- TEOBALDO - Bêé!
- PATHELIN - Já lhe disse que fale direito. Vamos, meu pagamento.
- TEOBALDO - Bêé!
- PATHELIN - Que é isso? Você quer me burlar, a mim, o homem mais esperto desta cidade? Vamos, meu dinheiro, já, senão vou buscar um soldado.
- TEOBALDO - Bêé!
- PATHELIN - Não tirarei nada. Será possível que eu tenha caído no meu próprio ardil? E que um camponês, uma criança, uma raposinha engana uma velha raposa matreira? Espere um pouco, miserável, eu vou buscar quem faça você falar. Olá, soldado! Olá, soldado! (SAI)

TEOBALDO - Se ele me agarrar, consinto em ser preso.

PATHELIN - (VOLTANDO) O que?

TEOBALDO - Bée!

- P A N O -





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/MG
 DPF-2/JUIZ DE FORA/MG
 SETOR DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER Nº 293 / 85

01 - TÍTULO: A FARSA DO ADVOGADO PATELIN

AUTOR : Um anônimo

TRADUTOR: Luiz Hasselmann

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

02 - ENREDO: Após trapacear o comerciante Guilherme, usando de muita astúcia, extorquindo-lhe uma peça de fazenda, motivado pela precária situação financeira em que se encontrava, o advogado Pathelin foi, posteriormente, também enganado por um pastor de ovelhas, a quem arditosamente defendera contra as acusações daquele comerciante.

03- CONSIDERAÇÕES: Trata-se de comédia, mostrando a esperteza e a astúcia de pessoas que, mesmo enganando até autoridades, acabam por cair no próprio ardil. Sua linguagem é clara e simples, isenta de termos chulos ou vulgares, sendo, portanto, destinada a qualquer público.

04 - PARECER: Pelo exposto, somos favoráveis à liberação da peça, com a chancela LIVRE, condicionada, entretanto, à apreciação do ensaio geral.

Juiz de Fora, 19 de dezembro de 1985.

João Zimmermann
 João Zimmermann
 Censora Federal - Mat. 022.742

Martins Spitalo de Queiroz
 Martins Spitalo de Queiroz
 Censora Federal - Mat. 2.416.893
 Chefe da S. de Fiscalização

Helena Isabel Augusto dos Santos
 Helena Isabel Augusto dos Santos,
 Censora Federal
 Mat. 022.948



PROCESSO Nº 3074/85-SCDP/SR/MG

I - De acordo com o parecer nº 293/85 - Classificação: L I V R E. Condicionada à realização do ensaio geral;

II - Informar ao requerente do exame prévio do texto, através ofício, a decisão supra, tendo em vista a orientação contida no OF. nº 1.533/85-DCDP;

III - Aguardar o relatório do ensaio geral, para expedição do certificado censório e encaminhamento do processo à DCDP.

B. Hte., 23 de dezembro de 1985

Bel. Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

I - De acordo com o relatório do ensaio geral - Classificação: LIVRE;

II - Emitir certificado censório, anexando a Portaria nº 08/85-DCDP.

B. Hte., 06 de janeiro de 1985

Bel. Antonio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

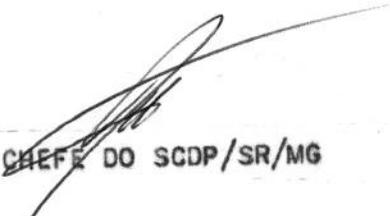
Ofício nº 238 - SCDP / SR / MGEm: **23 DE DEZEMBRO DE 1985**

Informamo-lhe que a peça teatral "A FARSA DO
ADVOGADO PATELIN" de AUTOR DESCONHECIDO cuja
 análise nos foi requerida por V. Sa. com vistas à encenação pelo grupo de teatro
ESTAÇÃO ARTE, recebeu a seguinte classifica
 ção: LIVRE

Lembramos que a expedição do CERTIFICADO DE CENSURA,
 far-se-á após a consumação da segunda fase do exame prévio, ou seja, do ensaio ge
 ral, quando se confirmará a classificação oficial.

O ensaio geral deverá ser realizado de acordo com as
 determinações legais, sobretudo quanto a cenário, iluminação e indumentária do
 elenco, que deverão estar em consonância com as posteriores apresentações do espe
 táculo ao público. Portanto, no momento em que estiver habilitado a fazer a exhibi
 ção prévia aos censores, V. Sa. deverá requerê-la neste serviço.

Atenciosamente,


 CHEFE DO SCDP/SR/MG



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

MINISTÉRIO DA JUSTIÇADEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERALSUPERINTENDÊNCIA REGIONAL/MGDPF-2/JUIZ DE FORA/MGSETOR DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

RELATÓRIO DE ENSAIO GERAL DE PEÇA TEATRAL 134 / 85TÍTULO: A FARSA DO ADVOGADO PATHELINAUTOR : DesconhecidoGÊNERO: ComédiaDIREÇÃO: Sérgio Roberto Silva LessaFIGURINO: Eduardo Pereira de Aquino APOIO: Sônia Maria Leite FonsecaSONOPLASTIA E COREOGRAFIA: Sérgio Roberto Silva LessaILUMINAÇÃO: Sérgio Roberto Silva Lessa e Antônio Maurício de OliveiraELENCO: Marcus Vinícius Amaral Pedroso, Anete Ribeiro da Gama, José Alencar dos Santos, Marcos Antônio de Paula, José Geraldo Ferreira.LOCAL: Superintendência Regional da Rede Ferroviária Federal - Avenida Brasil - Juiz de Fora/MGDATA: 19/12/85HORÁRIO: 17 horasPRODUÇÃO: Grupo de Teatro Estação ArteRESPONSÁVEL: Sérgio Roberto Silva LessaCLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: LIVRE

Com o exame do ensaio geral da peça teatral "A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN", de autor desconhecido, constatamos que o seu texto foi fielmente seguido.

Palco todo revestido de preto, tendo na lateral direita um cabide destinado ao vestuário utilizado, constituía o cenário, que ia sofrendo, durante a apresentação, ligeiras modificações com efeitos luminosos.

O figurino remontou à Idade Média, com roupas longas e bufantes.

Luzes multicores, em resistência crescente e decrescente, compunham a iluminação.

Cont...

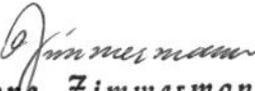
Danças ritmadas e típicas de diversos países, acompanhadas por músicas sugestivas e variadas, compunham a coreografia.

A iluminação e a sonoplastia foram utilizadas para a marcação.

CONSIDERAÇÕES: Trata-se de comédia, sem inconveniente de ordem censória, destinando-se, portanto, a qualquer público.

PARECER: Pelo exposto, confirmamos a impropriedade sugerida por ocasião do exame do texto, isto é, CHANCELA LIVRE.

Juiz de Fora, 31 de dezembro de 1985.


Ivone Zimmermann
Censora Federal - Mat. 022.742



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, P-515

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL



CENSURA FEDERAL TEATRO

Certificado Nº 01/86-SCDP/SR/MG

PEÇA " A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN "

ORIGINAL DE AUTOR DESCONHECIDO

APROVADO PELA D.C.D.P.
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 06 de JANEIRO de 19 91

~~XXXXXXXX~~ B. HTE. 06 de JANEIRO de 19 86

LIVRE

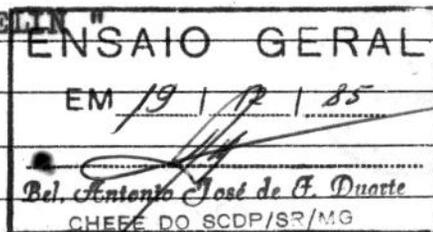
Bel. Antônio José de F. Duarte
CHEFE DO SCDP/SR/MG

P/ Diretor da DCDP

M.J-D.P.F

CERTIFICADO DA D.C.D.P

Certifico constar no arquivo de registro de peças teatrais deste Serviço, o assentamento da peça intitulada " A FARSA DO ADVOGADO PATHELLIN "



Original de AUTOR DESCONHECIDO

Tradução de _____

Adaptação de _____

Produção de GRUPO DE TEATRO ESTAÇÃO ARTE JUIZ DE FORA

Requerida por SÉRGIO ROBERTO SILVA LESSA

Tendo sido censurada em 06 de JANEIRO de 19 86 e recebido

a seguinte classificação: LIVRE

**OBS. O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO
TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBADO.**

B. HTE.

~~RECEBIM~~, 06 de JANEIRO de 19 86

Bel. Duarte

P/ Chefe do Serviço de Censura

TÍTULO " A FARSA DO ADVOGADO PATELIN "

AUTOR DA PEÇA: " ANÔNIMO "

TRADUÇÃO: " LUIZ HASSELMANN "

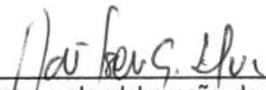
1) ARQUIVO

Clas. Anterior " L I V R E "

Praça " SCDP/SR/MG "

Obs.:

DF. 09 / JAN. / DE / 1986


Resp. pela elaboração do Processo
ADILSON

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / ____

DF. ____ / ____ / ____

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em de de 1.9

3) CHEFE DA S.C.T.C.

*Em ordem;
Encaminhe-se ao Arquivo.
Bsb, 10/01/86*


Luiz Pedro de Souza
CF - Mat. 2.407.803
Chefe - Substituto da SCTC/DCDP

Brasília-DF de de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0353 p.518

DEP. DE POLICIA FEDERAL
DIVISAO DE TELECOMUNICACOES
SC-CMG

28 ABR 09 36 8 000000

13657
DCDP

ENCAMINHADO A
RUBRICA

DE RIO 3647 21 27/1612

DCDP/BSA

RD NR 92/88 SCDP/SR/DPF/RJ 270488 SOL INFO OQC PEÇA TEATRAL 'A
FARSA DO ADVOGADO PATELLIN' VG AUTOR MEDIEVAL ANONIMO VG TRADU
SAO ISABELA REINERT THOME PT

SR/RJ

NNNNN

TR POR LA *

611461DPFEB BR

2122433DPFE BR

M. T. ...



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PARA USO DA ESTAÇÃO

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES

Nº

3 AB 1100 8 000000

ENCAMINHADO A
RUBRICA

POSIÇÃO: *[assinatura]*

QUITTAÇÃO

HRS:

OPR:

PRÉAMBULO

Espécie: OFICIAL

Número..... Data:.....

Origem.....

Palavras..... Hora:.....

ENDEREÇO

SCDP/SR/RJO/RJ

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 138/DCDP de 03 - 05 - 88 — RERA NRS 092 VG 093 ET 094 DT 270488
VG INFO PEÇAS "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN" AUT DESCONHECIDO VG
TRAD LUIZ HASSELMANN VG CLASS LIVRE CERT VAL 060191 PTVG "A VERDA-
DEIRA HISTORIA DA GATA BORRALHEIRA" CLASS LIVRE C/CORTES VG CERT
VENC 260781PT NADA CONSTA "LINGUIÇA DE SAPO" PT

DCDP

Assinatura ou rubrica do expedidor. *Wlma Helena Siqueira Domingos*

Chefe do SC - DCDP

DPF-84

RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços

SERPRO	 DPF/MJ DIV. DE CENSURA DIVERSOES PUB.
	NUMERO DE IDENTIFICACAO --- SENAPRO --- 08202.009978/88-23

- 1 JUN 09 05 000000

DCBP, 23 / 5 / 1988

OFICIO Nº 319/88

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas
 Ao: Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas
 Assunto: Encaminhamento (faz)
 Ref. prot. 01333/88 - 22.04.88 - NITERÓI

Encaminho a V.Sa. cópias do Certificado Definitivo, texto e pareceres da peça teatral _____
 "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN"
 de _____
 UM MEDIEVAL FRANCÊS ANÔNIMO
 TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DE ISABELLA REINERT THOMÉ
 foi requerida por _____
 WANIA ROCHA FEITOSA

Atenciosamente,

[Handwritten Signature]
 DIRETOR DO SERPRO DPF/MJ
 MAT. 1029

mfl/

Sn.

ILM^o SR. DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

PROT. 01333
22.04.88

Tel: 261-4915

Wania Rocha Furtado

Requerente

Brasileira

Nacionalidade

Atriz

Profissão

Carteira de Identidade

05971363-6

IFP

N^o e Órgão Expedidor

residente e domiciliado à

Rua Torres Sobrinho 63/406

Meir

vem, mui respeitosamente, requerer a V.S^a que se digne mandar examinar,
de conformidade com as normas censórias vigentes, a (s) Peça

Espécie

abaixo relacionada (s) de autoria de:

Medieval Francis Austrius

trad e adpt. Isabella Reinert Thome

Títulos

A Fome dos Advogados Pathelin

Nestes Termos,
Pede deferimento.

Rio, 22-04-88

Local e data

Wania Rocha Furtado

Requerente

Anexos:

1 - EMPRESA OU GRUPO (Se houver)

Nome: Amacós Travunias
 _____ CGC: 29260098/0001-06
 Sede: Rua Pereira do Silva 421/405
Ranauínas CEP: 22224
 Diretor ou Responsável: Walter Moreira Leite

2 - DADOS DO AUTOR

Nome: Medieval Cruzmundo
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____

 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data de nasc.: _____ Identificação: _____
 _____ Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 _____ CEP: _____

3 - PARCERIA

Nome: _____
 Pseudônimo: _____ Filiação: _____

 Nacionalidade: _____ Naturalidade: _____
 Data de nasc.: _____ Identificação: _____
 _____ Estado Civil: _____
 Profissão: _____
 Endereço: _____
 _____ CEP: _____

Declaro que a matéria a ser examinada nunca foi submetida à apreciação dessa DCDP (excetuando os pedidos de renovação de Certificado ou do confronto do texto), assumindo, in teira responsabilidade pelas informações aqui prestadas.

Data: 22-04-88
 Ass.: Walter Moreira Leite



Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920
 Filhada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores
 Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO
 Rio de Janeiro — Brasil

Rio de Janeiro, 22 de abril d de 19 88.

Ilmo. Sr.

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V.Sa. para fins de CENSURA, três cópias da peça

"A FARSA DO ADVOGADO PATELIN"

Original de **Autor Medieval Anônimo.**

Tradução de **Isabella Reinert Thomé**

Próxima apresentação de

Teatro **diversos.**

Cidade **diversas**

Estado **diversos.**

A estréia está prevista para **23 de abril de 1988.**

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida consideração.

Pela SBAT,



"A FÁRSA DO ADVOGADO PATHELIN"

de autor francês medieval anônimo,
tradução e adaptação - Isabella Reinert THOMÉ

Retirada do Livro "Le Theatre Comique Au Moyen Age" - Choix de Pièces
Classiques Larousse

Fondés par Félix Guirand

Dirigés par Léon Lejealle

Librairie Larousse - Paris VI

Traductions - Jean Frappier / A.F. Gossart

PERSONAGENS :

PATHELIN - advogado, astucioso, malandro

GUILHERMINA - mulher dele, astuciosa também

GENARDO - comerciante ingênuo

TEOBALDO - pastor, simpático

UM JUÍZ - autoritário

CENÁRIOS :

No teatro medieval os cenários são simultâneos, isto é: todos os locais de ação eram justapostos. Portanto a estilização é aconselhável. Pode ser feito com retouca escura e elementos mutáveis de acordo com os elementos da peça.

CENA I

PATHELIN - Por Deus, Guilhermina. Por mais que dê tratos à bola, não consigo arranjar um meio de ganhar um vintém. Houve tempo, no entanto, em que não faltavam clientes nem belos escudos.

GUILHERMINA - Pois é, esse tempo já vai longe... Para mim a advocacia é a pior profissão do mundo. Um dia bem, um dia bem, um dia mal, ora enganando, ora enganado... (debochada).

PATHELIN - Posso jurar que não há nesta cidade melhor advogado do que eu. Ninguém conhece como eu as correntes, as rolas, os pedregulhos e os pedregulhos. Ninguém é mais esperto do que eu. Ninguém sabe mais de direito do que eu. E sou conhecido por todos.



PATHELIN - Não confunda o nome e nem as coisa, Guilhermina, eu sou simplesmente hábil.

GUILHERMINA - Bela habilidade...enfim tudo no mundo pode ter dois nomes, não é ?

PATHELIN - Isso não vem ao caso. O que precisamos é encontrar um meio de ganhar dinheiro, veja em que estado estão o seu vestido e a minha roupa. Até parece que estamos vestidos de gase, como esses anjinhos de procissão, que decadência.

GUILHERMINA - É verdade, Pathelin, é verdade. Cada vez que sento ou encosto, tenho medo de deixar colado um pedaço do meu vestido, mas no dia que isso acontecer, só me retará um recurso: me fingir de paralítico e esperar passar o resto da vida sentada...porque ganhar outro vestido eu não tenho a menor esperança.

PATHELIN - Ah, pois você ganhará um e hoje mesmo.

GUILHERMINA - O quê? Você enlouqueceu ?

PATHELIN - Longe disso, eu nunca tive foi tanto juízo.

GUILHERMINA - Está se vendo...

PATHELIN - É isso mesmo. Acabo de ter uma excelente idéia.

GUILHERMINA - Ah, essas suas idéias já o levaram ao pelourinho. Será que o lugar é tão bom que deseje voltar para lá ?

PATHELIN - Deixe disso. O que pretendo fazer, minha querida, não terá a menor consequência.

GUILHERMINA - hummm

PATHELIN - Vamos, de cor e de que fazenda, você quer o seu vestido, hein ?

GUILHERMINA - Da cor e da fazenda que você conseguir e arranjar de comerciante que for bastante tolo para lhe vender fiado.



PATHELIN - Está bem, está muito bem, você verá que o espírito é mais forte que a matéria e que o homem de espírito não precisa de dinheiro para vestir sua cara-metade e a si próprio. Até já.

GUILHERMINA - Vá, vá com Deus. Ah, e se encontrar algum otário não se esqueça de beber com ele.

CENA 2

PATHELIN - Deus o guarde, senhor Genaro.

GENARO - E ao senhora também doutor Pedro.

PATHELIN - Ainda bem que o senhor me reconhece. Não houve maior amigo do falecido senhor seu pai do que eu. Que Deus tenha a sua alma. Mas o senhor é o retrato vivo dele.

GENARO - Ah, mas todo dizem isso, an?

PATHELIN - Mas é evidente. E os negócios como vão ?

GENARO - An, assim, assim, comércio é profisson ingrata .

PATHELIN - Sem dúvida...mas para um homem honesto, inteligente como o senhor, os negócios não podem ir mal.

GENARO - Vá bene, mas podia ir melhor, né?

PATHELIN - Certamente, enfim quando se tem as suas qualidades físicas e morais...quando se é assás bem feito de corpo para atrair os olhares feminino e bastante inteligente para tirar proveito de uma impressão causada a uma bela senhora, vendendo-lhe a um bom preço, uma fazenda que ela nem olha, porque tem os olhos embevecidos no vendedor...

GENARO - Qual nada, doutor Pedro...

PATHELIN - Ora, não negue, seria preciso que nesse ponto o senhor não parecesse nada com o falecido senhor seu pai. Que Deus tenha lá a sua alma. Aliás é muito justo, muito justo, as belas coisas devem ser pagas. Se Deus lhe deu belos dotes, foi para que o senhor tirasse proveito deles...

GENARO - Mas o senhor tá me confundindo...

PATHELIN - Dizer a verdade, confundir ? Mas meu Deus quanto mais eu olho e acho mais parecido com o senhor seu pai. Faltam nos olhos, a boca, o nariz...duas coisas não seriam tão parecidas.



GENARO - O senhore conheceu muito o pobre pai ?

PATHELIN - Se o conheci ?

GENARO - Si.

PATHELIN - Se não havia amigos mais inseparáveis nessa cidade. Eu gostava de sair com ele, pois todas as moças o olhavam e eu ia só recebendo as sobras. Que homem era ele, bom comerciante e finório como ele só. Ninguém o enganava, não, exatamente como o filho.

GENARO - Ah, mas no comercio se non se abre os olho tudo nos robam.

PATHELIN - Naturalmente...mas que linda fazenda é esta ?

GENARO - É fazenda de ruão, muita boa tecida, veja.

PATHELIN - É muito cara ?

GENARO - Ah, non...doze soldo a vara.

PATHELIN - E o senhore diz que não é cara ?

GENARO - Ah, a tosquia anda tan difitilli...os tetalão tem aumentado o preço do trabalho, os carneiro tem morido de peste ou entan pela falta de cuidado dos pastore. IO misne tô com um caso desse.

PATHELIN - Qual ?

GENARO - Um patife dum pastor que io próprio criei, matava-me os carneiro, para comê-lo ou vendô-lo e depois vinha me dizer que tinham morido de peste. Va io descobri e a safadeza vai lhe saí cara. Fiz queixa ao reirinho e ele mandou se apresentá diante do juiz.O desgraticiado vai pegar uma hora de pelorinho.

PATHELIN - Se o senhor precisa de advogadoestou as suas ordens, não é para me gabar não, mas eu não sou dos piores, liquido num instante o seu caso. Se quiser posso mandar enforcá-lo.

GENARO - Ah, non, non é preciso, o palorinho basta. Va como io ia dizendo, por isso o preço da fazenda tem subido prodigiosamente.

PATHELIN - Estou tentadocom essa fazenda, é uma maravilha de tecida. Só numa casa de primeira categoria poderia se encontrar um tecido como esse.

GENARO - Leve-a, ah, o senhore non se arrependará.

PATHELIN - Estou vendo, se acha o preço cara. Se se a vara a dez soldos...



GENARO - Por Dio que non posso, tô lho vendendo pelo preço de custo.

PATHELIN - Bem, vá lá, eu não vou brigar com o filho do meu melhor amigo por tão pouco. O senhor pode cortar.

GENARO - Quantas varas ?

PATHELIN - Para mim: uma, duas, três e meia. Para minha mulher: uma, duas, duas e meia. Ela é alta... Cinco varas e meia, não, seis.

GENARO - Fer quê non leva a peça tota, son só sete vara.

PATHELIN - Claro, fazenda nunca é demais, né? Sobra um pouco, mas não faz mal.

GENARO - Pronto, prontinho, aqui está. Son nove escudo.

PATHELIN - Então o senhor virá recebê-los em minha casa, onde jantará um admirável pato que a minha mulher tá preparando.

GENARO - Ah, ma io sinto muito, ma no n posso, tô muito ocupado.

PATHELIN - O que é isso, deixe de bobagens. Às seis horas o senhor é obrigado a deixar a loja, o senhor não é judeu para trabalhar de noite.

GENARO - Está bem. Quando io for levarei a fazenda.

PATHELIN - De modo algum. Então vou deixar um comerciante conceituado como o senhor carregar fazenda debaixo do braço. Isso é bom para gente sem importância.

GENARO - Ah, non senhore. Io posso levar muito bene, an?

PATHELIN - Não consistirei de modo algum. Só assim o senhor virá à minha casa.

GENARO - Ma io posso ir levando a fazenda.

PATHELIN - Será que o senhor desconfia de mim ?

GENARO - Ah, non, non, só acho que non fica bene para um doutore andar com una peça interinha de fazenda debaixo do braço...

PATHELIN - E o senhor ficaria bem carregando fazendas? Não consistirei nunca em tal coisa.

GENARO - Nada de carinhônia doutor Pedro, io posso levar muito bene.

PATHELIN - Se o senhor não tem confiança em mim, se acha que eu sou de s e n e s t o, aí é outra coisa. Mas se é assim não lho faço a injúria de pensar que o senhor se julga de tal maneira.

GENARO - Non, non julgo non, ma enfim se non há outro jeito

PATHELIN - Claro. Venha son falta às seis horas. Mas o senhor não comeu em toda a sua vida um pato comer em minha casa. Não se esqueça disso. Não se esqueça disso.



GENARO - Em oro, ma se for de bon pesc, an ?

PATHELIN - Feu ouro é antigo, do tempo do falecido rei.

GENARO - Enton, teje lá a mano quando io ghegar, hein ?

PATHELIN - Mas o senhor só receberá depois de jantar. Por Deus mestre Genaro, só assim o senhor conhecerá o caminho de minha casa. O senhor seu pai o conhecia muito bem. Mas o senhor não se dá com gente pobre, né ?

GENARO - Pobre, pobre so io, pobre so io. Ma também o dinherinho que ele va me dá ficará bem guardado. Bem diz o ditado: que non há um esperto que non encontre um mas esperto, an ? Esse advogado, mestre da trapaga, levou por doze soldo um tecido que non vale nem nove.

(sai)

CENA 3

PATHELIN - (entrando) então ?

GUILHERMINA - Então, o quê ?

PATHELIN - Então não lhe dizia, pode jogar fora o seu vestido velho, mulher...

GUILHERMINA - Que diabo é isso ?

PATHELIN - Veja e creia, querida.

GUILHERMINA - Virgem Nossa Senhora. Algum cliente deixou isso como penhor? Você comprou isso à fiado, meu Deus quem pagará?

PATHELIN - Quem pagará, mas essa fazenda já está paga e bem paga. Posso afirmar a você, que o comerciante que me vendeu não é nenhum tolo, Guilhermina.

GUILHERMINA - Já sei... você prometeu mediante uma assinatura ou juramento pagar a fazenda daqui a algum tempo. Belo trabalho, quando chegar o termo, como não haverá dinheiro, eles virão e levarão tudo.

PATHELIN - Deixe estar que não levariam grande coisa...

GUILHERMINA - Mas não se preocupe, torno a repetir que a fazenda já está paga e que eu nem assinei contrato e nem fiz juramento algum...

GUILHERMINA - Vá enganar a outra, você se esquece que estamos casados há alguns anos - conheço ele como a palma da minha mão.

PATHELIN - Não temos tempo a perder. Você conhece o mestre Genaro Cova-do, pois muito bem: é o comerciante mais avarento e ladrão que eu já vi. Tal qual seu falecido pai. Foi bem, eu o abordei fazendo mil cortesias e um e e outro, mas fazendo-lhe tantos elogios, Guilhermina, que quando chegou a hora de fiar a fazenda, o carcanano, apesar de querer não ter coragem de negar.

GUILHERMINA - A velha estória do rei e do corvo...

PATHELIN - Sem tirar nem pôr, vá pagar o que lhe pagar o jantar.

GUILHERMINA - Oh.



PATHELIN - "Copiosamente regado... com um vinho que ainda está nas uvas e um pato que ainda está nos ovos..." Agora chegou a sua vez de trabalhar...

GUILHERMINA - E o que devo fazer, meu querido marido?

PATHELIN - Coisa muito simples, jurar por todos os santos do céu, que há onze meses eu estou doente, louco, furioso, fazendo o desespero de todos os médicos. Você saberá fazer isso?

GUILHERMINA - E muito mais. Chorarei lágrimas de sangue, hei de convencê-lo de que ele viu o diabo ou de que está louco.

PATHELIN - Ótimo. Então vamos preparar a farsa. O carcarano não deve tardar. Eu vou me deitar (sai).

GUILHERMINA - Vá, vá se deitar. Valha-me Deus e Santo Onofre filagroso. "Ai minha mãe, minha mãe menininha" Eu vos prometo dar uma vela de cera. Isso é... se acaso tiver o dinheiro que ela custa antes da minha morte. Valhei-me meu pai.

CENA 4

GENARO - Creio que já tá na hora de comer o pato e beber o vinho do tal doutor Pathelin, ahhh... mio querido dinheiro, até que enfim vou te ver. O mio coração quase pára quando penso que vendi uma peça de fazenda fiado. Ho, ho abram a porta.

GUILHERMINA - Se o senhor tem alguma coisa a dizer, fale baixo.

GENARO - Dio vos guarde, minha senhorá.

GUILHERMINA - Fale baixo.

GENARO - Tá o que há?

GUILHERMINA - Eu lhe peço pelo amor de Deus não grite.

GENARO - Onde está seu marido?

GUILHERMINA - Meu Deus, onde é que o senhor queria que ele estivesse?

GENARO - O doutor Pedro Pathelin não tá aí?

GUILHERMINA - Quisera Deus que ele estivesse com bastante saúde para não estar aqui.

GENARO - Tá o que quer dizer isso?

GUILHERMINA - O que não lhe contaram?

GENARO - Non.

GUILHERMINA - Coitado do homem, está na cama, onze meses de martírio...

GENARO - Tá quem?

GUILHERMINA - Desculpe, mas eu não posso ficar aqui muito tempo, tenho que voltar para perto do meu doente.

GENARO - Tá quem é o seu doente?

GUILHERMINA - "Tá quem há de ser se não o mio marido".

GENARO - O doutor Pedro Pathelin?

GUILHERMINA - Não consta que eu tenha outro marido.

GENARO - Tá non há quinze minuto que ele teve comigo, e por sinal me comprou uma peça de fazenda fiado. Io vim receber o dinheiro.



GUILHERMINA - Que brincadeira mais sem graça, não se está em horas de diversões.

GENARO - Son dove escudo, quero já o mio dinheiro.

GUILHERMINA - O senhor tá doído? Vá contar as suas lorotas a outro e se é uma brincadeira ela está muito fora de hora.

GENARO - Pô vá contar as sua lorota a outro e vá chamar já o doctor Pedro.

GUILHERMINA - Diabos levem o senhor. Então é hora de fazer um homem agouizante sair da cama?

GENARO - Ma non é a q u i a casa do doctor Pedro Pathelin?

GUILHERMINA - Quantas vezes o senhor quer que eu lhe diga que sim? Tá doído, vá doído, vá para o hospício.

GENARO - A senhora manda io falar baixo, ma grita má que um general em manobra.

GUILHERMINA - É que o senhor me faz perder a paciência...

GENARO - Chega, io non tenho nada a ver com isso. Basta de estória. Já lhe disse que o doctor Pedro teve hoje mesmo na minha loja e me comprou uma peça de fazenda, io vim aqui receber o dinheiro.

GENARO - Quê, o senhor continua na sua loucura, o meu marido há onze meses está doente, pregado na cama, gemendo de cortar o coração. Havia hoje de ter que comprar fazenda na sua loja. Meu Deus como o mundo está cheio de gente perversa.

GENARO - Vamo, mio dinheiro...

GUILHERMINA - Hum (cheirando em volta) O senhor está bêbado, só pode ser isso.

GENARO - Bêbado io ? fa que desaforo.

GUILHERMINA - Só um bêbado pode dizer que um homem doente, paralisado pelo sofrimento saiu para comprar fazenda, só se fosse uma portocá lha.

GENARO - Ma essa estória vá continuar?

GUILHERMINA - Vamos, fale baixo ou vá se embora.

PATHELIN - (de dentro) Guilhermina, um pouco de água de rosa, meu Deus, você me deixou sozinho aqui. Água, venha depressa.

GUILHERMINA - Aí está o que o senhor fez, o pobre homem acordou.

GENARO - Ainda bene.

PATHELIN - Guilhermina, vem expulsar toda essa gente preta que está fazendo caretas para mim. S o c o r r o.

GUILHERMINA - O que é isso, meu bem? Você não tem juízo de levantar assim?

PATHELIN - Olha aquele frade preto que está voando, olha lá o peção, peguem peguem, ponhm-lhe uma estola. fãre gala, para salo, para salo, meu Deus como ele voa.

GUILHERMINA - Veja como ele sofre, o critado.

GENARO - Ma ele caiu doente assim ao volta da fora?

GUILHERMINA - Quo feira?

GENARO - Onde tenho a minha loja de fazenda?

PATHELIN - Ah, o o senhor doctor João... chegou a terra... o dano, tanto co' lha que se está que não...

GENARO - Uoo...



PATHELIN - Olha aqui, eu não tomo mais nenhum remédio que o senhor me receitar. Além de serem amargos como fel, fazem uma tãl revolta no meu ventre que parece que eu tenho um verdadeiro exército na barriga.

GENARO - Que é isso, se io que tô loco, é é o senhora?

PATHELIN - Corram, corram todos, aí vem eles. Ai, ai eles tão me matando.

GUILHERMINA - Coitado, veja como ele sofre...

GENARO - Non sei o que diga, nem o que pense...foi ele que teve na minha loja, foi outro, ou foi o demo por ele? Diga minha senhora, a senhora non tem um pato cozinhando?

GUILHERMINA - Ora vrrjam, que pergunta...Havia eu de ter um pato cozinhando, quando o meu marido está nesse estado. Mestre Genaro procure um médico, o senhor não está nada bom da cabeça.

GENARO - É possível, é possível, ma também a senhora me estonteando tanto que io já non sei nem aonde que tô, an? Foi ele, foi outro, ou foi o diabinho por ele? Non sei, ah, mio dio que pesadelo. Creio que já non tenho ma nada a fazer aqui, an? Adio. (pausa) Ma será possível?

PATHELIN - Ele já foi, Guilhermina?

GUILHERMINA - Psiu...Ele está perto, rosna mais que um velho cão de caça. Parece que está sonhando acordado.

PATHELIN - Fala baixo que ele pode voltar.

GUILHERMINA - (rindo alto)

PATHELIN - Logo ele, hein, acabou caindo como um patinho.

GUILHERMINA - É para descontentar o que ele rouba dos outros, o honer só falava de pato sem perceber que ele era um e dos grandes.

PATHELIN - Cala boca, Guilhermina, que ele pode voltar.

GENARO - (retornando) Será possível que io tenha sido enganado por um advogado de água doce, an? um Joan ninguém...ah, non...io volto lá e hei de arancar o mio dinheiro, custe o que custar. Olha lá, a mulhe dele tá rindo, pera aí, io tô muito grosso pra pavio. (indo até a porta) Ho,ho, abram na porta.

GUILHERMINA - Que gritaria é essa?

GENARO - A senhora tava rindo ou pensa que non vi.

GUILHERMINA - Tenho muito motivo pra rir na verdade.

GENARO - Mio dinheiro, exijo já o mio dinheiro.

GUILHERMINA - Lá vem o senhor com a sua estória. É para me divertir?

Escolheu muito mal o remédio. Meu marido já se dá ao trabalho de ir ao médico. Não tem motivo para rir. Ele está doente. Não se diverte com o senhor.

Referentes, a senhora que clare e não se diverte com o senhor. Não se diverte com o senhor. Não se diverte com o senhor.

Referentes, a senhora que clare e não se diverte com o senhor. Não se diverte com o senhor. Não se diverte com o senhor.

Referentes, a senhora que clare e não se diverte com o senhor. Não se diverte com o senhor. Não se diverte com o senhor.

Referentes, a senhora que clare e não se diverte com o senhor. Não se diverte com o senhor. Não se diverte com o senhor.



GUILHERMINA - Fosse em sua alma meu bem, deixe em paz as raquinhos.

GENARO - Já que contadores de sandice são esses de lá, não? Vale, não dinheiro em oro ou em prata.

GUILHERMINA - Será possível que o senhor ainda não se convenceu do seu engano?

GENARO - A senhora já pensou, bela dama, o que significa tudo isso? Io nunca fui enganado, ma palavra de honra, ou fazenda será paga ou restituída, ou entn a senhora e seu marido seron enforcato.

GUILHERMINA - Que coragem, atormentar assim um doente. Estou vendo pelos seus modos que o senhor está fora do seu juízo. Valha-me Deus, não bastava o meu marido.

GENARO - Já que raiva io tenho de perder assim mio dinheirinho.

GUILHERMINA - Que loucura, faça o sinal da cruz, o senhor deve estar com uma legião de demônios avarentos no corpo. Abrenúncio.

GENARO - Já io quero sê esartejado se voltar a vender fazenda fiada em minha vida.

PATHELIN - Padre de Dios, por mi quiero irme. Que me quieres niña, vote, monstrengo, vote. Qué dinero, no lo tengo, no lo tengo.

GUILHERMINA - Ele tem um irmão que era tio do filho da irmã da avó dele. Por isso ele fala espanhol.

GENARO - Ele veio de mansinho, e carregou una peça de fazenda inteirinha debaixo do braço, ma será possível?

PATHELIN - Kome here, kome here, asch, was its das? Fein gott, vier ist dieser kaufmann.

GENARO - Já como ele fala tanta língua, mio dio?

GUILHERMINA - Sua mãe era sobrinha de um neto de alemão, é por essa razão que ele fala essa língua.

PATHELIN - O senhora mio que me vo cosa mercatore, mercatore, mercatore...

GENARO - Quê é isso, deu lhe na teima de falar tutta la língua do mundo? Se ao meno ele desse o mio dinheirinho, io ia embora...

GUILHERMINA - Que homem o senhor é, já se viu maior maldade? Quando há de se convencer da verdade?

PATHELIN - If you please, sir. What will you? Money? I dont get out get out, oh God, God, God...

GENARO - Que língua renegada, será possível que ele nunca se cale?

GUILHERMINA - O avô do irmão dele era inglês, e lhe ensinou a falar a língua.

GENARO - Minha nosea senhora, estarei sonhando? Foi ele ou foi outro que teve na minha loja? Ou foi o Demo por ele? Já io tô tonto não sei o que pense.

PATHELIN - Et bona sit vobis, magister amantissime, pater rev...

GUILHERMINA - Meu Deus, ele está falando latim, é sinal p...

te. Que os anjos e Serafins da corte celest...



GUILHERMINA - Pense em sua alma reuher, deixe em paz as naçaquinhas.

GENARO - Fa que contedora de sandice sar esses doi, an? Vamo, tio di-
nhero em oro ou em prata.

GUILHERMINA - Será possível que o senhor ainda não se convenceu do seu
engano?

GENARO - A senhora já pensou, bela dama, o que significa tudo isso? In-
nunca fui enganado, na palavra de honra, ou fazenda será paga
ou restituída, ou entn a senhora e seu marido seron enforcato.

GUILHERMINA - Que coragem, atormentar assim um doente. Estou vendo pelos
seus modos que o senhor está fora do seu juízo. Valha-me
Deus, não bastava o meu marido.

GENARO - Fa que raiva io tenho de perder assimio mio dinheirinho.

GUILHERMINA - Que loucura, faça o sinal da cruz, o senhor deve estar
com uma légião de demônios avarentos no corpo. Abrenúncio.

GENARO - Fa io quero sê esquitejado se voltar a vender fazenda fiado
em minha vida.

PATHELIN - Padre de Dios, por mi quiero irme. Que me quieres niña, vote,
monstrengo, vote. Qué dinero, no lo tengo, no lo tengo.

GUILHERMINA - Ele tem um irmão que era tio do filho da irmã da avó dele.
Por isso ele fala espanhol.

GENARO - Ele veio de mansinho, e carregou uma peça de fazenda inteirinha
debaixo do braço, ma será possível?

PATHELIN - Kone here, kone here, asch, was its das? Mein gott, vier ist
dieser kaufmann.

GENARO - Fa como ele fala tanta lingua, mio dio?

GUILHERMINA - Sua mãe era sobrinha de um neto de alemão, é por essa
razão que ele fala essa língua.

PATHELIN - O senhore mio que me vo cosa mercatore, mercatore, mercatore.

GENARO - Qué é isso, deu lhe na teima de falar tota la língua do mundo?
Se ao meno ele desse o mio dinheirinho, io ia embora...

GUILHERMINA - Que homem o senhor é, já se viu maior maldade? Quando há
de se convencer da verdade?

PATHELIN - If you please, sir. What will you? Obney? I dont get out
get out, oh Gods, God, God ...

GENARO - Que língua renegada, será possível que ele nunca se cale?

GUILHERMINA - O avô do irmão dele era inglês, e lhe ensinou a falar a
língua.

GENARO - Minha nossa senhora, estarei sonhando? Foi ele ou foi outro que
teve na minha loja? Ou foi o Demo por ele? Fa io tô tonto
não sei o que pense.

PATHELIN - Et bona sit vobis, magister amantissime, pater
me, Quandé bralis, qual nova? Parisius non se
ova

GUILHERMINA - Meu Deus, ele está falando latim, é sinal próximo da
te. Que os anjos e Serafins da corte celeste o



GENARO - Ma que será isto mio Dio? Ele vai morrer falando, não há sombra de dúvida. Ele tá muito mal. É melhor que eu me vá. Ele pode dizer segredos que eu não possa saber. Certamente non foi ele que me tirou a fazenda. Dio vos guarde bela dama, desculpe pelo incômodo. Ma jurava que era ele que tinha me comprado a fazenda.
(Sai)

GUILHERPINA - Adeus, que os anjos o acompanhem, reze por mim, o senhor bem sabe o sofrimento em que estou. (Pausa). Então, sou ou não sou uma digna esposa? Como conseguimos engana-lo...

PATHELIN - E eu nem precisei tirar tudo do sacco.

GUILHERPINA - Pathelin, você não acha que o que fizemos foi muito feio?

PATHELIN - Bem... eu... ora, ladrão que rouba ladrão...

CENA 9

GENARO - Sem dúvida foi o Diabo que veio me tentar na forma daquele advogado, ma antes tenha minha fazenda do que minha alma. Ah, pai, porque, caí em tentation? Pai? Ma isso só pode ser praga de pai. Não diz um outro ditado que os filho paga pelos pai? Ah, mio Dio, ma io nunca fiz nada de mal, io so tan honesto... Enfim seja tudo pelo amore de Dio.

TEOBALDO - (Entrando) - Deus vos guarde mestre Genaro.

GENARO - Como seu canalha, voce tem a corajem de aparecer na minha frente.

TEOBALDO - Ma o que há meu bondoso patrão?

GENARO - Como seu canalha? Voce me mata os carnero, come a carne, vende a lã, e ainda tem a petulância de aparecer na minha frente?

TEOBALDO - Por que não se o senhor é o melhor dos patrão.

GENARO - Chega, só falarei contigo diante do juiz (Sai).

TEOBALDO (Sozinho)- Ih,.. estou bem arranjado, desta vez o negócio é serio. Tenho que arranjar um advogado. Me disseram que por aqui há um. Se não me engano é nessa casa. oh de dentro...

PATHELIN - (de dentro da casa) Quem é?

TEOBALDO - Deus o guarde , meu senhor. O senhor não é advogado?

PATHELIN - Sim...e você com iss?

TEOBALDO - É que eu queria consultá-lo sobre um caso muito grave...

PATHELIN - Bem...vejamos...

TEOBALDO - Eu recebi hoje por um homem de roupa riscada a parecer diante do juiz.

PATHELIN - Ih....o negócio é mal. Que foi que você fez?

TEOBALDO - Nada de mais... meu patrão é um miserável suvina...

PATHELIN - Be, ben, be....isso não vem ao caso. Diga sem medo o que fez.

TEOBALDO - Eu andei matando uns carneirinhos... (ugh, ugh) Coisa sem importância.

PATHELIN - O NEGÓCIO É GRAVE ? ROUBO, EXTORSÃO, DOLO. Estás mal parado..

TEOBALDO - Meu Deus , e eu que não pensei em fazer mal algum..



- PATHELIN - E responde uma coisa, você tem dinheiro para pagar um advogado que o defender?
- TEOBALDO - Dinheiro? Dinheiro? Tenho sim, uns escudo de ouro daqueles que tem a coroa marcada.
- PATHELIN - Ah, então a sua causa é boa, é ótima mesmo. Vou lhe ensinar um excelente método para a sua defesa, você....
- TEOBALDO - Claro, não é difícil não, farei exatamente o que o senhor está mandando.
- PATHELIN - Então fique tranquilo, garanto o bom resultado do seu processo
- TEOBALDO - Agora vá se embora, não convém que vejam você aqui comigo. (sai)
- PATHELIN - Alguma coisa há de vir. Esse pastorzinho...ele não me parece tão inocente como se faz. Enfim, se ele não tem escudos de ouro, alguma coisa há de ter. E na situação em que estou, tudo que cai na rede é peixe. (sai)

CENA 6

JULGAMENTO

Os atores entram com um boneco (Juiz) e o arrumam no centro da cena. Do lado direito está Pathelin segurando o braço do Juiz e o do oposto está Genaro fazendo o mesmo. Teobaldo está atrás do boneco e só aparecerá na ocasião de suas falas. O ator que faz Teobaldo fará também a voz do Juiz e simultaneamente vai mover o boneco.

- PATHELIN - Deus vos dê toda felicidade que vosso coração deseje senhor Juiz.
- JUIZ - Seja bem vindo doutor, tome seu lugar.
- PATHELIN - Salvo vosso respeito, estou bem aqui.
- JUIZ - Se há alguma coisa a debater vamos depressa com ela.
- GENARO - Não advogado vem já, peço o favore de esperar um pouquinho.
- JUIZ - Não pode ser. Se a parte contrária está presente que exponha logo o caso. O senhor não é o queixoso?
- GENARO - Sim senhora.
- JUIZ - Quem é o defensor do réu, está presente?
- GENARO - Sim eu-lo que não diz uma palavra, só Dio sabe o que pensa.
- JUIZ - Se todos estão presentes comecemos logo.
- GENARO - Eis minha queixa: Eduquei por caridade esse pastore aqui presente e quando o julguei bastante forte, mandei-o para o pasto para pascentar os mio rebanho. Certo par Dio senhor Juiz, que esse é tan verdade quanto o senhor estar aí em pé. Mas que este desgraçado fez tal morticínio entre mios carneiros... (sai)
- JUIZ - Ele era seu empregado? O senhor lhe pagava ordenado?
- PATHELIN - Qual nada senhor juiz, é pobre pastor não recebe nada.
- GENARO - Seja lá que seja o que foi e ele não vendi minha fazenda e rosta com o senhor.



JUIZ - Porque o senhor levanta assim a mão? Está com dor de dentes?

PATHELIN :- Sim, nunca tive uma dor igual, mas... continuemos.

JUIZ (Para Genaro) - Vamos continue, acabe depressa.

GENARO - É ele, foi a ele, que vendi minha fazenda.

JUIZ - Por que o senhor fala de fazenda?

PATHELIN - Ele delira senhor juiz porque não sabe concluir. Naturalmente lhe ensinaram a lição para recitar diante do tribunal e ele se esqueceu. Por isso vai dando pau e por pedras.

GENARO - Seja eu enforcado se foi a outro que vendi minha fazenda de ruão.

PATHELIN - Onde esse malvado foi buscar essas invenções para aumentar a culpa do pastor que é sua vítima? Ele quer dizer eu compreendi muito bem, que o pastor me vendeu os fios de que foi feita a minha roupa. Vejam que maldade, não basta a cysação mentirosa de que o pastor lhe roubou os carneiros e preciso acusá-lo de ter roubado uma fazenda que comprei há mais de tres - anos.

GENARO - Dio me dê febres quartãs se o senhor não tem o mio tecido.

JUIZ - Calma, onde estamos nós? O senhor não sabe o que diz.

PATHELIN (Rindo) - Estou louco de dor de dentes mas não posso deixar de rir. Ele está tão embaraçado que não sabe mais o que dizer. Senhor Juiz, é preciso lembrar-lhe onde ele estava.

JUIZ - Vamos volte aos seus carneiros, o que aconteceu?

GENARO - Ele comprou sete varas a nove escudos.

JUIZ - Estamos todos doidos? Onde o senhor pensa que está? Isso aqui não é manicômio.

PATHELIN - Naturalmente é porque ele tem a consciência pasada de não paga ao pastor e ainda por cima inventar um processo ao coitado. Proponho que se interlogue o acusado.

JUIZ - O senhor tem razão. Ele deve conhece-lo pois o queixoso é seu patrão, apareça e fale.

TEOBALDO - BEÉ

JUIZ - Está aí um outro caso. O que quer dizer Bee? Tenho por acaso essa cara de bode?

TEOBALDO - Beé.

JUIZ - Você está caçoando de mim?

PATHELIN - Pobrezinho, não, ele jamais faria isto, é porque ele é um atole mado pelos seus tratos do patrão.

GENARO - Quero ser apedrejado se não foi ao senhor que vendi minha fazenda.

JUIZ - Cale-se. O senhor está louco? Vamos a sua estória.

GENARO - Está bem, mas isto não fica assim não. Não, não dizia que ele me comprou a fazenda para pagar com um jantar, não na o que io tô dizendo, esse patife desse pastore me prometeu pagar com um escudo de oro. Não, não é isso. Quando ele se p... ou... uma peça de fazenda debaixo do braço...

JUIZ - Cale, cale, o senhor é moluco? (re vajar... coisa.

GENARO



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.
A MALUQUINHA DE ARROIOS

ANDRÉ BRUN

SNT - SERVIÇO NACIONAL DE TEATRO - RIO DE JANEIRO/RJ

16

JUNHO

80

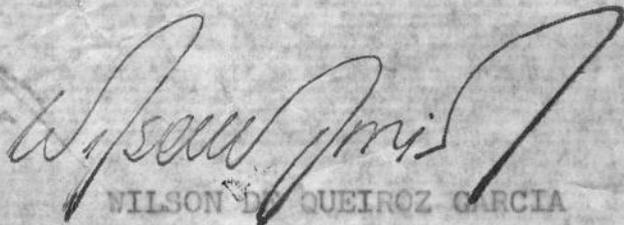
IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 14 (CATORZE) ANOS. ESTE CERTI-

FICADO SÓ TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO TEXTO DEVIDAMENTE CARIMBA-
DO PELA DCBP.

16

JUNHO

80



WILSON DE QUEIROZ GARCIA

BR DFANBSB NS CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352 p. 539

6.392

"A MALUQUINHA DE ARROZOS"

ANDRÉ BRUN

16

JUNHO

85

16

JUNHO

80

Jose V. Madeira
JOSÉ VIEIRA MADEIRA

IMPRÓPRIO PARA
QUATRO ANOS

GENARO - Onde está minha fazenda doutor Pedro o senhor a tem, tá aí com ela.

JUIZ - O que o doutor Pedro tem?

GENARO - Nada senhor juiz. Isso não vem ao caso.. O que eu posso afirmar é que o doutor Pedro é o maior trapaceiro do mundo, mas isso fica para outra vez.

JUIZ - Vamos trate de lembrar-se bem dos fatos e conclua logo.

GENARO - Io tô confuso senhore Juiz. Peço-vos que interrogueis de novo esse patife que está aí escondido, ele sabe falar muito bene.

JUIZ - (irritado) Mas...

PATHELIN - O pobre pastor não poderá falar por si mesmo, nem saberá responder às acusações que lhe foram feitas. Se vossa excelência permitir eu falarei por ele.

JUIZ - O senhor quer assisti-lo, não vai lucrar nada com isso.

PATHELIN - Nem quero ter lucro, quando se é honesto o lucro não interessa. Com vossa permissão, vou interrogar o acusado. Apareça, meu amigo, você me entende, fale.

TEOBALDO - Bee.

PATHELIN - O que é, explique-se melhor. TEOBALDO - Bee.

TEOBALDO - Sempre a mesma coisa, responde direito.

TEOBALDO - Bee.

PATHELIN - Não há nada a fazer. O pobrezinho é idiota mesmo. Veja senhor juiz, até que ponto pode ir a maldade humana. Esse homem traz ao tribunal um idiota para acusá-lo de um crime que ele jamais poderia ter cometido. Ele é que devia ser o réu. Traz ao banco dos culpados um pobre inocente. Mas tu te enganas homem perver-so. Esse grande juiz jamais se deixará enganar pelos malvados. Ele já descobriu na incoerência da tua queixa, como na idiotice do pastor onde está a verdade...

JUIZ - O senhor tem razão, esse pastor é um débil mental, não pode responder à processo, amentis non su subjecti juris.

GENARO - Juro que o senhor juiz se engana. Juro que em tudo que disse não houve desejo de caçada e nem mentira nenhuma.

JUIZ - O que prova que o senhor é realmente louco, e eu não estou aqui para perder tempo co loucos.

GENARO - Qua a causa seja ao meno adiada.

JUIZ - Adiada, para quê? O senhor é um louco e esse rapaz um sandeu. Com tal gente é impossível um processo.

PATHELIN - Vossa excelência diz bem, por isso peço a quitação do meu cliente.

JUIZ - Com toda razão. (a Teobaldo) Vá, você está livre. Não volte nem que um oficial de justiça vá intimá-lo.

GENARO - Ta isso non pode ser, senhore juiz. Esse pastore é um ladrão, io posso...O senhor devia ter vergonha mais comigo. Minha fazenda?

JUIZ - Vamos, tu tenho mais o que fazer do que ficar ouvindo esse patife a contar quei jantãr co'io.



PATHELIN - Agradeço-lhe muito , mas os meus dentes...

JUIZ - Ah, é verdade, eu já havia me esquecido. Deus vos guarde. (sai)

GENARO - Ah, doutor Pedro, dio me mate se o senhore non é o maior trapacero do mundo. finha fazenda, mio dinheiro, sua doença?

PATHELIN - Sempre a mesma coisa ? O senhor deia mudar de nota, porque esta já está monótona. Eu doente? essa é grande.

GENARO - Non tá doente, pera aí que vou já a tua casa... (sai)

PATHELIN - É isso, vá ver se eu tô doente. (a Teobaldo) Então teve ou não teve sucesso a minha idéia.

TEOBALDO - Bee.

PATHELIN - Vamos fale direito, já acabou a farsa.

TEOBALDO - Bee.

PATHELIN - Que é isso? Você quer me burlar a mim, o homem mais esperto dessa cidade? Vamos , meu dinheiro, já, senão vou buscar um soldado.

TEOBALDO - Bee.

PATHELIN - Não tirarei nada? Será possível que eu tenha caído no meu próprio arдил, e que um camponês um camponês, uma raposinha engana uma velha raposa matreira? Espera um pouco , miserável, vou buscar já alguém que te faça falar. Olá soldado, olá soldado. (saindo)

TEOBALDO - Bee.

PATHELIN - O quê?

TEOBALDO - Bee.

PATHELIN - Ah, desgraçado... (sai completamente).

FIM



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL EM NITERÓI/RJ
 SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

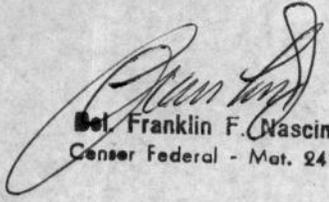
PARECER Nº 182/88

DATA: 29.04.88

Assunto: Exame de Texto Teatral
 Título : A FARSA DO ADVOGADO PATELIN
 Autoria: Medieval Francês Anônimo
 Tradução: Isabella Reinert Thomé
 Classificação: LIVRE

Embora astucioso e hábil advogado, Pathelin vive momentos de penúria ao lado de sua esposa. Mediante a promessa de presentear-lhe com um vestido novo, arquiteta engenhoso plano para estorquir uma peça de precioso tecido. Em visita à loja, finge preocupar-se com as lamentações do comerciante Genaro contra Teobaldo, um ex-empregado que lhe matava as ovelhas para se apropriar da lã. Escolhida a fazenda, fica acertado que o pagamento seria feito durante um jantar em honra do novo amigo. Data e hora marcadas, comparece Genaro. Recebido arditosamente pela esposa, esta manifesta total desconhecimento do encontro, posto que seu marido há meses encontrava-se acamado e sofrendo alucinações. Aturdido, Genaro se retira imaginando mesmo tratar-se de uma obra de demônio para confundir-lo. Mais tarde, Teobaldo contrata Pathelin para defendê-lo contra as acusações do comerciante sob a promessa de pagá-lo logo após a audiência. Durante o julgamento, a presença de Pathelin causa espanto a Genaro que, sobressaltado, inicia acusações ora a um, ora a outro, aparentando uma lide desconexa ao Juiz. Dada a palavra ao delatado, este, emitindo sons onomatopáicos de ovelha, se faz passar por mentecapto. Pathelin, então, aproveita-se dessa inesperada astúcia e leva ao Juiz por concluir tratar-se de dois loucos, anulando a imputação oferecida. Vitorioso, Pathelin busca avido receber seus honorários e, como resposta de seu cliente, obtém um sonoro berro de ovelha. Desiludido, constata que mesmo ele, o homem mais esperto da cidade, terminou burlado por um simplório camponês.

CONCLUSÃO: Tema que aliado a uma linguagem isenta de termos chulos favorece, como é do propósito, ao entretenimento sadio o que possibilita sua apresentação a qualquer faixa etária, condicionado ao exame de ensaio geral.


 Del. Franklin F. Nascimento
 Censor Federal - Mat. 2416918

SERVICO PUBLICO FEDERAL
 DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
 DIVISÃO DE NITERÓI - RJ.

PARECER DE EXAME DE TEXTO Nº 183/88/SCDP/DPF/NITERÓI

GÊNERO:- TEATRO
 TÍTULO:- A FARSA DO ADVOGADO PATELIN
 AUTOR:- TRAD.-ADAP. ISABELA REINERT THOMÉ
 CLASSIFICAÇÃO:- LIVRE

A FARSA DO ADVOGADO PATELIN:- Um decadente advogado planeja ludibriar alguém para comprar um terno para si e um vestido para a sua esposa. Procura um lojista e depois de muitos elogios a pessoa do comerciante, convence-o a entregar-lhe uma peça de fazenda, convidando-o para jantar em sua casa onde lhe pagará o preço combinado, após o jantar. Lá, o comerciante comparece e surpreso encontra o advogado muito doente. Sua esposa o atende e lhe diz que seu marido encontra-se acamado a vários meses e, portanto, não poderia ser ele o comprador da mercadoria; o lojista informado regressa a sua casa. Dias depois, o advogado é contratado para defender um empregado do lojista que fora acusado pelo comerciante, de furto. No Tribunal, advogado, comerciante e empregado se deparam e fazem acusações mútuas, levando o Juiz a considerá-los loucos.

Enredo com linguagem popular que pode ser liberado sem RESTRIÇÕES.

Niterói, 29 de abril de 1988

J. Guedes
 Bel. João V. O. Guedes
 Tec. Censura
 Mat. 1.741.126

SERVICO PUBLICO FEDERAL
 DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL EM NITERÓI
 SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER DE EXAME DE TEXTO Nº 184/88

TÍTULO - "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN"

AUTORIA - AUTOR MEDIEVAL ANÔNIMO

TRAD. E ADAPTAÇÃO - ISABELLA REINERT THOMÉ

GÊNERO - PEÇA TEATRAL

CLASS. - L I V R E

E N R E D O - Em situação de quase miséria, o trapaceiro advogado Pathelin planeja dar um golpe no avaro comerciante Genaro e chegando à sua loja e elogiando o comerciante, Pathelin leva uma peça de tecido e o convida para jantar em sua casa onde a dívida será paga.

Quando Genaro chega à casa do advogado, sua esposa informa que o marido está acamado a meses, insano e as portas da morte, portanto não poderia ter comprado o tecido.

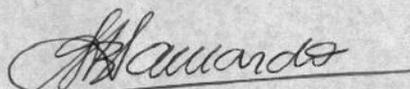
Dias mais tarde, Genaro se encontra no juiz para reclamar um furto cometido por um pastor e lá encontra Pathelin que consegue convencer o magistrado que o pastor é mentecapto pois este não fala, apenas emite balidos, conforme combinado.

Com a causa ganha, Pathelin vai cobrar seu cliente, mas este continua a emitir balidos. O advogado sai furioso por ter caído no próprio ardil.

Texto com linguagem simples e correta. A mensagem é positiva.

Diante do exposto, sugiro a classificação LIVRE, condicionada ao Ensaio Geral.

Niterói, 29 de abril de 1988.



Silvana Aparecida Barreiro Jamarão
 Censora Federal - Mat. 022.2579

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DIVISÃO DE POLÍCIA FEDERAL EM NITERÓI
SEÇÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

PARECER DE ENSAIO GERAL Nº 188/88

NITERÓI - 02.05.88

TÍTULO - "A FARSA DO ADVOGADO PATELIN"

Autor - medieval anônimo

Tradução e adaptação - Isabella Reinert Thomé

Gênero - peça teatral

Classificação - L I V R E

E N R E D O - Pathelin, um advogado trapaceiro, compra uma peça de tecido de Genaro, um avaro comerciante, e convida-o para jantar em sua casa onde receberá o pagamento.

Quando o comerciante chega à casa do advogado, sua esposa o atende e informa que Pathelin está doente e quase louco há mais de onze meses.

Indignado e atribuindo ao demônio a visita que recebeu, Genaro vai ao juiz para tratar de um roubo feito por um de seus pastores.

Lá chegando, se defronta com o pastor e o advogado deste: Pathelin, o qual convence o juiz que as queixas são infundadas pois o acusado é insano pois nem sabe falar e a tudo responde com balidos, conforme o combinado.

Pathelin consegue a absolvição do pastor e quando vai receber o pagamento este torna a responder com balidos; o advogado sai furioso por ter caído no próprio ardil.

C E N Á R I O - Palco nu.

I N D U M E N T Á R I A - Trajes de época (século XIII). Guilhermina de vestido amarelo e saiote laranja bem surrados. Pathelin de calça pescador, camisa de renda e colete. Genaro de camisa cáqui, calça coral e peruca vermelha. Teobaldo de short laranja, camisa vermelha e peruca de pelo de carneiro. o Juiz é representado por um boneco vestido à caráter.

D O E S P E T Á C U L O - Os atores representam o texto na íntegra com marcações cômicas. A linguagem é coloquial, correta e o texto é de fácil entendimento.

Diante do exposto, sugerimos a classificação LIVRE.

Bel. Franklin F. Nascimento
Censur. Federal - Mat. 241691P

Bel. João B. O. Guedes

Silvana Aparecida Barreiro Jamardo
Censora Federal - Mat. 022 2579



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA DO DPF/RJ
SERVIÇO DE TELECOMUNICAÇÕES

CARIMBO DA ESTAÇÃO

DEPARTAMENTO
DE POLÍCIA FEDERAL
27/ABR 1988
RETEL - SR/RJ

NR PLS DT HR

ESPECIFICAR
PRIORIDADE

DCDP/BSA

RADIOGRAMA - (EXPEDIÇÃO)
TEXTU E ASSINATURA

RD NR 92/88-SCDP/SRDPF/RJ - 270488- SOL INFO OQC PEÇA TEATRAL "A FARSA
DO ADVOGADO PATELLIN" VG AUTOR MEDIEVAL ANONINO VG TRADUÇÃO ISABELA
REINERT THOMÉ PT

Maria Elizabeth Miranda
MARIA ELIZABETH MIRANDA
CHEFE SCDP/SR/DPF/RJ

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 547

DITEL BSA
DPF SR RJKH

DEPARTAMENTO
POLICIA FEDERAL
03 MAI 1988
DITEL - SR. R.

DE BRASILIA NR 3448 38 03MA188 1117P(CS)

SCDP/SR/RJ - RJO

NR 138/DCDP DE 030588 PT RERA NRS 092 VG 093 ET 094 DT 270488 VG
INFO PEÇAS " A FARSA DO ADVOGADO PATILIN" AUT DESCONHECIDO VG
TRAD LUIZ HASSELMANN VG CLASS LIVRE CERT VAL 060191 PTVG " A VER-
DADEIRA HISTORIA DA GATA BORRALHEIRA" CLASS LIVRE C/CORTES VG
CERT VENC 260781 PT NADA CONSTA " LINGUIÇA DE SAPO " PT

DCDP/DPF
=

NNNN
TRA JOS 03 1350
REC
DPF SR RJ
DITEL BSA

" A Farsa do Advogado Patilín "

TELEX

TELEX



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0352, p. 548
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

CERTIFICADO Nº

119/88

ESPETÁCULO PARA

TEATRO

ESPÉCIE

PEÇA TEATRAL

TÍTULO EM PORTUGUÊS:

" FARSAS DO ADVOGADO PATELIN "

TÍTULO ORIGINAL:

AUTOR: MEDIEVAL ANONIMO FRANCES - TRAD.: ISABELLA REINERT THOME.

EMPRESA, GRUPO OU DIRETOR:

REQ.: WANIA ROCHA FEITOZA

CLASSIFICAÇÃO

LIVRE

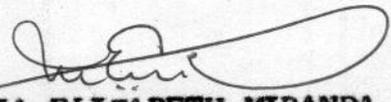
Válido até

06 DE JANEIRO DE 1991

Emitido em

23 DE MAIO DE 1988

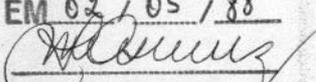
JUSTIFICAÇÃO DE IMPROPRIEDADE


MARIA ELIZABETH MIRANDA
CHEFE DO SCDP/SR/DPF/RJ

DISCRIMINAÇÃO DE CORTES:

ENSAIO GERAL

EM 02 / 05 / 88


Chefe do SCDP / SR / RJ

OBSERVAÇÕES:

Este Certificado só terá validade quando acompanhado do texto carimbado por este SCDP / SR / DPF / RJ.
Válido em todo Território Nacional.

TEATRO

TÍTULO * A FARSA DO ADVOGADO PATHELIN *

AUTOR: DESCONHECIDO *

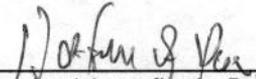
1) ARQUIVO

Clas. Anterior * LIVRE *

Praça * SCDP/SR/MG *

Obs.:

DF. 24 / JUNHO / DE / 1988


 Resp. pela elaboração do Processo

Adilson ***

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura

Técnico de Censura

Data prazo Exame de ___ / ___ / ___ a ___ / ___ / ___

DF. ___ / ___ / ___

 Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em _____ de _____ de 1.9

3) CHEFE DA S.C.T.C.

1. Em Ordem.

2. ARQUIVE - SE !

BR. 01/07/88


 Luiz Pedro de Sousa
 CF - Mat. 2.407.803
 Chefe do S.C.T.C./DCDP

Brasília - DF

de

de 1.9

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

19 de novembro - Dia da Bandeira



Bandeira Nacional - A lembrança da Pátria nos traz.

Onde quer que esteja a Bandeira Nacional, ali está o Brasil. São os brasileiros, irmanados na resistência ao flagelo das secas, no Nordeste, como na reconstrução das cidades e dos campos, no Sul. Na Amazônia, como na Antártica.

A Bandeira Nacional é o sinal de que estamos juntos nos bons e maus momentos e a certeza de que estamos todos unidos, na mesma disposição e no trabalho comum, em favor da melhoria da vida de todos os brasileiros.